



dominado por Ela

Máfia LAWLESS
livro *Dois*

ALESSA ABILLE



dominado por Ela

Máfia LAWLESS
livro *dois*

ALESSA ABLLE

Copyright © 2021 Alessa Abille

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Plágio é crime inafiançável. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e previsto pelo artigo 184 do código Penal Brasileiro.

Título: Dominado Por Ela

Imagens da capa: Depositphotos.com

Ilustração da capa e Diagramação: Alessa Abille

Revisão: Amandda Bennett, Carla Santos e Alessa Abille

1ª ed. – Rio de Janeiro: Alessa Abille, 2021

Série Máfia Lawless; 2.

1. Romance | 2. Ficção | 3. Drama | 4. Erótico | 5. Suspense

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

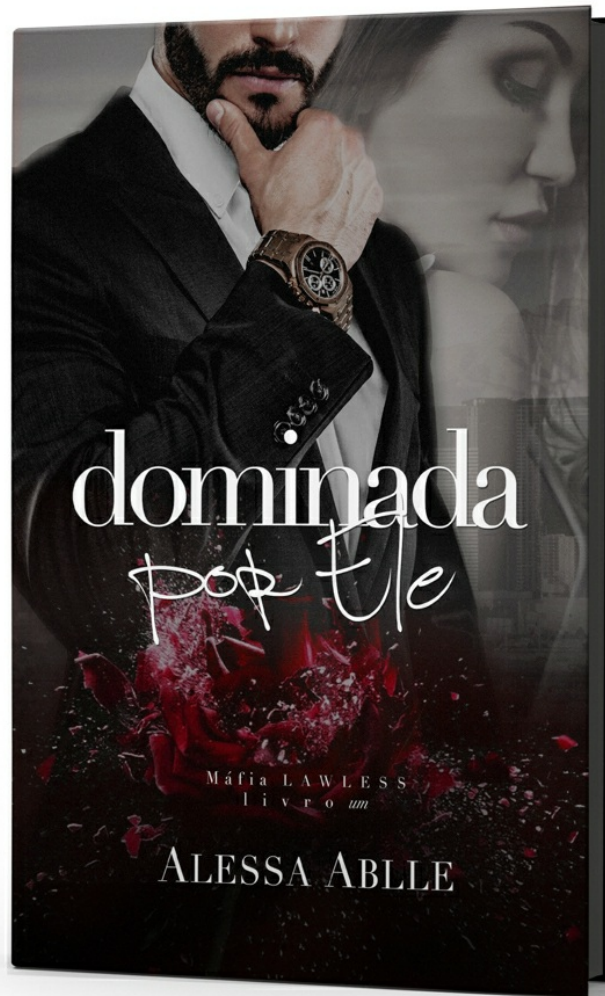
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos que aqui serão descritos, são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

ÍNDICE

índice
s i n o p s e
r e c a d o
u m
d o i s
t r ê s
q u a t r o
c i n c o
s e i s
s e t e
o i t o
n o v e
d e z
o n z e
d o z e
t r e z e
q u a t o r z e
q u i n z e
d e z e s s e i s
d e z e s s e t e
d e z o i t o
d e z e n o v e
v i n t e
v i n t e & u m
v i n t e & d o i s
v i n t e & t r ê s
v i n t e & q u a t r o
v i n t e & c i n c o
v i n t e & s e i s
v i n t e & s e t e
v i n t e & o i t o
v i n t e & n o v e
t r i n t a
t r i n t a & u m
t r i n t a & d o i s
e p í l o g o
outras obras da autora
em breve
sobre a autora
glossário

ATENÇÃO!

Para ler esse livro, você precisa ter lido o primeiro:



Leia de graça pelo **Kindle Unlimited**

>>> [HTTPS://AMZN.TO/2PIHF9L](https://amzn.to/2PIHF9L)

O físico está disponível no site da autora

>>> [HTTPS://ALESSAABLLE.TUMBLR.COM/LOJA](https://alessaablle.tumblr.com/loja)

S I N O P S E

Madeleine Beluzzo lutou o quanto pôde para não se render à encantadora e magnética beleza e poder do *Capo* da *Lawless*, mas em vão. Em pouco tempo se viu rendida e o desejando o tempo todo. Agora, ela assumiu o quanto está dominada por ele e o quanto de sacrifício será capaz de suportar e fazer para tê-lo em sua vida e ficar na dele.

Travis Lozartan quer o domínio do seu território, do seu nome, seu poder e da mulher que escolheu para ser sua esposa. Ele ainda não se deu por vencido de que, na verdade, ela é muito mais do que quer admitir, porém seus inimigos o farão enxergar não só que sentimentos o tornam mais forte, como ainda mais perigoso.

Em “Dominado Por Ela” teremos a redenção das crenças de Madeleine e os sentimentos de Travis. Iremos presenciar o retorno desse casal, agora unidos, focados e ainda mais fortes.

E, se separados eles faziam todos temerem e se armarem, juntos eles forçarão todos a ficarem de joelhos e pedirem arrego.

Curta a playlist que fiz no **SPOTIFY** para me ajudar a escrever esse livro que tanto amei escrever, mesmo me tirando o sono.



<https://open.spotify.com/playlist/3vFM09S2z6RmT7wVGsNaEh?si=XiC4VLZyRqGzIzBE5965Yg>

RECA DO

De, Gente Boonita!

Vou ser sincera, eu nunca sei direito o que escrever aqui, mas dessa vez eu sei que PRECISO agradecer a TODOS os leitores que esperaram esse livro sair. Espero que ele esteja à altura da espera e quem quiser, me manda a conta da farmácia pelos antidepressivos e remédios contra ansiedade. Hahahah... Eu cheguei a tomar os meus depois.

Finalmente voltamos para Las Vegas e, como alguns estavam falando sobre pontas soltas no primeiro livro, esse aqui é para fechar algumas lacunas, pois é uma série que se trata de um Grande Universo, e muitos mistérios permanecerão até o livro final da série. Mas tudo que se resume a Travis e Madeleine será fechado aqui, okay.

Muitas coisas nesse livro são de estudos. Mesmo usando a licença poética, achei melhor ficar o mais próximo da realidade do mundo da máfia, claro que sem comprometer os verdadeiros *Capos* e suas respectivas *Famiglie*.

Curta, se divirta e apareça no *Instagram* para conversar comigo sobre o livro; ou se quiser trocar ideias ou tirar dúvidas sobre mim e meus livros.

E primeiramente, muito obrigada por escolher DPE para ler. Espero que goste!

KOKO

Alessa Abbe

**CONTÉM CENAS FORTES.
PODE CONTER GATILHOS.**

“

Eu tenho parceiras maravilhosas MESMO. E dedico este livro para elas, as que eu sei o nome porque falam comigo sempre, porque eu posso contar com elas, porque elas fazem parte do que sou.

Obrigada do fundo do coração e eu não irei colocar os nomes porque sempre esqueço e fico sem jeito depois (Rsrs...)

Apenas OBRIGADUUUU!!!

E a todos os leitores que esperaram esse livro ansiosamente. Desculpe pela demora, mas foi para entregar algo especial a vocês!

KOKO

“

*Os olhos são como uma lâmpada,
concedendo luz ao corpo.
Quando seus olhos são bons,
todo o seu corpo se enche de luz.
Mas se os seus olhos forem maus,
todo o seu corpo se enche de trevas.
Por tanto, se a luz que está dentro
de você for feita de trevas...
que tremenda escuridão te habita?*

”

Batman – Hush

U M

Madeleine

— Agora o importante é o nosso casamento — Travis diz com a voz calma e cheia de confiança.

Abro um sorriso porque vou tê-lo para mim. Parece ainda surreal, mas eu o amo e tê-lo todo para mim, pelo menos seu corpo e proteção me deixa feliz. Sei que não posso esperar ouvir dele as mesmas *três* palavras que disse. Um *Capo* não pode ter esse luxo. Ou talvez consiga. Meu avô me disse isso uma vez. Contudo, eu aceitei que ele me *quer*.

Eu ainda tenho minhas ressalvas sobre as decisões e ações que são praticadas na máfia, que estou fazendo um grande esforço para aceitar. Não há outra forma. Não tem mais como eu escapar desse mundo agora, e nem quero. A decisão de ser a esposa de Travis me algemou ao mundo de morte e sangue. Posso *ainda* odiar tudo sobre a *Famiglia*, afinal não existe a possibilidade de uma pessoa mudar suas convicções da água para o vinho. Quando isso acontece pode ter certeza de que os ideais nunca foram *reais*.

Tenho medo, raiva e nojo de muitas coisas ainda, acredito que sempre terei, porém depois de tudo que aconteceu nos últimos dias, seria impossível eu *não* mudar o que penso, quem sou e como enxergo tudo o que me cerca.

Eu vi Travis matar de forma brutal Enrico, seu soldado que o traiu e ele estava à procura. Onde aquele imbecil estava com a cabeça em entrar na casa do *Capo* e tentar pegar o irmão dele. Ele ia fazer o quê?! Miserável. Ele teve o que mereceu e não me arrependo de ter este pensamento, nem matar meu primo.

Lorenzo era meu primo de terceiro grau. Filho da filha do meu tio-primo, Valéria. Nós nunca fomos próximos e isso não importou quando ele fez o que fez. Fiquei desapontada e com muita raiva. Eu o mataria de novo.

O susto que levei quando ele surgiu com uma arma apontada para mim, me ameaçando, foi igual a noite onde minha mãe foi pega e os capangas da *Bratva* tentaram me capturar também. Senti tanto ódio. Aquele mentiroso filho de uma figa! Lorenzo entrou com o pretexto de que precisava falar com Travis, afinal ele era cotado para ser um dos homens mais próximo do *Capo* e tinha tudo para no futuro, talvez, ser um *Capitão*, líder de um dos grupos de soldados, mas era uma armadilha. Ele queria me levar e acredito que Travis está procurando saber o verdadeiro motivo.

Mas o pior daquela noite foi ter que precisar matar alguém. Talvez por não sermos tão próximos, não foi tão difícil. Consegui pegar a arma que ficava presa embaixo da mesa de centro da sala e por pura sorte o acertei no meio do peito antes que ele fizesse o mesmo em minha cabeça, onde o cano da sua pistola com silenciador estava. Aquele desgraçado, traidor e mentiroso.

Eu levei um tempo para aceitar tudo o que aconteceu, o que fiz e que eu sou uma assassina também. Passei três noites em claro e na esperança de ter a visita de Travis ao meu quarto. Ele foi tão gentil comigo quando me encontrou no box do banheiro, mas ele não foi. Só o vi depois naquela noite.

A noite que vi o homem que dominou meu coração cair na minha frente, todo ensanguentado e machucado. Parecia que ele estava partido ao meio como meu coração ficou ao vê-lo daquele jeito. Saber que eu tinha uma parcela de culpa, me deixou sem chão.

Nunca fui muito religiosa ou ir à missa, porém rezei muito durante os dias que ele ficou sedado para não sentir tanta dor. Ele não pode ir ao hospital como qualquer pessoa porque fazem muitas perguntas, então o tratamento foi fraco e com mais doses de morfina que o recomendado para ele se recuperar logo.

Dio mio. Foram longos três dias, onde rezei muito para que ele ficasse bom logo. Eu precisava dizer a ele que sentia muito, que estava arrependida pelas últimas palavras que disse a ele na última vez que transamos. Por fazê-lo se afastar, tudo porque estava com medo da profundidade dos meus sentimentos por um homem que eu deveria *apenas* odiar e lá no fundo, respeitar por ser o *Capo*. Foi uma verdadeira tormenta esperar, mesmo assim, valeu a pena.

Ele pode não me amar, mas disse com atitudes que sou dele e não tem escapatória. *Bene*, eu não quero mais fugir. Quero correr com ele, ir atrás dele, ser dele e da sua família. Usando de uma frase boba: “Quero vestir a

camisa”.

E estou feliz, pelo menos acho que é isso que sinto quando ouço suas palavras agora, mesmo não deixando de ter a estranha sensação de que o que ele fez para nos ficarmos juntos não irá me agradar. Não sei por que penso isso, mas é uma sensação.

— Tem certeza?

Travis cerra os olhos, intensos e firmes, e baixa o rosto.

— Que o mais importante é você se casar comigo? — murmura sério.

— Não é isso. — Franzo a testa, sentindo-me preocupada e mordo o lábio inferior. — Eu quero saber o que você fez... para nós podermos nos casar.

— Madeleine... — ele solta entre uma respiração profunda. — Fiz o que qualquer *Capo* teria feito e eu *posso* fazer, quem manda *aqui* sou eu.

— Mas...

— Shhh... — Ele me cala segurando meu rosto e beija meus lábios de leve. — Na hora certa, você saberá, eu prometo e se quiser ficar zangada comigo pode. Estou pronto para qualquer coisa. Sei que irei escutar de alguns por tomar essa decisão, mas agora eu não quero. — Me beija de novo e esfrega o rosto no meu aproximando sua boca do meu ouvido. — Acabei de resolver uma crise e o que mais desejo é estar dentro de você de novo. — Ele dá uma lambida no meu pescoço e eu gemo baixinho. — Já faz muito tempo.

Meu corpo todo se arrepia e massageio seus ombros, empinando meus peitos para tocar seu peitoral. Faz muito tempo mesmo. *Dio mio*. Deve ter um mês.

— Sim... faz muito... tempo.

Fecho os olhos quando ele consegue me pegar pela cintura. Me levanta e imprensa meu corpo na parede do escritório. Sorrio por dentro ao lembrar da nossa noite aqui. *Dio mio*, foi um dos melhores momentos que tive na vida. E a imagem de quando lambi seu sangue, porra. Acho que já estava totalmente entregue a ele.

— Meu pau está louco pra entrar no seu calor quente. — Suas mãos apertam minha bunda e sua boca está na minha de novo. — Ter você toda apertadinha. Quero te foder bem forte.

Ele está fazendo eu sofrer falando essas coisas no meu ouvido. *Porra*.

— Hum... para de falar. Arranca logo minha roupa — digo puxando sua camisa para sentir sua pele quente.

— Bem aqui mesmo?

Fecho os olhos e ofereço meu pescoço para ele beijar e dar uma mordidinha.

— Sim. Aqui! — gemo e tento me esfregar nele.

— Na parede do escritório?

— É... — Seguro a lapela da sua camisa e abro os dois primeiros botões. — Não me torture.

— Nunca faria isso, *angele*.

Mordo minha boca para não abrir muito o sorriso e pego seu rosto em minhas mãos.

— Adoro quando me chama assim, mesmo não sendo, nem de longe, um anjo.

Ele meneia a cabeça e sorri de lado.

— Será que nós só discordamos um do outro?

Rio e me sinto tão bem. Meu coração está calmo de um jeito que nunca senti. Ficamos nos olhando por longos minutos e respiro fundo porque queria tanto que ele aceitasse meu amor, acreditasse. Sei que ele não faz, porque acha que não pode ser amado. Ele está tão errado. Eu me apaixonei por sua força, o jeito que trata sua família e, por mais que seja controverso, por ele ser justo.

Travis pune quem precisa ser castigado. Todos nós precisamos, eu sei disso, mas há piores. Hoje eu vejo isso pelo que meu primo fez e o soldado que o traiu. O mundo obscuro consegue ser muito pior por causa de homens como estes e sei que Travis é muito diferente de muitos *Capos* do passado e das outras *Famiglie*.

Quebrando meus pensamentos, Travis me dá um beijo forte, intenso e barulhento que me deixa ainda mais excitada. Eu o desejo loucamente.

De repente, ele me solta. Franzo a testa e só me dou conta do porquê quando ouço a voz inconfundível de Luca.

Travis solta a respiração e diz:

— Já estou indo. — Vira o rosto para mim de volta, me dá um beijo e me solta para os meus pés tocarem o chão. — Me espera mais tarde? — É um pedido com tom de ordem.

Sorrio, mordo o lábio e assinto fazendo minhas mãos fecharem os botões que abri da sua camisa.

— Claro que sim, meu *Capo*.

Ele quase sorri e me dá um último beijo antes de sair do escritório me deixando quase que estirada no canto.

— É... *meu Capo* — digo assentindo com um sorriso besta.

Pisco tentando recobrar meus sentidos e antes que ele saia da casa, saio correndo do escritório e vou até as portas dublas. Ele está quase saindo quando grito e ele para. Me dá um olhar interrogativo antes de pedir para Luca ir na frente e com alguns passos chega até a mim no mesmo momento que vou até ele.

— O que foi?

— Posso convidar Bárbara pra vir aqui?

— Você sabe que estamos tentando não chamar atenção. Estou procurando outros supostos traidores.

— Eu sei — murmuro e olhando para os soldados na porta, me aproximo mais de Travis e digo baixo: — Mas ela é minha única amiga e eu... Sabe, eu preciso dela.

— Por quê?

Prendo a vontade de rir. Não importa se é um *Madman* ou um homem normal, nenhum deles entende certas coisas tão óbvias. E o óbvio precisa ser dito, explicado também às vezes.

— Eu preciso conversar, confessar coisas e trocar ideias. Aliviar minha tensão e como vou me casar... — mordo o lábio sorrindo e ele cerra os olhos com o humor apenas brilhando em seus olhos — ...preciso de ajuda para os preparativos.

— Sim.

Nos encaramos e, por fim, termino:

— Ela pode vir?

— Está bem. Vou deixar porque ela não representa perigo e como vou passar na casa de Orazio...

— Por quê? — Não consigo me controlar. O pai de Bárbara é um dos capitães de Travis.

— Porque vou promovê-lo a *Underboss* de, Los Angeles — responde conciso. Ele não me deve satisfação e só respondeu porque foi no automático.

— Ah! — Abro a boca surpresa. — Parece legal.

— Sim, é. — Travis respira fundo, cerra a mandíbula e se afasta. — Vou pedir para o Luca trazer Bárbara.

Assinto e sorrio agradecida.

Com um último olhar, Travis pisca o olho direito, se vira e vai embora. Ele nunca se aproxima ou demonstra afeto em público. Precisa mostrar poder, frieza e medo. Tudo bem, eu entendo e preciso me acostumar.

Me virando, sigo o caminho para o meu quarto. Vou direto para o banheiro e coloco a banheira para encher.

Eu preciso mesmo conversar com alguém e distrair minha mente também. Caramba, a minha vida mudou da água para o vinho desde o início de outubro. Minha mãe morreu, percebi que estava me apaixonando e afastei Travis por isso, meu primo tentou me matar, mas *eu* acabei o matando e para completar, depois vi o homem que amo quase morrer e quando caí na real, tomei a decisão da minha vida. Ficar noiva de Travis Lozartan.

— Você está encrocada, Madeleine Beluzzo — digo em voz alta e saindo do banheiro, vou até a cama e me sento.

Eu sinto um frio na barriga com tudo que pode acontecer de ruim em ser a Sra. Lozartan. Porém, abrir mão dele, me afastar ou ir embora, não é mais uma opção. O que preciso fazer é ter sangue frio e ser forte.

Apesar de acharem que eu não tenho maturidade, estômago e força para estar onde estou, eu tenho sim. Em minhas veias tem sangue de uma viciada sem escrúpulos, de um traidor sem alma e do meu avô, um soldado muito leal. Francamente, eu posso ser tão pior quanto Travis ou qualquer *Madman*, e não deixarei ninguém tocar em Travis ou Marinne. É um pensamento ridículo, mas eu só me importo com eles dois e comigo. Não tenho contato ou simpatia pelos outros. Embora goste muito de Colen, ainda não o conheço tão bem.

Balanço a cabeça incomodada com esse pensamento. Eu não quero que nada aconteça com nenhum deles, nem mesmo Paolo, mas se vier a acontecer, dou minha vida por apenas Travis e Marinne.

Respiro fundo e me levanto da cama para fechar a porta do quarto. Fecho os olhos quando me sinto segura para desmoronar. Tenho um momento para inspirar e expirar fundo.

Mais calma, pego meu celular para mandar uma mensagem para Bárbara. Caminho para o banheiro, fecho a torneira assim que vejo o nível da água da banheira chegar no limite, deixo o celular na pia e coloco os saís de banhos cantarolando. Estou ansiosa para entrar e me banhar em uma água quentinha e perfumada. Estou me sentindo cansada devido ao estresse da conversa com Travis.

Eu sei que Paolo tem suas preocupações sobre a segurança de Travis e a ordem sobre a *Lawless*, mas não deveria me tratar mal porque acha que é assim que deve falar com quem ele acha que está atrapalhando os *negócios*.

Eu queria dizer para ele o quão babaca foi comigo, mas engoli para

não piorar a situação. Sendo franca, naquele momento só consegui visualizar como será a minha vida sendo a Sra. Lozartan. Várias pessoas se metendo em meu casamento. Mas o meu amor por Travis irá vencer. Eu amo esse maldito *Capo*. E se eu consegui engolir meu orgulho depois que papai me forçou a me silenciar, eu posso fazer isso para o meu casamento sobreviver.

DOIS

Travis

Nesses um ano e três meses que me tornei *Capo*, pelo menos umas dez vezes trabalhei de casa, e Paolo no cassino e Colen no *balcão*, fazendo o trabalho deles e sendo meus olhos. Hoje poderia ser assim, mas tudo está cooperando para eu precisar sair. Eu nunca reclamo por isso. Nunca deixei de cumprir com meus deveres desde que sou um *Madman* e o filho do *Capo* na época. Não sou de sentir dor ou reclamar das minhas feridas, mas minhas costelas e meu ombro quando levanto rápido o braço doem as vezes e os cortes queimam.

Acho que meu corpo não está cem por cento recuperado. De qualquer forma, estou engolindo essa dor a cego e os analgésicos estão ajudando. Não posso demonstrar fraqueza, principalmente quando a missão de alguns é esta. Paolo está desconfiado sobre minha recuperação, mas ninguém sabe das minhas dores. Eu jamais deixaria alguém saber que estou assim.

O encontro com o *Capo* de Nova York, teria sido bom se fosse em casa, demonstrar confiança entre nós. Mesmo que tudo seja fingimento. A reunião com Giovanni D'Ângelo foi necessária e tudo bem, mas, porra, o meu corpo não está totalmente curado. Trabalhar em casa seria bom, o escritório serve para isso.

E, embora eu sinta essas dores, não significa que estou fraco. De jeito nenhum. A raiva que estou no momento é suficiente para eu matar quem estiver na minha frente. Adrenalina acorda até defunto.

Porém, este problema precisa da minha atenção *pessoalmente*. Conteí meia-verdade para a Madeleine sobre ter que ir à casa do pai de Bárbara. Orazio precisa me dar satisfação sobre o porquê o homem que indicou para entrar na minha linha de frente, entrou em minha casa e quase matou

Madeleine, que até o momento não era para ninguém saber que estava lá, e não era minha noiva.

Sei que, a partir do momento que essa notícia explodir, as coisas ficarão ainda piores. E podem vir. Estou preparado para todos. Ninguém vai ousar falar além do que deve ser dito. É a merda da minha *Famiglia*. As regras são minhas. Contra traições não há perdão e nem saída em minhas mãos. São minhas leis.

Eu os faço implorar.

Faço-os sangrar.

Saindo de casa, pego o celular e mando uma mensagem para Fabrício, *Consigliere* de Los Angeles. Com a morte do *Underboss*, ele teve que tomar conta e o filho de Rossi é muito novo para suceder o pai, e de qualquer forma eu já queria mexer nesses *Underboss* agora que sou o chefe. Completei um ano e nem percebi por estar tão empilhado em problemas. E os malditos mexicanos vão pagar por fazerem meus homens sangrarem.

— Travis.

Viro-me antes de entrar no carro e encaro Luca. Cerro os olhos para sua expressão fechada.

Saber enxergar um *homem feito* leva um esforço. Nós sempre estamos fechados em permitir que vejam nossas emoções. As melhores chances de enxergar um *madman*, é quando o ódio ultrapassa a máscara da superfície civil. A carranca mais dissimulada, como a do meu *Cinistro* agora.

— Sim — digo esperando-o se aproximar.

— Seria melhor falarmos onde ninguém mais pode ouvir.

— Por quê?

— Pode confiar em mim?

Não. Eu não confio em ninguém e ele sabe disso. Fico mais desconfiado e com isso ele fala:

— Você vai apreciar eu pedir isso quando ouvir o que preciso falar.

Por Luca ser meu executor e nunca me trazer problemas irrelevantes, peço para me acompanhar para dentro de casa novamente e para Pietro esperar enquanto isso no carro.

— Agora pode falar! — ordeno fechando a porta do escritório.

— Eu sei o que você vai falar com o Orazio e antes de você fazer qualquer tipo de movimento para transformá-lo em seu *Underboss*, preciso te dizer que, desde que você trouxe Madeleine para dentro da sua casa, algumas pessoas estão... — Faz uma longa pausa.

— Dá para você falar de uma vez? Você sabe que eu não gosto de rodeios.

— Algumas pessoas estão criticando... *rudemente*.

— Algumas pessoas ou soldados? — interrompo-o.

— Eles e suas esposas e quem interessa — diz conciso.

— E o que eles estão falando?

— Travis. — Ele faz uma pausa engolindo em seco, irritado, e continua: — Eu confio em você totalmente. Você está sendo um grande *Capo* nesse pouco tempo que assumiu. Está sendo muito melhor do que muitos que já estiveram no seu lugar e... estão no seu lugar, mas desde que você trouxe Madeleine para sua casa, as pessoas estão comentando que você trouxe uma traidora para o seu vínculo.

— Uma traidora? — Cerro a mandíbula e preciso me controlar com a força que brota dentro de mim. Pura ira. E nem sei de onde vem *isso*. — Desde quando nós julgamos os filhos por causa dos pecados dos seus pais?

— Não é isso.

Meneio a cabeça querendo que ele prossiga, fechando ainda mais a minha cara.

— Estou falando no sentido de que ela dedurou o pai quando foi preciso. Quando era favorável para ela. Então alguns acham que ela pode fazer o mesmo, só que agora contra nós, contra você. Se um dia você fizer algo que ela não goste, ela... pode simplesmente...

— Ela jamais faria isso — digo firme.

— Você não pode...

— Você por acaso, em algum momento, viu eu falhar em meu julgamento? — interrompo-o.

— Não, senhor. Nunca, mas...

— Então eu estou dizendo que a Madeleine *nunca* fará isso.

É uma frase nada convencional. Na máfia, na vida para ser específico, não se deve pensar assim. Não podemos dar o luxo de dizer nunca. Pois nunca se diz nunca. Tudo é possível. Sei disso e mesmo assim acredito que Madeleine não me trairá.

— É por que ela nunca vai fazer? — Ele não parece duvidoso, apenas curioso da minha certeza.

— Porque não!

— Isso é um ultimato? Você tem total certeza de que não vai acontecer? — Ele move os pés desconfortável. — Não quero desrespeitar

você, Travis. Eu nunca fiz e farei isso, e espero que, um dia, você confie em mim para continuar sendo o seu *Cinistro*, embora eu saiba que ainda está procurando seus próprios homens para liderar Las Vegas com você.

— Até o momento você está sendo útil. Está se saindo bem e se veio falar comigo abertamente sobre esse assunto é porque ouviu de alguém que é importante e pode favorecer seu lado mostrando sua lealdade. Então diga.

— Ninguém que será uma dor de cabeça para você. E um dos soldados que ousou criticar a sua decisão de trazer a Madeleine, Paolo o silenciou.

— Bom, se era só isso que você tinha para falar comigo... — falo friamente não quero mais ouvir essa ladainha.

Meu *Consigliere* precisará me esclarecer essa situação.

— Não — afirma.

Solto a respiração com força.

— Então continua — peço indo me sentar em minha mesa porque não vou ficar em pé ouvindo-o falar. No meio do caminho resolvo ficar no sofá mesmo. — Luca, sente-se também. — Meus homens nunca desacatam uma ordem minha e ele imediatamente senta-se no sofá mais distante de mim. — Agora fala o que mais você precisa me contar.

— É sobre o comportamento de Madeleine.

— É sério que você vai tocar nesse assunto na minha frente? Eu acho que você sabe que a pedi em casamento e com isso ela se tornará minha esposa. A esposa do seu *Capo*.

— Sim, eu sei e esse é justamente o problema.

— Por quê? — indago entredentes, me esforçando para não puxar minha faca e cortar sua língua.

Luca nota a atmosfera e muda o tom da voz para o mais próximo de amistosa.

— Aquela vez no baile, em comemoração ao Bellagio, muitas pessoas viram o jeito que ela falou com você, que não fez nada. E você sabe das regras, sabe do comportamento esperado perante nós e algumas pessoas importantes. E por isso alguns estão... *Bene*, criticando o fato de você deixá-la falar do jeito que falou com você e agora ser sua esposa.

Faço um som com a garganta concordando e muito irritado com essa conversa. Estou ciente de tudo isso que estou ouvindo e que também estão corretos, embora me aborreça ter que ouvir o óbvio. Minha *doce* futura esposa terá que ficar mais contida fora de casa.

— E como sua futura esposa, Madeleine, da mesma forma que você mostra o seu poder e força perante a todos, a esposa do *Capo* terá que ser um exemplo para as meninas também. As mães e pais querem isso, portanto a reclamação. Quero que saiba que compreendo os dois lados.

— Compreende? — Minha voz é seca, sem brecha para enrolação.

— Olha, as meninas da *Lawless* foram criadas com honras, normas e regras para obedecer, e o problema é que Madeleine foi criada do lado de fora também, mesmo seguindo algumas regras do lado de dentro da *Famiglia*. O que eu estou querendo dizer é que ela precisa ser um exemplo, Travis, assim como você é o *nosso*. Assim como uma rainha é o espelho dos bons modos do rei e para a sociedade. Os *clãs* precisam desse posicionamento dela assim como a *Famiglia* precisa da sua ordem, força e poder.

Assinto mantendo a minha cara neutra. Por dentro estou odiando tudo por saber que ele está certo. O jeito que Madeleine se comporta de vez em quando é totalmente fora das nossas regras e o pior é que Bárbara segue pelo mesmo caminho e um dia eu ainda vou ter que ouvir o pai dela reclamar como minha noiva fosse culpada.

— Se você está me pedindo para puni-la, sabe que não faço isso. Nós não punimos mulheres e crianças — digo veementemente.

— Não é isso que eu estou pedindo — Luca emenda imediatamente. — Eu quero pelo menos que você converse com ela. Tente colocar na cabeça dela que ela vai ser um exemplo para as meninas e você não pode demonstrar esse tipo de fraqueza. Uma esposa sem freios. Mesmo você escolhendo a sua esposa, você precisa mostrar que a escolha foi feita não só porque ela é bonita, mas porque é obediente, educada, polida e forte. Porque ela é certa e confiável para estar ao lado do *Capo*. E a lealdade... realmente é uma coisa que ela vai ter de conquistar e não só das pessoas que estão falando, como a minha também.

Eu ouvi direito?! Que porra de audácia, mas não digo nada apenas escuto-o.

— Fico receoso de um dia ela souber de algo, que nós estamos planejando em fazer e ela não goste e acabe procurando seus avós. — Pausa ponderando as palavras. — Só estou falando isso para você porque eu fui o único que teve a coragem. Muitos estão apenas cochichando ao invés de vir falar com você.

Como parece que ele terminou seu monólogo, impulsiono meu corpo para a frente e apoio meus cotovelos nos joelhos, com meus olhos fixos nos

seus.

— Eu agradeço de verdade a sua lealdade. — Embora tenha ciência de que ele só está falando comigo apenas porque quer manter o cargo, não posso ser leviano e não ficar agradecido por isso: — E gostaria que você demonstrasse a sua lealdade com uma prova de que realmente você merece estar onde *estar*. De ficar onde estar.

— Sim, senhor.

— Eu quero que faça todas as pessoas se calarem. Madeleine é muito boa e generosa. Me mostrou confiança e força. Não vou me casar com ela apenas porque é bonita, mas também porque é muito parecida comigo e eu preciso de uma mulher tão forte quanto eu ao meu lado e é isso que você precisa informar a todos que estão julgando a minha escolha, mesmo que *nenhum* tenha esse direito. E fala que, se eu ouvir com meus próprios ouvidos, eles vão se arrepender.

Luca concorda com a cabeça e seu olhar sabe como eu puno os linguarudos.

— Isso é uma ordem e você sabe tão bem que, quando eu decreto uma ordem, é pra fazer. Eu quero que todos sejam informados de que Madeleine será a minha esposa. Sei que a *Bratva* vai querer se aproximar e tentar talvez retaliar. Sabemos daquele acordo agora e precisamos cortar a cabeça dessa ideia. — Só em lembrar tenho vontade de ressuscitar Edgar e cortá-lo em picadinho. Morrer é fácil demais para um crápula como ele foi. Edgar precisava era de uma tortura bem duradoura.

— Por mim, você já tinha exterminado todos eles, Travis, e se você fizer isso por causa da sua esposa, eu a defenderei com a minha vida assim como defenderei a sua vida. Sem contar que um pai trocar a filha por poder da forma que Edgar tinha planejado é inescrupuloso até para os nossos *padrões*.

— É bom ouvir isso — afirmo. — Agora nós precisamos encontrar Orazio, se você já terminou.

— Sobre isso...

Eu paro, voltando a me acomodar no sofá.

— O que você tem sobre Orazio.

— Ele não fez nada do que realmente nós devemos crucificá-lo ou julgá-lo, mas as suas últimas escolhas não foram boas. Precisamos fazê-lo entender que com a nova posição, que é uma ideia ainda, que ele precisa também provar sua lealdade. Você está dando a ele uma das suas cidades e o

homem que quase matou Madeleine era de Orazio. Nós não sabemos até onde o Lorenzo poderia ter ido se ele não tivesse morrido com aquela bala no peito. Você sabe tão bem quanto eu que foi pura sorte de Madeleine.

— Você nunca vai falar para ninguém que foi ela que atirou nele. Está me ouvindo.

Luca assente rápido e faz o sinal que fizemos quando falamos as palavras de juramento ao nos tornarmos *Madmam*.

— É claro que não e fico feliz por ter chegado na hora certa e ter dado o outro tiro. Só queria ter sido mais rápido para ela não ter que precisar sujar as mãos.

— Esse assunto já morreu — sentencio-o. — O importante é que ela está viva. Agora vamos. — Levantamo-nos e saímos do escritório. — E Luca...

Ele se vira para mim quando estamos no corredor.

— Evite falar na reunião com Orazio. Ele gosta muito de apontar o dedo e não está tão feliz quanto aparenta com a minha posse.

— Mas todo mundo diz que ele só sabe elogiar você.

— Dizer que eu seria um bom *Capo* e que era melhor escolha do meu pai, é diferente de estar feliz. Afinal de contas, ele passaria a ser o novo *Testa* do meu pai, juntamente comigo, mas como meu pai morreu as coisas mudaram e é por isso que, de vez em quando, ele solta umas frases de duplo sentido. Embora no meio delas há um elogio porque ele sabe que, se passar da linha, eu sou um ótimo julgador.

Luca abre um sorriso sombrio e assente.

— Sim, senhor. Eu sei que você vai fazer a escolha certa. Sempre faz.

Com um aceno de cabeça, saímos da casa. Chegando ao lobby, peço para Luca me esperar. Preciso ter uma palavrinha com Madeleine antes de sair. Ele assente e espera nas escadas, satisfeito.

A questão não é eu ser mais poderoso e nunca ouvir quem está para me ajudar, nunca mostrar falha quando há uma ponta solta em meus assuntos. Luca me alertou sobre um fato que já me preocupava, e não acho ruim. Antes ele falar comigo do que pelas minhas costas.

Entro no quarto de Madeleine sem bater. Fecho a porta e não a encontro no cômodo. Vou direto para o banheiro e a vejo tomando banho na banheira, cantarolando. Esse tipo de visão me deixa excitado e animado, mas preciso focar no problema.

Assusta-se quando abre os olhos e me vê, ela engole em seco antes de

dizer:

— Travis! O que você está fazendo aqui? — Senta-se na banheira, um pouco desconfortável, e me encara.

— Precisamos conversar.

— O que houve? Pensei que você estava na casa do pai da Bárbara.

— Antes de ir, eu preciso falar com você. — Me aproximo sentando-me em meus calcanhares, pego a toalha que estava na cadeira perto da banheira, seco a borda e apoio meus braços olhando no fundo dos seus olhos azuis, sempre atentos.

— O que foi? — Ela deixa o corpo mais virado para mim, e tento não olhar o volume dos seus seios imergindo na água com espuma.

— Eu preciso que você escute atentamente o que vou te falar.

Ela assente e morde o lábio.

— E já vou te pedir para não ficar tão indignada, afinal de contas você sabe das regras da *Famiglia*; e, como você aceitou ser minha esposa, assim como eu sigo as tradições, você precisa também.

— Do que você está falando? — indaga com a voz baixa, neutra e não na defensiva. Ainda bem.

— Algumas pessoas estão me julgando porque você, às vezes, é malcriada e fala as coisas que está na sua cabeça e, Madeleine, eu sou o *Capo*. O comando mais alto dessa *Famiglia* e preciso mostrar força. Todo mundo me conhece pela minha impiedosa forma de julgar e condenar. Traição ou mentiras não são coisas que eu tolero.

— Eu sei disso, Travis — fala sendo mais rápida do que eu.

Deixo para saber o que está pensando sobre o assunto. Preciso ouvi-la também.

— Por que você está falando isso para mim? Eu jamais trairia você, Travis! — Fica ajoelhada na banheira, toda de frente para mim e toca minhas mãos com as suas. — Juro pela minha vida que jamais vou trair você. Sei que talvez você não entenda ou não aceite, mas eu disse que eu te amo. E é a verdade. Se eu aceitei ficar ao seu lado, é porque quero. Eu poderia ir embora. Disse tantas vezes “não”, que na hora que eu disse sim, foi com tudo de mim.

Estico minha mão e afago seu rosto com meu polegar.

— Sei disso e espero mesmo que você nunca faça nada para se arrepender, mas preciso que você faça outras coisas também.

— O que for preciso — fala solenemente.

— Você é forte, destemida e leal com as suas convicções. E sei que ainda odeia tudo o que a *Lawless* representa, mas você vai precisar deixar muitas coisas de lado. E uma delas é a sua desenfreada falta de respeito comigo na frente dos outros.

Seus olhos se arregalam quando falo isso. Sabia que teria essa reação.

— A sua falta de postura comigo e com os homens da *Famiglia*. Você precisa entender que nós vivemos perante tradições antigas e as mulheres não podem falar tudo que passa na cabeça delas. Eu gosto disso em você. — Acaricio seu rosto para amenizar as palavras. — É uma das coisas que me fez querer ficar com você, mas nem todos vão gostar e tampouco vão aceitar um *Capo* ter uma esposa que o responde ou faz coisas que dá na cabeça dela porque simplesmente ela quer fazer. Não pode ser assim, Madeleine. As mães estão reclamando e a sua amiga...

— O que tem a Bárbara?

— Ela tem um pouco do seu temperamento e isso quem resolve é o pai dela, da forma que ele quiser. Mas você sendo a minha esposa e ela continuando com a postura rebelde, vai acabar explodindo na minha mão e eu não quero ter que *punir* você porque outra menina se espelha nas suas atitudes. Porque, um dia, alguém ousará falar que a esposa do *Capo* também é assim. Eu não quero chegar a isso.

Madeleine assente em silêncio, seus olhos passam do meu queixo para os meus ombros e depois encontram meus olhos de novo.

— Eu vou tentar me controlar; e, se você quiser, converso com a Bárbara. Às vezes, eu mesma me assusto com ela. Nem tudo que ela faz é por causa de mim. Ficamos um bom tempo afastadas e isso não mudou quem ela é para melhor. Se é que você me entende.

— Eu sei, querida. — Passo meu polegar sobre os seus lábios. — Sei que não é só por causa de você que ela é do jeito que é, porém você pode ganhar a culpa. E as minhas costas já são quentes e talvez me peçam para fazer algo sobre isso e eu não quero chegar a esse ponto.

— Tudo bem — murmura. — Eu não... Não foi minha intenção e... sei que preciso ser um exemplo para Marinne também. Me desculpe.

— Está tudo bem — falo baixo fazendo um esforço para demonstrar que não estou zangado, porque não estou mesmo, porra. Com ela não. — Eu nem tinha achado que seria necessário essa conversa. Com o tempo você iria se adaptando. Assim como se adaptou a algumas coisas na minha casa, porém estão reclamando e já não basta toda a confusão com a *Bratva*. Realmente

não preciso ter que lidar com o seu comportamento porque as pessoas julgam você, porque, como eu disse, você teve a educação dupla. Algumas regras você seguiu da *Famiglia*, mas você foi mandada para longe, foi permitida fazer faculdade, saía sem segurança e aonde queria. Teve convívio com o pessoal de *fora*, mas nem todas as meninas é permitido isso e o meu pai talvez nunca tenha feito nada sobre isso porque tinha realmente apreciação por você.

Algo de bom aquele desgraçado fez na vida.

— Mas ele está morto e você voltou e aceitou ser minha esposa. Agora você precisa estar aqui e se controlar. — Para aliviar um pouco a bronca, curvo o canto da minha boca e murmuro: — Pelo menos, quando a gente estiver na presença de outras pessoas. Comigo você ainda pode falar o que quiser, dar suas ideias e tagarelar. Eu não quero que você seja uma esposa troféu ou que apenas me obedeça e não tenha voz. Quero que você continue sendo quem sempre foi, mas que entenda as regras e as siga, principalmente e sempre, na presença do meu *Consigliere*, meus soldados e de todos que podem me afetar. Você não é só a esposa do *Capo*. É o alvo do *Capo* também.

Ela concorda com a cabeça e deixa o corpo mais em pé. Espero-a fazer o próximo movimento, e assim que solto seu rosto, ela projeta o corpo para a frente e segura o *meu* rosto, beijando meus lábios. Sua boca está fria e doce. Eu fecho os olhos e coloco as mãos em suas costas, tentando não molhar minha roupa. Respiramos fundo quando nos afastamos, Madeleine fixa os olhos nos meus com um sorriso confiante e secreto.

— Eu prometo que vou orgulhar muito você e no que depender de mim, no que for preciso e permitido, quero que Marinne continue sendo incrível e que no dia que ela se casar, só receba elogios. Mas também quero que ela continue sendo quem é.

— Eu também e não gosto da ideia das mulheres se curvarem aos homens, mas obediência é uma coisa que é esperada em nosso mundo e nem é tão ruim assim. Obediência não é ruim, apenas submissão. E não é isso que eu estou te pedindo. Você entendeu?

— Claro que sim, meu *Capo* — ela sussurra.

Sorrio sem mostrar os dentes, beijo-a fervorosamente e depois encosto minha testa na sua.

— Eu gostaria muito de tirar minha roupa e te comer lentamente nessa banheira, porém eu não posso agora.

— Mais tarde... — diz com um toque de promessa e eu sei que mais tarde realmente eu a farei minha.

Merda, já faz um mês que a tive toda para mim. A raiva dos mexicanos só aumenta conforme o dia.

T R Ê S

Madelaine

Sentindo-me revigorada, após um banho relaxante e uma conversa nada esperada com Travis, sobre algo que sempre ouvi negativamente, mas que hoje foi não apenas aceita como apoiada.

Travis não brigou comigo por ser como sou. Não pediu para eu mudar. Ele apenas me informou as consequências do meu modo de ser e que eu pondere perto das outras pessoas, e fora de casa, pois com ele tudo bem. Eu posso ser como sou. Ele me aceita mais do que eu o aceito. E caramba, isso faz eu me sentir terrível e com uma enorme vontade de me esforçar mais por ele e pelo que ele precisa.

Descendo as escadas, dou de cara com Luigi e sorrio. Desde o episódio com Lorenzo, ele vive de olho em mim. Virou meu guarda-costas particular e essa decisão foi tomada bem antes de eu e Travis fazermos as pazes.

Acho que meu *Capo* malvado e terrível estava preocupado comigo, mas preferiu fingir que não me queria por perto quando precisou. Ele estava com o orgulho ferido. Sorrio por dentro porque, no fundo, nós somos parecidos demais. Embora eu não tenha tanto orgulho quanto Travis, também não gosto de ceder tão fácil. Porra! E eu quase o perdi por conta disso.

Entro na cozinha faminta e vejo Rosália mexendo em algo no fogão cantarolando alegremente.

— Boa tarde — a saúdo.

Ela para de cantar na hora e vira-se para mim. Tento ler seu semblante e acho que detecto um pinga de alegria em seus olhos, e surpresa?

— Boa tarde, senhora.

Senhora? Ela não me chama assim.

— Está com fome? Estou fazendo almôndegas para acompanhar a macarronada que o Sr. Lozartan adora. Ele pediu para fazer para a senhora comer no almoço. — Vira o corpo todo para mim, mexendo no pano de prato. — E desculpe a demora.

— Não tem problema, Rosália. Eu não estava com fome mesmo na hora do almoço.

— E agora está?

Abro um sorriso envergonhado.

— Na verdade, estou faminta.

— Que bom — diz animada e volta a mexer na comida.

Caminho para a geladeira, pego uma garrafa de água gelada, limões persas para fazer uma limonada para mim e Bárbara. Parando no balcão da pia, perto de Rosália, aviso:

— Minha amiga vem comer comigo.

Ela me olha e sorri.

— Que bom. A senhora deve se sentir solitária quando a senhorita Marinne está na escola.

— Uhum — concordo. — A casa fica tão sem vida com a ausência dela — comento com carinho na voz. Às vezes fico surpresa do quanto eu a adoro de verdade, como se fosse minha irmãzinha.

— É verdade. Ainda bem que as férias das festas de fim de ano estão chegando. Teremos ela por perto pelo menos uns quinze dias.

— Sim, é verdade. E tem também Ação de Graças.

— É...

— O quê? Ela não vem para casa na Ação de Graças?

Rosália desliga o fogo e me dá toda sua atenção.

— Os Lozartan não comemoram esse dia.

— Por que não?

— Porque é uma tradição americana e eles nunca foram ensinados a comemorá-la. O falecido Sr. Lozartan não gostava e, para ser franca, ele nem ligava para o Natal. Se não fosse o senhor Travis ser tão bom com Marinne, ela nunca saberia da existência do Papai Noel. — Sua expressão é de lamento. — Eu não sei o que seria dela se não tivesse o senhor Travis. Os avós também não são muito afetuosos, porém menos que o falecido Sr. Lozartan. Eles sempre vêm para as festas de fim de ano ou fazem uma ceia para receber os netos, porque Travis é bem convincente quando quer e ele adora fazer a irmã feliz. — Abre um sorriso convencido. — E é por isso que

disse aquela vez para a senhora que ele é um bom homem.

Assinto veementemente e sei que estou sorrindo.

— Hoje eu sei disso, Rosália, e sinto por tê-lo julgado tão mal.

— Tudo bem. — Coloca a mão sobre a minha. — Fico realmente feliz que veja isso e queira ficar.

— Queira ficar? — Franzo a testa.

— Ah — solta envergonhada. — Eu sei que o senhor Travis pediu a sua mão em casamento e você aceitou. Parabéns, aliás.

— Oh, sim. — Rio nervosa. — Ele pediu sim e eu aceitei. — Balanço a cabeça, espantando a alegria boba. — E obrigada, de verdade.

Ela fica me olhando por uns segundos, um pouco constrangedores e chega mais perto, pega minhas mãos nas suas e aperta de leve, com seu jeito maternal.

— Se me permite dizer, você era tudo que essa casa precisava. Pode não parecer, mas mudou Marianne. Ela agora tem uma visão materna para se espelhar e...

— *Dio mio, no.* — Suspiro sentindo minhas bochechas esquentarem. — Ela sempre teve você e Marie Rose

— Não, senhora. Nós somos funcionárias da casa. Sei que demos tudo que pudemos para apoiar a *menina* e fazer companhia a ela quando está aqui, mas não é como desde que você está aqui. Sei que no começo foi difícil a interação entre vocês, mas depois que se deram bem, foi incrível. Ela ficou mais feliz, mais animada e feminina. Ela vê em você um novo porto seguro.

— Ah, Rosália. — Me desprendo dela e vou me sentar na banqueta. — Isso é muita obrigação para mim. Marianne já havia me dito sobre isso, mas... — engulo em seco — ouvir você dizer é grandioso demais.

— E a senhora sabe também que o senhor Travis pensa assim, não é?

— O quê?! — Viro-me para ela rapidamente. — Como assim?

Rosália fica nervosa e confessa após uns segundos:

— Ele também vê em você uma substituta para ele.

— Por que ele precisa que alguém o substituía? — Praticamente pulo da cadeira e sinto meu coração acelerar. — Sei com tudo de mim que ele nunca a deixará sem proteção. Ele não precisa substituir nada, muito menos a si mesmo.

Ela sorri com carinho e vejo pesar em seus olhos.

— Espero que esteja certa e que nunca precise acontecer, mas nós sabemos quão perigoso o mundo é. O *nosso mundo* é.

Involuntariamente solto um suspiro trêmulo e coloco a mão no peito, sentindo minha pulsação acelerada.

— Calma, Madeleine. Está tudo bem. — Aproxima-se. — Está me ouvindo?

Assinto olhando para a frente sem de fato estar focando em nada. Guiando-me, sento-me em uma das cadeiras da mesa da cozinha e depois pego um copo de água que Rosália me serve.

— Vai ficar tudo bem. Beba a água e se acalme.

Concordo freneticamente.

Isso! Vai ficar tudo bem. Eu não vou perdê-lo. Não posso perdê-lo. Dio! Nem hoje e nem nunca.

Q U A T R O

Travis

Saio do carro assim que Pietro para em frente à casa de Orazio, e o vejo parado na porta, esperando-me com a expressão preocupada e ansiosa. Todo homem feito é criado, na teoria, para não transparecer sua expressão, feliz ou triste, mas duvido muito que muitos homens consigam se esconder por trás de suas máscaras perto de mim. Ninguém consegue fingir ser ou não sentir algo para mim; e, quando acontece, sempre descubro.

— Travis.

— Orazio — devolvo apertando sua mão.

— Entre, vamos até o meu escritório.

Aceno de cabeça e o acompanho com Pietro, Paolo (que está com a cara fechada e ainda vamos conversar sobre meu noivado) e Enzo. Eu me garanto sozinho. Eles estão comigo porque o assunto lhe diz respeito.

A casa está silenciosa e logo que nos vê a empregada procura seu caminho rapidamente para fora do nosso. Sei que Orazio não é um sádico com sua família e funcionários, os soldados o respeitam por ser rigoroso e astucioso, não perverso. Ele respeita a regra de não maltratar mulheres e crianças, mas pelo que vejo todos o respeitam dentro de sua casa tanto quanto os de fora de casa, e ele deve ter avisado que eu viria.

Procuro brevemente seu filho mais novo, Gabriel. Ele tem apenas dezesseis anos e logo será iniciado. Me disseram que está muito ansioso, diferente de Dario quando foi iniciado há dois anos, e é assim até hoje. Meu irmão não parece ter a vocação que Colen e eu trazemos dentro de nós. Isso me preocupa. Ele não tem alternativa. Não há saída para ele não querer ser um *Madman*. No entanto, não encontro o garoto. O pai deve ter pedido a ele para ficar fora dos assuntos por enquanto, assim como meu pai tentou me dissuadir até os meus doze. Quem insistiu para eu saber de tudo muito cedo

foi vovô.

Chegando ao escritório, espero Orazio abrir e fechar a porta para me colocar perto da mesma. Nunca relaxo fora de casa ou dos meus cassinos. Confiar não é meu ponto forte. Ele deve sentir o mesmo, pois não se senta, fica na minha frente.

— Antes de falar sobre o que realmente me trouxe aqui, preciso esclarecer algo de extrema importância.

Orazio dá um aceno.

— Madeleine Beluzzo será minha esposa e eu fiquei sabendo de uns boatos que não quero *realmente* ouvir, pois não vai ficar legal.

— Eu não...

— Me poupe de ouvir suas mentiras — o interrompo. — Meus homens são leais e eu soube o que você pensa sobre ela. — Dou um passo, ficando mais perto e o encaro seriamente. — Mas seus pensamentos morrerão a partir de agora se você leva a sério sua vida e sua posição como meu general.

— Claro que sim, Travis.

— Esse não é apenas um aviso, é um alerta. Não quero mais ninguém dando um pio sobre Madeleine, a não ser sobre suas virtudes e que é a esposa do *Capo*. Meu pai não ligava com o desrespeito que faziam com minha mãe ou até mesmo com outras mulheres entre ele e seus homens, mas comigo não vou permitir. Se você trata sua esposa com desrespeito e não liga que alguém fale o que quer, problema seu. Eu não posso me meter no casamento dos meus homens, assim como nenhum de vocês tem esse direito e, pela honra e juramento com a *Lawless*, espero que se lembrem disso. Minha irmã e minha esposa não estão abertas para serem alvos de nenhuma *boca*. Entendido?

— Sim, Travis. Eu tomarei conta de ninguém falar nada.

— Isso inclui você e sua esposa. — Dou um olhar certo para que ele saiba que eu sei sobre como sua esposa gosta de falar. — Boca aberta para mim apenas de defunto, porque entra mosca. Espero não ter que ver as *suas* assim para enfim ter o silêncio de vocês. Nós não retaliamos as mulheres e crianças, mas *eu* não tolero desrespeito e traição. Falar da minha *família* por trás é traição. Então, é melhor não abusar da minha paciência.

Vejo o medo cintilar nos olhos azuis de Orazio antes de ele concordar com a cabeça.

— Juro que não acontecerá mais e quem fizer algo parecido, pagará com sua língua.

Dou um simples aceno e mudo minha postura ao falar:

— Agora, antes de falarmos de *negócios*, minha futura esposa deseja a companhia da sua filha para o almoço.

— Sim. Bárbara é muito amiga da Madeleine desde pequena.

— Eu sei — digo com firmeza. — E por isso seria bom você também olhar para o seu *teto*, antes de jogar pedra nos dos outros. Sua filha é tão... intensa quanto Madeleine. Porém, eu não me importo, a menos que ela seja desrespeitosa comigo ou minha família.

Orazio engole em seco.

— Ela não fará isso e eu aprecio a amizade delas. Acredito que foi minha esposa que fez alguns comentários e pode ficar seguro de que não acontecerá novamente. Dou minha palavra. Além do mais, Bárbara em breve se casará e, com certeza, terá que mudar seu jeito. Nem todos aceitam quem fala demais.

— Orazio — dou um passo me aproximando dele —, eu não me importo em como cada homem *meu* governa suas casas e suas famílias, a única coisa que quero é lealdade e respeito a minha família e em como eu *governo* a *Lawless*. E é apenas por isso que estou trazendo esse assunto desnecessário para essa reunião. Meus assuntos com você são muito mais sérios e importantes do que a forma como minha futura esposa e sua filha se portam, e como algumas mulheres da *Famiglia* falam mais do que devem. Eu tenho tias e sei como é. — Faço uma pausa. — Agora, se permitir, Pietro levará Bárbara até minha casa, que é onde Madeleine está há duas semanas.

Poucos, muitos poucos, homens, sabem que ela está lá desde que o pai fora morto. Esse segredo foi mantido por conta das más-línguas.

— Sim, eu permito.

Sem mais, aceno para Pietro e ele sai com Orazio fazendo companhia, provavelmente para avisar a filha, que duvido muito já não sabe do encontro. O mundo moderno não tem muito esforço para manter segredos ou esperar o tempo necessário.

Finalmente, sentando-me em uma das poltronas, sinto o olhar de Paolo em mim e cerro a mandíbula.

— Nós vamos conversar mais tarde.

Ele acena e desvia o olhar. Estou dando um desconto a ele porque soube que a esposa está grávida. Seu primeiro herdeiro está a caminho e não sei como deve ser para ele, só que o conhecendo bem, desde pequeno, Paolo não deve estar tranquilo.

C I N C O

Madeline

Eu estava bem animada depois de conversar com Travis, de me acertar com ele de verdade. Acho que colocamos as cartas na mesa de vez, mesmo diante de um assunto que particularmente me emputeceu. Mas eu sabia que aceitar o pedido de casamento dele era aceitar tudo que vinha com isso. Então tudo bem, até ter a conversa com Rosália e, sinceramente, fazer meu dia azedar.

Quando finalmente a campainha tocou e Bárbara apareceu, eu pensei que ia ficar feliz com sua presença. Ela sempre me alegrou com seu bom humor e sagacidade.

No entanto, estou sentada à mesa da sala de jantar com Bárbara, comendo nosso almoço tardio, e cheia de pensamentos que não param de rondar minha mente. A última conversa que tive com alguém dentro dessa casa foi terrível, francamente. *Será que vai ser sempre assim?* Eu vou viver em altos e baixos, entre felicidade e desespero, e entre alegria e medo. Sinceramente, não sei se vou aguentar sem enlouquecer no percurso. Agora entendo as regras da *Famiglia*, em não nos permitir sair. Viver a vida como uma pessoa de *fora*.

— Eu pensei que você me chamou para vir almoçar com você para a gente conversar — Bárbara fala de mansinho, o que não é o jeito típico dela.

— Eu só estou pensando muito.

— Pensando muito sobre o quê? — Ela definitivamente me dá toda sua atenção quando deixa o copo de vinho na mesa. — Até agora você não me falou nada a não ser: “Bem-vinda, temos um almoço esperando a gente. Vamos nos sentar”. Tão robótica e cheia de classe que não lhe reconheci.

— Travis me pediu em casamento — solto de uma vez.

— O quê? E desde quando vocês estão juntos? É... vocês estão e

desde quando... — Ela ri, nervosa. — Meu Deus! Eu estou passada.

— E eu aceitei me casar com ele, mas...

— Qual o problema, amiga? — Ela para de rir e fica séria, esticando a mão para segurar a minha.

A raiva passa por mim. Eu não sei por que diabos todo mundo está fazendo isso hoje.

— Eu sou apaixonada por ele. Eu amo, de verdade, mas e se alguma coisa acontecer com ele? — Desvio meus olhos focando no meu prato, a comida quase intocada. — Se me tirarem ele? Eu não consigo nem pensar nisso. Viver minha vida sem ele agora que eu o tenho.

— Por que está pensando nisso? Era para você estar feliz, vai se casar com o homem que ama e nós duas sabemos que amor em nosso mundo é algo muito raro, principalmente se casar por amor.

Olho para ela e sorrio com gratidão.

— Você podia não querer ter essa vida, estar em Las Vegas. Só que escolheu ficar e teve a sorte de se apaixonar, e agora vai se casar por quem se apaixonou. É estranho dizer isso, mas você deu sorte.

Concordo com um aceno de cabeça, bebo um gole do vinho antes de contar a breve conversa com Rosália.

— Entende agora por que estou nervosa? Eu não quero que ele pense que eu posso substituí-lo, Bárbara. Quero que ele pense que nós somos um time e vamos... Nós dois vamos cuidar da Marinne e dos nossos filhos quando nascerem. Essa coisa de eu ser sua substituta se algo lhe acontecer me mata por dentro.

— Amiga, é normal ele pensar assim e eu posso estar enganada, mas tenho certeza de que ele não quer morrer tão cedo. O poder é uma coisa que está enraizada em seu corpo e Travis é como todos os homens em nosso círculo, muito orgulhoso. Talvez ele pense em você como substituta na questão da sua ausência. Agora você vai estar em casa, com Marinne, enquanto ele trabalha e resolve os negócios sujos das organizações criminosas.

Rio baixinho pelo seu comentário.

— Espero mesmo que seja isso porque eu não quero pensar na morte dele. Não quero pensar na morte de quem eu amo. — Suspiro e desvio os olhos rapidamente. — Eu já tive muitas perdas em um curto período e a Marinne já tinha falado sobre isso comigo. Deus! É tão novo essa coisa. O jeito que ela gosta de mim e ouvi-la dizer que me vê como uma visão

materna. *Dio mio*. Sabe, isso eu posso aceitar e lidar, mesmo que seja bem grandioso essa responsabilidade, mas não quero substituir Travis em nada. Eu quero tê-lo ao meu lado, porque *eu* também preciso dele.

Bárbara toca minha mão e sorri com carinho.

— Ele também precisa de você e é disso que se trata. Acho que você precisa falar com ele sobre isso.

— Sim, eu tenho.

Ela suspira, como se girasse uma chave dentro dela e fala:

— Mas fora isso, me diga as novidades e... você está feliz? Como você está se sentindo sendo a noiva do *Capo*?

— Para falar a verdade, eu me sinto bem. Um pouco aterrorizada e estranhamente surpresa por estar onde estou, mesmo ainda não achando nada legal as ações da *Lawless*. Mas *acho* que estou confortável.

— Isso nunca vai mudar, Madeleine. Eu, você e muitas mulheres não gostamos, mas precisamos “aceitar” para o nosso bem e de nossos irmãos, pais, esposos e filhos.

Assinto com veemência, pois ela está correta.

— Eu sei e, como disse, eu amo Travis e ele confia em mim. Isso não vai mudar e eu tive “sorte” — faço aspas — de ficar com ele e agora vou me casar. Então, me sinto feliz. — Deixo uma risada sair. — Seria muita sacanagem eu não me sentir assim. Eu seria uma filha da puta.

— Eita! Eu nunca vi você falar assim.

— Hum... falando nisso, preciso conversar com você sobre isso.

— Como assim? O que você quer dizer com isso?

Respiro fundo para a emitente irritação da parte dela. E eu posso culpá-la?

— Parece que algumas pessoas têm andado falando mal de mim. Sobre meu comportamento e acham que eu não sou uma “futura primeira-dama” ideal para Travis — debocho porque, apesar de eu ter aceitado, não gostei.

— Está falando sério? — Bárbara parece ofendida e confusa.

— Sim e uma dessas pessoas é a sua mãe e o seu pai. — Pauso para ver sua reação, ela não parece nem um pouco surpresa. Os filhos sempre sabem os pais que têm, e vice-versa. — Travis, quando me contou, deixou a entender que algumas pessoas acham que eu sou uma péssima influência. No saco, que você é do jeito que é, por minha culpa. — Faço uma carreta. — E nós duas sabemos que você é do jeito que é, porque é assim. É sua

personalidade. Eu não tenho nada a ver. Nós podemos conversar sempre, e enquanto eu estava longe não perdemos o contato, mas nossa amizade não era igual. E o tempo passou e você se transformou nessa pessoa cheia de “personalidade” — faço aspas — que eu adoro, mas nem todo mundo gosta. Você sabe disso.

— Eu sei disso e nem estou surpresa de uma dessas pessoas serem meus pais. — Ela desvia os olhos e mexe na macarronada em seu prato, quase vazio. — Talvez papai apenas fique constrangido e não goste, mas quem mais tenta me policiar é minha mãe. — Me encara de volta. — Ela não suporta meu jeito e diz que nenhum homem vai querer se casar com uma garota que fala pelos cotovelos, é debochada e fala palavrão.

— Bárbara, não se sinta mal por ser como é. Jamais faça isso, entendeu? — Pego sua mão e aperto. — Eu particularmente não tenho nada contra. Adoro que você seja desse seu jeitinho e sempre me surpreenda com suas frases e conselhos. Porém... convenhamos que, de vez em quando, você passa dos limites e a gente já falou sobre isso...

— Sim! Você já falou — me interrompe. — Só que você é minha amiga e eu aceito seus conselhos. E tipo, eu não pensei que iria atingir você. — Faz um som raivoso, o que me faz sorrir. — O que essas pessoas idiotas falaram de você é ridículo. Elas não te conhecem de verdade. Não sabem que tem um grande coração e é humana demais, por isso não suporta nosso mundo. Você é lúcida, Madeleine, e é por isso que amo você, amiga.

Abro um sorriso de gratidão e assinto antes de falar:

— Eu acho que as pessoas me veem até pior do que falam e afinal de contas, alguns falam que eu inspiro você a ser assim e posso fazer o mesmo para outras meninas quando for o lado feminino a se seguir como esposa do *Capo*.

— Argh! Que raiva disso! — resmunga. — Tenho certeza de que esse comentário é da minha mãe. Ela deve sentir muita vergonha do meu jeito e para abafar o fato de que foi a minha criação, meu DNA, que me tornou ser assim. Ela coloca a culpa em você ou em qualquer outra coisa. De vez em quando, quando ela briga comigo, ela fala que a culpa é do gênio da família do meu pai. Nunca dela. Nunca dela.

— Você acredita nisso?

Ela torce o nariz em descrença.

— Não! Não mesmo. Minha mãe parece ser uma dama da sociedade, mas de vez em quando é muito atrevida, e o que eu sou é apenas ser falante e

desbocada, Madeleine. Eu não sou atrevida e rompo as regras. Eu as respeito, mesmo que debochando de tudo por dentro.

— E é muito sincera — comento com humor.

— Com certeza. É um charme em mim. — Mexe nos cabelos com graça fingida.

Sorrio assentindo e dou de ombros com bom humor.

— Eu gosto de você e por mim a gente nunca mudaria quem nós somos, mas eu já estava pensando que preciso moderar um pouco os meus pensamentos e o que eu falo.

— Sim, você será a esposa do *Chefe*. Do nosso *Capo*.

— Uhum, e é como ser a esposa de um governador ou presidente, um rei. Eu preciso estar à altura dele e acho que ser a esposa de um *Capo* é muito *maior* do que qualquer outra coisa. Céus! Ele é um assassino. Um matador cruel e não gosta de traição e nem de mentiras. Ele não pode ter uma esposa engraçada e que fala o que pensa. — Suspiro e bebo um grande gole do vinho. — Eu sei que preciso ser tão fria, emanar respeito e poder. Ser calculista como ele é. Preciso ser forte e que me respeitem. E para isso, eu não posso ser aberta demais e muito menos aberta a comentários maldosos. Eu quero orgulhar Travis e a mim mesma.

— Você pode mudar, mas promete que, quando a gente conversar, você vai ser a minha amiga de sempre? — Seu pedido vem com olhos meigos. — Não se transforme nessas esposas troféu.

Meu riso é genuíno e involuntário.

— Eu jamais vou ser uma esposa troféu e duvido muito que Travis queira isso de mim. Ele sabe quem eu sou, Bárbara. O que estou querendo é ser mais concisa, ponderada e honrar o sobrenome que vou carregar, e por mim mesma. Meus pais foram pessoas terríveis. Desleais, desonestos e gananciosos. Não quero isso me perseguindo e nem aos meus filhos. Sendo a esposa de Travis, quero carregar o que seu sobrenome tem: poder, medo e autoridade. Isso vai ser automaticamente necessário, eu já sabia que precisaria de uma postura mais firme no momento que soube que estava apaixonada por ele e aceitei ser sua por completo.

— Eu acho que você vai se sair muito bem, futura senhora Travis Lozartan.

Ouvi-la pronunciar essa frase causa um frio na minha barriga. Uma alegria misturada com preocupação. Não vai ser fácil ser a Sra. Lozartan, mas eu nunca fugi de um desafio na vida. Não sou de ter medo do que assusta

muitas pessoas.

Eu sei que secretamente meu talento é amar o perigo. Sei que, desde o dia que encontrei Travis naquela boate, senti meu corpo clamar por ele. O único medo que tenho agora, de verdade, é de perdê-lo.



Acordo saltando no meio da cama com o coração acelerado. Eu peguei no sono depois que desisti de ler o livro que me distraía. Tinha me cansado de esperar por Travis na sala e subi.

Recuperando o controle da minha respiração, fito o relógio na cabeceira da cama e vejo que é um pouco mais da meia-noite. Não sei se Travis voltou para casa ainda. Ele não dorme comigo geralmente e, mesmo com nosso compromisso, não sei como será agora. Nós não conversamos sobre isso. Os dias depois que ele acordou foi para se recuperar.

Depois daquele dia que ele desmaiou na minha frente e ficou de cama na casa adjacente, eu passei a dormir lá, assim como ele. E nós não tínhamos voltado para os nossos quartos até então. Nós mal conversamos de verdade. Hoje foi um dia extremo para ele, pois tinha um compromisso inadiável. Ouvi Paolo falar sobre isso e, pelo visto, era algo muito sério. Ainda não tive oportunidade de me esbarrar com Paolo depois do seu comentário. Afinal, depois que ele e Travis saíram fiquei sozinha nessa casa com os empregados e seguranças.

E eu só estou no meu quarto agora porque passei o dia na mansão e, quando tomei banho e troquei de roupa, fiquei por aqui esperando-o.

Jogando as cobertas longe, pego um casaco no guarda-roupa e saio à procura de algum sinal dele ou de comida. Hoje não senti muita fome. Não quero admitir, mas a conversa com Rosália me atingiu de verdade, e ainda está me incomodando. Me incomodou a tarde e noite toda. Depois que Bárbara se foi, só pensei em conversar com Travis.

Nas escadas não vejo ninguém. Pela hora, não tem mais ninguém dentro da casa. Os seguranças ficam do lado de fora e os empregados em seus aposentos, para dar a liberdade que Travis tem em sua casa.

Atravesso o grande salão e vou direto para a cozinha pegar uma maçã pequena, que como rapidamente e deixo o resto no lixo. Pego um pouco de água e me sentindo mais calma, vou para a sala do piano.

Sorrio com todas as lembranças que esse lugar me traz, mesmo a melhor de todas sendo a pior. Ver Travis ensanguentado aquela vez me deixou uma pilha de nervos, embora também excitada. Custei a entender meu corpo reagir daquela forma. Não queria aceitar que sua escuridão também me afetava de outras formas. De uma forma que não deveria.

Hesito em me sentar na cadeira quando vejo a luz do escritório acesa. Curiosa, caminho com passos lentos até lá e bato devagar na porta.

— Entre.

Meu coração quase pula para fora quando vejo Travis sentado atrás de sua mesa, que está cheia de papéis espalhados. Fito seu paletó jogado na cadeira, em frente à mesa, junto com a gravata. Nele ainda restam o colete, desabotoado, e o coldre com as duas armadas de cada lado. Seus cabelos estão uma bagunça demonstrando sua exasperação e cansaço. Por mais forte e poderoso que ele seja nesse momento, em qualquer momento, eu consigo ver seu esgotamento. E meu desejo de abraçá-lo e acariciar seus cabelos é quase doloroso.

Franzo a testa e um ruído esquisito sai de dentro de mim. Eu ando até ele tão estranhamente calma. Como se estivesse em inércia. Como se minha vida real fosse um sonho e se eu tropeçar, fosse acordar dentro de uma verdade terrível.

— O que houve? — ele pergunta, como sempre, tão controlado. — Aconteceu alguma coisa?

Balanço a cabeça em negativa e ainda sem me mexer.

— Nada.

Travis franze a testa e tenta me ler, mas não vai conseguir ver nada, pois eu não pareço estar sentindo nada. Por dentro, sou uma folha em branco.

Lentamente, muito lentamente, caminho até ele e paro na sua frente quando gira a cadeira para ficar cara a cara comigo.

— Madeleine, o que houve? — pergunta de novo.

Suspiro e estico minha mão até seu rosto e afago sua bochecha, que ele deixa embora seus olhos estejam desconfiados, confusos.

— Você demorou.

— É — responde sem emoção. — Eu tive mais trabalho do que imaginei. Eu precisava resolver algumas crises.

Assinto sem me importar de verdade com o que ele disse. Nem sei se ouvi.

— Acha estranho eu não me questionar?

— O quê? — O vinco entre suas sobrancelhas se aperta mais, mostrando sua confusão comigo. Ele se levanta e pega meu rosto entre suas mãos. — Aconteceu alguma coisa?

— Você quer que eu te substitua?

— Do que você está falando?

Em minha mente confusa, sentindo-me perdida e nem sei descrever o outro sentimento dentro de mim.

— O que eu sou para você, Travis?

Ele fica em silêncio por longos minutos me encarando e consigo ver as engrenagens dentro da sua cabeça funcionando. Sua compreensão sobre o assunto: *sentimentos*.

S E I S

Travis

O que ela é para mim? *Cazzo*. Ela deve querer ouvir o que eu nunca cogitei na vida. As mulheres sempre querem emoções, declarações e redenção, e eu não sei se sou capaz da redenção. De devolver seus sentimentos tão claros em seus olhos.

Aprendi desde cedo que sentimentos são uma fraqueza. Eu amo a dor e a morte, amo ser mau e temido. Nunca cogitei sentir além disso. Esse tipo de emoção, essas fraquezas, foram arrancadas de mim quando pequeno. Proteção e domínio vêm da minha natureza. Querer proteger ela e meus irmãos, é totalmente diferente de sentir, ou amar.

Não sei qual a resposta certa que ela quer ouvir. Não sei as *palavras* certas para dizer a mulher linda, sexy e compassiva na minha frente, que possa expressar o que ela é para mim, sem ser insensível. Sem ferir seus sentimentos, porque eu sei que não será à altura das suas palavras. Da sua declaração de que me ama.

Eu a desejo ardentemente o tempo todo. Penso nela até quando não deveria focar nas lembranças de nós dois juntos. Sempre fui sério nos *negócios*, meus pensamentos nunca se desviaram do que eu precisava fazer, e agora acontece mais do que eu posso tolerar.

Quero Madeleine por inteiro e isso me irritou no início. A fome por seu corpo, sua voz, sua mente e até mesmo sua ousadia. Chego a adorar seu temperamento. Esse é o maior nível de aceitação, apreciação, por outro ser humano que já fui capaz de sentir. Aceitar seu lado mais distante dos meus padrões, do meu *eu* e comportamento. Nada nela me afastou, exceto quando ela pediu para fazer justamente isso.

Odiei aquele momento mais do que odiava quando minha mãe

escolhia a fivela do cinto para bater em minhas costas. É duro um homem como eu admitir, mas sua recusa me rasgou ao meio. Tocou bem fundo em meu orgulho. Deixou-me vendo vermelho. Embora não tivesse aceitado o término, por um tempo só quis quebrar, mutilar, bater e matar tudo que estivesse na minha frente. Algo que eu tinha total domínio. Eu queria tirar aquela sensação de perda do meu sistema. Arrancar aquela fraqueza de mim.

Uma que não vou tolerar sentir novamente.

Eu poderia falar tudo isso para ela, para descrever o quanto eu a quero e preciso dela. Mas não quero *entregar* a realidade da minha única fraqueza para ela. Que ela e meus irmãos são as coisas mais importantes da minha vida. Eles são os únicos capazes de arrancar meu sangue e me fazer queimar. Porém, não meus sentimentos. Nada além do *controlável*.

Seus olhos esperam por mim, me imploram por resposta. Vejo a tristeza dentro deles por eu estar demorando tanto.

Arfando como se tivesse corrido quilômetros, pego seu rosto em minhas mãos, beijo de leve seus lábios e falo prendendo seus olhos nos meus:

— Eu não sei o que você quer que eu diga, mas posso lhe assegurar que você é muito, muito importante pra mim. Tanto que você me fez quebrar minhas próprias regras quando fui atrás de você. Mais de uma vez. Posso não devolver as mesmas palavras que você me deu, que por sinal fico preocupado com esse sentimento que está aí dentro de você. Não quero que isso te machuque, porque pode. Mas eu gosto de você. Eu quero você. — Merda! Isso é mais do que eu sou capaz de oferecer. Que posso dar a ela.

Madeleine engole em seco e seus olhos azuis são um mar profundo e denso.

Porra, ela me deixa nervoso. Não quis deixá-la partir, não aceitei o fim e agora, por alguns segundos, não quero que ela deposite tanta fé em mim. Eu não sou digno desse tipo de sentimento. Já não basta Marinne.

A realidade me atinge com brutalidade. Eu tenho dois pontos fracos, e se meus inimigos descobrirem, vão bater forte. Eles sempre batem onde mais dói.

— Você não pode mandar no meu coração, Travis — diz solene, meiga. — *Isso*, esse sentimento, não vai mudar. — Seus olhos brilham. — Eu só tenho medo que me tirem você e... que você queira, de algum jeito, eu aqui para ficar no seu lugar se algo acontecer.

Não compreendo o que ela fala, mas ignoro dizendo:

— Eu quero você no seu lugar, que é ao meu lado, nada além disso,

Madeleine. — Beijo sua boca, porque não consigo não fazer. — Não sei o que você escutou ou está pensando. O que eu quero de você é o que você já está me dando tem um tempo: a sua companhia, vitalidade, força e confiança. Você será a *minha mulher*. Eu *escolhi* você.

Ela abre um sorriso lentamente e concorda com um aceno de cabeça.

— Eu quero te dar tudo de mim. Eu *já* dei *tudo* de mim pra você — diz com total e assustadora certeza.

Eu nunca pensei na mulher em potencial para me casar, embora soubesse que teria que fazer para manter minha linhagem e que, provavelmente, teria que ser por funções táticas. O fato de Madeleine ter sido minha escolha, por eu ter tido um relacionamento com ela e não uma intimação para o nosso desfecho, a torna muito mais do que se fosse por apenas razões estratégicas. Só negócios. Ela já é uma preocupação para mim. Não sei direito o que é a queimação no meu peito quando eu a vejo. Mas, porra, eu gosto as vezes. É uma dor desenfreada. Desejosa. Ansiosa.

E quando eu a vi entrar no meu escritório com sua camisola de seda branca e os pés descalços tocando o chão de tabaco escuro, contrastando com sua pele alva, quis me levantar e tomá-la para mim. Puxar seu corpo para os meus braços e acabar com a distância de todo esse dia longo. As preocupações da *Lawless* e os conflitos. Eu apenas a queria, e é isso que faço agora. Reclamo sua boca e sons só para mim.

Não perco tempo em mais um pensamento. Agarro-a, tomando sua boca furiosamente. Respiro com força para sentir seu aroma, seu doce perfume que me enfeitiça. Sinto o gosto dos seus lábios macios e molhados com fúria desenfreada. Com anseio para além desse toque. *Quero mais*.

— Tem muito tempo — ela geme entre meus lábios, roubando meus pensamentos sombrios.

Put a merda! Essa mulher sempre me pega de jeito e tem muito tempo que não sinto sua doce boceta envolver meu pau naquele aperto macio. Muito tempo que minha língua não prova sua doçura. Caralho! Eu sinto falta de estar com ela mais do que sua companhia. Sinto falta de não ter nada nos separando.

Forço minha boca na sua com a lembrança da nossa última vez assombrando meus pensamentos. Aquela noite, a recusa, me irritou. Acordou meu monstro controlado com força. Colocou-o para fora. A sensação de perdê-la, fez as correntes que prendo meu monstro com vigor se arrebitarem, porque eu não quero *não tê-la* depois de possuí-la. Depois dela

me forçar a ser o que nunca fui com nenhuma outra mulher. Depois dela quebrar algumas paredes que ergui para os meus homens, meus inimigos e estranhos. Ela também me *invadiu*. Ela é *minha*.

Minhas mãos firmam em seu rosto, aprisionando sua boca na minha. Madeleine chupa minha língua, como sempre, parecendo estar se deleitando com um doce. Ela joga os braços nos meus ombros, pressionando seu corpo no meu. Seus seios apertam no meu peitoral deliciosamente.

Rosno como a fera que sou, agora louco pela mulher em meus braços. A *minha* mulher. Desço minhas mãos por seus braços, chegando na curva da cintura fina. Sugo o ar com força ao sentir o peso dos seus seios, o calor que vem deles e passo a ponta dos polegares nos bicos inchados e duros.

— Travis — ela geme.

Começamos a nos tornar selvagens. Iço Madeleine pelos braços, minhas mãos em sua cintura, e assim ela envolve minha pélvis. Levo-a para fora do escritório e deposito seu corpo em cima do piano de cauda longa preto. Seus olhos me prendem.

— Estou com saudades — sussurra passando as mãos no meu peito.
— *Dio mio*, que falta eu senti de você.

Eu entendo o que ela quer dizer. Também sinto uma fome insana por ela. Uma ânsia enérgica nos meus nervos, na minha pele, para sentir seu toque. Para lamber seu corpo todo e ter o seu gosto na minha boca. Porra! Que vontade de ouvi-la gritar meu nome e foder como um louco a noite toda.

Sem tirar meus olhos dos seus, deixo um beijo na sua boca e me afasto. Bem devagar, pego seus pés, levanto-os e dou beijos em seus tornozelos. E ao deixar o corpo cair e se deitar no piano, abro suas pernas para beijar dos seus joelhos e até as coxas macias.

Ela respira fundo e abre mais as pernas. Fico satisfeito com o que vejo: a renda azul-escura da sua calcinha molhada por causa da sua excitação. Puxo o pequeno pedaço de pano para fora, tirando do seu corpo sem pressa.

Agora vejo com perfeição sua linda boceta molhada e carente por atenção. Fecho os olhos por breves segundos ao me lembrar de que sou o único homem que já viu e sempre será apenas eu. A possessividade grita em mim por ser seu único homem. Ela também é minha primeira. A primeira que quis mais e não usei preservativo. Que dormi na mesma cama. Que chegou *tão* perto. Ela só não sabe o quanto é especial para mim, e nem irá saber.

Aproximo minha boca da sua boceta e beijo os lábios molhados. Olho para o seu rosto passando dois dedos e depois os escorrego para dentro do seu

calor, bem devagar. Com minha outra mão, separo os grandes lábios e deixo um beijo no clitóris.

— Oh... Travis — ela geme e a assisto quando arqueia o corpo.

— Tão molhada e deliciosa — murmuro e lambo seu clitóris. Ela está irresistível.

Ajeito meus cotovelos, apoiando-os no piano, abrindo-a mais e enfio minha língua na brincadeira, meus dedos servindo para deixá-la aberta. Escuto-a resmungar, com as mãos nos meus cabelos. Minha língua provoca seu clitóris, chupando e dando mordidas. Ela fica cada vez mais molhada e *aberta* para mim.

Madeleine geme mais alto e suas mãos apertam mais forte meus cabelos.

— Eu... Porra! Travis... Ah... Sua boca.

Chupo mais forte não deixando de dar atenção a sua boceta com minha língua. Meto dois dedos dentro dela e vou intensificando cada vez mais a sucção e os movimentos dentro dela, até que ela goza chamando o meu nome ficando ainda mais escorregadia.

Louco de tesão, retiro meus dedos de dentro dela vagarosamente e dou um beijo na sua virilha. Pego-a pela sua cintura, colocando a mão na parte inferior das suas costas e a forçando a erguer o corpo. Nos encaramos e dou um beijo rápido na sua boca.

Puxo seu corpo para mim e ela envolve suas pernas no meu corpo, se esfregando na minha ereção dura. Agarro-a pela bunda e ela me abraça dando beijos no meu rosto, enquanto a levo para fora da sala do piano.

— O que você está fazendo?

— Estou levando você para a cama — murmuro já subindo as escadas.

Madeleine franze a testa, mas relaxa no meu colo, deitando a cabeça no meu ombro e respirando profundamente. Ela beija a pele do meu pescoço e afaga minhas costas. Eu gostaria muito de já estar nu, porra, para sentir suas mãos quentes de *verdade*.

Chegando no andar dos quartos, fico relutante antes de ir decidido para o *meu*. Para o quarto principal da casa. Madeleine parece ficar tão surpresa quanto eu e ergue a cabeça quando entramos no cômodo. Fecho a porta com o pé e a levo até a cama.

Beijando seu corpo, permito que ela me solte lentamente e nossos olhos se prendem um no outro de novo. Eu seguro seu rosto, beijo sua boca,

chupando sua língua e ela se esfrega em mim, no meu pau duro dentro das merdas das minhas calças, que eu não aguento mais.

Dando um selinho nos seus lábios, afasto-me. E parece que ela me quer nu tanto quanto eu quero me livrar dessas roupas. Rapidamente ela me ajuda a tirar, desabotoando minha camisa, meu coldre, o colete e a camisa. Ela abre a fivela do meu cinto e o botão da calça, enquanto eu tiro os sapatos com a ajuda dos próprios pés.

Quase na velocidade da luz, eu fico pelado; e arrancando as meias, abaixo-me, ficando de joelhos na sua frente, e minhas mãos ficam uma de cada lado do seu corpo. Madeleine ri, colocando as mãos nos meus ombros e eu sinto vontade de rir contagiado por ela. *Que coisa estranha.*

Aperto suas coxas, sinto seu cheiro e ela geme, abrindo-se para mim e deixando o corpo cair na cama.

— Vem, por favor... — pede com a voz manhosa.

Porra!

Coloco os joelhos na cama, e me aproximo. Vou subindo e ela se ajeitando, abrindo as pernas e, quando estamos cara a cara, ela toca meu peito, meus braços, meus ombros e seus dedos caminham pelo meu pescoço até que ela segura meu rosto.

— Senti tanta falta de *sentir* você. — Afaga meu peito. — Como eu posso ter me negado isso aqui?!

— Negado? — pergunto franzindo a testa.

— Quando eu disse que eu não queria mais. — Seus olhos ficam distantes e tristes. — Eu fui tão tola. — Me beija. — Nunca vou me cansar... de te dizer o quanto eu te amo. O quanto sou louca por você e como meu corpo fica ansioso para sentir o seu. Como me sinto vazia sem você dentro de mim, Travis — ela sussurra meu nome e faz suas pernas puxarem meu corpo para cima, roçando a minha ereção aonde ela deseja. — Por favor, não me tortura mais. Me fode, amor.

Meus batimentos aceleram e inspiro com força. O que eu mais quero é estar dentro dela, e por mais que eu adoraria chupá-la de novo, sentir o seu gosto, encaixo meu corpo entre suas pernas, fazendo-a se abrir e nossas coxas estão acariciando-se uma na outra. Apoio minha mão na cama, esticando o braço, pego meu pau com a mão livre e guio na sua entrada.

Lentamente assisto o momento em que meu pênis entra no seu calor e a ouço gemer baixinho. Pego-a no flagra jogando a cabeça para trás com os olhos fechados e abrindo a boca. Ela geme como se estivesse sentindo dor e

prazer.

Um pouco enfurecido, tiro tudo e meto com força até sentir ela me envolver por inteiro e abaixo meu corpo até poder abraçar o dela. Seus seios estão colados no meu peito e as pernas envolvendo minha cintura. Madeleine abraça meus ombros, ficando mais perto, e as mãos se movem nas minhas costas, afagando minha pele. Sua boca aberta no meu ouvido, merda! Como é linda e sexy.

Ela geme beijando meu rosto com os lábios abertos, lambendo minha carne e eu me movimento em um vaivém, tirando devagar e metendo com força. Chupo seu pescoço e sinto como se estivesse exorcizando os dias que pensei que a tinha perdido.

Ela parece fazer o mesmo.

Aumento a pressão, querendo ficar cada vez mais perto e ouvindo-a falar no meu ouvido, beijando-me. Deixo meu corpo ficar mais em cima dela, estendo meus braços e pego sua bunda, achando um jeito que eu consigo meter com força. Ela está tão molhada, que fico desenfreado.

— Está me sentindo dentro de você?

— Sim!

— De quem você é?

— Sua! — balbucia. — Ah... Eu sou sua... Só sua. Ah... amor — ela geme no meu ouvido se abrindo mais para mim.

— Sente como você está me engolindo? Como está molhada. — Estoco indo mais fundo, ela morde meu ombro e eu o meu lábio. Puta que pariu! Sinto o gosto de metal do sangue.

— Ah... sinto muito — ela diz.

Balanço a cabeça e dou um chupão no seu pescoço, marcando-a e digo:

— Não precisa e agora você é minha.

— Sim! — ela grita porque foi fundo. — Eu sou... para sempre, amor. *Cazzo*. Toda vez que ela me chama de *amor*, fico louco. Faminto por ela.

Meu peito parece que comprime. Não consegue suportar meus batimentos. Não acho que um dia vou me fartar dessa mulher.

Acelero, percorrendo meu orgasmo, sentindo-a mais apertada. Loucamente nós gememos e mexemos juntos. Ganho um arranhão nas costas e rosno quando vejo seu pescoço. Ela grita, inclinando a cabeça para trás e implorando por mais.

— Estou duro *pra* caralho!

Ela chega no seu segundo orgasmo, comigo apenas dentro dela, e eu não paro agora. Também quero gozar. Continuo estocando e batendo bem forte até que gozo violentamente, despejando a minha porra dentro dela. Marcando essa mulher.

Como pode ela me levar do inferno ao céu?

Como ela consegue ser meu anjo e meu demônio?

Ao mesmo tempo que gememos juntos, soltando a respiração falha, suados e sem fôlego, lentamente vamos diminuindo os movimentos. Nos abraçamos com mais força. Madeleine não parece querer se desgrudar, como se estivesse com medo de nos soltar.

E paramos, congelados no meio da cama, agarrados um no outro e fazendo nossos corações acelerados se acalmarem. Seus lábios tocam suavemente a minha pele e arfo com força, concordando com um aceno de cabeça murmuro:

— Não vou te soltar. — Sinto que precisava falar para ela saber.

Madeleine suspira e vai afrouxando o abraço, mas nunca se desgrudando de totalmente de mim. Portanto, abraço-a mais um pouco e sinto seus dedos fazendo um movimento de vai e vem nas minhas costas, acariciando-me.

— Dorme assim comigo hoje?

— Assim? — Indago sem entender.

— É — responde e move o corpo de um jeito que sinto que estou dentro dela ainda.

Afasto minha cabeça do seu ombro e franzo a testa encarando-a. Deixo um beijo no seu nariz.

— Eu sou muito pesado para dormir em cima de você.

— Então só cai um pouquinho para o lado — sugere.

E eu faço o que me pede, permanecendo conectado a ela, mas só um pouco para o lado. Porém, não me sinto confortável.

— Por que você quer isso?

— Eu quero você perto de mim — responde olhando-me nos olhos.

Sorrio achando graça da sua resposta.

— Eu estou sempre perto de você.

— Não — replica. — Eu quero dormir com você *dentro* de mim.

Respiro fundo, dou um beijo na sua testa e saio de dentro de dela.

— Não... Travis... — reclama e tenta me agarrar.

— Calma — digo e faço a gente se ajeitar na cama.

Pego as cobertas nos pés da cama, apago as luzes pelo sensor do controle remoto e ligo o ar-condicionado no baixo. Por fim, nos cubro e me ajeito com ela de costas para mim. Então, como estou um pouco ereto ainda, lentamente meto dentro dela, fazendo-a gemer baixinho. Dou um chupão no seu pescoço e relaxo.

— Está bom assim? — pergunto no seu ouvido, dando um beijo no final no lóbulo da sua orelha.

— Está perfeito.

— Okay, agora durma.

Ela resmunga um sim e não abre os olhos quando sorri.

— Você vai dormir comigo a noite toda?

— Vou, prometo.

— Vai ser a primeira vez — comenta distraída e sua voz está receosa.

— A primeira de muitas, porque agora você é a minha mulher. Pode deixar que vou dormir com você todos os dias.

— Travis... — Seu sorriso vem misturado com meu nome, que morre quando ela suspira sonolenta. — Como eu posso amar tanto você quando já te odiei? Bem... isso foi antes de *conhecer* você.

— O que eu fui e sou com você é apenas entre nós.

Ela abre um sorriso frouxo e concorda assentindo.

— Eu sei e por isso prezo tanto. — Vira o rosto para mim, ficando um pouco de lado e me encara. — Prometo não quebrar essa confiança, amor. Prometo estar a sua altura.

Sinto um orgulho por ouvir isso porque eu sei que ela vai ser incrível e muitos vão temê-la tanto quanto a mim. É sua teimosia que a torna única e maravilhosa para ser minha esposa. E não tem problema nenhum saber que ela me odiou muito antes de aprender a me amar. Porra! Ela ter sentimentos por mim é inacreditável de todas as formas. Eu também a prezo, e muito.

Madeleine se aconchega em mim e rebola, fazendo meu pau massagear seu núcleo. Olho para ela com advertência e murmuro:

— Você disse que era para dormir.

— Mm... mas por que não posso aproveitar, hein? — Ela safada é doce de uma forma tentadora. — Você é tão gostoso e olha como estou molhadinha.

— *Cazzo, lo so. Lo sento, anele.* — E como estou sentindo.

— Segunda rodada?

Como resposta, permito que ela se mexa e aperto seu quadril, fazendo lentamente meu pau ir mais dentro dela e sair.

Mesmo quando acabamos, fico conectado a ela porque também preciso senti-la a noite toda. Não queria, mas preciso admitir que preciso *realmente* dela.

S E T E

Madelaine

Suspiro antes de abrir os olhos, sentindo um calor gostoso me envolver por trás. Um sorriso bobo brota em meus lábios percebendo que Travis está me abraçando. Que ele me abraçou durante a noite toda. *Ele ficou.*

Para quem não gosta e nunca dormiu com ninguém, ele está se saindo incrível comigo. Está sendo maravilhoso enquanto estamos juntinhos na *sua* cama.

Porra! Eu estou no quarto dele, na cama dele e com *ele* às... Olho para o relógio em cima da cabeceira e confirmo as horas: são seis e quinze da manhã.

Sendo irresistível ficar parada, remexo meu corpo esfregando-me no seu e ele resmunga. Sorrio internamente e me viro devagar. Fico surpresa de ele ainda estar dormindo. Suas feições estão relaxadas como nunca vi antes. Estico minha mão e faço um carinho no seu rosto, meus dedos tocam suavemente as maçãs e depois seu nariz, que infelizmente o faz despertar.

Dessa vez, ele resmunga mais alto e a mão do braço que está em cima de mim, desce até a minha coxa dando um aperto. Rio baixinho, deixando meu sorriso bobo mais aberto, e dando um beijo rápido na sua boca, me afasto para poder voltar meu olhar no seu rosto, o flagrando no minuto em que abre os olhos e me encara.

Meu coração quase para. *Dio mio.* Acho que é a primeira vez que vejo tanta suavidade em seus olhos.

— Bom dia — ele me cumprimenta baixo, com a voz ainda mais rouca do que o habitual.

— Bom dia, querido — saúdo-o animada. — Você dormiu comigo de *verdade*?

— Sim, eu dormi — responde neutro e com a testa franzida.

Para ele pode ter sido algo bobo, mas para mim foi especial tê-lo aqui quando acordei.

— O que você achou de dormir comigo? — Mordo o lábio sentindo-me envergonhada de repente.

— Bom. Eu gostei — ele responde e sua mão sobe até minhas costas e desce até minha bunda, e repete o movimento uma... duas... três vezes.

Travis parece adorar passar a mão no meu corpo. Eu, com certeza, amo. Ele continua fazendo como se percebesse meus pensamentos ou nem nota que está fazendo o carinho.

— Mm... e eu estou no seu quarto.

— Nosso quarto — me corrige rapidamente.

— Nosso? — FRANZO a testa.

— Sim, nosso quarto. — Deixa a mão na minha cintura, brincando com os dedos em minhas costelas. — A partir de agora, ele é seu também. Se você quiser pode trazer suas coisas para cá ou pode deixar no outro quarto para ter mais espaço e um lugar só para você.

— Você vai ter um lugar só para você?

— Não, *anгле*. Eu já tenho o escritório e não preciso de muita coisa.

Concordo com a cabeça. Pensando bem, ele tem a casa adjacente, que sei muito bem agora o que acontece por lá. *Negócios*.

— Eu vou pensar sobre isso, mas adorei ficar com você essa noite.

Ele franze a testa, mas logo fica lívido.

— Pode ficar todos os dias. Não acho que tenha mais necessidade de fingirmos que não estamos juntos.

— Você vai querer que a Marinne já saiba? Antes do nosso casamento? Antes você tomava tanto cuidado.

— Ainda vou tomar cuidado e antes era porque... — Pausa e muda de foco. — Você acha que ela já não sabe que a gente está junto? — Detecto o humor oculto em sua voz.

Deixo uma risada escapar e concordo com a cabeça, porque é verdade. Aquela menina é muito esperta e sempre sabe de tudo. Sempre sabe o que falar.

— Falando no casamento... — murmuro mexendo minhas pernas enroladas nas suas, sentindo sua ereção ficando dura. — Quando é que a gente vai poder se casar?

— O quanto antes — responde rápido. — Por mim, a gente já teria se

casado, mas alguém é muito teimosa — brinca comigo e, quando dá um peteleco no meu nariz, sorrio olhando-o nos olhos.

— Eu já passei dessa fase. Superei isso.

— Que bom que você recobrou a inteligência.

Dou uma gargalhada e bato no seu peito brincando com ele também.

— Não seja convencido demais.

— De maneira nenhuma — responde e me pega de surpresa abraçando meu corpo. Ficando em cima de mim no colchão, encaixa-se no meio das minhas pernas e massageia meu sexo com seu pênis endurecido e quente. — Que tal acordarmos *bem* hoje?

Dio mio. Era para eu me sentir tão bem assim?! Tão feliz.

— Todo dia vai ser assim? — pergunto com a voz fraca. Minhas mãos passam nos seus ombros e braços enquanto ele provoca o meu clitóris com a ponta do seu pau.

— Eu acho que pode ser todo dia assim sim, *angele*.

Derreto-me toda quando escuto isso. Quando ele é afetuoso comigo fico boba.

— Adoro ouvir *isso*. — Fecho os olhos e solto um gemido. — Eu sou seu, anjo... Por que eu sou seu anjo?

Travis fica pensativo encarando-me, então solta a respiração com força e toca gentilmente meu rosto.

— É porque... Eu não sei. Você me traz algo de tranquilo dentro de mim como um telhado surgindo de repente em uma tempestade.

Sorrio. Ele sempre gosta de falar por enigmas. E quem sente algo de tranquilo, de bom, agora sou eu. Ganho um beijo no centro dos meus lábios e ele se afasta um pouco, sorrindo sombriamente quase zombeteiro.

— É um telhado muito pequeno, porque a *tempestade* é forte demais, mas eu *adoro*.

Caramba! Isso me leva na borda das emoções. Eu sei que não sou o suficiente para abafar sua escuridão, mas ele também não é sombrio demais para apagar minha luz. Um dia talvez sejamos metade de cada um. Mesmo que apenas para dentro de casa, porque para todos sempre seremos respeitados e temidos. Um dia eu alcançarei seu nível. Almejo isso tanto quanto o seu amor.

Provavelmente estou sendo inocente sobre o mundo e costumes da *Famiglia*, que não enaltece demais as mulheres. Estou sendo uma completa idiota. Sim, talvez sim, mas eu já vou me casar com ele, que admitiu que sou

importante. Posso não ter aquilo que quero agora. Posso não ter o que mereço em troca pelos meus sentimentos por Travis. Mas eu o tenho. Eu sou dele.

— Eu sou sua completamente — digo em voz alta porque preciso que ele saiba. Abraço seu corpo todo com meus braços e pernas, e suspiro sentindo-o apontar seu membro na minha entrada, que está pronta, encharcada para recebê-lo. — E... amo que você me chame de anjo — murmuro.

Travis me fita em silêncio e, por fim, arfa cerrando a mandíbula e mete devagarinho em mim, cuidando para não me machucar. Fecho os olhos enquanto minhas unhas cravam seus ombros. Ainda bem que as minhas unhas não estão tão grandes. Não quero machucá-lo.

— Por que você? — comenta de repente. Parece confuso.

— Por que eu?

— Porque você... — Ele estoca em um movimento profundo. — Você me dá... paz. Um sentimento estranho.

— Paz? — Rio baixo e me controlo para não gemer. — Como eu posso lhe trazer paz se sou tão complicada?

— Mas é sério — afirma sem abertura para duelo.

Embora eu queira ouvir tudo que ele tem para me dizer, e *essa* conversa parece tão pessoal e nos aproximar, quando ele mete até o fim, perco o fôlego e fecho os olhos abrindo a boca. A penetração é tão profunda que fica difícil até de respirar. Porra, como ele é magnífico!

— Mesmo com todos os aborrecimentos, você é isso para mim — comenta como se não estivesse abalado por esse sexo matinal excitante. — A vida não é fácil, *angele*.

Sua voz captura minha atenção e abro os olhos enquanto escuto nossos corpos se mover à procura da libertação de um tesão dolorido. Entre nós sempre é tão intenso. Essa química perfeita.

— Travis — balbucio e puxo-o para beijar sua boca.

Ele chupa meus lábios, minha língua e ondula o corpo, massageando-me por dentro de um jeito alucinante. Que divino.

— A vida não é fácil para ninguém, para nós menos ainda. E você me faz bem, querida. Você é o meu anjo e o meu demônio. Meu céu e meu inferno. E que bom que você é assim, perfeita para mim.

Perco o ar, o sentido e só sei que quero mais dele. Jogo meus braços nele.

— Deixa eu ficar por cima? — Faço meu núcleo o apertar e peço

fazendo minha voz sedutora. — Só um pouquinho.

Travis sorri, me dá um beijo na boca tirando meu fôlego e gira nós dois na cama, me deixando ficar em cima. Eu nem tenho tempo direito para aguentar a sua invasão até o fundo.

— Oh! — grito jogando a cabeça para trás e, quando começo a cavalgar em cima dele, respiro fundo de boca aberta e gemendo.

— É por isso que você é meu anjo — sua voz vem acompanhada da sua mão afagando o meio do meu corpo, meus seios e minha barriga. — É linda, suave e meiga. Too sexy e gostosa. Perfeita!

Ouvir sua voz e ter sua força em mim é tão bom. Fixo meus olhos nos seus ficando sem ar, abro a boca e meu cabelo fica entre nós, é uma imagem sexy de nós dois. Ele segura meu rosto, flexiona as pernas e bate para cima, para dentro de mim enquanto eu deixo meu corpo subir e descer até que deixo-me cair em seus braços. Sinto-me fervendo, enlouquecendo.

— Eu nunca quis tanto alguém como você. Como eu gosto de foder com você, *mi angele*.

Solto a respiração gemendo e remexendo. E quando ele se senta, fica quase dolorosa a invasão do seu corpo no meu.

— Você é meu inferno — ele diz a última palavra e une nossas bocas.

É um beijo eufórico e louco, tal como nossos corpos procurando o orgasmo, que chega alucinante. Deixo minha cabeça cair para a frente e encosto no seu ombro, minha boca passando no seu rosto. Dou beijos em seu pescoço e sorrio pensando que voltar para Las Vegas foi a melhor coisa da minha vida, só demorei para entender. Para ver isso e que Travis me salvou.

Caio para a frente quando ele deixa o corpo se deitar na cama de novo me levando junto, abraçando-me bem forte. Eu suspiro totalmente sem fôlego e ele relaxa.

— Se for assim todos os dias ao acordar do seu lado, acho que fui uma idiota por ter demorado tanto para te dizer *sim*.

Travis me surpreende soltando uma gargalhada e me dando um beijo surpresa no ombro enquanto suas mãos afagam minhas costas.

— Eu já sabia disso.

Rio e me remexo em cima do seu corpo espetacular.

— A gente pode se casar antes do Natal, hum? — sugiro.

— A gente já tinha falado sobre isso — ele fala confuso.

— Eu sei. — Levanto a cabeça para enxergar seu rosto. — Sim e por mim pode ser quando você quiser, mas, já que o Natal está chegando, acho

que vai ser bem legal, só falta os detalhes.

— Eu já falei com seus avós.

— O quê? — Levanto mais meu corpo encarando-o.

Ele faz uma cara de culpado antes falar:

— Eu tinha muitas coisas para resolver e mandei uma mensagem dizendo que precisava falar com eles e no fim da tarde consegui falar com seu avô.

— E?

— E eles ficaram muito surpresos, mas aceitaram.

Reviro os olhos e me deito em cima dele de novo.

— É claro que eles aceitaram me casar com o *Capo* de uma das *Famiglie* mais poderosas dos Estados Unidos. Quem em sã consciência recusaria?

Travis não diz nada sobre meu comentário.

— Eles falaram que virão para o casamento e que, já que estamos namorando, o casamento tem que ser rápido. Eles não querem um escândalo maior na família deles do que já tiveram com o marido da sua mãe e a traição do seu primo. A *Camorra* não precisa de outro motivo para querer expulsar sua família da Itália.

Suspiro alto. Tinha tanto tempo que não ouvia falar da *Camorra*, a *Famiglia* de origem do *clã* da minha mãe: os Beluzzo. Ela foi uma idiota traindo-os quando deixou seus vícios serem maiores. Ser dada ao meu pai deveria tê-la deixado ciente de que precisava ser leal. Ela foi usada como peça do xadrez da máfia. Casar uma filha da *Famiglia* com um homem de *fora*. Porém, mamãe só fez escolhas ruins e preferiu fingir que se casar com papai foi a forma de “sair” da ligação com a *Camorra* e a *Cosa Nostra*, origem dos dois maiores *clãs* que já comandou a *Lawless*. Os Lozartan estão no poder há cinco gerações.

A avó de Travis, Giulia Caputo, é da *Camorra*, e o avô, o temido Vincenzo Lozartan, da *Cosa Nostra*. A família Lozartan precisou pedir ajuda a *Camorra* quando muitos homens da *Famiglia* foram pegos e muitas alianças rompidas com o mundo corporativo e político, tudo porque um filme foi feito e muitos segredos do submundo das organizações criminosas revelados por um *ex-Capitão* – preso e usado para delações. Imediatamente esse homem com certeza não fora mais um *Homem de Honra*, como todos os *Madman* são. Muitos já foram pegos, mas guardaram os segredos. A *Omertà* é o código de honra mais forte do nosso mundo. Rompê-la é uma sentença de

morte sem escapatória.

O resumo da história, é que o mundo moderno precisou ser estabelecido entre as *Famiglie*, que aprendeu a duras penas a crescer ainda mais sob as sombras. Manipulando, chantageando e organizando cada canto que comanda, e não só na América, como na própria Itália e no mundo. A *Cosa Nostra* precisou se reinventar para não ser derrotada pela política moderna e a quarta *Famiglia*, que surgiu diante do caos. A *Sacra Corona Unita*, que também está infiltrada em uma das *Famiglie* dos Estados Unidos. Não sei qual, mas não é a *Lawless*.

Odiar esse mundo é bem diferente de não se interessar e saber das coisas. Eu fui mandada para longe por saber de mais, não de menos. Os *homens* não gostam que as mulheres saibam dos seus assuntos. Meu pai não fazia questão de esconder os detalhes, porém se deu mal se abrindo demais. Acho que por isso tentou me calar.

Ora, ora, olha onde estou agora. Nos braços do *Capo*. Saber ainda mais sobre as ações da *Famiglia* será inevitável.

— Está perdida em pensamentos? — Travis pergunta beijando meu ombro e suas mãos descem até poderem apertar minha bunda.

Rio e deixo um beijo no seu peito.

— Não... eu só... — Solto a respiração. — Você já resolveu o problema de Lorenzo? Descobriu o motivo dele fazer aquilo?

— Não e eu vou precisar ir para Denver falar com o *Underboss* de lá.

— Vai tentar descobrir o que de fato aconteceu?

— Orazio deu algumas informações.

— Hum... e resolveu as coisas com ele pelo menos?

— Eu posso dizer que sim. — Travis sorri sombrio. — Mas você conhece Orazio.

— Muito bem — comento sem vontade e fico calada. Penso um pouco antes de perguntar: — Acha que o pai da Bárbara está traindo você?

— Não acho que chega a ser tanto, mas ele é muito ambicioso e não sei até que ponto. E eu não gosto como a família dele é. Inclusive a esposa.

— Ela foi uma das pessoas que falou de mim, por isso que você está zangado?

— Não tem nada a ver só com isso, embora eles estejam proibidos de falar da minha esposa.

— Da sua esposa? — pergunto rindo.

Ele aperta minha bunda e seus olhos brilham em um sorriso contido.

— Só eu posso falar e brigar com ela quando fizer besteira.

— Eu não faço besteira — digo na defensiva.

— Tem certeza?

Dou uma risadinha e encosto a minha testa na dele, sentindo-me tão bem.

— Eu te amo, Travis Lozartan.

Seus braços me apertam mais forte e eu ganho um beijo no rosto, então suspiro porque adoro quando ele está assim. Eu sei, dentro de mim, que ele sente alguma coisa por mim. E pelo que eu sinto por ele, irei respeitar o tempo que levar para ele entender e aceitar o que somos: amantes. Não é apenas tática essa relação. Eu sei, ele sabe, porém não fala. Entendo-o, pois a verdade é que ele não sabe o que é o amor, por isso somos tão parecidos. Ele não recebeu amor e eu tive tão pouco na vida. Agora fomos apresentados a este sentimento e ficarmos confusos, é natural. Até para quem teve uma vida normal, estar apaixonado assusta.

E não importa nada disso. Travis é muito bom para quem precisa dele, precisa dos seus cuidados. Sinto-me feliz de ser uma dessas pessoas e, quando tivermos nossos filhos, sei que será um pai tão incrível quanto foi para Mari. *Dio mio*. É tão estranho eu amar tanto e sentir ciúme dele. E eu quero tanto que ele seja feliz, na medida do possível, e que a Fera se apaixone pela Bela. Pois é basicamente isso. Eu me apaixonei perdidamente pela Fera, que tem um coração muito bom, mas muito mau também, que desejo preencher esse pedaço da sua vida. Embora a verdade indulgente de que ele é um monstro e merece sofrer os seus pecados, não me interessa. Eu quero que ele seja feliz, e *eu* farei isso.

O I T O

Travis

Deixar aquela mulher linda na cama, foi bem difícil, mas eu precisava fazer. Há muitas coisas para resolver e não posso deixar para depois. Inclusive o nosso casamento que tem certa urgência, porque sei que, de alguma forma, o que Lorenzo fez tem a ver com Madeleine. Tudo tem a ver com a *Bratva*. Só não sei o que ainda, mas vou descobrir.

Terminando de colocar o meu paletó, saio do quarto deixando a porta aberta como faço todas as vezes para uma das meninas da casa limpar. Passando pela porta do quarto de Madeleine, dou uma batida de leve e ela grita:

— Já vou!

Sorrio e eu nem sei o porquê. Eu apenas me sinto estranho e errado. Um pecador por estar feliz. O diabo não deveria ser abençoado, ser feliz.

Eu nunca fui, em nenhum momento, inteiramente satisfeito, feliz, tranquilo. Aprecio a vida sempre e principalmente as coisas que o dinheiro pode pagar, e que eu posso ter, porém nunca fui feliz e nunca procurei aliás. Não estava no meu repertório, e agora me sinto assim. Tenho quase certeza de que é por causa dessa mulher do outro lado da porta, que surge na minha frente com um vestido vermelho escuro, minha cor favorita. *Cazzo*.

Ela sorri e coloca as mãos na cintura olhando para mim. Eu apenas digitalizo seu corpo dos pés à cabeça. As sandálias claras, pernas nuas porque a saia do vestido pregado é curta e um decote V muito lindo com as mangas três quartos preta. Os cabelos castanhos soltos e uma leve maquiagem. Vestida assim, ela parece muito mais nova do que é, e tentadora.

Chego mais perto, coloco minhas mãos na sua cintura e puxando-a dou um beijo na sua boca rápido e meu corpo volta a querê-la jogando sangue

para a cabeça de baixo e não para a de cima. Merda, esse não é o momento para pensar nisso e eu já era para estar satisfeito de ontem e hoje. Caralho! Já transamos cinco vezes desde que reatamos e não sei por que ainda estou tão faminto por ela. E o sorrisinho que ela dá para mim, me diz que também me quer de novo.

— Agora — murmuro afagando suas bochechas com os polegares, descansando meus outros dedos no seu pescoço —, eu preciso resolver um monte de coisas, mas quando chegar em casa a gente faz o que você quiser.

Ela morde o lábio inferior, prendendo o riso e concorda com a cabeça antes de dizer em voz baixa:

— A gente tem que aproveitar porque a Marinne vai chegar mais cedo essa semana.

— Por que ela vai chegar mais cedo?

— Ah! Eu esqueci de te dizer — comenta, fecha a porta do seu quarto, pega minha mão e me puxa para as escadas, para o andar de baixo.

Dou uma olhada em Enzo aos pés da escada e ele parece que está vendo um dragão com duas cabeças na frente dele ao fazer uma careta curiosa. Então percebo que Madeleine está de mãos dadas comigo, o que realmente é inusitado, mas eu não vou me afastar. Não quero! Essa é a verdade.

— Essa quinta-feira é Ação de Graças e eu sei que vocês não comemoram, mas eu acharia legal. — Ela para no meio do caminho e se vira para mim com os olhos ansiosos. — Se você topa, é claro. A casa é sua.

Pego seu rosto entre minhas mãos e balanço a cabeça negando.

— Não, a casa é nossa e você pode fazer o que quiser. E eu nunca comemorei Ação de Graças porque...

— Eu sei. O seu pai não gostava e vocês não foram acostumados, só que agora a gente podia comemorar. — Sorrio sem jeito. — Vai ser uma coisa nova que eu vou trazer para a casa. Por vocês.

— Tudo bem e não precisa ficar tentando me convencer. A casa é sua e você pode fazer o que quiser.

— Amor... — Então ela para e engole em seco.

Viro o rosto e vejo Enzo, e acho que é por isso que Madeleine parou. Ela percebeu aonde estamos. Respira fundo, endireita a postura e se afasta um pouco de mim, o que eu não gosto.

— Travis, eu sei e não custa nada perguntar. Embora eu me case com você e essa casa também virá a ser minha, não posso chegar e simplesmente

mudar tudo de repente.

— Eu sei e está tudo bem. Acredite em mim.

Ela abre um sorriso, assente concordando e sem dizer mais nenhuma palavra vem para o meu lado. Entrelaça seu braço no meu e voltamos a caminhar até a sala de jantar para tomarmos nosso café da manhã, que já está na mesa e Rosália me dá um olhar conhecido de muitos anos da minha vida: afeto e cuidado.

Porra, por que que eu estou sendo tão mulherzinha?

Solto o ar com força e me junto a Madeleine tão abruptamente, que me odeio por ter feito isso e ver o olhar no seu rosto de confusão. Quando ela se senta na cadeira ao meu lado, percebendo que estamos sozinhos, pego sua mão em cima da mesa e dou um aperto. Ela parece que simplesmente me entende no olhar e me dá um sorriso meneando a cabeça que sim. Eu sabia que ela seria perfeita. Minha esposa.

— A gente pode se casar no dia de Ação de Graça. Não acha uma boa ideia?

Esta porra realmente saiu da minha boca?

— Travis... — Ela dá uma gargalhada. — Eu acho que não. Você é o *Capo* e precisa ter um casamento grande e... — Baixa o rosto parando de falar.

— Você quer um casamento grande?

Dando de ombros, ela volta a olhar para mim.

— Eu nunca pensei em me casar, não de fato, e muito menos com alguém tão importante, mas já que vai acontecer... por que que eu não posso ter um casamento aonde vou ter um vestido bonito, uma festa bonita e grande? Eu já não tenho muita gente para comemorar esse dia, meus pais estão mortos e meus avós só virão por pose. Então, pensei que poderia ser pra você, sua família e a Marinne. Eu sei que ela vai gostar. — Respira fundo e parece que ganha confiança quando muda o tom da voz. — As pessoas têm que saber com quem você vai se casar e eu já disse; quero estar à altura. Você não pode simplesmente ter um casamento tão simples e rápido. Acho que no Natal é um ótimo plano. É basicamente daqui a um mês.

— Está bom. No Natal, a gente se casa. Eu estava brincando.

Ela ri e engole o comentário, pois Rosália volta colocando as frutas cortadas no prato dela.

— Obrigada.

— Não há de que, senhora — Rosália diz e volta para a cozinha.

— Quando você vai viajar?

Tomo um gole no meu café e coloco a xícara de volta na mesa e pego o jornal, que eu sempre dou uma olhada apenas no que é muito interessante para os meus negócios: o mundo imobiliário, economia e como a política anda. Eu tenho que ficar de olho neles. Quem cai, quem sobe, quem fala merda e, de vez em quando, quando os meus “*amiguinhos*” aparecem nos jornais e revistas. Vitorio Malvez sumiu do radar e eu quero saber o porquê.

— Agora com a festa, na quinta-feira de Ação de Graças, irei na tarde de sexta.

— Então você ia antes?

— Ia, mas não tem problema.

— Se quiser...

— Madeleine — eu a paro antes que ela comece a fazer um discurso. Realmente eu não quero que seja esse tipo de mulher. — Eu posso muito bem adiar algumas coisas. Não tem problema nenhum e eu não quero que você fique me obedecendo vinte e quatro horas por dia. Eu não quero que seja assim.

Ela fica sem fala e baixa o rosto pegando um pedaço do morango.

— Foi mal.

— Olha para mim — peço e ela faz, então volto a pegar sua mão. — Eu não quero que você me obedeça e que não tenha voz, ou que não me peça alguma coisa. Algumas vezes vou dizer não, pois algumas situações não vou poder, mas essa é uma exceção e não tem problema nenhum. Você vai ser a minha esposa e já se considere assim, por favor. Eu não quero que você me tema. Não quero isso.

— Eu sei, desculpa. Eu ainda estou me acostumando com tudo isso — ri baixinho, nervosa.

— Se acostumando comigo ou se acostumando que também vai ser a senhora dessa casa?

Não sei por que, mas isso faz ela abrir um sorriso gigante. Ela se levanta, tira o jornal da minha mão, colocando-o na mesa, e se senta no meu colo devagar, tendo cuidado para não amassar a minha roupa.

— Eu prometo que vou parar de fazer isso e vou cuidar muito bem da casa — murmura passando as mãos suavemente nos meus ombros. — Vou cuidar muito bem do meu maridinho e se você quiser...

— O quê?

— Eu queria também ajudar você em outras coisas. Não quero ficar

dentro de casa sem fazer nada e só sair para fazer compras.

— Eu tenho ideias para você, mas me diga o que você gostaria de fazer?

— Talvez eu possa ajudar no cassino. Se você não sabe, agora vai ficar sabendo. — Abre um sorriso aberto, que a deixa com cara de menininha. — Eu fiz faculdade de Contabilidade e gosto de números, de fazer contas. E... se você não tiver um contador... eu posso ser a sua. — Ergue as sobrancelhas mostrando insegurança, dando de ombros. — É tão fácil fazer isso. É quase uma bobagem. E, quando você precisar viajar, eu... fico de olho nas finanças e no que precisar. A casa, Marianne e no Dario.

Solto uma risada e aperto sua bunda fazendo-a pular no meu colo.

— Ai!

Beijo sua boca para desculpar-me e digo:

— Eu não sei se é bom você estar perto de mim no trabalho, mas a gente pode pensar nisso. Obrigado pela oferta.

— Vai pensar com carinho?

— Vou sim. — Beijo-a de novo. — Eu prometo e queria falar com você sobre algumas coisas que a esposa do *Capo* pode fazer para me ajudar.

— Diga-me! — Madeleine pede toda entusiasmada.

— A *Lawless* contribui com algumas ONGs e lares carentes, e por enquanto, como até o momento eu não tinha me casado, as duas que ficam em Las Vegas e Reno, quem cuida é Mia Calvin, já que em Carson City meus avós residem e cuidam de lá, claro que com a ajuda de Lucian. O *Consigliere* do meu avô, seus braços e pernas quando é preciso. Enfim, a esposa de Paolo cuida de visitar e ir às festas e...

— Paolo é casado? — pergunta arregalando os olhos.

Rio e assinto dizendo:

— Sim e a esposa dele, Mia Calvin, ajuda nessa parte, mas agora que eu tenho você — deixo a frase morrer.

Madeleine sorri abertamente.

— Eu vou adorar te representar, amor. — Dá de ombros. — Então está combinado e depois falamos sobre outras coisas.

Me dá um beijo e sai do meu colo voltando a se sentar na cadeira. Ainda bem. Já basta de fazer cenas na frente dos empregados.

— Está rindo por quê?

— Nada.

Ela balança a cabeça, ignorando-me e come seu café da manhã.

Não é uma má ideia Madeleine ajudar em alguma coisa em um dos cassinos ou nos hotéis. Eu vou ficar um pouco preocupado, mas acho que Luca pode resolver esse problema para mim e me tranquilizar. Talvez terei uma grande discussão com Paolo sobre isso e estou preparado. Ele tem que aceitar minhas ordens, não ao contrário. Fora que sinto que Madeleine e ele, em algum momento, vão se dar muito bem. Ainda não sei quando, mas vai acontecer.

Olhando de canto de olho, vejo Enzo no batente da porta. Ele espera nós nos concentrarmos em comer e finalmente se aproxima. Pede licença dando um bom-dia e se senta em frente à cadeira em frente a Madeleine, e bem perto de mim também. Dou uma boa olhada nele tentando ver se precisa falar comigo, mas pelo visto não.

Desde que descobrimos que Orazio não tinha muito conhecimento sobre Lorenzo e seus interesses, Enzo parece bem irritado. E ele vai ficar em Las Vegas enquanto eu vou para o Colorado. Quero que ele fique de olho em Orazio. Ele pode ser mais novo, onde há um conflito muito maior entre meu General e meu *Capitão*, mas é quase maníaco por controle e verdades “absolutas”. Enzo não tolera histórias contadas pela metade e *meias-verdades*. Por isso é meu *Capitão*. Ele sabe como extrair, na dosagem certa, informações dos soldados mais próximos de mim, por isso ficou muito puto com Orazio por não saber quem era Lorenzo, um soldado sob sua supervisão. De fato, é revoltante, mas tenho planos para aquele linguarudo.

Fora que Enzo ser o mais novo *Capitão* que já existiu na *Lawless*, me traz muitos olhares desgostosos pela *Famiglia*. Ele foi o primeiro homem que nomeei assim que assumi o posto de *Capo*, e a primeira vez que Paolo teve certeza de que eu faria uma boa liderança.

Enzo foi filho do melhor *Capitão* da *Famiglia* e vem de uma família com gerações honrosas. Lealdade e dever são duas coisas que descrevem os Colombo. Ele é um bom homem e todos sabem que algumas cidades terão novos *Underboss* e ele é um dos nomes que penso para assumir uma delas. O que faz Orazio não gostar dele e sempre ter a ousadia de me repreender sobre o que mando Enzo cuidar.

Na reunião que tive com Orazio deixei claro que penso nele também para ser meu *Underboss*. *Merda*. Essa decisão é quase que com urgência depois de morrer o subchefe da Califórnia. Porém, ele sabe o que penso dele. Um velho desprezível e linguarudo.

Putá que pariu, imaginar ele como meu *Underboss* me tira do sério

porque ele sabe que comando meus homens com pulsos de aço e irei colocar apenas homens que confio para governar minhas cidades e *meus* negócios. A maioria já são velhos e nojentos que seguiam ordens do meu pai, que era outro velho asqueroso, mas eu vou esperar dar tempo ao tempo. Os que estão subestimando meu poder vão cair como jogos de dominó em uma pilha triangular.

De qualquer forma não posso ficar matando todo mundo que vejo na minha frente. Não quero parecer um descontrolado ou um *Capo* sanguinário. Quase um psicopata como meu avô é na Itália no comando da *Camorra*. O pai da minha mãe é um *Boss* doentio e maníaco. Todos falam que puxei ele no temperamento e desconfiança. Meu pai era mais tático e visava dinheiro, não poder que no fim se resumia a isso.

Contudo, confesso que tenho vontade de exterminar uns e outros. Uma vontade que não passa e, apesar do meu pai não ter um irmão vivo, a minha mãe teve sete irmãs e três irmãos. Meu avô se casou três vezes e teve filhos com todas. E como manda a tradição, suas filhas e seus filhos se casaram, e cinco deles vieram para a América quando foi feita a aliança. Alguns até se casaram com mulheres nascidas na *Lawless* e, para não ficarem por baixa, os homens tiveram cargos importantes.

Portanto, tenho hoje quatro tios como meus subchefes, dois casados com minhas tias; uma ficou viúva e não se casou, mas tenho três primos. E só um deles eu confio. Não o suficiente para ficar muito próximo, apenas o necessário. Meu tio Nero não me inspira boa coisa e ficarei feliz quando morrer.

Terminando de tomar meu café, dou um olhar para Enzo e ele entende, pedindo licença e levantando-se da mesa antes de mim.

— Foi um prazer, Enzo — Madeleine fala polida e sorri cordial para ele.

Meu *Capitão* faz um meneio com a cabeça e sai da sala de jantar, deixando-nos sozinhos.

— Eu preciso ir agora — aviso e me levanto.

Fico surpreso vendo-a fazer o mesmo e chegar perto de mim. Ela ajeita meu paletó e a gravata. Toca meu rosto como sempre faz e eu me inclino para dar um beijo na sua boca. Estou ficando estragado com esta afeição. Já me sinto acostumado com isso. Com o fato de ter alguém me esperando em casa.

— Tenha cuidado, está bem? E coloca medo em todo mundo.

Rio, balançando a cabeça e dou um beijo nela de novo.

— E você também coloca medo em tudo.

— É claro que sim! — ela zomba e, quando pensa em me acompanhar, me viro e coloco a mão nos seus ombros.

— Não, por favor, fique e tome o seu café da manhã. E se você quiser fazer ou precisar de alguma coisa, Luigi chega daqui a pouco. Não saia sem ele.

— Está bem e eu estava pensando em ir à loja de noivas.

Sinto uma estranha explosão dentro do meu peito quando ela fala isso, que extermínio rapidamente.

— Okay. Me diz quando você for e se precisar de alguma coisa.

— Eu só vou precisar do seu dinheiro. — Dá de ombros.

Cerro os olhos e a corrijo, mais uma vez:

— Nosso dinheiro, repete para mim.

Madeleine morde os lábios rindo e, em seguida, repete o que pedi:

— Nosso dinheiro.

— Mas você acredita nisso?

— Mmm...

— Não! — Paro seus pensamentos. — É o nosso dinheiro, não meu dinheiro. Para de pensar assim.

— Está brigando comigo?

Vejo em seus olhos que foi um comentário engraçadinho. Rebelde como sempre.

— Não, não estou brigando com você. Eu quero que você entenda, *angele*.

— Tudo bem — assente resignada. — É o nosso dinheiro. A nossa casa. A nossa Las Vegas?

Fico dois segundos pensativo e digo baixo, fitando fixamente seus lindos olhos azuis. Eu sei que ela falou brincando, mas gostei disso.

— Sim — afirmo. — A nossa Las Vegas. — Beijo sua boca com fome, mas me afasto antes de cometer a loucura de fodê-la na mesa do jantar. — Preciso ir agora e você pode começar a preparar o nosso casamento.

Ela assente e morde o lábio inferior. E um alarme explode na minha cabeça.

Cazzo. A aliança.



O trajeto até o hotel foi longo demais para os meus pensamentos, mesmo com Enzo passando algumas notas sobre os novos iniciados que começarão na próxima semana. Eu só espero que eles não me encham tanto o saco quanto meu irmão mais novo, que já tem dois anos como um *homem feito* e não fez nada de útil. Dario tira a pouca paciência que me resta com suas aventuras e rebeldia. Todo dia penso em uma forma de ele mudar sua visão do seu dever para com a *Famiglia*. Não quero precisar resolver esse assunto com medidas trágicas.

Assim que piso no *lobby* do Bellagio, avisto Luca ao lado de Paolo. Aproximo-me deles, dou um aceno de cabeça e seguimos o caminho para o escritório. Escuto Paolo falar sobre os assuntos do cassino, mas confesso estar distraído.

— Você está me ouvindo?

— Estou, mas preciso fazer uma coisa importante agora.

— Mais importante do que resolver o problema da fileira de máquina com defeito do cassino e a procura de um novo *Dealer*?

Fecho ainda mais minha cara e continuo meu caminho para o destino que *eu acho* mais importante.

— Eu sei que é indispensável resolver todas essas coisas, mas de qualquer forma não vou sair do *hotel*. Eu apenas irei desviar meu caminho por breves minutos. De qualquer forma, Paolo, você pode ir na frente e ajeitando tudo. Você está aqui para justamente me aconselhar e muitas vezes mastigar os problemas para mim ou já resolvê-los — respondo trocando a rota do caminho.

Luca, que surge ao meu lado, me dá um olhar estranho antes de perguntar:

— Quando é que nós vamos para Denver? Sei que precisamos resolver o problema com urgência, então se você quiser já preparo o voo para hoje à noite.

— Nós vamos na sexta-feira cedo. Tenho compromisso na quinta-feira. Você vai chegar antes, na quinta de noite.

Ele franze a testa e nos olhos vejo o entendimento do porquê preciso que chegue antes. Como falei ontem, preciso dos serviços dele em Denver. Paolo e Enzo ficarão para cuidar de tudo.

— Você tem algo mais importante do que acatar as ordens do seu *Capo*?

— É claro que não, senhor. Só fiquei surpreso. Pensei que você só iria conversar... — corrige rapidamente. — Falar sugestivamente com o Costa.

Paro e me viro para ele.

— *Sim, nós vamos conversar com ele, mas não só isso. Eu não tenho muitas dúvidas sobre o que eu quero fazer com ele* — falo em italiano para ninguém entender a não ser meus homens e volto a caminhar, agora mais devagar.

— *Eu sei que você odeia quase todos os Underboss, porque todos vieram de nomeações antigas e do seu pai. Essas hierarquias precisam mudar, você sabe o que penso.*

— *Concordo* — Paolo fala e eu olho para ele. — *Porém, você tem que parar com essa vingança desenfreada. Essa vontade de querer aniquilar todos eles. Nem todos são filhos da puta.*

— *Eu sei que nem todos são miseráveis como meu pai foi, mas Costa é um desses e eu não quero mais que ele trabalhe para mim. Você já pode procurar nomes para substituí-lo.*

— *Você não vai interrogá-lo? Já irá rebaixá-lo? O que vai fazer com a família dele?*

Respiro fundo e engulo a saliva de tanto cerrar os dentes.

— *Eu não sei. Quando chegar lá vou ver a cara dele e vou fazer algumas perguntas, dependendo de como ele reagir, permanece vivo ou... não. A família dele, você sabe muito bem como trabalho. Não se preocupe com eles.* — Deixo claro minha intenção.

Paolo não vai me obrigar a fazer o que eu não quero.

— *Entendido. Você está sendo bem claro. Eu apenas perguntei porque me preocupo quando as pessoas começam a falar e você nunca gosta de certos comentários.*

— *Obrigado, Paolo.* — Sou sincero sobre isso. Não é do seu feitio ser atencioso e muito menos falar na frente de outros.

— É o meu dever, Travis. — Ele meneia a cabeça e me encara fixamente.

Demoro para compreendê-lo até que ele olha para a loja que estamos na frente, onde eu parei: na *Harry Winston*.

— Por que a gente está aqui?

Ergo a sobrancelha e respondo em inglês, não é um segredo mais.

Para ninguém dentro ou fora do meu mundo.

— Porque preciso comprar uma aliança para a minha noiva. Madeleine merece um belo anel. Não tem como oficializar um pedido de casamento se a mulher não tem uma aliança.

— Você vai continuar com isso?

— E você vai continuar teimando comigo sobre a esposa que eu escolhi? Pare, pelo amor de Deus, homem! Não me irrite. Esse assunto já morreu. Eu vou me casar com Madeleine Beluzzo e você vai calar sua boca, porque não tem que aceitar ou deixar de aceitar minha decisão sobre isso. Ela é uma mulher da *Famiglia*, honrada e quem eu quero.

— Pensei que você só iria ficar com ela, pelo namorico que vocês tiveram.

— Não, não é só por causa disso. — Meu tom é sério e mortal. — Ela vai ser boa para mim, para a *Lawless* e não quero mais falar sobre isso, apenas aceite. Respeite minha decisão, porra! E como tal, esse recado é para todo mundo, não só para a família de Orazio, que falou demais, ou qualquer soldado que andou com a língua solta. O que não deve jamais se repetir. Falar mal dela terá a mesma penalidade das consequências da *Omertà*.

Ele arregala os olhos. Sabe muito bem o que significa e o quão longe estou.

— Se precisar falar algo sobre Madeleine, fale comigo.

— Eu não a acho uma escolha ruim, mas não é uma escolha tática.

— Tudo bem. Já entendi seu ponto. O importante é que ela é minha escolha e não vou mudar — digo firme e entro na loja de joias.

Escuto Luca falar baixo com Paolo em italiano mais uma vez:

— *Eu acho que uma hora você vai se arrepender de estar renegando tanto Madeleine.*

— *Espero que você esteja certo.*

— *A sua preocupação é plausível, Paolo* — murmura Luca e me segue até o balcão.



Não me demoro muito na loja, e depois de escolher e pagar a aliança, finalmente saio e sigo para o meu escritório e dou de cara com Colen sentado no sofá de três lugares, os pés apoiados na mesa de centro.

Peço para Luca sair dando as ordens:

— Espere aqui fora e, Paolo — meu *Consigliere* vira-se para mim. —, coloque Renan na sala de interrogatório e prepare logo tudo.

Sala de interrogatório é o local onde “conversamos”, ou punimos, os funcionários que nos roubaram ou fizeram merda no cassino ou no hotel. Nem sempre *sumo* com eles, mas dou um bom castigo para se lembrarem. No fim, eles somem, vão para outro estado. Muitas vezes sob meu domínio, somente longe das minhas mãos. Renan não deveria ter manipulado as cartas e sacaneado os jogadores na mesa de pôquer. Sou um criminoso, porém respeito muito meus clientes.

A sorte e o azar de quem entra nos meus cassinos, é determinada por seus passos. Se escolheram um bom dia para apostar ou uma das máquinas “vencedoras”. Dizer que tudo em um cassino é limpo, é uma piada de mau gosto. Tudo é manipulado e os vencedores saem quando os donos determinam. Eu cuido dos jogos desde que meu pai permitiu – já que seu foco era chantagem e transações de lavagem de dinheiro – e gosto desta parte do meu trabalho. Sujo as mãos de forma clássica e sem sujar meu paletó.

Paolo acena que sim e se afasta junto com Luca. Entro no meu escritório de vez e caminho até a minha mesa.

— Que bom que você apareceu — falo para Colen.

— Que exagero, só tem dois dias que você não me vê e fico feliz que está recuperado.

Agradeço com um aceno.

— Sim, mas você deveria estar por perto. Você sabe que a situação está complicada. Não importa que tenha apenas dois dias que sumiu, me deixou nervoso.

— Tudo bem, Travis. Mas é melhor se acostumar a não me ver. Estou indo para Boston.

— Por que você não espera o dia de Ação de Graças?

Ele franze a testa, sem entender.

— A gente não comemora Ação de Graças.

— Esse ano vamos.

— Por causa da sua mulher?! — Ri no final.

— Não entendi o seu deboche.

— Ah! Deixa de onda, Travis! — fala confortável e tranquilo. — Estou brincando. Porque você vai se casar e é bem estranho. — Mexe a sobrancelha.

Concordo com ele e olho para mim mesmo colocando na mesa a sacola do anel.

— Comprou um presente para ela?

— Comprei a aliança.

— Caralho! — Colen se levanta. — Agora, é sério mesmo. — Solta a respiração, chega perto da minha mesa, me encara e fala: — Enfim, espero que tudo dê certo para você e para ela. E eu volto para o casamento.

— Você vai estar aqui.

— O quê?

— Vai ser antes do Natal, no dia vinte e três.

— Já escolheram? — indaga sério.

— Sim, já escolhemos. O quanto mais cedo, melhor.

— Ela está grávida?

— Não! — Minha pulsação até acelera. Caralho! E tento me controlar para não demonstrar meu nervosismo na frente do meu irmão. Engulo em seco, e continuo: — Não é por isso, mas ela já está morando na minha casa.

— E vocês já transaram.

— Sim, e isso tudo já é um escândalo de qualquer forma. Nós estamos tentando diminuir os danos e... sobre uma gravidez. Não sou um completo leigo. Pode sim acontecer a qualquer momento e eu não quero que as pessoas falem que o bebê é um bastardo, e que vamos nos casar por causa disso, porque não é.

— Concordo com você, irmão. Agora — enfia as mãos nos bolsos —, se você me permite, eu tenho que ir e, por favor, não faça disso um problema. Você sabia que eu ia voltar para Boston para terminar a faculdade. Só falta mais um período, me formo em junho e acaba.

— Que ótimo que só falta tão pouco.

— Sim e vai passar rápido.

Concordo com um aceno e dou a volta na mesa para apertamos as mãos.

— Fica de olho no Dario. Coloca ele dentro da sua casa, não confio nele sozinho.

— Eu sei. Ele precisa tomar jeito senão vai acabar *tomando* por mal. A gente só sente a realidade do nosso mundo durante os anos. Eu não queria fazê-lo sofrer as consequências das suas escolhas, mas talvez tem que ser necessário. Na próxima será a última.

Colen respira fundo nitidamente nervoso.

— Tudo bem, vou mandá-lo ir para a sua casa ficar com vocês.

— Okay. Agora eu tenho que ir, meu voo é daqui a meia hora.

— Você é rápido. Nunca me dá brecha.

Ele sorri e bate uma continência para mim. Balanço a cabeça indo e o vejo sair da minha sala, e logo aparece Paolo.

— Preciso que você verifique o pedido com o novo *Dealer*. E já reservei duas passagens de avião para sexta-feira.

— Okay, Paolo. — Sento-me na minha cadeira e mexo no mouse para ligar a tela do computador. — Preciso que você ligue para Boston. — Direciono meu olhar para ele. — Pede para Solo ficar de olho em Colen, mas que ele seja tão imperceptível quanto possível. Não quero que Colen fique revoltado de novo porque eu mandei alguém segui-lo, embora ele saiba que vou fazer, é bom evitar esses conflitos com meu irmão.

— Sim, Travis — Paolo diz e sai imediatamente.

Sozinho, relaxo meu corpo fazendo a cadeira reclinar e pego a sacola. Tiro a caixa do anel de dentro e abro. Fixo o anel, o diamante. Está tudo certo, e não sei o porquê, mas estou ansioso para entregar para ela. Para vê-la usar.

É perigoso os sentimentos que ela faz eu ter e pensar. Perigoso para todo mundo. Para mim, para ela e para qualquer um que tente se aproximar dela. Ela é minha.

N O V E

Madeline

Sei que o Travis me falou que eu sou a dona da casa também. Basicamente, como sua esposa, sou como a primeira dama e tenho todos os direitos de tudo que ele possui, mas ainda é muito estranho pensar que todos me devem obediência e têm que acatar minhas ordens. É domínio demais para quem não tinha nenhum.

Mesmo eu já sabendo que teria tanto poder nas mãos sendo a Sra. Lozartan, não deixa de me assustar. Agora posso fazer o que eu quiser nessa casa e a primeira coisa que penso é que preciso colocar um pouco de cor no quarto dele, é tudo tão cinza e sem graça, sem vida. Posso colocar uns quadros nas paredes da casa, porta-retratos, mudar as cortinas. É tudo muito escuro na mansão, menos as paredes brancas com toques clássicos. Eu adoro a casa do jeito que é, só acho que precisa de cor apenas.

— A senhora deseja mais alguma coisa? — Viro-me para Rosália, que aparece na sala de estar.

Sorrio e coloco a xícara vazia na mesinha. Eu estava tomando meu chá e lendo meu livro tranquilamente, até meus pensamentos irem na direção da conversa com Travis. Sinceramente, não prestei atenção na história.

A noite passada foi incrível. Ele me levando para o seu quarto e dizendo que era *nosso*. E hoje no café, que a casa também é minha, não só dele. Estou muito feliz. Tê-lo desabrochando para mim cada vez mais, sendo por vezes tão suave comigo. Tudo é tão grandioso e eu vou me casar mês que vem.

— A senhora está bem?

Pisco rápido e sorrio.

— Sim, Rosália. Estou bem e não quero nada não. — Quando ela

quase sai da sala, levanto-me e a chamo.

— Sim, senhora?

— Na verdade, eu gostaria que você me ajudasse a mexer no quarto de Travis. — Dou de ombros. — Sabe, colocar um pouco de cor. É tão triste e ele disse... que agora é o nosso quarto.

Os olhos dela ficam vidrados, fixos em mim. Escolho ignorar, focando no assunto que é importante.

— Se você souber de algum telefone de *Designer de Interior...* ou se tiver alguma coisa na casa que eu mesma possa usar, eu troco. Só pedirei ajuda se realmente precisar. — Com certeza, eu vou explorar meu segurança.

Luigi chegou cinco minutos depois que Travis partiu e ficou ao meu lado o tempo todo, embora eu esteja dentro de casa, mas ele me deu um pouco de espaço uns minutos atrás, porque viu que eu estava lendo quieta na sala.

Sinto-me estranhamente em paz hoje e fazer algo não corriqueiro, normal e que sempre gostei de fazer em Los Angeles, deu-me uma sensação de liberdade. Como se de fato estivesse em *minha* casa, não de visita. Hoje tenho a sensação de pertencer.

— Eu posso ajudar a senhora sem problema e é bom um pouco de cor naquele quarto e na casa também. A senhora pode fazer o que quiser agora.

— Eu sei, mas por hoje só quero mexer no quarto. Me sinto um pouco deprimida em dormir lá daquele jeito. Estava pensando em pegar algumas coisas do meu quarto e colocar lá e comprar flores. Rosas vermelhas.

— O senhor Travis adora a cor vinho.

Sorrio lembrando-me de todas as vezes que vejo seus olhos em mim quando visto vermelho, ou vinho. Ele fica vidrado.

— Eu sei — digo com ar de conhecimento. — Enfim, hoje vou trocar aquelas cortinas cinzas por brancas, as colchas pretas por vermelho escuro, e o tapete preto... vou deixar. Não quero mudar muito. Acho bonito o quarto dele, mas muito escuro. Ah! — Lembro-me com entusiasmo. — Com certeza vou abrir as portas da varanda. Luz é algo essencial, e não apenas para o quarto. Já pode abrir as janelas e portas dessa casa — falo virando-me para as janelas enormes da sala, que raras vezes vi abertas no tempo que estive aqui. — E com certeza vamos enfeitar para o natal.

— Está bem, senhora. — Escuto-a atrás de mim porque estou abrindo a janela. — Podemos começar agora, se estiver tudo bem.

Assinto e sorrio vendo o céu bem azul e com nuvens branquinhas e

fofas. Respiro fundo e giro meu corpo para Rosália.

— Podemos sim, só me espere rapidinho. Vou tomar um banho e dar um telefonema.

A governanta concorda com a cabeça e vai para a cozinha. Pego meu celular em cima da mesinha da sala, disco o número que desejo e subo as escadas correndo. Assim que entro no meu quarto, Bárbara atende com sua saudosa alegria.

— *Olá, amiga. Tudo bem?*

— Tudo sim. Eu queria saber se você pode ir à loja de noivas comigo.

— *É claro que sim!* — responde gritando, toda animada. — *Eu nem acredito que você vai se casar e com o nosso Capo.*

— Eu também não acredito nisso — digo sorrindo e sentando-me na beira da cama.

— *Vai que horas?*

— Daqui a pouco.

— *Quando vai ser o dia feliz?*

Reviro os olhos pelo sarcasmo.

— O casamento vai ser dia vinte e três de dezembro.

— *Mês que vem?*

— Sim, um dia antes da véspera do Natal.

— *Por que tanta pressa? Que loucura!*

— Porque nós queremos e já é um pouco escandaloso morar na casa dele. Sei que nem todo mundo sabe. Para quase todos, eu voltei agora, mas o quanto antes a gente se casar, melhor. Não tem motivo para esperar.

— *É verdade, vocês têm razão. E eu presumo que sua família venha da Itália para ver você se casar, hum. Seus avós e tios virão, não é?*

— Sim, eles vão vir. Travis já falou com o meu avô, o que me deixou nervosa. Mas deu tudo certo e acredito que ele ligue de novo para falar sobre a data.

— *Espero que dê tudo certo.*

— Acho que vovô vai gostar. Ele está com pressa sobre o dia.

— *Você merece ser feliz e, por mais que talvez você não tenha o amor retribuído, que você tenha respeito. Você é uma das melhores pessoas que eu já conheci na vida. É guerreira, determinada e teimosa quando quer ou acredita em algo.*

— Ah, eu sei, amiga, e por que que você está falando meio melancólica?

— *Então... talvez o seu futuro marido não te falou que ele está pensando em tornar meu pai um Underboss, só que em Los Angeles.*

— *Pensei que isso fosse uma coisa boa.*

— *Isso quer dizer que vou ter que me mudar! — diz em uma respiração só, que libera agitada. — Se isso acontecer vou ter que me mudar para a Califórnia.*

— *Não é tão longe.*

— *Como você pode falar isso quando foi mandada pra lá?*

— *A situação foi diferente. Eu fui banida para Los Angeles para ficar longe dos assuntos do meu pai, você está indo com a sua família, Bárbara. É uma honra para o seu pai ser um Underboss de Travis.*

— *Eu sei... e eu não deveria ficar reclamando como uma boba, mas vou ficar longe de você e... do Enzo.*

Sabia que ela iria falar dele!

— *Eu sei que não tenho nada com ele e a gente não pode... namorar ou algo parecido. Só que eu gosto dele e... sabe... queria ter uma chance de...*

— *Já entendi e, tipo, o Enzo é o melhor Capitão do Travis e se o seu pai falar com ele sobre querer casar você com o Enzo... — Fito a porta parando de falar e refletindo sobre a ideia. Não é loucura. Isso acontece demais em nosso mundo.*

— *Não sei se o papai pensa sobre isso.*

— *Eu posso te ajudar.*

— *Sério?*

— *É claro — afirmo feliz porque sinto a alegria na voz dela. — Eu posso fazer o Travis pensar sobre o assunto e falar com o seu pai. Como um futuro Underboss e já General da Lawless, Orazio casar a filha dele com o Capitão, que é muito importante para o Capo, é uma ótima opção.*

— *Hum... é verdade. Obrigada, amiga, pela ajuda.*

— *Não há de quê. É uma troca afinal de contas — mudo minha voz para brincalhona — você vai ter que me aturar na loja de noivas. — Rio. — E você sabe que eu não sou uma pessoa fácil para escolher nada na vida.*

— *Ai, meu Deus! Não me fale sobre isso. Já prevejo a tortura.*

Nós duas temos um ataque de gargalhadas e começamos a falar sobre coisas aleatórias. Meu coração batendo forte e as borboletas na minha barriga se acalmando sobre o casamento e meu futuro marido.

Talvez tudo esteja muito calmo e feliz demais. Em nosso mundo, momentos de calma são presságios do caos. Como um dia ensolarado é o

prelúdio da tempestade. *Será que, em algum momento, vou deixar de ficar apreensiva com a minha nova vida?!*



Há duas horas recebi uma mensagem de Travis pedindo para eu me arrumar, ficar bem bonita e descer porque tinha uma surpresa para mim. Escolhi um vestido branco de gala, que comprei para ir àquele baile do Bellagio, que acabei não usando. Ele é comprido de seda e tem uma fenda na frente, que deixa basicamente minha perna toda de fora. Minhas sandálias são de salto vermelho como meu batom e deixei meus cabelos soltos. Estou sexy, ousada e digna da mulher de um *Capo*. Inatingível. Proibida. Perigosa!

Respiro fundo para controlar meus passos ao descer as escadas, mas quase tropeço em meu coração porque ele está pulando para “fora”. Ouço os acordes vindos do piano e prendo a respiração.

Passo direto pelo lobby da casa e... *Uau!*

Olho para a sala de jantar e meus olhos ficam cheios de lágrimas. Coloco minha mão na boca, sentindo meus lábios tremerem de leve pela forte emoção. Na sala de jantar têm dois pratos tampados por bandejas de prata, velas e um vaso de flores com rosas vermelhas, fora um buquê gigante na cadeira, que deve ser para mim. É tudo lindo, porém sigo o caminho para a sala do piano que vem o suave som que persigo emocionada.

— Ah... *Dio mio* — murmuro e limpo meus olhos com cuidado para não borrar a maquiagem.

Travis está tocando piano, a melodia que eu o ouvi tocar a primeira vez que o vi aqui. Está todo de preto, impecável e polido como sempre sai para trabalhar e, quando ergue a cabeça e olha para mim, meu coração volta a disparar. Não posso me controlar quando começo a chorar na sua frente.

— Made... — diz com sua voz profunda e chega até a mim em um passe de mágica, embalando-me em seus braços. — Por que o choro?

Levanto a cabeça, sem desgrudar meu corpo um milímetro do seu, e respondo:

— Porque... — engulo em seco — você faz essas coisas... e eu.... — Seguro seu rosto, puxando para mim e beijo sua boca antes dos nossos olhos se encontrarem de novo. — Como eu posso não te amar?

Ele puxa o ar pelo nariz, quase como se fosse doloroso, cerra a

mandíbula e seu aperto em minha cintura fica mais forte.

— Tenho uma coisa pra você — diz com sua voz de barítono.

Assinto mordendo meu lábio inferior, prendendo meu sorriso bobo e sou obrigada a me afastar, não muito. Travis me dá um beijo na testa, que literalmente quase me leva ao chão porque perco o controle das minhas pernas, e pega de dentro do paletó uma daquelas caixinhas de anéis pretas de couro. Olha nos meus olhos e abre a caixinha da *Harry Winston*, mostrando um anel lindo. Um diamante perolado, muito brilhante, enorme e cortado em quadrado em um anel de ouro branco.

Minha respiração vibra olhando para a imagem na minha frente. Um homem tão poderoso, elegante, temido e... atencioso, meu noivo. Meu Travis. Sorrio enquanto lágrimas escorrem por minhas bochechas e o espero falar.

— Não vou perguntar de novo porque... vai que você desistiu — comenta brincando comigo, mas vejo nos seus olhos que ele me quer.

Eu também o quero. O quero desesperadamente.

Rio, mesmo chorando, e deixo que ele pegue minha mão, dê um beijo nas costas e finalmente, quando tira o anel da caixinha, encaixe no meu dedo anelar da mão direita. Agora sou oficialmente a noiva dele.

— Sabe, eu não sou chorona. — Limpo embaixo dos meus olhos. — Não sou assim. Mas você é tão atencioso e bom para mim. — Respiro fundo e seguro suas mãos. — A cada minuto que passa e estou com você, que sei que sou sua, fico mais confiante, sabe. Não sei o que é, só sei que estou mudando e...

— E? — Entrelaça seus dedos nos meus.

— Eu te amo — Balanço a cabeça e seguro a respiração. — É como se eu sempre tivesse... que estar aqui.

Travis meneia a cabeça, concordando.

— Também penso isso — diz encarando-me sem piscar, seus olhos perfuram-me, a voz rouca que amo. — Desde a primeira vez que eu a tive, penso isso. Por isso quis que você ficasse, que fosse minha, que entendesse meus motivos e o que eu falava. — Ele para e segura meu rosto, erguendo-o e quase tocando meus lábios com os seus. — Foi por isso que eu a pedi em casamento. Mesmo você me irritando às vezes, não consegui deixar você partir.

— Que bom, porque eu nunca fui tão feliz. — Meus olhos enchem d'água, mais uma vez. — E eu quero que você também seja. Que seja feliz comigo.

— Quando eu estiver me *sentindo* assim, prometo te dizer — diz firme. — E não é que eu não esteja agora, mas não sei diferenciar os meus dias. Todos são iguais. Cheios de trabalho, preocupação e muitas vezes sombrios demais para você ficar perto de mim.

— Não me importo mais. Eu vou ficar feliz de cuidar de você. De tentar... iluminar sua escuridão.

Travis assente e beija meus lábios bem de leve.

— Eu sei e você já mudou meus dias. É tudo igual ainda, a única diferença é que agora fico aliviado de voltar para casa. Voltar para você.

As lágrimas escorrem descontroladamente.

— Sempre volte para mim.

— Sempre vou.

E finalmente ele me beija como gosto, tirando meu fôlego e agarrados um no outro. Eu amo seus beijos. São tão intensos, molhados, barulhentos e quentes. Fico doidinha quando ele devora minha boca dessa maneira e adoraria ser levada para o nosso quarto. Ou pode ser no sofá do escritório mesmo, que é mais perto.

— Dança comigo? — pergunta parando de me beijar e apertando em um lugar da minha cintura que sinto cócegas.

Rio alto e entrelaço meus dedos na sua nuca.

— Claro que sim, mas não tem música.

— Não seja por isso.

Afasta-se, vai até o rádio no canto da sala do piano e liga. Sorrio como uma boba apaixonada quando ele volta para mim e, em um passo de valsa, me conduz em uma melodia doce.

Não consigo tirar meus olhos dos seus e... ele é ele, não desvia. As borboletas no meu estômago estão eufóricas e fazendo festa alegremente. O jeito que me sinto perto dele até me preocupa. É possessivo e nada a ver com a Madeleine que voltou para Las Vegas meses atrás. Ela mudou.

Eu odeio a mim mesma por ter demorado tanto tempo para enxergar nele um *homem*, não um inimigo. Um monstro. Alguém capaz de ser atencioso e gentil. Alguém possível de ser amado. De *eu* amar.

Porque, sendo honesta, hoje eu sou mais consciente da vida que levamos, até sou cruel sobre a quebra de lealdade e dos segredos do nosso mundo serem revelados.

O mundo onde nasci, cresci (não completamente) é composto de regras. Agora sou parte e posso mudá-las através do meu comportamento e

das ações futuras do jogo de tabuleiro da *Famiglia*. Sou uma *peça* fundamental. A rainha, porque todo reino precisa de uma rainha.

Não há uma alma livre de julgamento ou penitência dentro da *Famiglia*. Não há inocentes aqui *dentro*. Não existem santos. Somos todos condenados, com ou sem sangue nas mãos. Não falar, não fazer nada contra todos esses crimes, te torna tão imundo quanto qualquer outro aqui dentro. Uma vez salvei a *Lawless* e os Lozartan de um conflito, apenas por amor-próprio e não para o fim dos pecados.

Analisando bem, eu nunca estive interessada em acabar ou perder a confortável segurança de estar dentro de uma das *Famiglie* mais poderosas das organizações criminosas da Itália nos Estados Unidos.

Antes meus pés estavam só na beira da lama, agora estou mergulhada no pecado sangrento do submundo. E vou precisar ir mais vezes à igreja e rezar, porque eu sinto em minhas entranhas como nasci para estar aqui, nos braços do meu *Capo*.

D E Z

Travis

Enquanto dançamos pela sala de piano, enxergo nos olhos de Madeleine as engrenagens funcionando em seu cérebro. Ela fica muito linda pensativa e que não esteja pensando em fugir de mim, está tudo bem.

— O que você está pensando?

Ela puxa e solta o ar com força pelo nariz e volta a relaxar.

— Muitas coisas.

— Me conte uma delas — peço, deixando minha voz calma para não parecer uma ordem.

— Ah... — Ela passa a ponta da língua nos lábios e murmura: — Estava analisando minhas ações.

— Sobre?

A música no aparelho de som muda e continuamos dançando, um pouco mais lentos.

— Daquela vez que eu dedurei meu pai. Acho que não estava preocupada com ninguém além de mim.

— Você já falou isso.

— É, eu sei. — Engole em seco e desvia os olhos, ficando perdida nas lembranças. — Mas, no fundo, acho que, quando a gente se acostuma a ter um tipo de segurança tão forte e eficaz como a *Famiglia* nos traz, abrir mão... é complicado. Eu sei que é uma segurança, falo em todos os aspectos do perigo e no financeiro, baseada no medo, chantagem e distorção, que colocamos nos outros. E ela nos permite fazer muitas coisas. — Olha para mim quando conclui: — Algumas delas muito erradas, porém somos livres dentro das nossas amarras, de certa forma.

— Você fala muitas coisas que as mulheres do nosso mundo não

analisam assim. Talvez nem pensem sobre. — Tiro o cabelo da frente do seu rosto, colocando atrás da orelha. — São assuntos que não é permitido e você sabe disso tudo porque foi além das barreiras que imputamos para os que não são *Madman*, é muito esperta e porque saiu das nossas restrições. Você pode saber *demais*. Viu o mundo do lado de *fora* sem algemas, por isso analisa nosso mundo assim, *angele*. Não se cobre por saber o que é o egoísmo. Por enxergar que o poder que temos é também uma segurança.

Ela franze a testa.

— Será que é por isso que não nos permitem sair e conviver com os de *fora*?

Demoro um tempo para acenar com a cabeça e respondo em voz baixa, porém firme:

— Nós somos forçados a não sair porque do lado de *fora* não há uma regra real para nos parar. Somos monstros e as regras são as únicas coisas que nos impedem de nos tornarmos animais. As regras nos dão alguma civilidade. É claro que isso se aplica mais aos homens feitos do que às mulheres da *Famiglia*.

Baixo minha cabeça e beijo seus lábios de leve.

— Às vezes, eu gosto de você ter sido enviada para o mundo de *fora*.

Madeleine tomba a cabeça para o lado e sorri com ar de curiosidade.

— Você quer dizer isso por que fui para outro estado, morei sozinha e fiz faculdade?

— É. Você não foi criada totalmente dentro das normas da *Famiglia* e assim não lidou com os limites. Por isso é teimosa e inquieta sobre sua função como mulher na *Famiglia*. Você sabe de *muita* coisa, mas também não sabe, Madeleine.

Ela ri alto, balançando a cabeça.

— Acha que porque eu não estava *aqui* não sei como funciona?! Travis, eu dedurei meu pai antes de *sair*, antes de completar a maioridade, antes de conhecer o mundo de *fora*. Não sei como ele não me matou na época.

— Alguns homens carregam um pinga de decência — digo entredentes. — Seu pai deve ter tido alguma.

— Não acho que foi isso. — Seus olhos ficam enevoados e ela os desvia dos meus, sabe que vou enxergar neles o que quer que tente esconder em sua voz. — Ele chegou a me dar umas bofetadas, mas mamãe o impediu de continuar.

Preciso me controlar seriamente com essa declaração. *Aquele miserável! Sorte a dele que já está morto!*

Madeleine respira fundo, capturando minha atenção e continua:

— Por fim, ele apenas exclamou que eu iria para longe. Fiquei apavorada com isso. Pensei que ele iria me mandar para a Sicília, para a casa dos meus avós.

Eu serei bem idiota se disser que preferia essa ideia do que mandá-la para outro estado sem segurança ou proteção. Edgar a mandou embora como se estivesse a exilando. Foi um castigo. *Desgraçado barato!* Meu pai nunca deveria tê-lo aceitado como associado e tampouco ter permitido o casamento dele com uma mulher nossa.

Mesmo com a possibilidade de Madeleine não vir ao mundo e eu nunca a ter conhecido, não me agradou nem um pouco. Não tinha que ter acontecido essa união, que só foi possível porque o *Consigliere* do meu avô insistiu muito para fazer o acordo, e na época a *Camorra* gostou da ideia. Eles tiveram que se envolver porque os Beluzzo pertencem originalmente ao território da *Camorra*, não da *Cosa Nostra*.

Mesmo a *Lawless* sendo composta pelas duas *Famiglie*, alguns assuntos são tratados separadamente quando é preciso. Por sinal, meu casamento com Madeleine nos levou a uma segunda aliança. Sem fins lucrativos, porém nossa união teve aos olhos dos *Boss* da *Cosa Nostra* e da *Camorra*, uma boa aceitação.

Olhando para a minha mulher, beijo sua boca e a puxo para mim.

— Não vamos pensar mais nisso. Vamos dançar, comer o nosso jantar... — Inclino-me e encosto minha boca perto do seu ouvido: — Porque depois eu vou comer você em cima desse piano lentamente. — Fito seus olhos azuis e mordo seu lábio inferior fazendo-a gemer.

— Mm.... Não podemos trocar a ordem?

Dou meu sorriso sombrio antes de assentir.

— Podemos sim.

Deixando sua alegria transbordar, ela me agarra subindo no meu colo. Graças a fenda no seu vestido, ela consegue envolver meu corpo com as pernas e joga os braços nos meus ombros. *Falando no vestido...*

— Você está linda demais hoje.

— Mm... — geme fazendo charme e me dá um beijo no nariz. — A ordem do meu *Capo* era para ficar bem bonita para o *meu* homem.

Rio, concordando, fazendo um som com a garganta e a coloco em

cima do piano.

— Seu *Capo* apreciou a escolha. — Deslizo minhas mãos por suas pernas macias.

— Ele tem bom gosto. — Mexe as sobrancelhas e puxa minha gravata. — Sem contar que é de tirar o fôlego também. — Suas mãos seguram meu rosto e dá um beijo na minha boca.

Sentindo-me ferver, subo minhas mãos, puxo seu corpo para mim e aprofundo o beijo. Saboreio suas curvas com minhas mãos, seu gosto com minha língua e seus sons são os combustíveis exatos para me excitar.

Cazzo, essa mulher...

Nós nos beijamos por longos minutos, nos provocando, atijando. Eu teria continuado se não estivesse com fome. Não tive tempo de comer hoje. Por isso nos afasto e a convido para a sala de jantar.

Comemos escutando música clássica, à luz de velas e com toque de vinho. Nunca me esforcei ou tive um encontro com uma mulher. É a primeira vez. E é também a primeira vez que converso sobre coisas banais na mesa do jantar. Trocamos pequenos detalhes sobre nós dois, nos conhecendo e aprendendo um sobre o outro.

Depois nos sentamos no banquinho do piano e eu a ensino a tocar. Orgulhoso por ela aprender tão rápido algumas notas, puxo seu corpo para o meu colo e a beijo até arrancar seu fôlego. Uma provocação e tensão que nos leva a transar sobre o tapete da sala.

— Ah... — Madeleine solta o ar com a boca aberta e joga a cabeça para trás parecendo feliz.

Agora ela está deitada ao meu lado, lânguida e satisfeita, meu braço servindo de travesseiro, uma das pernas jogadas em cima das minhas. Quando vira o rosto para mim, beija meu peito e vira o corpo, erguendo-se o suficiente para apoiar os braços no meu peito. Sorrio, afago suas costas e a deixo prender meus olhos nos seus. Não há palavras entre nós e o silêncio que recai é pesado. Intenso.

Então ela sorri para mim, desliza o indicador lentamente em meu rosto e inclina a cabeça. Ela me dá um beijo terno na boca, suspira e deita a cabeça bem em cima do meu coração, que está descongelando aos poucos. É tão arriscado deixá-la ficar *tão perto*.

Hoje eu estou vestindo minha máscara civil, moral, mas... e quando meu monstro, meu verdadeiro eu, estiver na superfície. Como vou conseguir protegê-la dessa parte de mim?



Minha consciência desperta quando a luz forte do sol atinge meu rosto. Levanto meu braço e confiro as horas no relógio.

— Merda! — resmungo e esfrego meus olhos aproveitando para pentear meus cabelos para trás com os dedos.

Olhando para o lado, vejo Madeleine deitada do mesmo jeito que estava antes de pegarmos no sono. Ela parece tão relaxada e serena. Estamos deitados sob o tapete embaixo do piano, nus e cobertos apenas por meu paletó e seu vestido. Rio, porque nunca fiz algo do tipo. Os lugares mais incomuns que tinha fodido antes dela foi na boate e com Antonela; antes eu ia para o puteiro no fim de Paradise, longe dos olhos curiosos que perseguem meus passos.

Erguendo meu braço, confiro as horas no meu relógio – quase seis da manhã – e está na hora de sairmos daqui antes que alguém veja o que não deve. Daqui a pouco com certeza aparecerá algum funcionário.

Com cuidado, viro meu corpo, deitando-me de lado e puxo o corpo dela de encontro ao meu. Madeleine suspira baixinho, aconchegando-se em meu peito e passa a perna de cima sobre meu corpo. Puta merda! Minha ereção matinal fica encaixada no seu calor.

— Precisamos sair daqui.

— Ah... não... — reclama e abraça meu corpo como se fosse um bote salva-vidas e ela estivesse em alto-mar. Seus braços e pernas me agarram fortemente agora.

Sem entender, deixo um beijo na sua testa e coloco seus cabelos para trás da orelha para poder enxergar seu rosto. Ela resmunga mais uma vez, mas não faz um movimento de que vai levantar. Porra! Ela é teimosa demais.

— Vamos para a cama. Volte a dormir lá, Madeleine.

— Está tão bom aqui. Deixa...

Eu duvido que ela esteja confortável dormindo no chão e o clima está gelado; mesmo que nossos corpos se aqueçam abraçados, ela está com frio. Tanto que a puxo mais para mim, esfregando suas costas de leve na tentativa de esquentá-la. Dou uma olhada para o seu corpo nu junto ao meu, apenas coberto com meu paletó, e aprecio. É uma visão sexy que me deixa faminto.

— Vamos subir para o quarto. Lá vai estar mais quentinho — digo no seu ouvido, dando um beijo no seu pescoço no final para ver se a convenço.

— Não. Se subirmos você vai embora. Vamos ficar aqui... só mais um pouquinho.

— Eu não vou sair agora.

Isso a faz se afastar, abrir os olhos e me encarar.

— Mas você está todo atolado. Você me disse isso.

— Sim, eu disse. — Assinto. — Eu estou muito ocupado, mas não vou sair agora.

— Por quê? Algum problema?

— Não. — Acaricio seu ombro. — Está tudo bem. Não vou sair agora porque o que preciso fazer pela manhã posso fazer no escritório de casa e vai ser bom. Estou sentindo dor embaixo das costelas.

A informação parece clarear seus pensamentos e ela se senta.

— Por que não me disse antes? — reclama e agarra meu paletó, que veste com pressa. — Que coisa, homem!

Rio com seu jeito de falar irritado e, quando se levanta, ela tenta não mostrar sua nudez para mim, mas falha. Eu vejo absolutamente *tudo* e só não puxei seu corpo para mim antes de levantar porque realmente não acho uma boa ideia se demorar ainda mais aqui. Rosália vai surgir a qualquer momento.

— Espere, Madeleine. — Vejo-a pegar os sapatos e seu vestido. Só me resta colocar minha cueca e a calça.

— Não dá para esperar. Rosália acorda cedo.

— Agora que você se deu conta?

— É! — afirma fazendo cara feia para mim e praticamente sai correndo da sala.

Eu vou atrás, não com tanta pressa, e subo as escadas com a visão maravilhosa da sua bunda.

— Meu Deus, Travis! São quase sete horas da manhã! — exclama quando entro no quarto.

Balanço a cabeça fechando a porta e vou para o banheiro. Como não fecho a porta, Madeleine entra, tira meu paletó e a calcinha, se enrola em uma toalha e vai escovar os dentes. Franzo a testa olhando-a pelo espelho.

— Vai tomar banho?

Apenas acena com a cabeça que sim, já que a boca está ocupada. Tiro minha calça, a cueca e entro logo no banho. O jato de água quente atinge meu corpo causando um alívio muito bem vindo nos meus músculos. Molho meus cabelos e pego o sabão para passar no corpo; e, quando estou me ensaboando, Madeleine entra me surpreendendo.

— Vai tomar banho comigo?

— Vou — responde franzindo a testa. — Por quê? Algum problema?

Nós nunca tomamos banho juntos, eu nunca tomei banho com ninguém em toda minha vida. Mas não tem nada de mais e acho que gosto principalmente quando abraço seu corpo macio e molhado. Ela geme e ergue a cabeça para nos beijarmos. Passo as mãos em suas curvas, lentamente; e com a esponja, limpo seu corpo.

O que se segue depois deixa o banho ainda melhor. Madeleine me chupa ajoelhada e toda molhada no meio do boxe, sem tirar os olhos dos meus em momento algum. Sem dúvida é uma das coisas mais sexies da minha vida. Essa mulher me deixa maluco.

Preciso retribuir. Agarrando seu corpo, pressiono nos azulejos e a fodo contra a parede como se não tivesse amanhã. Amo trepar com essa mulher. Só minha.



— Meu Deus! Eu só queria tomar banho! — murmura jogada no meio da cama, que é aonde paramos molhados e sem fôlego.

— Você que começou — digo e sorrio para ela.

Madeleine solta uma risada, levanta o corpo e apoia as mãos em cima do meu peito.

— Eu sei. Não tem como resistir a você, amor. — Dá um beijo na minha boca e passa a mão no meu rosto. — Ainda está doendo as costelas?

Franzo a testa antes de responder:

— Mais ou menos. O banho aliviou, mesmo com tanto esforço e o analgésico que você me deu também.

Ela cerra os olhos e eu a provoco passando a mão na sua bunda.

Essa conversa é boa para descontrair. Me dei conta ontem, quando chegava em casa, que ainda não contei para ela sobre o casamento de Marinne, e que convidei D'Ângelo para o jantar de amanhã. É uma puta piada sem graça convidar alguém que é meu rival para vir a um jantar de Ação de Graças, que representa paz e gratidão. Meu pai nunca comemorou essa merda de feriado, porque nós não temos o que agradecer. Somos imundos. Não merecemos graças e nem absolvição, principalmente por não termos remorso pelo o que fazemos.

Madeleine suspira e deita a cabeça no meu peito, como está se acostumando a fazer sempre que pode.

— Eu preciso te dizer uma coisa e não quero que fique brava.

— Por que eu ficaria brava com você? — pergunta baixo e ergue o corpo. — O que houve?

Não sei por que preciso pensar antes de falar. Por que estou preocupado em escolher as palavras certas para informar a ela uma decisão minha. Geralmente eu não estou nem aí pra ninguém. Mas, por algum motivo, a opinião dela importa.

— Eu convidei os meus avós para o jantar amanhã — começo pela parte fácil.

— Você convidou o seu avô?

— Por que você está com tanto medo? Ele não vai fazer nada com você.

Essa é uma afirmação que eu garanto, pois ninguém nunca vai tocar nela. Madeleine é minha e jamais alguém vai machucá-la, magoá-la ou tocá-la indevidamente. Farei qualquer um sangrar se fizer merda. É uma promessa e eu nunca quebro *uma palavra* dita.

— Não é isso, Travis — murmura. — É só... Eu ouvi coisas sobre o seu avô um pouco assustadoras demais.

— Você também ouviu coisas horríveis sobre mim. Ainda pensa tudo aquilo a meu respeito?

Madeleine desvia o olhar e acaba sentando-se no meio da cama, cruzando as pernas e protegendo seu corpo com a coberta. Não é frio. É outro sentimento.

— Não, eu não penso mais aquilo de você, mas eu convivi com você. Você me deixou te conhecer, o seu avô não. E se ele não gostar de mim? Dizem que ele é muito frio e calculista. Por favor, não venha me falar que todos os homens da *Famiglia* são iguais, que eu posso acreditar e confiar que seu avô vai ser amável comigo. Você confiaria em mim sozinha com seu pai, por exemplo?

Ela tem razão e isso me incomoda. Eu não duvido que, de alguma forma, meu pai tentaria fazer algo com ela. Ele era um sádico perturbado e gostava de maltratar minha mãe. Quebrar os fracos.

Balanço a cabeça e me sento, encostando meu corpo na cabeceira da cama.

— Entendo o que você está falando, mas posso garantir que o meu

avô não é igual ao meu pai. E se, acontecer de ele não gostar de você, no máximo ele vai me criticar entre quatro paredes. Não na sua frente. Uma coisa que meu avô tem é compostura.

— E a sua avó?

— A minha avó vai gostar você, tenho certeza. Você é descendente da *Famiglia* original dela, a *Camorra*. Naturalmente ela vai te aceitar.

Madeleine puxa o ar com força, prendendo-o.

— Você fala: vai aceitar. — Franze a testa. — Você ainda não disse para eles que vai se casar comigo? — pergunta pausadamente e vejo sua expressão de nervosismo.

Molho os lábios, passando a língua, e engulo em seco antes de responder:

— Eu não disse ainda para eles que vou me casar e não foi por nenhum motivo específico ou isolado. Só tive muitas coisas para fazer e a decisão foi realmente tomada na segunda-feira, hoje ainda é quarta. Parece que não, mas os dias estão passando bem devagar.

— Para mim parece que tem uma semana que me tornei sua noiva.

Pego suas mãos e a trago para ficar mais perto de mim.

— O pedido de casamento oficial e o qual você aceitou, tem duas semanas hoje.

Quando acordei da sedação que o médico deu para me recuperar mais rápido. Não é sempre que podemos ter esse luxo, mas foi inevitável. Eu fiquei muito ferido do combate com a Hechos. Estava cego pelo ódio e revoltado com a recusa de Madeleine.

— E foi na segunda-feira que todo mundo, que interessa, ficou sabendo. E o anel eu te dei ontem, então ainda é prematuro. Não fica pensando ou criando teorias sobre os motivos de eu ainda não ter falado com meus avós. Não comuniquei ainda a eles porque tive muito trabalho essa semana e, de todo modo, ambos virão jantar conosco amanhã na ceia de Ação de Graças.

— Mas você nem ia comemorar.

— Eu já ia convidá-los para virem aqui. Não há motivos para você ficar nervosa com isso, Madeleine. — Eu não me reconheço falando com ela assim tão polido e calmo.

Desde a nossa primeira vez, a noite do baile no Bellagio, percebo que fico calmo em volta dela.

— Tudo bem. Eu só perguntei, de verdade, por curiosidade e não

posso mandar em você. Não quero isso.

— Mas eu quero que você fale. Não quero que você não tenha a voz.

— Geralmente os *Madman* não pensam assim.

— Eu sei disso, porém não sou. Gosto quando você fala as coisas. Gosto quando Marinne tem algo a dizer também. Até já aceitei conselhos da minha irmã. Ela é muito inteligente, como você. Nunca quis me casar com uma mulher amedrontada. Não há honra em quebrar e maltratar mulheres, crianças ou elos mais frágeis. Não sou assim.

Seus olhos brilham de realização e ela morde o lábio para não rir.

— É sério que você ouve conselhos de Marinne?

— Sim, às vezes sim. Eu criei minha irmã para ser tão destemida e forte como eu e meus irmãos. Não é porque ela é menina, que tem que ser fraca. As mulheres são sensíveis, é verdade, mas não incapazes de serem valentes e violentas. Algumas são tão ou mais fortes que homens ao ser torturados. Menosprezar ou quebrar as mulheres são duas coisas que não podem me acusar.

— Você tem prostitutas nos bordéis.

— Madeleine, é o trabalho delas. — Franzo a testa sem entender seu argumento. — Eu não forcei nenhuma delas a ser puta e posso lhe garantir que não tolero maus-tratos. Eu sei que antigamente, e ainda em outros locais, as putas são feitas de lixo, mas nos meus domínios não.

— Parece um sinal de respeito as mulheres.

Faço uma cara de desdém ao dizer:

— Faço o que posso. Não me pinte como um santo. Estou mais para o diabo.

— Aposto que seu avô não concorda.

— Ele concorda sim — afirmo concordando com a cabeça.

— O que você quer dizer com isso?

— Quando eu decidi que iria sair de casa e cursar minha faculdade perto da casa dos meus avós, convivi com eles durante muito tempo e posso dizer, com toda certeza, que minha avó e meu avô se respeitam como se fossem dois soldados. Ela sempre tomou decisões e deu suas opiniões sobre assuntos que eram de interesse dela e sua *Famiglia*, e meu avô a mesma coisa. Naquela casa sempre existiu, e ainda existe, duas origens. Duas *Famiglie*, a *Camorra*, que é representada no território da *Lawless* pela minha avó; e a *Cosa Nostra*, pelo meu avô. Então, quando algumas decisões deveriam ser tomadas, a minha avó falava e muitas vezes meu avô ouvia, e

fazia.

— Nossa! Não sabia que era assim.

— Poucos sabem e, quando disse que ela vai gostar de você, é porque até hoje ela é muito leal a sua *Famiglia* de origem. A *Camorra* nos comanda e observa por ela, e eu duvido muito que irei suceder o lugar do meu avô como *Boss* quando ele morrer.

— Acredita mesmo nisso?

— Fielmente. A *Camorra* espera por isso desde o *sim* dado na igreja há cinquenta anos. Eles querem inteiramente representar e dominar um espaço; e se for o nosso, melhor ainda. A *Lawless* tem boa parte do território americano e a *Camorra* é a única *Famiglia* italiana que não tem realmente um território como comando. O único é o nosso, mas pela metade e literalmente simbólico. Não preciso de muito para adivinhar que eles esperam a morte do meu avô para pegarem o que já é deles. Para pegarem a outra metade.

— Você representa a *Camorra*. Você é neto de uma filha *deles*.

— Mas não sou um *Caputo*, Madeleine. Eles querem a cadeira.

Ela franze a testa e balança a cabeça.

— Esse mundo é tão arcaico.

— É sim e por isso quebro algumas tradições. Por isso teimeei em me casar com você. Com uma mulher que eu escolhi, não a que escolheram para mim. Por isso que deixo Marinne ser do jeito que é. Eu não quero que você, minha irmã, e se tivermos filhas, se cale. Não tenha direito de falar. Eu quero que você fale, se estiver com vontade.

Madeleine abre um sorriso enorme e vem me abraçar.

— Não se preocupe com o meu avô. Ele não vai fazer nada. Eu acho muito difícil ele não gostar de você.

— Ah... tomara que você esteja certo. — Se afasta e me dá um pequeno sorriso. — Agora estou curiosa para conhecê-los.

— Você vai gostar dos meus avós. Vai ver que o casamento deles realmente é uma aliança de sangue. Não existe nada além disso. No casamento deles existe respeito, duelo, rivalidade e, acima de tudo, sangue. É um verdadeiro casamento estratégico.

— Que loucura! Então eles não se amam?

— O amor é uma coisa muito abstrata em nosso mundo.

— Mas acontece — ela afirma e olha dentro dos meus olhos, talvez querendo achar alguma coisa.

Respiro fundo e engulo em seco. Eu não quero desapontá-la sobre isso. Sentimento é uma merda e já basta a possessão que sinto por ela. Não precisa complicar mais.

— Eu não disse que não acontece — prossigo, porém sem emoção ao falar. — Apenas que em alguns casos, na maioria das vezes, amor é algo superestimado e nenhum pouco cobiçado em nosso mundo. Se o amor fosse poder, com certeza todos os *homens* iam querer experimentar.

— Não posso discordar — comenta pensativa e, quando se recompõe, olha para mim. — E qual era a outra coisa que tinha para falar?

Cazzo. Ela não deixa escapar nada.

Eu até poderia deixar para depois essa conversa, mas a merda do jantar de Ação de Graças é amanhã e eu ainda não contei para a minha futura esposa o que fiz para nós estarmos juntos. Ela me fez a pergunta e omiti a verdade. Não respondi antes, porém agora vou ter que contar. Espero que ela entenda e não tenha um ataque. Luca disse que eu já deveria ter lhe contado. Às vezes, aquele imbecil está certo.

— Vamos tomar café primeiro.

Madeleine respira fundo baixinho e desliza as mãos pelo meu corpo ávida e tendenciosa enquanto vem se sentar em cima das minhas pernas. Ela é tão sexy e fogosa. Eu adoro isso nela.

— E se eu... — ela encaixa o rosto entre o meu pescoço e meu peito esfregando a ponta do nariz na minha pele — comprar essa informação?

Ela já sentiu que não quero falar. Safada! Rio e deslizo minhas mãos por suas costas.

— Você é terrível!

— Tem um preço essa informação? — murmura antes de beijar meu peito várias vezes. — Qual é o preço para você me contar?

Solto um gemido quando se esfrega em mim. Caralho! Ela me deixa com vontade de comê-la rápido e selvagem. Desço minhas mãos até sua bunda e apertando digo no seu ouvido:

— Eu também sei brincar de provocar.

— É... — sussurra com a boca na minha, os olhos azuis bem abertos. — O que meu *Capo* quer? Eu dou para receber.

Cerro os olhos e empurro meu pau no seu calor, que está quente e escorregadio. *Maledetta*. Ela nunca se sacia de mim e eu também não.

— Eu quero te comer bem rápido e fundo.

— É? — Deixa a voz rouca. — Me conta o que ia me falar que depois

eu deixo você fazer o que quiser comigo.

— Você vai ganhar duas vezes.

— Eu sei — responde batendo os cílios para mim.

Dou uma risada. Ela é uma ótima negociadora.

Em um movimento rápido, agarro seu corpo e a derrubo na cama. Deixo meu corpo por cima, relaxado e acomodado ao me encaixar no seu, onde ela envolve meus quadris com suas pernas e os braços agarram meu pescoço. Nossas peles estão se tocando e eu seguro seu rosto para lhe dar um beijo de língua barulhento, molhado e afoito. Madeleine geme embaixo de mim e pede com seus murmúrios mais proximidade, e eu daria se não tivesse que falar algo sério. Corro o risco de ficar “na mão”.

— Você fica tão lindo de manhã. — Sua voz está um pouco sonhadora. — Fica tão gostoso com meu cheiro em você. — Ela lambe meus lábios. — Você ainda está com meu cheiro, sabia?

— E você com o meu.

— Uhum... — murmura dengosa.

Merda! Sou viciado nela. Dou um chupão no seu pescoço, deixando marcado e ondulo minhas pélvis provocando seu calor com a ponta do meu pau duro como pedra.

— Minha *demônia*.

Isso a faz rir e me beijar.

— Meu malvado favorito.

Agora eu rio, beijo sua boca e me afasto para poder fitar seus olhos. Respiro fundo, soltando o ar pelo nariz com força.

— Eu ia adorar te comer *bem* agora, mas o que preciso te contar é sério, Madeleine.

Ela franze a testa, preocupada.

— O que foi? Eu não gosto quando você fala assim. A última vez você disse que a minha mãe morreu.

— Não é nada de grave.

— Então conta logo.

Deixo um beijo nos seus lábios e me afasto para me sentar na beira da cama, porque eu realmente não sei qual vai ser a reação dela.

— Travis?

— É melhor assim.

Espero que ela fique do meu lado e pego sua mão dando um aperto de leve.

— Diz — pede baixinho.

— Você tinha me perguntado o que eu fiz para nós podermos ficar juntos.

— Sim... eu perguntei e você disse que não me interessaria. Que não era importante.

— Para o nosso casamento não é importante. — Olho para ela. — O que importa é nós dois. Mas, como você ouviu do Paolo, eu teria que me casar com a filha do *Consigliere* da *Darkness*, porém não aceitei porque eu queria você.

— Sim. Eu ouvi e não perguntei porque não queria parecer enxerida.

Assinto demonstrando que aprecio sua conduta.

— O meu pai fez um acordo há muitos anos com a *Darkness*. Ele fazia vários tipos de acordos. Assim como o que fez com você, de que nós sempre a protegeríamos *pessoalmente*. E acontece que eu aceitei essa aliança com Giovanni D'Ângelo.

— Como você fez? — Madeleine engole em seco e seus olhos se arregalam. — Você... não aceitou se casar com a menina da *Darkness*, aceitou? O que somos?

— Ei, calma. — Pego suas mãos. — Eu não aceitei me casar com Valentina.

— Então?

— Eu aceitei um casamento entre a *Darkness* e a *Lawless*, sim. No caso, Amândio e Marinne.

Os olhos de Madeleine ficam ainda mais arregalados e ela se levanta, afastando-se de mim.

— Você o quê? Ela é... só uma criança, Travis. — Põe as mãos no peito. — Como você pôde?

— Calma.

Eu me levanto também e tento me aproximar dela, pegar em seus ombros, mas ela foge de mim entrando no *closet*.

— Me escuta antes de você tirar conclusões precipitadas.

Madeleine solta uma risada e veste um roupão.

— Então me fala tudo de uma vez. E veste isso. — Joga uma cueca para mim.

Irritado, coloco a peça e me aproximo dela.

— Amândio vai ser *Capo* da *Darkness* assim que suceder o cargo do seu pai.

— Não me interessa essas hierarquias. Elas chegam ao ponto de Marinne ter quatorze anos e ficar noiva. Ela é uma criança.

— Você acha que eu casaria minha irmã com essa idade? Eu a criei como se fosse minha filha. Eu a protejo desde que ela era um bebê indefeso sem a proteção da minha mãe, sem atenção do meu pai e desde que ela veio ao mundo eu sou tudo que ela tem. Jamais machucaria ela dessa forma, então não fale assim comigo. — Sou rude no final, mas não dou a mínima.

Madeleine baixa o rosto, não antes de deixar que eu veja seus olhos marejados. Ela encara o chão, respira fundo, controlando-se e chega perto de mim. Olhando nos meus olhos, pega minhas mãos e pede:

— Me desculpe, Travis.

Assinto em forma de aceitação das suas desculpas.

— Eu sei que ela é alguém muito importante pra você. Me desculpa por falar assim. É que... me pegou de surpresa.

— Tudo bem.

Ela fica mais emocionada e uma lágrima escorre pelo canto da sua face.

— Eu também sou protetora dela, Travis. No pouco tempo que eu a conheço, a amo como se fosse parte da minha família. Quer dizer, ela faz parte da minha família e eu nunca, jamais, vou querer que ela se machuque.

— Eu sei disso e agradeço por querer defendê-la. — Coloco seu cabelo atrás da orelha e deixo minha mão no lugar, afagando sua bochecha com o polegar. — Ela vai se casar com Amândio quando completar a maioridade. Seis meses depois de fazer dezoito anos. Este foi o acordo que eu só aceitei dessa forma como também o fato de eu querer que eles tenham algum convívio. Não quero que ela se case com um completo desconhecido como muitas mulheres do nosso círculo acabam tendo que fazer. Não quero que ela se sinta desconfortável com o marido. Quero que eles se conheçam. Pode não surgir algum sentimento, mas pelo menos não serão completos estranhos.

— Isso é algo muito legal que você vai fazer Travis e... me desculpa por ter perdido a cabeça. — Apoia sua mão sobre a minha, que ainda está no seu rosto, e dá um beijo rapidamente na palma antes de falar: — Você está falando isso hoje porque os D'Ângelo vão vir amanhã, não é?!

E ela sempre me lembra o porquê a escolha para ser *minha*. Sempre sagaz e atenta.

— Sim. Ele virá e finalmente vou vê-lo pela primeira vez. Eu ainda

não o conheço pessoalmente, mas todos dizem que é um bom garoto.

Um *homem feito* destemido, temperamental e brutal. Luca me fez um dossiê sobre Amândio e o garoto será um *Capo* no mesmo nível que eu. Somos bem parecidos, e espero que em tudo, inclusive em proteger a família. Tê-lo como aliado tem a promessa de ser bom. Talvez melhor do que meu convívio com o pai dele. Giovanni D'Ângelo não está em alta estima comigo.

— Quantos anos ele tem? — Sua pergunta vem com *peso*. Ela é feroz quando quer proteger. *Adoro* isso nela.

— Dezenove.

Madeleine faz uma careta esquisita, pensativa e fala:

— Pelo menos, não tem tanta diferença de idade entre eles.

— Eu não casaria minha irmã com um homem velho. Acho estranho.

É esquisito e geralmente os homens mais velhos da *Famiglia* já foram casados, tem filhos e são escrotos. Precisam se casar de novo, porque suas esposas morreram de tristeza e desgosto como minha mãe.

Parecendo mais relaxada, Madeleine fica mais perto e joga os braços nos meus ombros.

— Espero que ela se dê bem com ele e que não fique tão chateada.

— Também não quero que ela fique chateada. Eu gosto muito da minha irmã para querer que ela fique zangada comigo.

— Travis... — sussurra com os olhos brilhando.

— O quê? — FRANZO a testa sem entender a emoção em seus olhos.

— Você *ama* sua irmã. É o único pai que ela sempre teve. — Acarícia meu rosto de leve. — Eu sei que está fazendo uma boa coisa pelo futuro dela e a gente só pode esperar o que há de melhor. Torcer para que tudo dê certo, porque se não der... — Baixa o tom de voz e desliza as mãos pelo meu peito até a borda da minha cueca, séria, mas maliciosa. — Eu não quero nem saber o que pode acontecer com esse menino aí que vai se casar com Marinne se ele tentar machucar nossa garotinha.

Porra! Essa última palavra... derrubou um grande pedaço do muro criado ao longo dos anos feito entre torturas, sangue e morte.

Agarro *minha* mulher, joga-a na cama e a fodo com força, quase rasgando os lençóis. O que ela faz eu sentir, pensar é... desconhecido. Animalesco.

Antes eu pensava apenas nas caras dos meus inimigos quando me encaravam com pavor, agora eu sei que eles terão que lidar com minha esposa. Duvido que ela deixe barato se alguém tentar encostar em nossa

família. Não preciso me preocupar com meus filhos em relação a ela. Eles terão uma mãe de verdade. Terão uma mãe e um pai que queimarão e sangrarão para protegê-los.

Também sei que ela defenderá a nossa *Famiglia* se for preciso. Muitos irão se arrepender de duvidar do potencial de Madeleine. Não posso dizer que sempre enxerguei essa força nela, mas também seria hipocrisia dizer que não sabia que ela é teimosa e destemida. E corajosa, pois fazer o que fez anos atrás, dedurar o plano do pai, não foi algo simples.

Meu medo em relação a Madeleine é suas emoções, seja qual for: medo, raiva, paixão. Se ela se sentir ameaçada, vai defender e lutar bravamente. Um risco em nosso mundo sem escrúpulos.

A maior força de uma mulher é também sua maior fraqueza; o que o submundo gosta de usar a seu favor e contra elas: a sensibilidade. Por isso que protejo Marinne, e agora Madeleine. Não é porque acho elas fracas, pelo contrário. Eu as protejo porque elas não foram instruídas a absolver seus sentimentos se for preciso, assim como facilmente os homens se tornam ocos. Se permitem sangrar almejando seus pecados. Um *Madman* vive seu purgatório e a morte é apenas a sentença para o inferno.

O N Z E

Madeline

Saio da cozinha satisfeita com o banquete que será servido amanhã, que teve algumas modificações.

Sigo para o escritório de Travis. Ele cumpriu com o que disse, que ficaria em casa hoje. Dou um toque de leve e espero ele dizer que posso entrar. Sorrio fechando a porta de volta e caminho até ele, que parou o que estava fazendo para me dar atenção. Está todo lindo e poderoso na sua cadeira em sua mesa. Eu adoro ver ele com pinta de magnata. É menos assustadora do que o ar de chefe da maior organização criminosa dos Estados Unidos.

— O que você está tramando? — pergunta me puxando para sentar-se no seu colo.

— O jantar e estava pensando, você não reparou que mexi na casa e nem no seu quarto.

Travis olha para os cantos do escritório. A única coisa que fiz aqui foi a troca das cortinas, na verdade todos os cômodos da casa ganharam cortinas brancas novinhas e pedi para Rosália deixar todas as janelas abertas durante o dia, principalmente. Fora que coloquei uma árvore gigante de natal na sala de estar e algumas luzinhas nas janelas. No quarto de Marinne que pude abusar na decoração de natal.

Ele volta a me encarar e sorri.

— Acho impossível não ver a decoração de natal — diz com sarcasmo. — Eu reparei sim, em tudo e não disse antes, pois estava muito ocupado mais cedo.

Dou uma risada por lembrar das nossas sessões de sexo. Estamos insaciáveis, fracamente.

— Mas você gostou?

— Gostei. — Ele dá de ombros e sorri. — A casa parece maior.

— Está mais iluminada. O único cômodo que já era alegre antes e iluminado, era o quarto da Marinne. Tipo, eu sei que você é o *Capo* malvado, mas não precisava viver em uma casa com cara de *casa mal-assombrada*, amor.

Isso o faz rir alto e me apertar em seus braços.

— Você não perde uma oportunidade de fazer piada.

Balanço a cabeça, ignorando-o.

— É porque eu gosto de ver você sorrindo. Quero ser o seu *telhado*. Quero ser a sua luz na escuridão. A sua paz.

Travis respira fundo e me beija de leve.

— Você já é.

Assinto e deito minha cabeça no seu peito suspirando com um sorriso bobo. Quanto mais o tempo passa, mais eu o amo. Mais eu o entendo. Mais eu quero cuidar dele. Sua vida sempre se resumiu apenas a *Lawless*. Ele pode continuar sendo quem é, mas não só isso.

— Você viu o Dario ontem? — Travis pergunta, acabando com o clima, mas eu o perdoo.

Levanto-me do seu colo e coloco as mãos na cintura encarando-o.

— Aqui em casa? Que horas? Eu fiquei o dia inteiro aqui e andando pela casa, afinal acompanhei as mudanças. Só saí quando fui à loja de noiva por volta das seis horas e, por incrível que pareça, não demorei mesmo passando em uma loja para comprar luzes de natal.

— Por que não demorou na loja?

Dou de ombros e vou ajeitar um livro na estante que fica atrás da sua mesa. É um livro chamado *Estratégias milionárias*. Rio por dentro.

Alguns devem até pensar que um *Capo*, um homem da máfia, lê sobre mentes psicopatas, planos de guerra e histórias antigas de dominação. E não é como se não tivesse livros sobre isso, mas a verdade é que a mente de um líder de uma organização criminosa é muito mais voltada a finanças, empresas, corporações, táticas políticas e de guerra. Táticas inteligente de chantagem e acordos. Estou encarando um livro sobre o tema neste instante.

Um grande líder precisa se equipar de palavras, de livros, que o aprofundam em seus negócios e na história, para saber os caminhos que levam a vitória ou a derrota. Dois caminhos distintos. Eu derrotei meu pai, mas não venci no final.

Suspirando para esvaziar minha mente, giro-me nos calcanhares e o vejo me observando bem sério.

— Preferi agendar uma visita para sábado na hora do almoço. A mulher da loja falou que ia preparar um dia todo só pra mim e escolheria os melhores modelos para o meu corpo.

Travis levanta e pega minha cintura com as duas mãos.

— Você pode ter o que você quiser. Não se segure.

Sorrio sem mostrar os dentes e assinto. Eu sei disso. O comportamento e a recepção das mulheres da loja de noiva, deixou claro que receberam ordens de *cima* para “cuidar” de mim como uma rainha.

Não posso dizer que não gostei.

— Eu sei, Travis, e não escolhi nada ainda por causa que a mulher agendou um dia só para mim. E vai até ser legal. Marinne vai estar comigo.

Ele coloca meu cabelo atrás da orelha e seu olhar é terno. O olhar raro que, às vezes, vejo direcionado para mim e sua irmã.

— Obrigado por pensar nela. Marinne precisava ter uma figura feminina para cuidar dela.

— Agora ela tem — afirmo com um sorriso, e volto para o assunto inicial. — E eu realmente não vi seu irmão. Ele ia vir pra cá?

Acho que o maior tempo que passei na companhia de Dario Lozartan foi início do mês passado, desde que minha mãe morreu. Ele estava o tempo todo por perto e no velório quase colado aos irmãos. No entanto, não o vejo desde a noite que Lorenzo e Enrico invadiram a casa, que foi na mesma noite. O soldado de Travis foi morto por ele, principalmente porque tentou machucar seu irmão. Talvez foi por isso que Dario sumiu. *Dio mio*. Parece que tem muito tempo aquela noite, mas tem apenas três semanas.

— Colen disse que mandou ele vir ficar aqui depois que fosse para Harvard. Nós queremos ficar de olho nele e a melhor opção é ele ficar aqui em casa.

— Mas o que o Dario disse? Ele está bem depois do que aconteceu?

Não preciso entrar em detalhes sobre o que estou falando. Travis nega com um aceno de cabeça.

— Não nos falamos ainda. Fiquei muito ocupado desde que melhorei e acabei focando nos assuntos de negócios. O único contato que tive com Dario foi uma mensagem de texto que recebi ontem, por volta de oito da noite, dizendo que estava vindo.

— Mas ele não apareceu. — Franzo a testa. — Essa hora eu já estava

em casa há muito tempo. Será que aconteceu alguma coisa?

Travis cerra a mandíbula e balança a cabeça em negativa.

— Não. Se tivesse acontecido, eu saberia.

Com certeza, ele mandou um soldado ficar na cola do irmão.

— Dario está testando minha paciência. — Captura minha atenção.

— Eu preciso dar um jeito no seu comportamento — fala distraído e se afasta de mim. Volta a se sentar em sua cadeira e pega o celular.

— Qual o verdadeiro problema dele?

Travis respira fundo e me olha por baixo dos cílios, permitindo que eu veja sua impaciência sobre o assunto. Deve ser exaustivo cuidar dos irmãos como se fosse pai deles, e não é de agora com o falecimento de Vincenzo Segundo. Ele sempre protegeu os irmãos.

— Não sei. Ele apenas se recusa a fazer o papel que precisa desempenhar para ser um legítimo Lozartan. Ser um *homem feito*. Antes mesmo de fazer o juramento, Dario se recusava a cumprir as ordens. Eu já conversei com ele, mas não adiantou.

— Ele... não quer ser... um *Madman*? — indago em dúvida.

— Dario não apoia nossas ações. Ele odeia o que somos, mas não tem saída. Todos os homens nascidos em nosso mundo não têm saída e por isso fico irritado.

Na verdade, ele está mais para preocupado. Aproximo-me e me sento na beira da mesa. Estico minha mão e, quando ele permite, afago seu rosto de leve.

— Se eu puder ajudar, vou ficar feliz, mas acredito que é um assunto que apenas você pode ter com seu irmão. Não acho que sou capacitada para isso *agora*. — enfatizo o momento presente porque, quando tivermos nosso filho, sei que farei das tripas coração para criá-lo forte e impetuoso como seu pai.

Travis concorda com um aceno e pegando minha mão levanta-se para segurar meu rosto e beijar minha boca.

— Não se preocupe. Eu vou dar um jeito.

Sinto que o jeito que ele vai dar não será fácil para Dario. Faço um aceno de cabeça aceitando o inevitável que é essa situação, e me pegando de surpresa, Travis se senta e me puxa para o seu colo de novo.

Abro um sorrisinho e sentindo-me plena, passo meus braços por seus ombros, encaixando-me em seu corpo e me delicio quando ele beija minha boca demoradamente do jeito que eu gosto.

E é a batida na porta que nos impede de continuar.

— A gente continua depois — ele diz e, para aliviar o nosso afastamento, dá um beijo de leve nos meus lábios.

Como não queremos comentários, me afasto e vou para uma das cadeiras que fica em frente a sua mesa, ao mesmo tempo que Travis autoriza entrar quem bateu na porta.

Logo surge um homem de feições fortes, cabelos grisalhos e um sorriso em sua face nem um pouco amigável. Como todos os homens da *Famiglia* está vestido todo de preto e o seu sobretudo lhe dá um ar ainda mais poderoso. Eu não preciso de apresentação para saber que é Vincenzo Lozartan, o *Boss* da *Lawless*.

Sinto Travis levantar-se atrás de mim, já que meus olhos não conseguem desviar a atenção da porta e faço o mesmo. Espero-o passar por mim para segui-lo até o avô.

— Eu não sabia que vocês iriam chegar hoje — Travis comenta e é nesse instante que vejo uma linda senhora atrás de Vincenzo.

Ela é muito bonita. Tem os cabelos loiros pintados com algumas mechas grisalhas, as rugas de expressão lhe dão um ar de experiência e elegância. Veste uma calça social preta, blusa de manga comprida de seda vermelha, como os sapatos, e um sobretudo também preto. É a estimada Giulia Caputo. Ela me olha dos pés à cabeça e não diz nada antes de focar em Travis.

— Nós queríamos fazer uma surpresa para você, querido.

Observo nitidamente Travis desconfiado. Ele respira fundo e me pega de surpresa quando se aproxima de mim, colocando a mão em minhas costas, bem em cima da minha lombar. Protetor e dominante.

— Está é Madeleine Beluzzo, minha noiva.

— Sua noiva? — Giulia pergunta com um ar penetrante. — Desde quando você tem noiva? Nós não ficamos sabendo disso.

Travis cerra a mandíbula e acho que, sem perceber, aperta demais a mão em minha cintura. Engulo o chiado porque estou mais preocupada com os olhos de Giulia e Vincenzo sobre mim.

Eles são sempre intimidadores assim?

— Eu ia comunicar a vocês amanhã. Mas que bom que chegaram mais cedo. — Seu braço me puxa mais para perto. — Melhor assim.

Vincenzo meneia a cabeça, como se tentasse entender, e me fita nos olhos com interesse.

— Quem são seus pais?

Ah, merda!

— Por que o interesse? — Travis indaga com a voz superior.

— Porque nós somos como a realeza, temos responsabilidades em cada ação que escolhemos e um casamento só é bom quando dois lados se beneficiam.

— Meu casamento não é tático — Travis afirma.

— Está apaixonado por ela? — Vincenzo questiona seco e irônico. — Vai se casar com ela porque não consegue viver sem ela?

Tenho muita vontade de olhar para o rosto de Travis e saber o que está sentindo, ou pensando, mas acabo baixando a cabeça e fitando o chão envergonhada.

— Não interessa os meus motivos — responde o avô projetando o corpo para ficar na minha frente. — Eu vou me casar com Madeleine e esse assunto está encerrado. E pensei que você fosse gostar de saber que a família da mãe dela vem da *Camorra*. Sua *Famiglia*.

— Então ela é uma italiana? — Giulia pergunta e abre um sorrisinho olhando para mim.

— Sim, ela é italiana.

Sei que eu mesma poderia responder essa pergunta, mas acho que perdi a voz. E a Sra. Lozartan chega mais perto de mim, quando seu neto fica um pouco para o lado, e me examina.

— Beluzzo... Madeleine Beluzzo? Esse nome... — ela murmura. — Não é a menina que dedurou o próprio pai para a *Lawless*, porque ele estava conspirando com o inimigo? A menina que o seu pai — se dirige para Travis — jurou proteger pessoalmente depois, como uma dívida?

É claro que ela sabe quem eu sou e a minha lenda. É isso que eu me transformei depois que dedurei meu pai. Uma lenda como também um perigo. Muitos pensaram durante anos que eu, na verdade, era uma traidora. Posso não ter traído a *Famiglia*, mas traí meu pai. O meu sangue.

Para os Lozartan, isso significou que eu dei mais importância a *Famiglia*, sendo que eu só estava preocupada comigo mesma e minha mãe. Na época eu ainda não nutria uma mágoa por ela, não até me esquecer assim que fui banida de Las Vegas.

— Sim, sou eu mesma. — Recuperando a voz e aprumando a postura, levanto o queixo e digo: — A história é bem longa de como vim parar aqui, mas quero que saiba que eu sou leal a Travis, a sua família e a *Lawless*. Dou

a minha palavra.

Eles se entreolham, Vincenzo ergue a sobrancelha e logo os dois me encaram parecendo convencidos. Eu sei que não totalmente, porém Travis vai fazê-los me aceitarem. Sei que o meu homem é muito convincente.



A minha ideia para o dia de Ação de Graças era uma coisa mais singela. Uma reunião de família. Um jantar entre nós para agradecer, pelo menos, por estarmos vivos ou alguma graça que Deus deu particular.

Eu sei que tenho o que agradecer. Fui acolhida no momento de maior desespero da minha vida, conheci uma menininha que amo como se fosse do meu sangue e vou me casar com um homem que amo. Então eu tenho o que agradecer.

Também o que lamentar, infelizmente. Meus pais morreram, quase fui morta pelo filho da puta do meu primo e a única família que me resta mora muito longe... Não. Isso não é verdade, porque a família que eu tenho é a do meu futuro marido e a que eu irei construir com ele. Nunca cobicei ter filhos, mas espero ansiosamente por este momento.

E o jantar de hoje também seria em família, até ver os avós de Travis e como eles me trataram. Meu Deus! E saber que os D'Ângelo chegarão hoje também, levou meu ânimo pelo ralo. Estou com o pressentimento de que talvez amanhã será oficializado o noivado de Marinne. Acho que Travis está falando sobre isso com os avós.

Dio mio! Eu não sei como a minha pequena vai reagir. Ela é muito inteligente e astuta, no entanto ainda uma criança. Eu estou louca para vê-la. Para ela chegar, e não vai demorar muito mais. Luca saiu deve ter uns quinze minutos para buscá-la.

Respiro fundo e volto para a cozinha, onde vejo as meninas trabalharem e onde passei a maior parte do tempo hoje.

Rosália vira-se para mim com sorriso.

— Está tudo bem, senhora?

— Sim, eu estou bem, mas vou precisar da sua ajuda *agora*.

— Estou às suas ordens. O que a senhora gostaria?

— O quarto para os Lozartan já está pronto?

— Sim, senhora. Fiz pela manhã logo que o senhor Travis me disse

que eles virão amanhã.

— Okay, menos mal. Eles acabaram de chegar.

Vejo o receio nos seus olhos, a postura se elevar e, quando meneia a cabeça, noto o nervosismo. Acho que é natural ficar assim. Ainda bem que não sou a única.

— Enfim, quero que você foque no jantar de hoje à noite. Além deles, nós vamos receber uma visita daqui a pouco. Precisa aumentar o jantar, assim como o de amanhã e ajeitar a sala dos fundos.

Creio que ela entendeu que a visita é uma reunião de negócios, porque um casamento por tática nada mais é do que negócios.

— Sim, senhora. Já vou providenciar tudo.

— Obrigada. Prepara um jantar grande e Marinne vai chegar daqui a pouco. Já deve estar chegando. Então seria melhor fazer um jantar legal para ela. Prepare o prato que ela mais gosta e uma sobremesa. Faça... seja lá o que for. Pensa que hoje é aniversário dela ou um dia antes do aniversário dela. — Fico um pouco eufórica falando e preciso me acalmar. Respiro fundo. — Faça de hoje à noite um dia especial para ela, por favor.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, Rosália. Eu... só gosto de mimar a Marinne. Só isso.

Eu não vou ficar falando coisas comprometedoras que não diz respeito aos funcionários. Travis não gostaria e eu aprendi com a minha mãe que certos assuntos não devem ser falados na frente dos empregados. Precisa-se dividir a vida pessoal do trabalho, e em nosso mundo essa regra é levada ainda mais a sério.

— É só isso. Agora vou subir. Preciso dar um telefonema e já volto. Travis ainda está no escritório e pediu para não o interromper de forma alguma. Ele está em reunião com os avós.

Giulia e Vincenzo chegaram mais cedo do que imaginei. Eles ficarão aqui até sexta de manhã. Eu pensei que ficaria extremamente nervosa na presença deles, mas na verdade não. Apenas me senti intimidada e o momento que mais fiquei nervosa foi quando perguntaram quem sou e quando pediram para deixá-los a sós com o Travis. Confesso que eu quase corri para longe daquele escritório.

— Sim, senhora. Pode ficar despreocupada. Vou preparar tudo.

— Certo. — Meneio a cabeça e saio da cozinha.

Sei que só estou me esforçando dessa forma, quase maníaca por todos os detalhes, porque quero que os Lozartan gostem de mim. Quero que eles

aprovem meu casamento com o seu neto.

Quando estou virando o corredor, seguindo para as escadas, vejo a porta de casa se abrir e uma Marinne vestida com o uniforme do internato aparece. Ela está linda com as franjinhas penteadas, os cabelos soltos e vestida com a saia xadrez pregada, a camisa social branca, o laço vinho amarrado no pescoço e o blazer azul. Abrindo um sorriso enorme, ela corre para os meus braços abertos.

— Madeleine! — exclama me abraçando forte.

— Oi, querida. — Dou um beijo nos seus cabelos e me afasto para fitar o seu rosto. — Como você está?

— Eu estou bem. Estava com muita saudade de vocês. Travis está em casa?

— Está, mas ocupado no escritório com seus avós. Ele não foi pro Bellagio hoje.

— Só você para fazê-lo se comprometer em ficar em casa.

— Sobre isso. Tenho uma coisa para te dizer.

— O que é? — pergunta arregalando seus imensos olhos azuis tão idênticos aos do irmão. Eu amo o fato dela se parecer com Travis, e secretamente imagino como serão meus filhos. Com certeza, eles vão se parecer com ela.

— Eu e Travis vamos nos casar. Amanhã ele vai oficializar o pedido. Na verdade... — Levanto minha mão mostrando o anel.

— Ai, meu Deus! — grita. — Estou tão feliz. Eu gosto tanto de você e... já disse. Você é... como a figura materna que eu não tive. Sei que a gente se conhece tem muito pouco tempo e não sabemos muita coisa uma da outra, mas... o pouco que já convivi com você. Aprendi a te amar.

— Querida — puxo-a para os meus braços, emocionada com suas palavras. Logo me afasto e sorrio dizendo: —, eu também amo você, Marinne. Amo como se fosse do meu sangue.

Ela me dá um beijo no rosto e segura minha mão, puxando-me para o andar de cima.

— Vamos! Eu preciso te contar uma coisa também e quero que seja lá em cima. Não quero que ninguém saiba.

Desconfiada, sigo atrás dela, até porque não solta minha mão e me leva para dentro do seu quarto. Ela faz eu me sentar na cadeira da escrivaninha, fecha a porta e, quando se aproxima, me olha ansiosa.

— O que é? Fala logo. Está me deixando nervosa.

— Eu... — engole em seco. — Eu fiquei mocinha. Fiquei menstruada pela primeira vez e isso é horrível.

Meus olhos e minha boca se abrem em total surpresa.

— O quê? — Eu me levanto e vou até ela. — Você pediu a alguém para te ajudar na escola?

Caramba! Eu não estou preparada para ser mãe depois dessa bomba jogada nos meus braços.

— Na verdade, não. Eu... não soube o que fazer. Estou usando três calcinhas porque fica sujando e... fica escorrendo. Botei papel higiênico também — sussurra cheia de vergonha. — E as três calcinhas. Sabe, eu até tenho noção do que deve ser feito, uma prima minha me falou como foi para ela. Mas eu fiquei com vergonha de pedir na escola.

— Marinne, você estuda em um internato de meninas. Elas iriam te ajudar, querida.

— É. — Dá de ombros. — Eu sei, mas é estranho e preferi falar com você.

Fico sem reação pela confiança dela em mim e sorrio com carinho pegando sua mão.

— Tudo bem. Eu vou te dar um absorvente, preparar um banho para você e é isso. Se você sentir cólica, fala comigo. Cólica é... uma dor aguda ou não, muito chata. Você entende um pouco como funciona, não é?

— Sim — responde com um sorriso. — Eu sei como é que funciona. Aprendi na escola, porém... nunca tive orientação. Travis pode ter sido um pai para mim muito bom. Sempre atencioso e cuidando de mim, mas ele não era muito...

— Eu sei, já entendi. — Dou uma risada. — É compreensível os homens serem um pouco avessos nessa parte, por isso que uma mulher é fundamental na criação dos filhos, mais ainda das filhas. Mesmo que alguns homens se esforcem bastante, algumas lacunas apenas uma mulher pode ocupar. Mas está tudo bem. Eu estou aqui agora.

— É, você está aqui agora — ela diz com os olhos enchendo d'água e me abraça bem forte.

Faço o mesmo, fechando os olhos e escuto:

— Obrigada por ficar. Espero que você seja muito feliz com meu irmão.

Agradeço com um aceno de cabeça e a encaro.

— Eu já sou feliz, querida.

Essa afirmação é do fundo do meu coração e espero que a minha felicidade não minguie quando ela souber que vai ficar noiva amanhã. Embora o casamento acontecerá apenas daqui a quatro anos, os laços já estão ligados e a morte é a única forma de romper.

D O Z E

Travis

— Não temos o que discutir. Não vou mudar minha decisão — digo aos meus avós sobre me casar com Madeleine.

— Você sabe que eu só não estou reclamando mais porque a família dela é da *Camorra*, certo? — Vovó comenta se levantando do sofá. — Mas esse casamento foi a coisa mais burra que você já fez, Travis Lozartan.

— Por quê? — esbravejo. — Por que eu não fiquei com quem meu pai escolheu? Desde quando ele fazia as melhores escolhas? Foi tão esperto, que acabou morto pelo seu inimigo em uma armadilha ridícula.

Vincenzo bate o copo do uísque na mesinha, que fica ao lado da poltrona, onde está sentado confortavelmente com sua postura poderosa e uma das pernas jogadas sobre a outra, o pé sacudindo demonstrando sua irritação. Ele não é meu avô nesse momento e estou lhe tratando assim. Foda-se! Se ele quer bancar meu *Boss* que seja.

— Não menospreze seu pai dessa forma.

— Então não menospreze a minha escolha também. Eu sou bem crescidinho para saber quando tomar esse tipo de decisão. Eu sei que um casamento em nosso mundo só termina com um *último suspiro*. Vocês não precisam me lembrar.

— Travis Vincenzo Caputo Lozartan, não seja rebelde! — Giulia esbraveja.

— Sua avó tem razão e eu espero que você não esteja nutrindo sentimentos por sua noiva.

Cerro os olhos fitando meu avô, meu *Boss*.

— Sabe muito bem que, quando eles vêm, acertam em quem amamos.

— Como você sabe?

Ele fecha a cara e, se não fôssemos família, ele me acertava com uma faca no peito.

— Nós não estamos reivindicando seu casamento ou sua escolha de noiva — Giulia intervém. Eles são um ótimo time, e Vincenzo prossegue:

— Nós estamos querendo saber o que vai fazer com as ameaças? Tudo indica que é por causa de Madeleine, no caso Edgar. Você precisa encerrar seja lá o que ele acordou com a *Bratva*. Um conflito pessoal com esses russos, filhos da puta, não é algo que queremos no momento. Nosso foco é expulsar a *Hechos* de Nevada e abrir as estradas com a aliança feita com a *Darkness*. A *Diabolos* está dificultando nossas mercadorias a chegarem em Montreal e eles atacaram um dos armazéns de Colorado.

Cerro os dentes soltando a respiração.

— O assunto de Colorado vou tratar na sexta-feira. Vou fazer uma visita ao *Underboss* de Denver. Tenho informações de que Costa está nos traindo.

— Com que interesse? — Vincenzo pergunta.

— Ainda vou descobrir, mas não acho que seja com a *Diabolos*. Anthony Basso não está forte no momento para comprar briga conosco. Ele já tem um grande conflito com a *Darkness*, mesmo entrando em contato com Giovanni para uma aliança. Vocês podem ter odiado minha decisão, mas ficar com Madeleine e concordar com a união do filho mais velho de Giovanni com Marinne, foi a melhor situação para nós na guerra de território deles. Deixe que eles briguem entre si enquanto nós crescemos.

Eles assentem e, mais calmos, voltamos a nos sentar no sofá.

— Soubemos que você atacou uns soldados da *Hechos*. Com que finalidade, Travis?

— Um *Capo* não pode se dar ao luxo de brigar desenfreadamente quando der vontade — vovó completa o pensamento.

Eu não posso contar para eles que, no dia que fiz aquilo, eu estava puto com Madeleine. É um sinal de fraqueza que eles irão arrumar um jeito de me ensinar a não repetir e extrair de mim. Prefiro omitir.

— Eles tiveram o que mereciam. Estavam prestes a atacar um dos cassinos pequenos de Paradise.

Vovó assente, embora seus olhos deixam claro que não acreditou.

— Quando você vai falar com Marinne sobre o noivado?

Ótima tática de mudar de foco. Giulia Caputo é de fato nossa *Boss*.

— O quanto antes. Giovanni e Amândio estão chegando.

— Por que estão vindo tão cedo? O acordo foi na segunda-feira — reclama como uma rainha pedante que é.

Ergo a sobrançelha e me levanto, incomodado com a conversa.

— Não me importo e fui eu que os convidei para o jantar de amanhã. Quanto mais cedo souberem que a *Lawless* e a *Darkness* estão se unindo pelo laço de sangue, melhor.

Eles concordam com um aceno e se levantam também.

— Agora nós temos todas as *Famiglie* da Itália na retaguarda — vovô diz abrindo um sorriso maquiavélico de lado.

— Como se a '*Ndrangheta* desse a mínima para isso — minha avó ironiza. — Eles são capazes de matar o próprio *Boss* se não estiverem satisfeitos e mesmo Vitorio Malvez sendo *Capo* da *Blood Hands*, e representando-os nos Estados Unidos, se o Cassio decidir substituí-lo, ele fará. A '*Ndrangheta* é a *Famiglia* mais brutal e para nós será bom porque o pai de Giovanni é o *Boss*. Espero que Cassio se apaixone por Marinne como todos, que sempre ficam encantados por ela. Se acontecer, ele vai querer protegê-la, como se fosse sua neta de sangue.

As alianças e afiliações das *Famiglie* que nos transformam de inimigos a aliados, ou não.

Embora Cassio D'Ângelo seja o chefe da '*Ndrangheta*, a herança da *Famiglia* nos Estados Unidos é a *Blood Hands*, comandada por Vitorio Malvez. Seu filho, Giovanni D'Ângelo, quando se casou com a filha do antigo *Capo* da *Darkness*, ficou com seu posto quando o sogro morreu. Foi uma bela jogada de poder.

Assim como a *Lawless* tem a *Camorra* e a *Cosa Nostra*, a *Darkness* tem mais de uma origem, no caso são três, pois a *Sacra Corona Unita* se envolveu quando a irmã de Giovanni se casou com o filho do *Boss* deles. A *Darkness* é a mais poderosa das *Famiglie* sem dúvida. Só faltava a *Camorra* para eles, que agora terão quando Marinne se casar com Amândio. Para a *Lawless* é o mesmo. Eu e Giovanni teremos as quatro *Famiglie*, mas isso não impede nada como minha avó deixou claro. Os negócios da máfia são uma faca de dois gumes.

Marinne

Minha cabeça está dando voltas com tanta informação. Ficar menstruada não me pegou tão de surpresa quanto *isso*. Tentando me animar, pego meu *iPod* e coloco na última música da Taylor Swift, que estou viciada. Ainda estou vestida com o uniforme do internato, apenas troquei minhas partes debaixo e coloquei o absorvente, que é muito desconfortável. Vou comer primeiro e depois tomar banho. Antes tivesse feito isso do que ir atrás do meu irmão.

Vendo uma sombra que a luz do salão principal da casa reflete, corro animada pensando que é Travis saindo do escritório. Estou fingindo que não me interessa a conversa dele com vovô e vovó.

— Irmão! — exclamo assim que meus pés pisam na sala, mas me calo ao vê-lo.

Ele é alto, bonito, *muito bonito*. Deve ter uns vinte anos. Os olhos azuis inexplicavelmente lindos e árdus. O gelo e a frieza emanam deles tanto quanto a beleza. A cor da sua pele me lembra a do vampiro do meu livro favorito, *Crepúsculo*. Muito clara e aparentemente sem nenhuma marca pelo rosto como meu irmão Colen, que tem uma cicatriz na lateral do rosto, fora suas tatuagens.

Suas sobrancelhas escuras estão unidas, o vinco no meio da testa, enquanto me encara em silêncio. Seus cabelos são de um castanho-escuro com alguns reflexos capturados das luzes do ambiente. São mechas naturais que não permitem seu cabelo chegar ao tom do preto e faz seus olhos serem mais azuis do que o cinza frio.

Ele está vestido com um terno sob medida, como meu irmão usa – alta costura –, cinza escuro, que combina demais com os olhos e o cabelo. A camisa por dentro é preta, o colete preto também e a lapela possui uma tira vermelha escura, quase vermelho sangue, que lembra meu uniforme.

O fato é que estou congelada na frente dele e não sei explicar o

porquê que sua presença me dá a impressão de *posse*.

Então... o estalo na minha mente acontece!

É ele!

O próprio.

Amândio D'Ângelo.

Meu coração bate tão forte que fico preocupada.

Os olhos dele são de uma profunda impassibilidade e distância.

Tento negar a mim mesma que não estou com medo, mas de nada vale, pois eu sei, com toda certeza, que ele consegue sentir de longe. Ele foi treinado para ser o *Capo* no futuro. Um futuro não tão distante. Um futuro que o transformará em meu marido também.

Engulo em seco com essa realização.

— Oi — ele faz o primeiro contato. Sua voz é baixa, rouca e, como presumi em tudo sobre ele, intensa. Vigorosa.

Eu deveria respondê-lo. Fui educada perfeitamente, mas aqui, parada, não encontro minha voz.

— Você é muda? — pergunta com um tom curioso. Se essa notícia for verdadeira, ele morrerá. Não saberá como lidar.

Posso confessar que tenho vontade de rir. Primeiro porque ele não me ouviu falar o “irmão” toda animada. E segundo, porque um *Madman* também se sente perdido às vezes. Eu sei disso mais do que gostaria com três irmãos iniciados na *Famiglia*.

— Não sou não — esclareço negando com a cabeça.

Ele assente satisfeito, me olha dos pés à cabeça e é a primeira vez que sinto vergonha do meu uniforme que tanto amo. A saia pregada em xadrez azul-escura com listras vinho e branco combinando com o blazer azul royal que carrega o brasão da escola, a camisa de linho branca e o lenço vinho amarrado no lugar da gravata. Eu sempre amei meu uniforme e agora estou envergonhada por estar assim na sua frente.

Seus olhos me analisam e, quando volta a encontrar os meus, vejo algo passar por eles que não sei identificar, mas tenho certeza de uma coisa: ele me acha uma criança. E eu sou mesmo uma. Sou a sua futura noiva criança.

— Sabem que você está aqui? — indago aprumando a postura.

— Sim.

— Você está sozinho?

Ele franze mais a testa e dá um olhar rápido para trás de mim. Faço o

mesmo e vejo um homem de terno, camisa e gravata pretas, e um rosto mal-encarado, parado na soleira da porta de casa.

— *Buon pomeriggio*, senhorita.

Reviro os olhos porque não entendo esse fascínio dos soldados de falarem comigo em italiano e como se eu fosse uma princesa que precisasse de toda etiqueta. “*Faltou a reverência*”, penso com sarcasmo.

— Eu sei falar em inglês perfeitamente, não precisa se esforçar falando comigo em italiano. — Deixo clara essa informação porque, para início de conversa, só falamos em italiano quando estamos perto de estranhos. — E boa tarde.

Pegando-me de surpresa ouço um riso atrás de mim e me viro para ver Amândio forçando-se a ficar sério novamente.

— Bem, esperem aqui. Vou chamar meu irmão.

— Não precisa — Travis diz vindo do escritório com vovô e vovó.

Eles sorriem para mim enquanto andam até a mim. Meu irmão se aproxima, beija a minha testa e murmura apenas para os meus ouvidos:

— Não era para você estar aqui sozinha.

Magoada, eu me afasto dele, franzo a testa e tombo minha cabeça para o lado, olhando-o com um nítido ponto de interrogação na testa.

— Madeleine está lhe esperando na cozinha. Tem uma surpresa para você.

Eu sei o que ele está fazendo. O problema é que não sabe que eu sei do noivado. Que eu suspeito que, provavelmente, ele vai me informar da sua decisão hoje ou amanhã. Acho que o anel chega no jantar. Ou depois da sobremesa?

— Eu prometo falar com você depois, Marinne. Agora vá.

— Venha, querida. Vamos lá ficar com a noiva do seu irmão. — Vovó deixa escapar essa informação com um tom severo.

Ela não parece ter gostado da decisão do meu irmão em se casar com Madeleine; na verdade, ela quer deixar claro essa notícia para as nossas visitas. Que não tenho como saber a reação, pois não volto a encarar Amândio.

Assinto para vovó e me afasto deles sem olhar para trás.

Enquanto ando pelo corredor morro de vontade de olhar para trás, confesso. Eu quero saber mais sobre *ele*. Tudo o que sei são informações que estive ouvindo a conversa atrás da porta de Travis e meus avós agora há pouco. O que eu sei não é muito bom. Amândio é tão perverso e mau quanto

Travis, e meu irmão não confia no seu temperamento, o que fez vovô reclamar sobre sua decisão.

Ouvir aquela conversa me deixou nervosa. Saí correndo para o meu quarto de novo e prometi que Travis não saberá que descobri antes de ele me falar. Vou fingir que não sei porque quero que meu irmão continue confiando em mim. Que mantenha o *laço* entre nós forte para sempre. Forte até eu... ir embora.

Entro de cabeça baixa na cozinha e logo escuto Madeleine questionar:
— O que houve, querida?

Afasto-me de vovó, que me segura pelos ombros em uma tentativa de deter meus passos de volta ao meu irmão e os visitantes, e praticamente me escondo nos braços da minha cunhada. Como de costume, Madeleine beija meus cabelos e me protege, envolvendo-me com carinho.

Eu nunca vou conseguir agradecer ao meu irmão por ter escolhido ela para ser *sua*. Sei do fundo do coração que meus sobrinhos terão uma mãe incrível. Uma que eu não tive e talvez por isso me agarrei à noiva do meu irmão dessa forma. Ela era a peça que faltava no nosso tabuleiro.

Amândio

É horrível quando me sinto perdido ou confuso, o que não acontece com frequência, ou quase nunca. Mas ver aquela menina descer as escadas, deixou-me assim.

Eu me controlei ao máximo para não me aproximar mais do que os nossos padrões permitem. A curiosidade foi grande para conhecer minha futura pequena noiva. A informação indulgente de que ela é uma criança me atingiu *horrivelmente*.

Marinne Lozartan é tão jovem quanto a minha irmã Lianne. É muito bonita, e não me resta dúvidas de que será uma linda mulher quando crescer, quando se tornar *minha*. Ela pareceu ser uma doce menina, esperta e curiosa.

Será que terei problemas com a intensidade que vi refletir em seus lindos olhos azuis escuros?

Não importa muito. Honrar meu sobrenome não é nada de mais. Eu serei o *Capo* e terei que honrar meu lugar, honrar minha *Famiglia*. Dar meu sangue para a *Darkness*. Casar-me por conveniência é apenas um acordo selado com sangue. *Esse acordo que entrelaçará a Darkness na Lawless.*

Um bom negócio, eu não posso negar a evidência sobre o assunto. Papai é ótimo em fazer acordos, e nesse eu sou sua carta na manga. Seu “Ás”, e a *menina* é a carta de Travis Lozartan, *Capo* da *Famiglia* da Costa Leste. A questão é: ela se tornará uma “Rainha” ou apenas um “Ás” na manga para mim.

Travis

Apresso meus passos quando vejo Marinne conversando com alguém, e minha paciência, que já não é meu forte, some quando vejo com *quem* ela está falando. Eu posso nunca ter estado no mesmo ambiente que Amândio, mas seu rosto não era desconhecido para mim. Eu não ia aceitar casar minha irmã com alguém que eu nunca tinha colocado meus olhos.

Espero Marinne se afastar com Giulia para direcionar minha atenção para Amândio. Não gostei nem um pouco de vê-lo com minha irmã sem a minha presença. Eu sabia que evitar o encontro deles hoje à noite era inevitável, mas eu queria ser o único responsável por esse encontro. Queria estar junto e ver como ele se comportou, o que falou.

Malditos sejam meus avós por terem me prendido no escritório. Por culpa deles não consegui ver a reação de Marinne, no entanto, de Amândio, ele parece curioso. Seus olhos não se desviaram ainda do corredor onde minha irmã desapareceu na companhia da minha avó. Queria saber o que está pensando.

Como os nossos protocolos pedem, Vincenzo dá um passo à frente, aproximando-se de Amândio e estende a mão.

— Você deve ser o filho do Giovanni.

— Sim. O próprio: Amândio D'Ângelo — ele fala com muito orgulho seu nome e nitidamente não aparenta nem um pouco condescendente.

É óbvio que ele não se sente confortável. Age como estivesse em território inimigo. Podemos ter um acordo de paz, mas nosso comportamento sempre será de cautela e ataque. Fomos criados para sermos assim, porra. Embora, sendo franco, meu avô e meu pai, e eu no momento, nunca tivemos cobiça pelos territórios da *Darkness*. Talvez nós ficamos de olho nos territórios da *Diabolos* e da *Bratva*, mas a *Darkness* fica do outro lado do país e não representa perigo para nós.

A aliança que fizemos com os D'Ângelo é para fortalecimento de

nossas estradas, alianças políticas, vendas de armas e uma força maior no sindicato dos taxistas e operários. As *Famiglie* sempre estiveram envolvidas em empreiteiras e muitas ruas realmente são nossas.

Ter Nova York como uma cidade aliada é muito bom. Melhor ainda porque necessariamente encurralamos a *Diabolos*. Chicago agora fica entre nós. E com Cassio D'Ângelo sendo sogro da minha irmã e Boss da 'Ndrangheta, acho muito difícil Vito Malvez tentar alguma coisa contra nós. Antes ele não pensava em tocar na *Darkness*, e com Giovanni do meu lado, Vito ficará mais calmo e a raiva que ele nutre pela *Lawless* crescerá um pouco mais agora.

Contudo, a *Diabolos* e a *Blood Hands* ficaram ainda no meu radar. Eles sempre foram e provavelmente sempre serão meus inimigos.

— Seu pai não veio — pronuncio finalmente quando acabo de analisar a situação.

Amândio direciona o olhar frio para mim, as pálpebras tremem com desgosto aparente e responde:

— Algum problema ele não vir?

Respiro fundo, segurando o ar e sentindo um aperto na garganta pela minha tentativa de controlar meu aborrecimento.

— Não — devolvo. — A pergunta foi porque seu pai confirmou presença.

Ele é petulante, seus olhos brilham com um aviso nítido de que o pai pode não estar presente, mas que ele dá conta de mim.

É bom saber que minha irmã vai se casar com alguém parecido comigo. Espero que dentro de casa ele também seja igual e é isso que vou descobrir esta noite. E se ele não for, antes de pensar em *quebrar* minha irmã, eu o quebro primeiro.

— Meu pai não pôde vir, então eu vim, apenas. Tem algum problema nisso?

— Claro que não. É bom que assim você já conhece a família e conheço você.

Ele exala e, por sua postura, se irrita. Balançando a cabeça, diz:

— Acho que é uma boa oportunidade.

Um silêncio recai sobre nós. Espero alguma pergunta sobre Marinne, mas, pelos nossos costumes e o protocolo em mantermos as aparências civilizada, ele dispensa uma pergunta. Aprecio seu sinal de respeito em minha casa.

— Vamos ao meu escritório. Temos alguns assuntos de negócios para falar.

Ele concorda com um aceno, me segue e sua segurança vem atrás. Meu avô me direciona o olhar. Sua expressão está sombria e eu prefiro ignorar. Tem algo passando em sua mente, que eu nem quero saber. A minha preocupação é como minha irmã vai reagir e quero lhe dar a notícia antes do jantar.

Hoje Amândio apenas vai conhecê-la, como eu também estou fazendo. O noivado vai acontecer quando ela fizer quinze anos, daqui a dois meses.



Minha irmã está na minha frente. Em silêncio, apática e neutra. Acabei de lhe dizer minha decisão. Ela não me interrompeu uma vez sequer. Ficou quieta e agora eu não consigo enxergar o que está passando em sua mente.

Mascarar suas emoções foi algo que ela aperfeiçoou sozinha. Eu nunca a ensinei a esconder nada de mim. Principalmente o que está sentindo.

— Marinne? — chamo-a baixo.

Ela pisca os olhos e olha para Madeleine antes de ir para os braços dela. Eu sempre soube que lhe faltava carinho de mãe, de uma mulher por perto. Minha avó nunca se esforçou para estar conosco, com a neta que perdeu a mãe tão jovem. Agora minha mulher faz o papel de mãe e lhe agradeço com um olhar.

— Querida, não vai ser agora — Madeleine cochicha no seu ouvido, afagando suas costas. — Você ainda ficará muito tempo conosco. Está triste?

Marinne respira fundo, se afasta e responde:

— Não. Não estou triste e nem surpresa. — Olha para mim. — Eu já esperava isso. Nasci em uma família de *peso*, seria hipocrisia imaginar não esperar por isso. Não estou com raiva de você, irmão. — Caminha até a mim e eu pego suas mãos. — Não precisa me olhar assim. Eu *nunca* vou te odiar — murmura e seus olhos ficam marejados.

Porra! Ela foi meu primeiro ponto fraco. A primeira pessoa que precisei mascarar o que sinto para os meus inimigos próximos. Não sabemos em quem confiar. A única que sabe o quanto prezo minha irmã é a mulher que também tem os olhos brilhando pelas lágrimas não derramadas.

Meus passos levam até ela, assim como os seus. Abraço-a bem forte e beijo seus cabelos.

— Você é meu orgulho. Lembre-se sempre disso. Você sempre terá uma parte de mim onde quer que vá. Sempre será meu orgulho, *bambina mia*.

Ela concorda com um aceno e suas lágrimas deslizam livre por seus olhos, que vejo uma fortaleza.

T R E Z E

Madeline

Hoje eu acordei animada. Sei que o tempo todo meu sorriso estava estampado em meu rosto, acompanhando-me em todos os cantos da casa enquanto eu ajudava as meninas a deixar o jantar todo preparado e perfeito.

Desde o café da manhã já pensava no jantar que preparei ao ar livre, em frente à piscina da casa e o imenso jardim. Mandeï prender os cachorros para não atrapalhar e não ter nenhum acidente. Roxy e Belfort são muito violentos. Dos *Rottweilers*, eles são os mais perigosos. Nem os *Dobermanns* são tão maus.

Não sei explicar direito. Sinto-me obrigada a fazer um jantar bonito, uma reunião entre a família e amigos organizada e perfeita.

Estou fazendo um grande esforço por causa dos avós de Travis. Não estou nem aí com os outros convidados, quero é agradar quem, para todos os sentidos, são meus sogros. Acho que, na verdade, eles são até mais do que a representatividade dos pais de Travis. Giulia e Vincenzo Lozartan são os verdadeiros rei e rainha de Las Vegas. Eles só estão aposentados, mas não deixam de mandar. Sei que Vincenzo é o único capaz de parar ou de deter uma ação de Travis. E por isso que quero que eles apreciem minha presença como nova membro do clã Lozartan.

O que não pareceu ter acontecido ontem. Eu não sou um *Madman*, mas consigo enxergar quando está tão evidente na expressão de alguém, que eu não sou bem-vinda. E não estou fazendo um grande esforço porque gosto deles, é por causa de Travis. Eu não quero que ele se aborreça com os avós também, já não basta Paolo no seu pé.

Consigo entender os dois lados. Casar comigo teve seus problemas e não tem nenhum benefício tático, não por agora, talvez no futuro. A *Famiglia*

é muito boa em encontrar saídas quando estão encurraladas.

Meus pensamentos são interrompidos quando vejo uma sombra se aproximar de mim na varanda do terraço da casa, onde ajeito os lugares na mesa. Vamos comer aqui fora e aproveitar o clima gostoso que está essa noite, sem contar que na sala de jantar não caberia todo mundo. A pequena reunião virou uma verdadeira festa.

— Você hoje não parou.

O comentário me faz rir e eu me viro para encarar Travis. Ele não tenta me abraçar ou tocar, muito menos me dar um beijo. Estamos fingindo que somos os típicos noivos da *Famiglia*. Os protocolos pedem uma postura mais elegante. Uma gigantesca hipocrisia são as “morais” e bons costumes da *Famiglia*.

Sorrio e me aproximo, não demais.

— Espero que você não esteja me dando esporro por estar cuidando da casa.

— É claro que não estou brigando com você por estar cuidando do jantar e da casa. — Ele coloca as mãos nos meus ombros. — Só não quero que você se esforce tanto e fique com esse olhar de preocupação. Está tudo bem.

— Não está tudo bem, Travis. — Afasto-me dele. — Eu sei que os seus avós não gostaram tanto assim de mim.

— Eu não me importo. — Ele fica perto de novo e toca meus ombros. — Você já é minha mulher, eles apenas têm que ouvir e calar. Não tem que aceitar ou reivindicar. — Seus olhos ficam escuros, severos. — Esse assunto morreu.

Oh, como ele é maravilhoso e intenso! Eu o beijaria agora. Mas quando olho para as portas francesas, que dão para onde estamos, sou obrigada a me afastar.

Abro um sorriso simpático vendo Paolo chegando até nós, conversando com uma mulher muito bonita. Extremamente bonita.

— É a esposa dele — Travis informa como se lesse meus pensamentos.

Uau! Ela é encantadora, tem a pele alva quase da cor do seu vestido branco e ainda bem que ela usa um casaco vermelho sangue, senão ia pensar que estava vendo um anjo de cabelos loiros cacheados e olhos amigáveis. E acho que ela está tão bonita por estar grávida. É inevitável não perceber. Sua barriga está enorme. Provavelmente está perto do nascimento.

— Então *ele* gostou — o comentário de Paolo faz Travis resmungar.

Pisco sem entender e ele direciona um olhar frio ao seu *Consigliere*. Paolo deve estar falando do avô de Travis. O que indica que ele ouviu algo quando chegou na casa. Eu gostaria de falar para ele que todos irão me aprovar. Irão engolir suas palavras ruins sobre mim. *Você vai ver, seu idiota!* Mas eu só o encaro em silêncio.

— Boa noite. — A voz doce me rouba atenção. — Eu sou a Mia e você deve ser a estimada Madeleine.

Estimada? Sorrio para ela, por educação, embora esteja sem jeito pelo elogio e me aproximo para trocarmos um beijo no rosto uma da outra.

— Sou eu mesma. É um prazer conhecê-la.

Mia contempla meu rosto por longos e esquisitos segundos, e sorri.

— Parece que daqui a pouco alguém chegará ao mundo — comento para quebrar o clima estranho.

Ela pisca os olhos, ainda amáveis e alegres, e assente para o marido quando fica ao seu lado. Paolo a olha com tanto carinho, que nem disfarça. Eu sabia que ele tinha um coração. Vi naquela vez que estava fazendo compras com Marinne.

— Sim. Ela está eufórica para chegar.

Paolo balança a cabeça em um aceno e seus olhos afáveis mudam quando me encontra. Okay, já aceitei que ele precisa ser *terrível* para todos menos para a esposa. Eu posso lidar com isso. Travis não é diferente.

— Como ela vai se chamar? — pergunto olhando para a Mia, porque não sou obrigada a aturar a carranca desse homem.

— Sophia. Era o nome da minha mãe.

— É lindo. Parabéns pelo bebê. — Espero que Paolo esteja de verdade feliz por ser uma menina. Eu sei como os homens da *Famiglia* são aficionados em meninos.

Mia sorri com carinho e Paolo agradece com um aceno. Travis coloca a mão na minha lombar e pede licença. Orazio e a família chegaram. Bárbara está com um sorriso gigante estampado no rosto, fora a expressão de contentamento bêbado. Ela sempre fica assim na presença de Enzo.

— Boa noite, Travis. Madeleine — Orazio cumprimenta primeiro e depois sua esposa nos cumprimenta com um aceno e o filho também.

Bárbara quebra a etiqueta, passando por todos, cumprimenta rapidamente o *Capo* com um “até loguinho”, e chegando até a mim me abraça. Internamente, estou dando uma gargalhada. Travis cerra a mandíbula

olhando, mas não parece zangado como Orazio, que teria puxado a filha o mais longe possível se estivesse a sós.

Limpo a garganta e recuo um passo, assim como todos. Travis aperta a mão de Orazio e o chama para conversar a sós. Eles vão se juntar a Paolo e Vincenzo, que passa por nós sem ser notado. A mãe de Bárbara vai até Mia e Giulia, do outro lado da piscina com Marinne entretida com a conversa. Sorrio pelo simples fato de ela parecer estar se divertindo.

— Que cara é essa?

Franzo a testa e olho minha amiga.

— Que cara? — ironizo.

— De... mãe? — Ela fica mais perto e cochicha: — Você está grávida, Madeleine *futura* Lozartan?

— Porra! — abafo o máximo minha voz e puxo-a para o canto longe de Dario e Gabriel, irmão dela. — Você quer uma guerra nesse jantar? Não fala besteira!

Bárbara ri como se não pudesse causar um grande problema com suas brincadeiras. Eu não vou ficar policiando-a. Já é bem grandinha e se, nem depois da conversa que tivemos, não consegue se controlar nos eventos onde membros da *Famiglia* estão presentes, eu lavo minhas mãos.

— Calma. Desculpa, Made — pede porque deve estar nítido em minha expressão que não gostei.

— Eu sei que você é assim, mas não faça brincadeiras como esta e eu... só estou feliz por Marinne.

Ela franze a testa e olha para a minha cunhada.

— A menina está fofa e linda como sempre. Marinne nem parece ter sido criada pelo homem que tem um apelido tão fofo como “Cruel” ou “Mata rindo”. Ela é a princesa de Las Vegas.

— Sim, ela é uma princesa. — E torço para que se torne uma rainha em Nova York. Ela não merece menos do que isso.

— E você, está feliz? Vi que fez um belo trabalho na decoração nova da casa e de natal, diga-se de passagem.

Suspiro e encaro minha amiga.

— Obrigada e sim. Eu estou feliz e curiosa para saber o porquê você estava dando aquele sorrisinho quando chegou.

— Ah... — Cruza o braço com o meu. — É porque você e Travis formam um casal lindo. Sério, vocês são “O casal”.

Reviro os olhos e um burburinho chama nossa atenção. Viro-me e

vejo Travis embaralhar cartas de baralho na mesa com os homens com toda sua maestria. Ele é o dono do cassino mais aclamado de Las Vegas. Seus talentos para jogos são invejados, e os jogos mentais detestáveis. Ele mexe com as emoções dos seus inimigos com o mesmo ímpeto que faz com as cartas.

— Para ele ser perfeito só precisava não ser um assassino, fora isso...

— Bárbara cochicha no meu ouvido: — Você é uma sortuda.

Eu, com certeza, concordaria com ela ontem. No tempo onde eu realmente odiava tudo que me cerca. Mas acho que as minhas crenças estão cada vez mais falidas. Não quero mais apertar essa tecla. Não quero mais reivindicar bondade em um mundo de pecados. É tolice demais.

— Você não vai concordar comigo?

Deixo de encarar meu noivo e olho para Bárbara.

— Ele é perfeito — afirmo com toda certeza. — Não tem nada nele que eu tire ou não goste. Eu o amo do jeito que é.

— O amor é cego ou você agora gosta do que somos?

— Do que vai me valer ficar falando isso o tempo todo? — Elevo minha sobrancelha direita. — Chega! Eu não quero mais ficar sendo uma pessoa do contra, reclamando sem parar sobre algo que não vai mudar. Tudo ainda é errado, tudo ainda é um pecado e todos nós vamos para o inferno, mas é isso. — Dou de ombros. — Eu decidi que, a partir de hoje, eu não vou mais ficar pensando nos pecados do nosso mundo. Tudo o que eu quero é viver em paz, viver todos os dias que estão no meu destino.

Acho que minha amiga perde a fala pela primeira vez na vida. Mas como sempre não dura muito e logo ela abre um sorriso como um gato que vê um canário dando mole.

— Uau! Quem é aquele ali?

Viro-me para onde seus olhos contemplam alguém e vejo Amândio parado com o segurança, que não sai de perto, na outra porta que traz para o terraço. Ainda não trocamos nenhuma palavra. Eu só o vi ontem antes de ir embora e muito rápido. Trocamos um simples *boa noite e até amanhã*. Colocando meu sorriso cordial, vou ao seu encontro. Acho que é uma boa oportunidade de me apresentar de verdade.

— O que você está fazendo? — Bárbara pergunta puxando meu braço, mas eu o puxo de volta e a ignoro.

Eu sei o que *ela* está fazendo. Me deter de ir até o convidado antes de Travis, mas o próprio disse que eu sou dona da casa também.

Aprumando a postura, paro na frente de Amândio. Ele me olha de cima a baixo, analisando do mesmo jeito que Travis faz, tentando enxergar meus pensamentos através dos meus olhos.

— Eu sou Madeleine Beluzzo. É um prazer conhecê-lo.

— O prazer é todo meu, futura Sra. Lozartan.

Agora eu abro o sorriso de *gatinho que pescou o canário*. Ele é perspicaz e espero que Marinne saiba ser forte e lhe dê trabalho, pois ele vai fazer o mesmo. E preciso concordar com Bárbara, ele é muito bonito e muito parecido com Travis, que comentou comigo que o apelido de Amândio é “*Wolf*”. Imagine a Chapeuzinho Vermelho encantada pelo Lobo mau, que se disfarça de vovozinha para dar o bote de surpresa. Nesses olhos cinza, eu consigo ver esse lobo solitário que gosta de atacar. No entanto, ele não me causa medo, o que é bom. Espero de verdade que Marinne seja com ele o que foi criada para ser: uma mulher destemida.

De repente, sua postura muda e eu nem preciso me virar para saber que Travis está atrás de mim

— Que bom que se juntou a nós.

— Eu estava dando boas-vindas a ele — digo para meu noivo.

Amândio olha para Travis, depois para mim e Bárbara, que está quase babando pelo noivo de Marinne, que ninguém vai ficar sabendo até ela fazer quinze anos. Esta noite ele é apenas um convidado da nossa mais nova *Famiglia* aliada.

— O jantar já será servido. Sinta-se à vontade. — Viro meu rosto para Travis. — Eu vou lá dentro.

Assentindo, ele se afasta de nós. Bárbara sorri e faz o mesmo. E Travis faz questão de me levar até a porta.

— Por que você chegou até ele antes de mim?

— Eu também tenho direito de conhecê-lo e saber quem ele é. Fora que você disse que a casa é minha também.

Seus olhos brilham e ele sorri sombriamente. Ele gosta que eu seja assim.

— O que você achou?

Suspiro antes de responder:

— Ele é muito parecido com você e... parece que o apelido cai muito bem.

Travis move as sobrancelhas sugestivamente.

— Eu não sinto medo dele ou arrepio, como o resto dois homens que

estão presentes essa noite. Embora não tenha sido de fato algo genuíno, foi uma ótima escolha para Marinne.

Ele assente, concordando e não aperto sua mão, porque alguns olhares estão em nós. Dou um passo atrás, movendo-me para não ficar tão perto.

— Conversamos melhor depois — ele avisa, pois deve estar vendo meu desejo de ficar perto. De falar com ele como homem e mulher, sem essa etiqueta toda.



Quando todos estão na mesa, tenho a sensação estranha de que uma tempestade se aproxima. Olho para cima e apenas vejo estrelas em um céu limpo. Pisco e baixo a cabeça encontrando os olhos atentos de Travis em mim, sentado à cabeceira da mesa como seu avô do lado oposto. Os dois líderes, os dois reis em seus lugares. Abro um sorriso para ele lhe informando que está tudo bem.

Está tudo bem, Madeleine.

Suspiro e volto a comer. Enquanto mastigo fito todos à mesa tão polidos, até Luca. Ele sempre é uma figura engraçada na mesa e em silêncio. É tão grande e bruto com suas diversas tatuagens espalhadas pelo corpo. Uma delas são aterrorizantes, como a que fica nas costas da mão direita. É um sorriso macabro e toda vez que ele coloca a mão na direção da boca, é ao mesmo tempo assustador e engraçado.

Luca sente que estou olhando para ele e cerra os olhos para mim. Sou obrigada a desviar o olhar e flagro o exato momento que Amândio tem o rosto virado para Marinne, e ela para ele com um pedaço de peru preso pelo garfo em seus lábios. Ela está tão imersa nele, que não nota a comida caindo no prato de volta. Limpo a garganta, chamando sua atenção e ela finalmente olha para a frente, para onde estou sentada. Bem na sua frente. Eu coloquei Amândio duas cadeiras depois de mim para ficar perto de mim e Travis, não para ela. *Como eu não pensei nisso?*

Marinne engole em seco, visivelmente, e pega o pano de prato para limpar a boca. Está envergonhada e não acho que estava olhando para o garoto com maus pensamentos, e nem ele. Na verdade, existe curiosidade e não é para menos.

Por precaução direciono meu olhar para Travis, mas graças a Deus ele

está comendo em paz. Duvido que sua mente esteja vazia, mas pelo menos ele não estava focado em Amândio. Sorrio para ele quando franze a testa para mim.

Ai, Dio mio! Acaba logo com esse jantar!



Depois de um jantar um pouco atípico e constrangedor, estou deitada na cama e, pela segunda vez, em meu quarto. Por causa de Vincenzo e Giulia, estou sem meu amado. É a segunda noite sem ele e estou morrendo de saudade de sentir seus braços me envolverem durante a noite e, claro, o sexo.

Estou tentando ler um livro, no entanto estou dispersa demais quando a porta do quarto é aberta. Meu coração bate mais forte vendo Travis ainda vestido com a roupa que escolheu para o jantar: calça e camisa social, colete e paletó, tudo preto e sem gravata. Está de arrancar o fôlego.

— Pensei que estaria dormindo.

— Então por que veio? — zombo e solto uma risada.

Ele apenas mexe as sobrancelhas e o vejo tirar o paletó, o coldre (é claro que ele estaria armado com tantos homens dentro de casa). Enquanto abre o cinto desabotoa a camisa com o colete e tira os sapatos sem tirar os olhos de mim. Mordo meus lábios, escondendo meu sorriso e o vejo ficar lindamente nu.

Caminhando até a cama, coloca o celular na cabeceira – faço o mesmo com meu livro – e torço a boca vendo-o colocar junto do aparelho uma arma. Geralmente ele não faz questão de deixar uma por perto, mas hoje é *realmente* uma noite incomum.

Sinto o frio na barriga quando levanta a coberta e puxa meu corpo para junto do seu.

— Mm... amor... — gemo baixinho e seguro seu rosto.

— O que foi? — Como sempre, ele enxerga muito bem minhas emoções.

— Estava pensando em você. — Envolvero sua cintura com minhas pernas e arranho seus ombros. — Estava zangada porque não ia dormir com você de novo.

— Mas não vai — sentencia.

— E seus avós? Eles vão reclamar depois.

— Foda-se! É a minha casa, são as minhas regras. E você é toda minha essa noite. Eu não ia viajar, provavelmente, ficar mais de uma noite longe de você sem antes deixar uma marca minha dentro... e fora de você. — Assim que as palavras deixam sua boca sinto uma mordida no meu pescoço.

Jogo a cabeça para trás e imploro em silêncio para que tire minha roupa. Mas, para o meu azar, ele se afasta um pouco e me encara acomodando o corpo sobre o meu.

— O quê? — Franzo a testa.

— O que você achou de Amândio? De verdade.

Respiro fundo e preferia que ele não tivesse terminado a frase pedindo minha sinceridade.

— Ele parece... bom. E reparei que Marinne não chegou perto dele.

Pode ter sido assim, contudo seus olhos não fizeram o mesmo.

— Sim, eu falei para ela não tentar nada.

— Por quê?

— Agora não. Hoje não era o momento para eles interagirem.

— Tudo bem. Eu imaginei que você tinha falado com ela e... talvez com ele?

Travis cerra a mandíbula.

— Falei para ele esperar. Que não queria assustar Marinne porque ela é muito nova.

— Acho que você está com ciúme — sussurro e rio.

Ele resmunga e sai de cima de mim, deitando-se do meu lado jogando o braço em cima do rosto.

— Pode ser.

Não controlo minha gargalhada e vou ficar em cima do seu corpo. Tiro a mão do seu rosto e o beijo.

— Vai ficar tudo bem. Eu acho que ele não está com más intenções, ou é um daqueles homens que tem reputação de maltratar as mulheres?

— Não, ele não é e eu já tinha me certificado disso. Jamais deixaria ela se casar com um homem assim. — Sério, ele fita meu rosto. — Pensei que você confiaria em mim ao ponto de saber que eu não faria isso.

— Sim! É claro. — Coloco minhas mãos sobre seu peito. — Eu só fiquei surpresa. Ele parece que vai ser um bom marido, pelos nossos meios, é claro. A gente não pode esperar relacionamentos amorosos, mas, pelo menos, que haja respeito.

Ele concorda com a cabeça em silêncio. Talvez ele não queira ferir

meus sentimentos.

— Ah... tenho uma coisa pra falar. Não deu para a gente conversar ontem, hum...

— O que foi?

— Marinne hoje ficou mocinha. Sabe... se tornou uma mulher.

Como um flash vejo o pânico em seus olhos. É fofo e engraçado.

— Mas está tudo bem, Travis. Ela só está passando por um pouco de dificuldade sobre as mudanças, o medo... e a novidade. De resto, tudo okay.

— Obrigado por cuidar dela. — Afaga minhas costas. — Você chegou em uma hora muito boa nessa casa.

— Acho que sim — murmuro e pisco o olho direito. Jogo-me nos seus braços, que ele logo envolve meu corpo. — E estou tranquila com Amândio. Não acho que vai ser como Orazio, que pode não bater na esposa e na filha, mas é aquele tipo de homem que não dá valor a mulheres. Ele é um babaca e não gosto dele por isso. Meu pai era assim e eu sofri.

— Também não gosto dele, e por outros motivos também, afinal de contas a minha mulher é muito inteligente para ser desprezada.

Abra um sorriso como uma boba pelo elogio e dou um beijo na sua boca.

— O meu homem também é muito inteligente e eu gosto de te chamar assim — murmuro fazendo charme com os olhos.

— Também gosto que me chame assim e eu quero pedir um favor a você.

— Um *Capo* me pedindo um favor? *Dio mio!* Como estou importante.

Pegando-me de surpresa, Travis gira nossos corpos, deitando no meio da cama e me cobre com seu calor; antes de falar, me dá um beijinho.

— Talvez ele peça vários favores, mas esse vou pedir porque, se Marinne fosse minha filha, e você, no caso, a mãe, eu acho que você tinha que estar junto.

— Então, quando a gente tiver filhos, você vai querer que eu fique quando falar com eles? — Meu coração dispara em tocar nesse assunto, só que para que vamos fingir que nunca vai acontecer.

— Eu quero. Dependendo do assunto, quero você presente. Principalmente quando for uma menina. Acho importante você estar junto.

— Então, quando for os meninos, eu não vou poder me meter?

— Não vamos brigar por uma hipótese que ainda está um pouco

distante de acontecer.

— Mm.... Está bom, eu vou deixar passar, mas eu vou querer me envolver tanto para os *nossos filhos* como para as *nossas filhas*. Saiba disso.

— Tudo bem. — Ele me dá aquele meio sorriso convencido e assente. — Enfim, amanhã quando eu for para Denver, quero que fique de olho em Dario. Consegui finalmente tê-lo de volta em casa e preciso que alguém, sem ser os *homens*, vigie e cuide dele. — Faz uma pausa. — Ele também não teve muita atenção da minha mãe. Ela já não andava bem desde que ele tinha três anos.

— Quantos anos ele tinha quando ela morreu?

— Ia fazer seis.

A resposta é fria e por isso não aprofundo o tema. Sorrio e continuo ouvindo.

— Sinto que Dario precisa de atenção feminina. — Me olha nos olhos com uma sugestão clara.

— Acha que ele pode ficar com ciúmes de eu ser tão chegada a Marinne e não a ele? Se for, eu não tenho culpa. Não tivemos muitas oportunidades de conviver nesses longos seis meses que estou aqui.

— Eu sei. — Solta a respiração pelo nariz. — Se você não quiser...

— Não disse isso — interrompo-o. — Eu vou ficar feliz de me aproximar dele e, quem sabe, ajudar. Ele parece ser um bom garoto. Acho que apenas está solitário, talvez confuso.

— É, deve ser isso e eu pensei que como você é atenciosa com Marinne e, sem perceber, ajudou com sua presença quando falei do noivado. Ter você comigo foi bom. Tudo porque ela gosta de você e confia em você, tanto que falou sobre a menstruação. Creio que você é muito importante para ela, assim como eu também. Então, pensei que pode funcionar com Dario. Ele não é mais um menino, tem dezenove anos, porém nem parece. Você vai ver e acredito que será muito boa a sua aproximação dele. Vai me ajudar a entendê-lo.

Fico emocionada por ele me ver dessa forma e seguro o seu rosto.

— Eu vou estar com você e quero que ele fique bem. Seja forte, focado e lhe dê orgulho como Marinne.

— Ele já faz. Todos os meus irmãos.

Passo o polegar por cima da sua sobrancelha.

— Amo isso em você. Esse cuidado com seus irmãos. A fera que habita em você se acalma, se transforma de perigosa para protetora, e não

estou dizendo que é menos brutal.

Suas pupilas dilatam e as mãos apertam meu corpo, lembrando-me sua nudez e meu desejo.

— Não só por eles — Travis balbucia, com a voz rouca e deliciosa.

Gemo excitada com esse lado protetor, dominador e que é meu também.

— Essa parte sua é a que mais amo. É a que eu quero conquistar inteiramente.

O brilho no seu olhar, o jeito que aperta a mandíbula e se afasta para arrancar minha camisola, rasgar minha calcinha e, por fim, entrar em mim, é a resposta que preciso. Não é ilusão minha.

Sua boca encontra a minha sedenta, desejosa e beija meus lábios de leve antes de aprofundar e sua língua tocar a minha, causando estímulos elétricos em meu sistema nervoso.

Eu me farto da sua boca.

Mergulho no prazer do seu pau dentro de mim.

Em suas mãos em cada parte do meu corpo.

Amo seus sons, suas investidas, sua posse sobre mim. Não ligo mais. Abri mão porque eu me encontrei nele. Na sua escuridão, me afoguei. No seu pecado, me rendi. No seu poder, me apaixonei e reacendi. Aprendi a ser mais *eu*, a *ser* mais luz para iluminá-lo. Eu sou dele. Ele é meu.

QUATORZE

Travis

O avião aterrissa em Denver e eu saio logo que as escadas descem. Avisto de longe o *Consigliere*, Amauri Rugerri. É nítido sua ansiedade. Ele já sabe para que eu estou aqui e espero que não seja um dos traidores, porque vai me dar muito trabalho ter que conseguir um *Subchefe* e um *Consigliere* com urgência.

— Talvez nós precisamos ir até Aspen e pedir para Andrea Santoro comandar Colorado com seu *Consigliere*. Não posso deixar a cidade sem supervisão e nem os clubes e hotéis — comento para Luca, que me espera nos pés da escada.

Ele pega minha maleta enquanto visto o sobretudo. Saí com tanta pressa que não coloquei e essa merda de estado é sempre mais fria que a maioria, sem contar que, às cinco da manhã, o sol ainda não atingiu o chão.

— Você acha que vai ter necessidade? Ele pode parecer que está calmo, mas tem muito medo dentro desse italiano loiro.

Luca sempre tira sarro dos homens loiros, principalmente os que parecem impecavelmente limpos e passados. Não existe uma dobra em sua roupa. Amauri parece um modelo, alto, magro e todo certinho.

Se o que o meu *Cinistro* está falando for verdade, fica melhor a nossa “reunião”. O único que preciso castigar será Costa e, claro, todos os outros que se renderem ou morrerem.

— Travis — Amauri me cumprimenta baixando a cabeça de forma respeitosa e depois com um aperto de mão. — Fez boa viagem?

Sempre começa com papo furado. Seja descontraído. É um dos ensinamentos.

— Fiz sim e o que eu quero agora é um bom *Bourbon* com gelo e

falar de negócios.

— Claro. Vamos até o clube.

Colorado não é um bom lugar para investir em cassinos. Claro que há muitos lugares com jogos, prostitutas e jogatina, mas o forte de Denver e Aspen são os hotéis e clubes, melhor ainda quando se tem um grande Hotel Club. Amauri comanda o maior de todos e mais procurado da cidade. Ele é o braço direito de Costa, meu infeliz *Underboss*, e obviamente sabe de tudo que acontece nesse território.

Entro no carro vendo que Luca não permitiu ninguém ser responsável por meu transporte, a não ser ele mesmo. Está fazendo seu dever e querendo mostrar serviço. São meus homens, mesmo assim não confio ao ponto de acreditar que eles não poderiam colocar uma bomba no motor. Isso já aconteceu. Basta falar, ter a proposta e quantia certa.

Espero o carro se movimentar para analisar o humor de Amauri. É fato que ele está nervoso e ansioso com a minha visita. O chefe geralmente vem a outro estado quando tem problemas de roubo, trocar seus homens de posto, funeral ou para festas. Não posso dizer que estou feliz em estar aqui pelos motivos que me trouxeram.

— Como estão as coisas no clube? No último relatório pareceu estar com um bom aumento de clientes.

— Sim, teve um aumento por conta do salão de beleza e eu já queria falar com você sobre aumentar o espaço da área de lazer. Talvez uma academia seria uma boa ideia também.

— E por que que você não falou isso diretamente com Costa? Ele é o seu primeiro chefe.

Ele fica pensativo, pontuando a melhor resposta e me controlo para não lhe dar um soco.

— Fala logo de uma vez. Você sabe para que eu estou aqui. Ele não vai sobreviver de qualquer forma mesmo. Qual é a reclamação?

Amauri pode tentar se esforçar ao máximo para fingir que está tranquilo e que dedurar o seu chefe é fácil, porém percebo que não.

— Costa não estava se interessando muito mais pelo *La Mama Hotel*. Ele queria saber mesmo era das vendas de drogas e, como você já sabe, ganhando dinheiro por fora. Eu não preciso esconder os fatos. Ele estava negligenciando a *Lawless* e, com o dinheiro extra, pouco importava os negócios de Denver.

— Ok. Agora me responde se eu posso confiar em você. — Abro o

paletó deixando que ele veja as armas presas no meu coldre. — Você trabalhava para ele. Era seu braço direito, será mesmo que não sabia de tudo? Por que não me falou antes?

— Não tem muito tempo que eu descobri e ele não sabia. E se você sabe da informação, da suposta traição dele, foi por minha causa. Nós temos olhos em todos os lugares, ouvidos e bocas também, e uma delas foi a minha informante para chegar até você sem o meu nome. Eu não preciso que você me faça alvo e nem minha família. O homem que lhe traiu foi Costa.

— E mais quem? Ou você espera que eu acredite que era apenas ele envolvido nisso?

— Você sabe que Pietro Jr. de Simone e Lorenzo Beluzzo estavam envolvidos.

— E mais quem? — Minha voz demonstra minha impaciência.

— Eu não tenho todos os nomes, Travis, mas posso conseguir. — Sua voz está tremendo.

— Eu vou te dar até amanhã. Vou lhe oferecer exatamente 24 horas. Esse é o tempo que vou iniciar a minha “reunião” com Costa, e você terá para conseguir todos os nomes que estão envolvidos nessa conspiração. Os motivos eu vou saber do próprio Costa.

— Sim, senhor.

— Amanhã nós conversamos.

E como se fosse para ser, o carro para e olhando para o lado de fora vejo que chegamos no *La Mama Hotel*. Saímos e seguimos um do lado do outro com o Luca em meu encalço o tempo todo.

— Vá na frente. Vou falar com Luca.

— Okay, enquanto isso vou verificar sua acomodação.

— Ótimo — digo secamente e espero Amauri se afastar.

Luca para na minha frente e espero que baixe o cigarro.

— Acho que você está certo, ele não sabia de tudo e nem consegue me informar nada além do déficit de comprometimento de Costa com a *Famiglia*. Preciso que você me consiga os nomes.

— Mas... e ele?

— Eu não vou confiar inteiramente em Amauri com sua palavra. Quero que você me consiga os nomes e depois farei a prova dos nove. E saiba quem foi que sussurrou sobre os problemas de Denver.

— Fui eu.

— Você?

— Sim, Travis. Concorde com ele, temos olhos, ouvidos e bocas em todos os cantos do nosso território, e é preciso um remetente e um destinatário para uma informação acontecer. Quem falou para mim foi Ugo Venturana.

— O filho de Donatello?

Donatello Venturana foi um grande soldado do meu pai. Durante muitos anos foi apontado para ser *General* de Denver, mas ele caiu doente e morreu.

— Ele mesmo. Parece que o menino carrega a força do pai dentro dele e talvez você concretize o propósito dos Venturana. — Dá de ombros. — É só uma ideia.

É uma boa ideia, só não vou falar em voz alta porque Luca já é muito convencido.

— Okay, e agora você pode relaxar, Luca. Pare de babar o meu ovo. Eu não vou dispensar você, mas saiba que, se me trair, eu vou começar pelos seus olhos.

O canto da sua boca curva-se em um sorriso sinistro enquanto assente veementemente. Eu sei que ele é um homem de confiança. Ele me provou que tem honra para estar ao meu lado.



Luca preparou tudo para eu chegar até o porão onde está meu futuro ex-*Underboss*. Desço as escadas e, enquanto meus passos soam pelo corredor estreito e pouco iluminado, um pensamento que nunca me ocorreu, me atinge de forma agressiva.

Quem vai entrar nesse quarto é um monstro. O monstro que Madeleine me acusou durante o início do nosso convívio. Até mesmo quando nós já éramos homem e mulher, que se deitaram e trocaram intimidades. Quando eu já tinha decidido que ela seria minha.

Madeleine me chamou de monstro na noite que matei Enrico. Eu não me arrependo, não há espaço para arrependimento dentro de um homem como eu, muito menos quando executo um desgraçado como Enrico. Arrependo-me sim, de ela ter visto, de ter visto a faca na minha mão ensanguentada com o veneno daquele verme e minha blusa suja, minhas mãos segurando o cabo da lâmina com força.

Eu estava distante naquele momento, tão distante quanto estou agora ao abrir a porta e encarar Costa ajoelhado no meio do quarto que mantemos algumas pessoas aprisionadas para arrancar informações ou chantagear. Esse não vai ser o fim dele. Sem chantagem. Sem saída. Apenas seu fim iminente. Ele não me dará tudo que preciso e Luca conseguiu algumas informações dele e de um soldado que estava no esquema.

Ainda estou perplexo como Lorenzo conseguiu trair tantas pessoas, tantas vezes da forma que traiu e não somente a *Lawless*. Ele traiu sua família, seus pais, seu nome, porque Edgar descobriu um segredo dele. Que ele roubava pacotes de drogas do balcão de Las Vegas e um dos clientes, amigo do senador, morreu de overdose. Ele com certeza ficou desesperado e Edgar, ao descobrir, o chantageou em troca de esconder a ligação das drogas com Lorenzo. Por consequência, eu não ouvi nada sobre o assunto. Edgar foi escolhido para ser o *Afiliado* que entraria na *Famiglia* por motivos como este.

Edgar deve ter feito um bom trabalho escondendo a morte do garoto e Lorenzo devia estar com medo de morrer quando meu pai soubesse, então preferiu fazer uma aliança com aquele filho da puta. Ele mentiu para o *Capo*, roubou da *Famiglia*, acobertou a entrada do assassino do meu pai em Las Vegas e sabia os planos de Edgar e, para fechar com chave de ouro, quase pegou minha mulher. Eu não sou idiota. Ela deu muita sorte naquela noite. Não apenas pelo tiro ser certo como por um dos homens ter aparecido em seguida.

O jogo sujo e prática de Edgar passa até mesmo dos meus limites. Como eu presumia, eles queriam Madeleine porque ela foi a moeda de troca de Edgar. Sua aposta mais alta. Sua riqueza inestimável; o corpo da sua filha dado para os homens que ele fez aliança para me derrubar.

Aquele filho da puta desgraçado realmente não tinha nenhum centímetro de honra e dignidade em seu maldito ser. Como ele pôde ofertar a filha dessa forma? Ele tem sorte de estar morto, porém, por tudo que fez a Madeleine, se o inferno existe, eu vou para lá, espero que a gente se encontre. Pois eu preciso fazê-lo pagar pelo que fez com a filha. Com a minha mulher.

Luca se aproxima de Costa e o empurra com o joelho, fazendo o infeliz cair. Ele tosse sangue e, quando abre os olhos e nota meus pés, ri com a garganta arranhada de tanto gritar. Meu *Cinistro* já fez um bom trabalho.

Vejo que tem vários hematomas, um corte em uma das costelas, do lado esquerdo, cortes nos braços. Uma facada no mamilo e um pedaço da sua orelha arrebatada. Luca é bom na tortura duradoura, por isso que ele é o meu

executor. Se fosse para matar de uma vez, com certeza ele já teria arrancado os dedos porque ratos como Costa têm que ir para o inferno sem mão, para não correr o risco de roubar o diabo. Apesar de que ele me roubou, me traiu e eu estou mais para ser o diabo.

— Okay, você me pegou — Costa balbucia, fraco e observo prender a vontade de gemer. — Mas você... irá perder, Travis. A sua sentença... já está... com as horas marcadas e o seu purgatório será doloroso — ele faz questão de falar enfrentando meu olhar.

— Você tem certeza? Não sou eu que estou amarrado no porão e todo fodido.

Solta um riso cansado, misturado com uma tosse.

— A morte para mim não significa nada. Eu quero seu declínio. Infelizmente, não vou poder assistir a sua queda. Mas no inferno a gente se encontra e você me diz como é que foi.

Ele quer fazer joguinhos, tentar me manipular, como se eu fosse me render. Alguns homens ficam calados enquanto são torturados, esses são os mais fortes e irritantes; outros precisam falar, xingar ou fazer juramentos de que iremos pagar quando descermos ao inferno. O problema é que eu já estou no inferno, só vou descer mais um andar, e de elevador.

— Eu já tenho tudo que preciso de você. Chegou o momento de morrer. Apenas cale a porra da boca! Você não tem honra e pagará por isso.

— Não tem como ter honra em um reino de um líder fraco, que se deixou encantar por uma cobra.

Cazzo. Figlio di una puttana. Bastardo!

Sou ira e impulso. A energia do meu corpo é tudo que eu sou e lhe acerto com toda a força na boca do estômago, no ombro, no meio do peito, no queixo e consigo escutar quando desloca, e o derrubo no chão para chutar até que eu o assista cuspir sangue.

— Nunca mais você vai falar dela assim. Nem pensar. Você é um ser impuro para abrigar algum traço de Madeleine. Até mesmo nos seus pensamentos. — Dou-lhe outro chute nas costelas. — Antes de morrer, seu rato, você vai me dizer tudo que eu preciso saber. Enquanto isso, eu vou arrancar cada dedo, começando pelas unhas e lhe arrancar cada dente e fazer sua morte ser a mais lenta ao ponto de você implorar por um tiro no meio da porra da sua testa.

— Eu não me importo — quase não o escuto. — Eu sei o que você quer saber e você vai perder, Travis. Você perdeu no momento que escolheu

ficar com aquela puta italiana.

Enxergo tudo vermelho e vou para cima dele de novo como animal liberto da sua jaula. Minhas mãos envolvem seu pescoço com firmeza, mas não ao ponto de matá-lo.

— Eu quis comer aquela vadia desde que era pequena. Aquelas coxas pequenas. Como é que é? Ela é apertadinha ou frouxa?

— Cale a boca! — Soco seu estômago, segurando com uma mão em seu pescoço.

— Muitos caras devem ter passado naquela boceta quando ela estava sozinha em Los Angeles — ele cospe as próximas palavras com mais sangue que mancham seus dentes.

Tento me deter. Eu sei que sou capaz de esmagar a garganta dele com mais um simples aperto.

— Se você falar dela mais uma vez, eu vou arrancar os seus olhos.

— Você pode me matar. — Fixa os olhos nos meus. — Pode caçar todos que estão te traindo, mas você vai perder no fim. Vai perdê-la. Madeleine Beluzzo nunca te pertenceu.

Mordo a mandíbula tentando me controlar, eu não posso demonstrar que ela é tão importante para mim. Que, por dentro, quero fazê-lo se afogar com seu próprio sangue.

— Ela é minha! Eu a possuo. E ninguém vai tirá-la de mim.

— Ela não te pertence, ela é da *Bratva*, de Ivon. O pai dela a vendeu e recebeu o dinheiro. Foi morto porque tinha que te entregar também, mas você, por sua teimosia, como sempre, não compareceu à reunião com ele.

Como um flash lembro-me do convite de Edgar. Ele tentou me contatar e foi uma semana depois que meu pai morreu. Ele queria falar alguma coisa sobre alianças novas, um novo tratado com algum policial. Tinha alguma coisa a ver com os motoqueiros também. Eu não quis ouvir, não pareceu confiável. Jamais gostei daquele traidor.

— Está lembrando agora, não está? Ele tentou... falar com você, te fazer ir até eles.

Sacudo a cabeça que não, vibrando de ódio.

— Eles... iam te matar... — Engole com dificuldade seu próprio sangue. — Te matar e pegar seu lugar, dominar seu território. E nós teríamos a filha de Edgar como prêmio de consolação. Isso tudo para aquele imbecil poder fugir dos Estados Unidos com os bolsos cheios. — Respira. — Mas nada aconteceu... como o previsto e ele pagou com sua vida. Agora... você

vai pagar com a sua... por ter aceitado a filha dele na sua casa. — Dá um sorriso crápula. — O que você viu naquela mulher... para ela virar... sua esposa? A única coisa que vai agregar em sua vida é sua morte.

Afrouxo a pressão no maxilar para não quebrar o caralho dos meus dentes.

— Eles não me pegaram antes. Não vão pegar agora. E você não tem nada a ver com as minhas escolhas.

Ele ri alto.

— Você vai morrer, Travis... ou ela. Se você não se entregar por bem, eles vão pegar por mal e vão matá-la. — Segura com as duas mãos meus pulsos, ainda tenho sua garganta em minhas mãos. — Eu vejo nos seus olhos que ela é sua fraqueza. Parece que o cheiro de boceta usada te deixa mais excitado, *Capo*.

A monstruosidade que reside em mim floresce diante das suas palavras e tento me conter para extrair tudo que preciso desse maldito antes de lhe dar seu fim. Mas *simplesmente* não aguento e aperto com mais força sua garganta, vendo sua cabeça, que parece que vai explodir. Quando tenho o vislumbre da escuridão da morte em seus olhos, eu me afasto soltando e o deixando cair no chão sobre a poça do seu veneno, seu sangue.

— Você não pode morrer agora. Tem muita coisa ainda para me falar. — Chuto-o no meio da sua barriga e me viro. — Faça-o se recompor. Eu volto em cinco minutos.

A sentença da sua morte está em minha voz e por diversas vezes na minha vida, eu senti toda a escuridão do inferno por onde eu passava. Há tanta brutalidade e morte sobre mim agora, que nem tenho mais sombra. Ela se apagou e poucas vezes me vi com tanto ódio.

Tudo está se encaixando.

A máfia italiana nutre um ódio pela *Bratva*, que entre os *Homens de Honra* é ensinado, isso nunca vai mudar. Odiar os mexicanos foi natural quando tentaram ser consagrar ocupando nossos territórios. A rixa acirrada com os motoqueiros e odiar todos os políticos imundos que nos pedem suborno, dinheiro e chantagem por baixo dos panos, tudo isso natural.

O ódio que estou sentindo agora é porque simplesmente a mulher que eu escolhi para ser minha teve um pai que não posso punir. Eu não pude presenciar a sombra da morte passar por seus olhos. Eu não pude empunhar minha faca no seu coração. Não fui o autor da sua cabeça dentro de uma caixa.

Esse ódio. Esse ódio é cego, agudo e incoercível. Minha vingança agora só me resta para os homens que concordaram com Edgar. Eu não sou santo, não sou nobre, mas as regras da minha *Famiglia* não aceitam esse tipo de acordo. Nós não fazemos e não aceitamos crueldade contra mulheres, crianças ou quando são indefesos. Aquele imundo vendeu a porra da filha dele. A minha mulher e ele teve ajuda e eu vou descobrir cada filho da puta que estiver envolvido com essa sujeira toda.

— Travis — Luca me chama e me viro para olhar para ele —, você sabe que ele não está sozinho. Tem alguém muito influente dentro da *Famiglia* que sabe disso tudo e está ajudando.

— Eu sei — falo entredentes.

— Você tem alguém em mente?

Tenho, mas não vou falar. Como posso confiar depois disso tudo.

— Eu sei que você não confia em mim, já falou isso tantas vezes. Você não confia em ninguém, mas, acredite, você é um ótimo leitor de caráter. Esperava que você visse em meus olhos que eu jamais faria algo contra você. Quem quer que seja essa pessoa é alguém que tem um cargo muito importante na *Famiglia*. Isso não é um acordo simples, a pessoa ganha alguma coisa com a morte do futuro *Capo* e ganhou com a morte do seu pai.

Não fico pensando em quem pode ser e nos seus olhos consigo enxergar a sua certeza.

— Por um tempo, eu pensei que era o Paolo, de verdade eu pensava que poderia ser ele — Luca diz, aproximando-se de mim e baixando mais o tom da voz. — Mas agora tem alguém que é mais perigoso ainda para a sua vida se for ele. Para ser sincero, o motivo tem que ser muito bom para ele ter traído a *Famiglia* dessa forma.

Concordo com um aceno e aperto os punhos das mãos, o ódio correndo solto em meu corpo.

— Faça o seu trabalho, mas deixa que eu termine.

— Você sabe que sim — Luca garante e volta para dentro da sala onde Vito, o executor de Los Angeles, entrou.

Ele pediu para ter uma chance no meu exército particular. Algum motivo que desconheço o fez desertar de Los Angeles.



Como prometido, estou no *La Mama* Hotel falando com Amauri e lhe dando a proposta da sua vida, literalmente.

— Você quer o lugar de Costa? Eu deixo você ficar com o lugar dele, ser meu novo *Underboss*, mas o seu juramento de honra será este. — Mostro uma faca afiada, a lâmina brilha quando mexo minha mão.

Amauri imediatamente estende a palma da mão esperando que o corte. É o juramento normal dos homens da *Famiglia*. Eu balanço a cabeça negando e tenho que segurar meu sorriso sombrio.

— O que você quer que eu faça? —questiona sem medo, sem ser dúbio.

— Para você ficar com o lugar dele, imagine que você o pegou traindo, ele fez, mas para mim. Quero que o imagine *te* traindo. E o que nós fazemos com os traidores?

— Nós exterminamos.

— Isso mesmo. Nós eliminamos o mal pela raiz.

— Você quer que eu mate Costa?

— Eu quero que você o queime vivo e depois... como uma sentença misericordiosa, enfie essa lâmina em seu coração para que ele sinta o fim. Que arda no inferno sentindo seu peito abrir em dois. Porque homem sem honra, merece queimar. E você fará isso na frente de todos os soldados.

— Travis, para quê tanto?

Infelizmente, quando matei Enrico eu estava dentro da minha casa, ninguém me viu esfaqueando-o. Ele machucou meu irmão, mandou alguém entrar na minha casa e pegar a minha mulher. Eles estão tentando me enfraquecer. Já matei três homens desde que Edgar morreu e agora descubro suas alianças e os envolvidos.

— Você quer que eu confie em você? Faça o que eu mando. Faça minha ordem prevalecer e me mostre que você é digno de viver, de comandar Colorado e ganhar muito dinheiro com isso. Do contrário, você vai morrer, a sua família vai viver na miséria e sob minha influência. Nem sua mulher, nem seus filhos deixarão de estar sob minha vigilância e irei impor limites. Eu não machuco mulheres e crianças, você sabe disso. Não machuco e não tolero quem faça isso dentro da minha *Famiglia*, mas eu não vou fingir que eles não são seus filhos se você não cumprir com a minha ordem. É a sua escolha, sua rendição. A mão vazia ou a faca?

Amauri balança a cabeça repetidas vezes que sim, seus olhos estão distraídos, distantes, aposto que está pensando em como sua família vai ficar

se optar pela morte. E mesmo que não exista amor em muitos casamentos, alguns o respeito e a confiança são muito fortes. Muitos casamentos são grandes elos. Espero que ele considere isso.

E ele faz, quando pega a faca da minha mão e seus olhos encontram os meus, decididos.

— Entro com meu sangue, juro por meu nome, morro por minha honra. Entro servindo, morro pecando. — Ele faz o juramento cortando a palma da mão e depois a fecha, apertando até a gota do seu sangue cair no meu sapato. — Eu sirvo ao meu *Capo*, a *Famiglia* e ao meu *Clã*. Estou dando minha palavra de que em Colorado nunca mais, enquanto eu for vivo e comandar, haverá outra traição.

— Que assim seja. Eu ainda não mostrei de verdade quem eu realmente sou com quem me trai. Todos sabem que eu não gosto e mato todos que me traem, porém nenhum dos que já matei me traíram, e sim ao meu pai. Nenhum dos homens que estão em meus limites até agora e eu quero que todos saibam que no meu reino não existem ratos. As regras são minhas. Traição não há perdão, nem saída e eu os farei implorar, sangrar e pedir perdão antes de morrer.



— Hoje, todos vocês estão aqui porque eu preciso fazer um comunicado e pedi a presença do meu digníssimo e ex-futuro *Underboss* de vocês, para comparecer.

Quando eu falo isso, como se fosse um show, Luca vem de trás de mim arrastando Costa pelo chão e deixa no meio dos homens. Estamos na garagem do galpão onde se trabalha as mercadorias sem licença, armas e drogas que é repassada para todo o estado de Colorado. Denver é o coração dessa merda e não deveria ter acontecido tudo o que aconteceu. Estamos no mesmo maldito lugar que foi invadido há alguns dias.

Observo os soldados vendo a atuação e muitos dos homens se sobressaltam. Ficam eufóricos e estupefatos. Alguns olhares não são de surpresa e sim preocupação. Minha lista mental começa a trabalhar para gravar seus rostos e lembrar seus nomes.

— Eu sempre fui conhecido como aquele que não tolera mentiras de forma nenhuma e depois que me tornei *Capo*, reza a lenda que não aceito

traições. — Dou um passo à frente, firmando mais a voz. — Portanto, preciso lhes mostrar o que isso quer dizer, e temos um voluntário. Costa Viola está aqui especialmente para isso e temos uma surpresa. — Tem um leve entusiasmo na minha voz quando falo isso, mas de um jeito macabro não engraçadinho como meu irmão faria. — Eu nomeio imediatamente Amauri Rugerri como o novo *Underboss* de Denver; e, para ficar ao seu lado, ser o seu braço direito e ajudá-lo a cuidar da cidade, Ugo Venturana será o seu *Consigliere*.

Não há palmas ou sorrisos de “bem-vindo”. Todos estão atentos querendo saber o desfecho do teatro, e eles terão.

— Como todos sabemos, quando ganhamos um cargo novo precisamos renovar nossos juramentos a *Famiglia*. Desta forma, peço que o Ugo faça primeiro.

Antes dele dar um passo à frente, ele me oferece um aceno de cabeça respeitosamente. Na frente de todos, pega sua faca e corta a mão e diz o juramento em voz alta. Depois, recua ficando ao lado de Luca, que está o tempo todo com um sorriso sinistro.

Ele está se divertindo. Eu o deixei brincar bastante com a carne de Costa, e restou pouco para esse verme levar para o inferno. Não tem unhas, não tem falanges, só ficou os cotocos das mãos. Raspamos sua cabeça, com muito entusiasmo, e ele está calado agora porque não consegue mais falar, já que eu cortei sua língua e é por pura satisfação que dei a Amauri a tarefa de finalizar a execução.

— Agora o juramento do novo *Underboss* de vocês — comunico. — Que irá prometer não só para mim, como também para vocês — me dirijo a cada um dos homens, fazendo questão de olhar cada um nos olhos; um por um — , que enquanto Amauri estiver vivo e comandando esta cidade, enquanto eu for o *Capo* de vocês, traidores não prevalecerão. Ratos não são bem-vindos e espero que vocês comuniquem a todos, que a minha lei vigora de forma rigorosa e a minha confiança é limitada.

Com isso, Amauri dá um passo à frente. Luca arrasta Costa até ficar ao seu lado, na frente dos homens que olham com curiosidade. Amauri pega a faca que lhe dei, corta a mão direita, cita o juramento e finaliza:

— Eu sirvo ao meu *Capo*. — E corta a garganta fora a fora de Costa.

O sangue esguicha, sujando alguns dos homens mais próximos. Certos olhares são de pavor; outros com respeito e aquele sadismo, como alguns homens feitos espelham. Os que realmente adoram ver a cor do

sangue esguichar, ainda mais se for de inimigos. E um traidor da *Famiglia* é um inimigo.

Por fim, o *show* acaba. Costa está morto e os homens apavorados com tudo e muito mais com a promessa das minhas palavras. Eu sei que o ato de hoje vai propagar em cada canto deste mundo. Não apenas na *Lawless*, como nas outras *Famiglie* que governam os Estados Unidos e nas italianas. Mas o que acabo de fazer é até moralmente civil perto do que a '*Ndrangheta* costuma fazer. Escalpelar os ratos é o padrão deles.

Virando-me, sem falar mais nada, toco no ombro de Amauri, que parece abalado e espero que ele seja forte o suficiente para saber lidar com uma tortura desse nível. Pelo amor de Deus! Nós não fomos criados para sermos suaves.

— Está tudo bem, homem?

— Sim, senhor. — Ele engole em seco como se tivesse acabado de correr uma maratona. Com certeza é a adrenalina de torturar alguém. A euforia corre em nossas veias por longos minutos, às vezes nem passa. Eu sei que o único jeito de expulsar essa cena da minha mente é Madeleine.

— Ótimo. Amanhã nós nos falamos melhor.

Ele assente e dou um sinal para Luca, que já está ao meu lado entrando no corredor das salas.

— Eu vou me limpar e depois vamos para o hotel.

Como estamos em um local de trabalho e vigília, muitos homens dormem para supervisionar, e claro que temos quartos. Como também um ou dois preparados para tomarmos banho e trocarmos de roupa antes de sair para o mundo de *fora*. Estou coberto de sangue e não posso sair na rua desse jeito e nem entrar no hotel que tem bastante movimento.

— Enquanto estiver no banho, ligue para Las Vegas para saber se está tudo bem.

— Se não estivesse, já teríamos algum sinal. — Luca sempre com os comentários inapropriados e fora de hora.

Cerro os olhos para ele e viro a maçaneta, antes de empurrar e entrar, falo:

— Você seria o melhor se falasse um pouco menos.

Ele dá uma gargalhada, não ligando nem um pouco para o que eu falei e eu lhe viro as costas. Vou direto para o banheiro e a imagem que reflete no espelho é a minha *real face*. Estou muito distante daquilo que Madeleine diz que ama e o que eu mais queria nesse momento era poder ter

seu corpo, sentir seu cheiro, lambar o seu calor até que sua luz conseguisse fazer a magia de iluminar um pouco minha escuridão, mas terei que esperar até segunda-feira.

QUINZE

Madeleine

Luigi abre a porta e saio da loja de noiva com a sacola que tem minha tiara e o sapato para o meu casamento. *Ainda não acredito que vou me casar mês que vem.*

— Nos vemos em breve.

— Sim. — Abro um sorriso. — Obrigada por tudo — despeço-me de Manoelli.

— Imagina, Madeleine. Não foi nada e espero que tudo dê certo. Vou ligar quando o vestido estiver pronto para a prova final.

“Prova final em tempo recorde, porque eu vou me casar com o dono da cidade”, penso ironicamente e abro um sorriso para ela.

— Certo, vou ficar aguardando ansiosamente.

Ela assente e eu caminho até Marinne, que está rindo de algo que Bárbara está falando. Dario está ao lado, sério e atento ao redor. Ele estava em casa sem fazer nada e me pareceu a oportunidade certa para tentar uma aproximação. Então, achei melhor convidá-lo, embora não pareça muito feliz em ter vindo.

Como Travis mencionou, ele não parece ter dezenove anos. Eu tenho somente seis anos a mais do que ele e não sei no que posso lhe ajudar. Não é tanta diferença assim, mas provavelmente tenho experiências que podem ser úteis e posso ser a pessoa mais velha, sem ser seus irmãos, Paolo ou algum soldado, que vai conseguir descascar essa camada grossa que fica sobre seus olhos esverdeados. Dos quatro irmãos, ele é o único que não tem o olho azul. Dario tem a beleza mais bruta, cabelos mais escuros, olhos verdes e aparenta ser menos musculoso. É magro, alto, seus músculos são suaves e não tem tatuagem visível com roupa, assim como Travis. *Bene*, ele é muito bonito

também e não parece com Travis tanto quanto Marinne e Colen.

Ele sente que estou olhando e vira o rosto franzindo a testa para mim. Sorrio sem graça e desvio o olhar.

Nossa! Eu acabei de experimentar uma dúzia de vestidos. Sinto-me exausta. Meus ombros estão doendo de tanto que mudei de roupa, mas, pelo menos, consegui encontrar o vestido para usar. Ele é lindo. É branco perolado, longo, as mangas são compridas em um tecido quase transparente com renda até o antebraço, a cintura é colada no meu corpo e a bainha solta, é o que chamam de corte de sereia. Em vez de ficar na minha cabeça, o véu é preso por botões forrados de seda dos lados como se fosse uma saia aberta na frente. A costa é nua e o decote da frente marca bem meus seios. É simplesmente perfeito e, mesmo eu sendo um pouco baixinha, caiu perfeitamente no meu corpo. Não vejo a hora de usá-lo e, claro, de Travis ver. Acho que ele vai ficar satisfeito.

Agora, para o passeio não ser só sobre mim e aliviar o fato de demorarmos três horas na loja de noiva estamos dando uma volta pela rua de lojas que fica no Bellagio. É claro que eu escolheria vir aqui. Muito mais seguro e todos sabem quem somos, sem contar que senti a urgência de Paolo falando com os seguranças depois que Travis foi para Denver. Ele está lá em casa e pediu para ter atenção redobrada conosco enquanto Travis não estivesse na cidade.

Por isso escolhi virmos para cá, desde o primeiro momento que vim procurar um vestido na terça-feira. Eu não quero arrumar mais problemas do que já têm.

Suspirando, olho para Dario. Acho que, quando Travis me pediu para se aproximar do irmão, não era para fazê-lo ficar entediado. Mesmo que ele tenha a companhia de Marco (segurança de Marinne), Luigi e Enzo para trocar ideias, até agora foi um passeio muito chato. Eu quero ajudá-lo, embora esteja preocupada com Marinne, que até agora não falou nada sobre o noivado.

Ela se divertiu hoje, riu, conversou e me ajudou a escolher o vestido, sempre feliz. E agora está a alguns passos depois de nós. Está distante e não só fisicamente como mentalmente. Quero saber o que está pensando e ao mesmo tempo tenho medo de ir e pressionar, ser chata. Quero que ela me procure e fale. É uma coisa que Marinne faria. Espero que faça.

Bárbara para ao meu lado e larga o celular, jogando na bolsa. Bate o ombro no meu abrindo um sorriso e pergunta:

— O que você está pensando?
— Muitas coisas — respondo rápido.
— Fale uma delas. Você não é uma “vaga”, Madeleine, e hoje está muito calada.

Ela tem razão.

Respiro fundo e digo uma meia-verdade. Não é porque Bárbara é minha melhor amiga que eu vou contar informações que ninguém deve saber.

— Estou ansiosa e preocupada com Travis.
— Por que você está preocupada com ele?
— Porque ele foi fazer uma visita a Denver.
— Aposto que nada vai acontecer com ele — diz cheia de convicção.
— Você sabe alguma coisa sobre o motivo dele ir para lá?

— É claro que não. Eu não sei nada sobre os negócios da *Famiglia*. Travis não conta para mim e não me interessa. Minha preocupação é normal.
— Dou de ombros. — Tem muita gente atrás dele agora.

— É verdade, mas talvez ele foi lá para descobrir. Escutei meu pai falando com dois soldados que roubaram o balcão de mercadoria de Denver. Provavelmente Travis foi verificar os prejuízos e descobrir se foi a *Bratva* ou os mexicanos, talvez os Motoqueiros. São sempre esses três grupos que arrumam problema.

— Sim, eu sei.

— Okay, você deve estar certa.

Bárbara me olha desconfiada.

— Você acabou de me dizer que era só isso que estava fazendo-a ficar com essa cara de preocupada, mas tem mais coisa. Está nítido.

Respiro fundo, faço a minha cara mais cínica para ela.

— É porque... Travis pediu para falar com o irmão dele, Dario — comento isso baixo. — Perguntou se eu poderia me aproximar dele, tentar ser legal assim como sou com Marinne.

— Ah, entendi. Talvez ele quer que você se aproxime do irmão porque ele é um pouco rebelde, causa dor de cabeça em todos os homens. Caramba, ele tem um soldado que fica vinte e quatro horas atrás dele e não só por precaução, mas para ele não fazer merda.

— Acho que ele é assim porque não teve uma mãe. Você sabe, quem realmente criou os irmãos foi Travis, principalmente Dario e Marinne.

— Eu sei, Made. Todo mundo sabe.

— Uhum. Ele é muito protetor dos irmãos desde que tem onze anos.

— E todo mundo respeita muito Travis por causa disso. Sabe que os irmãos e ele são carne e unha. Embora alguns irmãos não se amem, não se respeitem e tampouco se toleram, eles quatro são uma verdadeira família. Nada nunca vai separá-los e é legal ele confiar em você para tentar falar com Dario. Acredito que saiba que isso representa uma grande confiança em você — fala tão meiga, que nem a reconheço.

Sorrio pegando na sua mão e apertando em agradecimento.

— Eu sei e isso me apavora um pouco.

Sinto-me bem aonde estou. Sinto-me em casa e tem apenas seis meses que estou na casa dos Lozartan de verdade.

— Minha vida mudou da água para o vinho desde aquele dia na boate.

— É verdade. — Ela dá uma risada. — E você não queria ir comigo.

— Eu não queria ir porque sabia que ia acontecer alguma coisa, mas, como dizem os antigos, há males que vêm para o bem. Agora, só espero que tudo se resolva. — Ao dizer isso, sinto um arrepio.

Eu sei que ainda não terminou. Não adiantou matar meu pai, nem minha mãe, eles me querem e não sei se é por vingança ou porque eu fugi deles. Isso é um insulto. Sem contar que agora me matar atinge diretamente ao *Capo*, ao seu inimigo direto, já que sou sua *quase* esposa.

— Faz um favor para mim?

— Claro — ela responde imediatamente.

— Vá ficar com Marinne. Eu vou tentar me aproximar do Dario agora. A gente vai almoçar e talvez eu consiga conversar com ele até o restaurante.

— Claro e seja suave. Provavelmente Travis é mais rigoroso e ele está realmente colocando o papel de mãe em você. Então, seja legal. Uma mãe gentil.

— Ah, *Dio mio*. Não fale isso. Não me sinto pronta para ser mãe ainda.

— Mas você está se saindo muito bem — diz com carinho. — E ser mãe é um instinto protetor e selvagem. É querer o bem das pessoas e se preocupar. É dar bronca e passar pano. Isso a maioria das mulheres tem, e não precisa ser necessariamente mãe. Tia, madrinha, avó, irmã mais velha. Todos esses postos são importantes e você pode ser tipo a irmã mais velha. Assim como Travis foi um superirmão mais velho, você agora é a irmã mais velha de todos eles, mesmo que Colen tenha quase a sua idade.

— É, eu sei, mas Colen não dá dor de cabeça. Ele é muito legal e é mais fácil ele me aconselhar, do que eu a ele. A nossa diferença de idade é um ano apenas.

— Okay, agora vou ficar com a Marinne. Vamos falar de sapatos e maquiagem.

Solto uma gargalhada balançando a cabeça.

— Ah... você é incorrigível.

Ela empina o nariz, ignorando-me e a espero se afastar. Dou um olhar para Enzo e Luigi. Entendendo, eles se afastam e vou ficar perto de Dario, Marco vai para a frente ficar perto de Marinne e Bárbara. Ele deveria estar tão distante dela antes.

— Oi — murmuro quando Dario está do meu lado.

Ele olha para mim, sem expressão. Os olhos atentos e as sobrancelhas retas, sem um pinga de curiosidade. Nada de testa franzida.

— Oi.

Merda! Essa aproximação vai ser mais difícil do que pensei.

— Eh... eu sei que o passeio está sendo chato — digo meio sem jeito, porque é isso que estou procurando; um jeito de falar com ele. — Mas... se você quiser a gente pode ir em algum lugar que você goste. Eu ainda não andei pela cidade desde que voltei.

— Você andava pela cidade antes de ir embora? — Essa pergunta me pega desprevenida. É a primeira vez que ele me faz uma pergunta. Que fala mais do que três palavras comigo. E o timbre da sua voz é mais rouca do que o de Travis, é mais rouco e seco.

— Às vezes sim, mas sempre com meus pais e era uma coisa muito rápida. Acho que não conheço Las Vegas tanto ou mais que um visitante quando vem para cá. Eu era muito presa quando criança e... adolescente também. — Sorrio sem graça. Acabei de me abrir com ele e espero que surja algum efeito.

— É normal as meninas serem tratadas assim.

Assinto, concordando.

— Você passeia muito por aqui, não é?

— Eu gosto de andar de moto pela cidade — comenta olhando para a frente.

Fito seu perfil e não sei por que sorrio, que esmorece quando ele vira-se para mim.

— Que legal você andar de moto. — Penso rápido. — Eu tenho

medo. — *Dio mio!* É a conversa mais constrangedora e idiota da minha vida. — Você já caiu alguma vez? Nossa! Uma vez, eu vi um vídeo de um homem caindo de uma moto, aquelas grandonas e robustas, que doeu em mim. O ombro dele ficou em carne viva.

Um sorriso suave cruza seu rosto.

— Eu já caí muito feio, uma única vez. Eu estava indo para a casa dos meus avós, em Reno. Eu precisei convencer Colen de que foi um acidente, mas Travis não adiantou. Ele tirou a moto de mim por uma semana. O problema nem foi o tombo, foi porque ele não sabia que eu estava indo até lá. Ele pensou que eu estava fugindo. — Dá um riso e move os ombros de leve. — O legal é que o tombo me rendeu uma tatuagem. Minha primeira tatuagem.

— E o que é? — indago curiosa.

— Um jogo de damas com o cavalo caído. Ele espatifado em milhares de partes.

— O que doeu mais, a tatuagem ou o tombo? — Pisco o olho soltando uma risada. — Dizem que queima muito a queimadura que a moto faz.

Ele fica pensativo e, por fim, responde:

— Com certeza, a queimadura. Sua pele arrastar no asfalto em alta velocidade dói muito mais do que uma agulhazinha pintando a sua pele.

Faço uma careta e dou de ombros.

— Realmente não tenho como comparar.

— Espero que sinta apenas uma delas.

Fico surpresa com seu comentário. Ele parece atencioso.

E assim nós ficamos conversando coisas banais até chegar ao carro que nos leva ao restaurante. Não vou dizer que nos tornamos mais próximos, ou até amigos, contudo é um começo. Eu estou tentando.



Por mim, nós tínhamos ido comer em um dos restaurantes do Bellagio. Ainda não tive a oportunidade de conhecer todos e muita gente diz que são os melhores restaurantes da cidade. Porém, como eu estou sendo a pessoa legal desse passeio, responsável e a mais velha que tem que cuidar deles, deixei que Dario – que conhece muito bem a cidade – escolhesse o restaurante.

Para minha surpresa, ele nos trouxe a um restaurante italiano que fica muito perto da boate Pandora. A mesma boate onde tudo começou, onde reencontrei Travis Lozartan e meu destino foi fadado para sempre.

Bene, o restaurante é contagiante e a espcieria são pratos italianos legítimos, afinal o dono é um italiano, que é afiliado a *Lawless*.

Marinne e Bárbara escolheram lasanha com molho especial da casa. Dario, os soldados e eu comemos *Fettuccine Alfredo*, um típico prato italiano que foi recomendado pelo dono, que fez questão de nos atender e escolher o vinho para acompanhar o prato. E é um vinho espetacular.

Eu estou quase tendo um orgasmo com o sabor desse macarrão e corro o risco de virar diabética porque vou querer comer todo dia. Se Travis ainda não comeu aqui, preciso trazê-lo.

Pegando mais outra garfada do macarrão, enfio na boca e levanto o rosto, flagrando quase todos olhando para mim, menos o filho mais novo dos Lozartan. Engulo e sorrio sem graça.

— Acho que você gostou de vir aqui — Marinne comenta.

— Esse molho é dos deuses.

Enzo, Marco e Luigi concordam com um aceno e viro-me para Dario. Infelizmente essa atenção toda e graça, não mudou muito o humor dele. Ele continua quieto e silencioso. *Dio mio!* Acho que vai ser um longo caminho até eu conseguir ter a confiança dele. Ficar íntima e nos tornarmos uma família. Não importa. Não vou desistir. Eu não sou de desistir fácil.

Apesar de Dario estar do mesmo jeito de quando saímos de casa, minha doce Marinne parece mais alegre, e Bárbara está mais tagarela e animada. É lógico, ela está querendo chamar a atenção de Enzo, que, em uma olhada rápida, não parece estar notando. Na verdade, ele está distante.



Um pouco depois, estamos finalizando nosso almoço com uma sobremesa. Giulio, o dono, nos indicou o *torrone italiano*. Um pedaço retangular preciso de mix de nozes, castanhas e *marshmallow*. É muito diferente do que compramos no mercado. Giulio fez questão de contar como é feito e, sinceramente, eu prefiro comprar aqui a tentar fazer. Até porque não sou *forte* na cozinha.

— *Grazie per la vostra attenzione. È stato il miglior pranzo che*

abbia mai mangiato in vita mia^[1].

Faço questão de agradecê-lo em italiano. Eu não aprofundei minha língua materna na faculdade para não usar.

— *Ah, mia cara. Il piacere è stato tutto mio e sono contento che ti sia piaciuto. Spero di vederti altre volte da queste parti. Porta il signor Lozartan*^[2].

Pelo visto, Travis já veio aqui, e não apenas para cobrar.

— *Io dico di sì e grazie mille*^[3].

— *Al prossimo*^[4].

Fecho os olhos sorrindo quando ele beija minha mão. Depois ele se afasta, indo para a cozinha, e eu continuo a comer a sobremesa vigiando Bárbara que não para de tentar fazer Enzo reparar nela.

— Acho melhor nós irmos logo — digo para fazer todos me olharem.
— Está ficando tarde.

São quase três horas da tarde, então não é mentira.

— Você está certa. — Enzo se levanta fazendo Marco e Luigi o seguirem. — Vamos.

Assinto e me levanto, Marinne e Bárbara segue e pegando nossas bolsas e casacos, seguimos para a saída. Giulio aparece para se despedir.

— *Ciao.* — Dou até logo saindo do restaurante.

— *Arrivederci.* — Ele retribui dizendo *até mais* com sua voz fofa. Não sei por que, mas as pessoas mais velhas são muito fofas falando em italiano.

Virando-me sigo atrás de Marinne e Bárbara até o carro. Luigi já está no banco do motorista, Enzo segura a porta para entrarmos. Dario está perto de Marco, que está olhando para os lados. Sorrio para eles e abro minha bolsa para pegar o meu celular. Preciso saber de Travis.

— Madeleine! — Escuto um grito e ergo a cabeça.

Não tenho tempo para reagir. Sou derrubada no chão com Dario jogando-se na minha frente. Então, ouço barulhos de pneus cantando e tiros. Minha cabeça dói por conta da pancada e tento me mexer, mas Dario está em cima de mim. Olho para Marco correndo atrás de alguém e Luigi protegendo o carro onde está as meninas. Enzo surge na minha frente. Ele toca em Dario e me pergunta:

— Você está bem? Dario?

Não respondo porque espero o irmão do meu noivo responder, mas ele está imóvel.

— Merda! — Enzo esbraveja enquanto mexe em Dario. — Luigi abre a porta. Dario está ferido.

Pisco, sentando-me e levanto, mesmo com dor, e toco no rosto de Dario. Ele está apagado. *Ai, meu Deus!*

DEZESSEIS

Travis

Minha cabeça está uma pilha de nervos. Fazer aquela cena de tortura com o Costa me rendeu mais homens leais ao meu lado por respeito e medo, mas também algumas delações de negligência.

— Estou ficando cansado da falta de respeito que parece que alguns homens têm por mim.

— Geralmente é assim mesmo que alguns soldados tendem a prosseguir quando ganham um novo líder — comenta Paolo, que apareceu do nada na minha frente ontem de noite. Ele precisou ver por contra própria que não matei todos que estavam na minha frente.

Dou uma cruzada de olhar em sua direção, que é bom ele calar a boca. Não estou com ânimo. Acordei um pouco fora do ar hoje. Tem alguma coisa me incomodando e não sei o que é, e toda vez que me sinto assim nada de bom acontece. Quando minha mãe se matou foi assim, quando meu pai morreu e quando Madeleine surgiu na boate. Todas essas vezes eu acordei com o pé esquerdo.

— Eu sei que você tem muitos problemas com a *Lawless* para resolver, mas precisamos falar sobre os mexicanos. O gerente do grupo que fica dentro de Nevada não pareceu muito feliz quando deixou um dos nossos bares destruído. Ele fez questão de ir pessoalmente mandar um recado pra nós.

Esfrego meus olhos, jogando o cabelo para trás e me levanto da poltrona. Estamos na saleta que tem dentro do meu quarto.

— Estou indo para casa essa tarde. Quando chegar lá vamos fazer um contra-ataque. Não vou deixar que eles fiquem achando que são melhores.

Paolo não parece gostar do que ouviu. Balança a cabeça e se ajeita na poltrona, onde parece muito confortável.

— Embora eles tenham começado quando invadiu nosso território, o que eles estão fazendo agora é o troco pelo que você fez mês passado. Devem estar putos.

Cerro a mandíbula pouco me fodendo pelo que fiz para esses malditos mexicanos. Eu vou enfiar *taquitos* com pimenta no cu deles. Arranco um copo, pego o Bourbon e sirvo-me generosamente.

— Travis, eu sei que você não gosta de ser contrariado e não estou fazendo isso. Você está certo em fazê-los entender que existe um novo chefe, mas não da forma que fez naquela noite e sim com novas alianças.

— É, você está certo. — Concorde com a cabeça. — Agora eu preciso falar com Maurício e acho que podemos ir.

— Antes preciso dizer que o *Capo* da *'Ndrangheta* entrou em contato. Franço a testa.

— Cassio D'Ângelo ligou?

— Sim e disse que precisa falar com você urgente. Parece que seu casamento e o noivado de Marinne o interessa bastante.

Hum... Isso soa bem.

Estou me virando para pedir que Paolo retorne a ligação de Cassio, quando alguém bate na porta. Caminho até a mesma e abro.

— Teve um ataque em Las Vegas — Luca informa afoito.

— Explique-se melhor. Sabe que odeio quando fala dessa forma.

— Seus irmãos e Madeleine estavam saindo do restaurante de Giulio quando atacaram eles.

Seguro o ar com força e deixo que entre.

— E como é que eles estão? Quem foi?

— Luigi conseguiu pegar os caras — explica parado no meio do quarto. — E todos estão bem, mas eles acertaram Dario e parece que ele ficou desacordado.

Eu jogo o copo com uísque longe e ele espatifa em milhares de pedaços pela parede, com a fúria percorrendo meu corpo.

— Eu vou retornar agora — comunico a Paolo, que já está no telefone, e olho para Luca. — Diz para Enzo que estou chegando e, enquanto isso, que ele já pode começar o interrogatório.

— Pensei que você ia querer que eu fizesse.

— E você vai — afirmo. — Quando chegarmos lá, você vai finalizar

aquele desgraçado que machucou minha família.

Entro no meu quarto e fecho a porta com raiva. Respiro fundo antes de pegar minhas armas, colocar no coldre e vestir meu paletó e o sobretudo. Antes de sair, fecho os olhos e me concentro em chegar até o aeroporto. Eu vou matar quem quer que esteja organizando esses ataques. Não há espaço para perdão com minhas regras. Custei a deixar que me descontrolassem e mostrasse meu lado ruim. Meu verdadeiro monstro. Agora o problema é de quem soltou a fera.



Eu não espero as escadas terminarem de descer, saio do avião correndo em direção ao carro onde Fabrício me espera. Ele é o nosso melhor homem no volante e eu sei que participa de *rachas*. Por culpa dele, meu irmão tem fascínio por corridas. Olhar para ele agora não me dá uma sensação boa.

Pensar em meu irmão, e nas possibilidades de como ele está, me causa desconforto. Ninguém quis me dar informação do seu ferimento. Enzo não falou nenhuma palavra.

Espero Paolo e Luca entrarem no carro. Os outros homens vão em outro mais atrás. Nós seguimos para casa para ver como todos estão. E se não levaram Dario para o hospital é porque não é tão grave. Nós recorremos ao hospital quando nosso médico não pode fazer muita coisa e se ele foi para casa, é porque não é tão grave. Estou preocupado com Marinne e Madeleine também. Não consegui falar com elas.

Tudo que sou agora é fúria e vingança. Eles não deveriam ter atingido minha família. Eu não ligo que me atinjam, mas meus irmãos sempre foram meu foco de proteção e agora minha mulher. Quando meus pais eram vivos, eu não ligava muito, no entanto odiava quando eram alvos e o jeito que meu pai morreu. Ser atingido demonstra fraqueza.

Paolo baixa o celular e me olha concentrado antes de falar:

— Enzo me mandou uma mensagem. Quem atacou foi a *Bratva*, como suspeitávamos, e o alvo foi Madeleine.

— Pelo visto, tudo indica que as informações que conseguimos de Costa estavam corretas — Luca comenta.

— Eles querem pegá-la e com esse ataque responde a dúvida se viva ou morta. — A voz de Paolo deixa nítida sua irritação. — Custando ou não

uma guerra com nossos homens, eles estão nos atacando.

— Eles estão putos. Com certeza, Edgar recebeu o dinheiro da proposta e agora eles só estão querendo o prêmio — Luca fala de novo.

Permaneço calado. A única coisa que quero agora é acabar com todos. Odeio ter que ouvir isso e a animosidade é tudo que sou agora.

Por sorte, chegamos e novamente nem deixo o automóvel parar. Saio do carro e vou em direção da casa adjacente. Meus soldados baixam a cabeça em sinal de respeito quando entro e vejo Enzo parado na porta, provavelmente do quarto de Dario. Ele me olha e imediatamente se aproxima.

— Ainda bem que você chegou rápido.

— Não tinha como perder tempo. O que você conseguiu?

Ele assente antes de responder:

— Conseguimos capturar dois homens e um deles não resistiu muita à tortura. Foi somente depois de arrancar algumas unhas que ele disse que o alvo era Madeleine e ele teria atingido o peito dela em cheio se Dario não tivesse se jogado na sua frente e a derrubado no chão.

Engulo a cólera borbulhante dentro de mim.

— Ele tentou fazer mais alguém de alvo?

— Não. Ele é um rebelde que aceitou uma proposta da *Bratva* para atacar com consequências.

— Explique-se melhor.

— Como um terrorista, Travis. Ele veio para matar e morrer. Fiquei surpreso de não ter uma pílula entre os dentes que ele pudesse mastigar e se suicidar. — Enzo respira fundo, pausando. — A missão dele era clara. Matar Madeleine e, se desse pra correr, tudo bem; se não, aceitar a morte. Sem querer menosprezar as habilidades de Marco, o cara nem tentou correr de verdade.

Por fora estou fechado, concentrado para o ataque. Por dentro, estou em chamas. Eu vou acabar com esses joguinhos da *Bratva*.

— Que desgraçado! — Meneio a cabeça e pego na maçaneta para entrar no quarto.

— Antes de ver Dario preciso te dizer outra coisa.

Viro-me para Enzo.

— O quê? Me disseram que todos estavam bem.

— Bem, todos estão todos bem, inclusive Bárbara. Ela estava junto.

Claro que estava.

— Os únicos que foram atingidos foram Dario e Marco.

— Não me falaram que o segurança da minha irmã tinha sido baleado.

— Ele foi e está um pouco pior do que Dario. No confronto, ele ficou um pouco exaltado e simplesmente saiu atirando e o do cara atirou e acertou o pescoço dele.

— Que merda! Depois eu vou vê-lo. Agora eu preciso falar com meu irmão. Enquanto isso fale com Paolo e Luca já tem autorização para finalizar o cara.

Enzo dá um aceno afirmativo e passando por ele, entro no quarto. *Porra!* Vejo meu irmão deitado no meio da cama hospitalar.

Temos três quartos todo equipados como se fosse de um hospital e tem tudo que precisamos, até mesmo a enfermeira e o médico particular. Enzo deve ter dispensado eles antes de eu chegar e poder falar em particular com meu irmão. Todos sabem que, quando se trata dos meus irmãos, eu não poupo ninguém e que eles são meus alicerces.

Aproximo-me da cama e Dario abre os olhos, quando me enxerga e ergue a mão, fechando o punho e trocando um *soquinho* comigo, como fazíamos quando ele era criança. Sou quatorze anos mais velho do que ele e foi de grande importância essa distância de idade, assim como entre mim e Marinne.

Todos sempre comentam como sou protetor e basicamente criei minha irmã, mas Dario também foi minha responsabilidade, até o dia que saí de casa. Durante anos cuidei dele e de Colen, assim como Marinne. Eu cuidei para eles serem fortes, para não apanharem da mãe e serem torturados pelo nosso pai. Cuidei para não deixarem se consumirem apenas de sombras.

Eu vivi mesmo com meus avós pouco tempo, porque sabia que Dario precisava de mim. Os dois anos que morei em Carson City precisei inúmeras vezes correr para Las Vegas ver meus irmãos, além dos meus deveres como primogênito do *Capo*.

Com dezessete voltei para a cidade, mas não para morar com meus pais, muito menos na casa deles. Quando voltei a morar perto dos meus pais e fiz meu juramento como um *Madman*, Dario tinha acabado de completar três anos.

Lembro-me como fosse ontem, era quinze de dezembro e minha mãe estava com uma aparência pálida e sem vida. Ela já não era capaz de lidar com nada além da sua consternação e a sede de morrer. Foi pura sorte aguentar a gravidez de Marinne. Todos pensaram que ela ia provocar um

aborto, e se não fosse por mim ia conseguir *de novo*. Eu a encontrei com os pulsos cortados naquela tarde quando descobriu que estava grávida de novo e que estava com quatro meses. Ela não queria mais procurar nenhum filho do meu pai. Não queria lhe dar outro herdeiro. E poucos sabem que eu deveria ter uns dez irmãos, na verdade. Ela me venceu por sete vezes e a odiei por anos por isso. Eles eram minha carne e sangue.

Fugindo desses pensamentos que não irão acrescentar em nada para cuidar do meu irmão, comento sentindo uma brasa queimar em meu peito ao vê-lo ferido. Ninguém deveria se atrever a *tocar* em minha família.

— Você não para de arrumar encrenca, não é, garoto?

— Eu não paro de arrumar encrenca? — repete com humor, com a voz grogue da morfina. — Juro que, dessa vez, a culpa não foi minha.

Rio fazendo uma careta e sento-me na beira da cama.

— Como é que você está se sentindo?

— Como se tivesse tomado um tiro. — Solta uma risada. — Essa porra queima e é muito pior do que cair de moto e fazer uma tatuagem.

— Por que você fez isso?

— Eu precisava te mostrar que não sou um completo inútil.

— Porra! — resmungo. — Eu não quero ser sentimental. Não é o meu forte e eu não acho você um inútil. Nunca disse isso.

— Não disse com palavras, mas sei que você se irrita com as coisas que eu faço. O que eu não faço. E... — desvia o olhar — eu queria tentar mudar. Talvez, a partir de hoje, eu vou.

— Por que está falando isso?

— Porque nós só estávamos saindo de um restaurante — diz com bravata. — Nós não estávamos fazendo nada e Madeleine é uma boa mulher. Não merece receber isso. Eu gosto dela. Você fez uma boa escolha.

— Você percebeu que ele queria atingi-la?

— Sim e quando vi aquele homem apontando a arma para ela, que estava distraída mexendo no celular, eu não pensei. Só quis protegê-la como eu protegeria você, Colen ou Madeleine. Queria que nada a atingisse.

— Fico feliz de saber que você gosta de Madeleine. Ela também gosta de você.

Dario dá um sorriso atravessado.

— Acho que percebi.

— Por que diz isso?

— Ela parece ser uma boa mulher. Na verdade tão gentil quanto

Marinne é e espero que você não a maltrate. Não a quebre como nosso pai fez com nossa mãe. Eu não a conheci como você, mas não sou idiota. Sei o que aconteceu com nossa mãe.

Eu nunca conversei francamente com meu irmão sobre nossa mãe. Nunca quis lhe contar o jeito que ela decidiu morrer, pois foi terrível e ela não quis lutar por mim, por Colen ou Dario, e muito menos por sua filha, que não tinha nem um ano de idade. Ela podia sofrer, mas não amava os seus filhos. Quem se abre aos sentimentos, quem ama faz sacrifícios, e eu sei que meu irmão fez o que fez hoje, porque, embora seja difícil admitir emoções, nós quatro somos um laço forte, carne e unha, e ele defendeu Madeleine por minha causa. Por honrar nosso juramento de irmãos, por respeito e sangue.

— Pode ficar tranquilo que eu jamais vou machucar Madeleine. Eu não sou esse tipo de homem.

— Sim, eu sei, mas, às vezes, sem querer, o nosso mundo quebra as mulheres. — Desvia seus olhos de novo. — Eu queria que Marinne continuasse sendo a doce menina que é. Ela é forte, porém também muito emotiva.

— Quero que ela cresça forte e em seu casamento tenha voz. E que também continue do jeito que é para sempre. Que nada a faça deixar de ver o mundo colorido, não apenas preto e branco e vermelho, como nós fazemos.

— Acho difícil.

— É por conta disso que não aceita nosso mundo.

— A questão não é esta, irmão. Eu estou tentando fugir dele porque sei que é muito violento. Muito mais do que já *experimentei* e eu quero ainda me segurar um pouco. — Engole em seco e me encara. — No entanto, creio que essa bala no meu ombro não é nada comparado ao ódio que estou. Eu vou me vingar de quem fez isso comigo e do susto.

Pela primeira vez vejo que o meu irmão é tão forte quanto eu. E suas palavras têm muita significância. Quando nós deixamos que nossos monstros ganhem forma, nunca mais conseguimos contê-los e criamos nossa máscara para podermos conviver com outras pessoas que não precisam ver quem realmente somos.



Depois que finalmente acabei de conversar com Dario, e ele me contou tanta coisa, ele fez questão de dizer como se sente sobre tudo, percebi que fui um babaca com ele, às vezes. Logo depois, falei com o rebelde da *Bratva* e assisti Luca torturando-o, mesmo ele não tendo muito mais para revelar do porquê quis matar Madeleine. Eu queria estar reagindo de outra forma que não fosse minha brutalmente fome de sangue. Cego de ódio.

Eu entro em casa e vou direto para o andar de cima. Passo no quarto de Marinne e dou um toque na porta antes de abrir. Vejo-a dormindo em sua cama rosa e cheia de bonecas. Sinto uma emoção que não sei descrever. Caminho até sua cama e me sento na beira. Coloco uma mecha do seu cabelo para trás da orelha e ela resmunga, mas permanece dormindo como se estivesse no mundo dos sonhos. Eu queria que a minha irmã não precisasse crescer. Dario tem razão. Ela é muito doce, gentil e carinhosa, não merecia fazer parte de nós. Ainda bem que ela é forte.

Por fim, eu me levanto e deixo um beijo no seu rosto. Saio do seu quarto fechando a porta devagar e, mais à frente, está a porta do quarto de Madeleine, que bato e sem resposta entro de uma vez, encontrando-o vazio. Com isso, vou determinado até o meu quarto.

Eu a avisto deitada no meio da cama, encolhida e abraçada ao travesseiro. O lenço em sua mão comprova que ela estava chorando. Fecho a porta do quarto e, antes de chegar até ela, tiro o meu sapato, o cinto e o paletó junto com colete e o coldre. E esta noite deixo mais perto da cama.

Tomo um banho rápido porque me sinto além da sujeira física. Foi muito sangue e gritos nas últimas quarenta horas. Tenho muitas trevas dentro de mim.

Voltando do banheiro, apenas de cueca, vou para o lado da cama que vejo o rosto de Madeleine. Vejo seu rosto abatido e sereno. Absurdamente linda. Levanto as cobertas, deito-me sem fazer um movimento brusco, nos cubro, deixando-nos confortável e a puxo para os meus braços. Toco em seu rosto de leve e ela resmunga, mexendo o nariz engraçado. Faço de novo e ela toca a bochecha pensando que meu toque é uma cócega.

— Madeleine — chamo-a baixinho suavemente.

Ela solta outro resmungo e abre os olhos. Quando finalmente a ficha parece cair, que ela me vê na sua frente, em um movimento rápido se senta e se joga nos meus braços. Meus olhos se fecham sentindo o alívio, a calmaria me envolve mesmo sentindo seu pulso bater forte. Ela está bem. Ela está *bem aqui*.

— Fiquei com muito medo — diz no meu ouvido.

— Está tudo bem agora.

— É! — exclama e se afasta, ficando sentada no meio da cama, nossos olhos se encontram. — Mas Dario... Tudo aconteceu muito rápido e, quando dei por mim seu irmão pulou em cima de mim e me salvou. E... você me pediu para cuidar dele. — Uma lágrima solitária escapa pelo canto do seu rosto.

Sento-me, apoiando as costas na cabeceira e estico meu braço. Acaricio sua bochecha com as costas da mão e digo:

— Você não tinha obrigação de cuidar dele e nem como prever o que aconteceu. De toda forma, agora está tudo bem.

Madeleine afasta o rosto do meu toque e abraça o próprio corpo.

— Não está. Foi por pouco e... quando cheguei em casa só queria estar com você — fala com cuidado e, como se não resistisse, vem se sentar no meu colo.

Deixo meu corpo cair um pouco no colchão e ela deita a cabeça no meu peito, entrelaçando os dedos com os meus.

— Agora estou aqui, querida.

— Sim, está — sussurra. — Mas... não estava e eu precisava te ter por perto. Você se tornou tudo para mim... em tão pouco tempo.

Beijo seus cabelos, envolvendo-a com mais firmeza. Merda! Ela não sabe o quanto eu também preciso dela, o tempo todo. Agora fico com medo, um sentimento que nunca passou por mim, de perdê-la e talvez eu a ame. Quantos vezes penso isso, o tempo todo para falar a verdade, contudo não posso admitir.

Ela se ajeita nos meus braços e levanta o rosto até que seus lábios estão na altura certa para beijar meu queixo, meu pescoço, então sussurra perto do meu ouvido:

— Como foram as coisas lá?

— Foi tudo bem. Não precisa se esquentar com nada. Não é importante agora. — É mentira. Tudo o que eu soube em Denver é muito importante e tem a ver com o que aconteceu com ela. Eu apenas não quero dizer para ela. Não quero que se preocupe e fique paranoica.

— Tudo bem então, meu amor — fala baixinho e a assisto sair do meu colo.

Ela tira o vestido e o sutiã, que presumi que foi a roupa que saiu e não se trocou antes de se deitar. Ela está olhando nos meus olhos, sorri e depois

se aproxima de mim. Entendendo o que ela quer, nos ajeito na cama trazendo para mim, abraçando-a bem forte. Nossos corpos se arrepiam quando nossas peles se tocam. Madeleine geme baixinho.

— Isso é a melhor coisa do mundo. É tudo o que eu precisava.

Tenho que concordar com ela. Seguro o seu rosto, beijo sua boca e seus olhos encontram os meus.

— Eu te amo — ela assente quando diz, confirmando suas palavras e os olhos brilham de um jeito que faz doer meu peito.

Merda! Eu não digo nada, só aperto seu corpo em meus braços muito forte. E deixo escapar baixinho:

— *Minha.*

Sim, ela é minha. Só minha. Ninguém vai me tirar ela. A merda do meu coração seco e sem vida, cada vez mais deseja ter o que não pode. Para abafar a sensação que faz minha pulsação acelerar, tiro sua calcinha, depois minha cueca. E olho no olho, penetro sua boceta doce lentamente, ouvindo seu gemido de puro prazer.

Eu sei que agora, com nossos corpos conectados, eu dentro dela, minhas mãos tocam cada parte sua, seus lábios procuram os meus em um beijo brutal e erótico. Quando suas pernas envolvem meus quadris, querendo que eu vá mais fundo, mais perto, nós estamos fazendo amor.

Acelero meus movimentos, apreciando a eletricidade percorrendo por meu corpo, a sensação de fodê-la, seus sons, suas unhas na minha pele e força. Fechando os olhos, gozo dentro dela. Puta que pariu! Eu *realmente* acabei de fazer amor com ela, e é muito mais do que posso dividir. Ela é muito mais do que eu deveria ter.

Nossas bocas fazem um barulho quando paramos de nos beijar e vejo em seu rosto um misto de mágoa e força.

— Está tudo bem — ela diz para mim. — Eu fico com você... independente de qualquer coisa. Eu sou inteiramente sua.

Ela deixa a mão sobre meu peito, na direção do coração. Uma noite ela disse que gosta de ouvi-lo bater e talvez ele só exista agora por causa dela. Talvez ela conseguiu desenterrá-lo do deserto de Nevada para cuidar e ser dela. Talvez, ela é a única que foi capaz disso. Se ele for capaz de bater por alguém, tem que ser por ela.

DEZESSETE

Madeline

A metamorfose humana é imperceptível. O que a vida lhe dá, muda seus sentimentos, emoções, pensamentos e acaba que não nos reconhecemos mais como a mesma pessoa depois de um certo tempo. Eu não sou mais a mulher do início desse ano. As coisas que foram jogadas sobre mim me transformaram com brutalidade, violência e imensurável. Embora passasse por tudo isso, sinto-me como se sempre pertencesse aqui.

Tem três semanas que aconteceu o ataque no restaurante e durante esses dias tentei distrair minha mente e agradecer pelas coisas boas da minha vida. Mesmo que seja muito difícil. Eu não posso simplesmente esquecer de tudo e agir como se nada tivesse acontecido. Que esteja acontecendo. *Merda!* Meu coração está pesado e, às vezes, me pego pensando em coisas ruins, coisas que podem acontecer. Eu estou cansada de ficar assim.

Respirando fundo, seco minhas mãos, fito meu reflexo no espelho e saio do banheiro. Encaro a cama vazia com desgosto. Travis está tão atarefado que eu quase não o vi essa semana. Ele está à caça. Está na missão desenfreada de pegar Ivon Avilov. Eu não sei dos detalhes, mas algo me diz que tem a ver com o meu pai, ou comigo, e todo dia deito minha cabeça no travesseiro com culpa, mesmo com Travis me dizendo que a guerra com a *Bratva* já existe há anos. As máfias italiana e russa nunca foram *chegadas*, eu sei, mas, às vezes, um deles provoca, precisa haver um motivo para novas disputas e retaliações. Algo foi necessário para começar essa nova guerra.

Ando com insônia, cansada e preocupada. E depois daquela noite, onde eu clamei pelo amor de Travis em silêncio, declarando-me de uma forma que ainda não tinha feito, ele mudou. Me procura todas as noites, e não é para sexo. Segura minha mão quando ninguém percebe, às vezes eu o pego

olhando meu rosto. Durante a noite, ele sempre me abraça, até mesmo quando já estou dormindo. Está o tempo todo certificando-se de que eu estou bem, que estou em segurança. Eu já perdi as contas de quantas vezes me perguntou se estou feliz desde que tudo aconteceu.

Eu sou horrível em ler as pessoas, mas algo me diz que, quando ele me pergunta se sou feliz, está querendo saber se estou no lugar certo, com a pessoa certa. Se não vou mudar de ideia, se não vou embora. E posso afirmar; eu nunca vou deixá-lo. Ele é o amor da minha vida, embora meus pecados sejam terríveis e reais, rezo toda noite para que a gente fique bem. Para que as coisas voltem a ser o mais normal possível para um clã da *Famiglia*.

Ele sempre vai ter muito poder, muitos inimigos, muita vingança, ódio e sangue no seu caminho. Mas não é apenas isso que uma organização criminosa tem.



À noite, visto um vestido vermelho sangue, porque ele ama a cor, e desço para o jantar.

— Travis já chegou? — pergunto a Luigi parado no lobby da casa.

— Sim, senhora. Está no escritório.

Assinto em agradecimento e sigo para a cozinha. Pego um pouco de suco de laranja para mim, não ando com fome, e sigo o caminho do corredor. Mordo o lábio ansiosa se bato ou não na porta. Quando percebo, já fiz.

— Entre — ele diz.

Abro a porta e sorrio para ele. Está, como sempre, perfeito em sua cadeira de couro atrás da mesa.

— Por que não mandou me chamar?

Faz um aceno neutro com a cabeça, negando e gira a cadeira quando vou até ele. Sorrindo coloca minhas mãos nos seus ombros. Ele guia sua mão até minhas costas, desce em minha bunda e puxa meu vestido. Gemo jogando a cabeça para trás e deixo que ele suba o tecido do vestido. Apertando minha carne, me puxa para o seu colo e vou, deixando minhas pernas de cada lado das suas. Agarro seu pescoço e encosto minha boca na sua.

— Gostei do vestido — murmura antes de me beijar.

Precisando do seu contato, aprofundo o beijo e paro dando uma mordida no seu lábio inferior.

— Coloquei para você.

Travis ri rouco e respira no meu pescoço. Relaxada, deito minha cabeça no seu ombro e aproveito suas carícias. *Eu estava precisando disso o dia todo*. Ele força os nós dos meus músculos, provocando-me um gemido. Meu Deus... quando ele faz isso, eu me sinto no céu. Respiro fundo, fazendo questão de sorver seu cheiro.

— Você está tão quentinha.

— Uhum — gemo e lambo sua pele. Eu *amo* seu gosto, seu cheiro, sua força e como tira o meu vestido lentamente como se fosse uma carta na manga.

— Como é que foi hoje?

— Foi tudo bem, *angele* — responde e me beija. — Não se preocupe.

— Não me preocupar é uma tarefa impossível, amor — respondo me afastando para enxergar seus olhos, e perco o fôlego com esse azul tão lindo. Esse rosto tão marcado, esses cabelos negros e levemente ondulados. Meu coração acelera.

— O que foi? — indaga arqueando as sobrancelhas.

— Nada. Só estava te admirando.

— Me admirando? — Ri zombeteiro e segura meu queixo antes de passar a língua nos meus lábios.

— Você é muito lindo pra ser tão malvado.

— Eu não sou malvado — diz com humor, apertando minha bunda.

— Não é para mim e para as outras pessoas... que você protege.

Ele fica em silêncio, pensativo e talvez eu não devesse tocar no assunto.

— Você já pensou em ser outra coisa? — Afago seu rosto, a barba por fazer arranhando a palma da minha mão. — Teve vontade de ser outra coisa?

— Como assim?

— Sem ser o *Capo*, um homem da *Famiglia*. Um matador assassino. Alguma vez lhe ocorreu ser outra coisa?

Ele demora um tempo para responder:

— Na verdade, não. Eu nunca pensei e não penso, nem mesmo por você. — Seus olhos fixam nos meus, firmes e rigorosos. — Na verdade, por você... — Faz uma longa pausa, e o jeito que me olha faz eu me sentir muito especial. — Acredito que por você eu me tornaria um assassino de qualquer jeito. Eu nunca permitiria que ninguém a machucasse.

Mordo meu lábio inferior e seguro o seu rosto suavemente, e ele não recua.

— Eu acho que por você também. Eu mato e morro por você — sussurro o final.

— A gente não vai precisar — diz com convicção.

Seus olhos estão grudados nos meus, mas quase não piscamos e, embora exista tanta violência nesses olhos tão azuis quanto um mar revolto, consigo ver outro sentimento tão ou mais violento quanto as ondas de cinco metros. O sentimento que eu acho que ele nunca vai conseguir me dizer. Antes eu não me atrevi a ter esperanças. Agora está mais do que claro o que eu sou para ele, mesmo que nunca admita.

— Também espero que nunca precise — digo com um bolo na garganta. — Eu não sei o que eu faria se perdesse você.

— Você não precisa pensar isso. — Ele alisa a minha face gentilmente. — Eu vou cuidar de você e sou ruim de matar, *mi angele*. E até tudo ficar mais calmo, quero que você fique em casa. Sei que você odeia isso e eu ficaria feliz de deixar você trabalhar no Bellagio, que é onde tenho mais controle, mas é um risco desnecessário no momento, Madeleine.

— Acredita que vamos ter sossego em algum momento?

— Sim — ele se limita a responder e tem tanta certeza de que fico toda arrepiada. — Eu vou dar um jeito. Não fique pensando nisso.

— Espero que seja em algum momento muito próximo. Espero que você se vingue de todos eles.

— Tem certeza de que está falando isso? — Existe um orgulho disfarçado de humor em sua voz.

— Sim, estou.

Ele concorda, não diz mais nada, e eu também não. Continuamos nos encarando. Passo a mão nos seus ombros, no peito e ele acaricia minhas costas, minha bunda.

Não queremos admitir um para o outro os nossos medos e as nossas inseguranças, e ele não quer admitir que me ama. Essa declaração vai me dar muita força sobre ele. Para um homem da *Famiglia*, suas obrigações vêm em primeiro lugar. E por mim tudo bem. Não preciso ouvir, apenas sentir.



Minha pulsação está acelerada, minhas mãos tremendo e, embora meu reflexo no espelho de corpo inteiro esteja impecável e lindo, por dentro estou um caco. Meu cabelo parece que foi penteado por fadas, minha maquiagem está impecável e meu vestido é como imaginei que ficaria. Hoje finalmente é o dia que me tornarei a Sra. Lozartan. É hoje, vinte e três de dezembro, o dia do meu casamento e eu não poderia estar mais nervosa. Na verdade, estou em um misto de alegria, nervosismo e medo.

— Está pronta? — Bárbara pergunta entrando no meu quarto. — Nossa, você está linda!

— Está divina! — Marinne surge atrás dela com o vestido branco com as mangas iguais às do meu vestido. Ela é a minha dama de honra. E quem está honrada sou eu.

— Oh, *Dio mio*! Você está linda!

Ela me agradece me abraçando e dou um beijo nos seus cabelos, penteados com leves cachos nas pontas, a franjinha aparada. Eu amo essa garota de verdade.

— Você já está pronta? — pergunta se afastando, mexendo na franjinha.

— Acho que sim — respondo rindo. — Fisicamente estou pronta.

— Está nervosa?

— Um pouquinho.

— Ah, não precisa. — Marinne segura minha mão. — Vai dar tudo certo e você está perfeita. É a noiva mais linda que já vi.

Sorrio por suas palavras e, por incrível que pareça, me acalmo. Fito-me uma última vez no espelho e ajeito a saia do vestido, meus cabelos e passo o batom finalmente. Escolhi vermelho sangue. Eu precisava colocar a *cor dele* em mim. Tudo bem que a decoração do casamento é de natal, dourado e vermelho. Meu buquê é de rosas vermelhas e brancas.

— Agora Travis vai enfartar — comenta Bárbara.

Dou um olhar atravessado para ela calar a boca. não gosto de falar assim perto de Marinne, mas ela está distraída olhando para o seu pulso. Encarando a pulseira que deve ter algum significado. Deixo quieto porque eu gosto que ela venha me procurar. Que precise conversar comigo.



Meu corpo todo treme, e não é de frio. O dia está claro e quente em Las Vegas. Sinto-me à beira de um colapso de tão agitada que estou. Me casar nunca foi um sonho para mim. Eu só queria ser independente e razoavelmente feliz. Mas aqui estou eu, em frente à igreja, a passos de me encontrar com Travis Lozartan, meu futuro marido.

Engulo em seco e olho para o meu avô quando ele estende o braço.

— Você está bem? Parece muito nervosa.

— Eu *estou* muito nervosa, mas estou bem. Acho que é normal, não é?

— Ficar nervosa no casamento? — Ele dá de ombros. — Eu acredito que sim, mas vai dar tudo certo. Tente relaxar e chegar até o altar.

Ele já ia andar, me levar para dentro da igreja, quando seguro seu braço chamando sua atenção.

— O que foi, querida?

— O senhor se sente obrigado a estar aqui ou está fazendo porque eu sou sua família?

— Por que está perguntando isso? O que está passando nessa sua cabeça tão fértil, Madeleine?

— Nós nunca fomos próximos e, quando você foi para a Itália, eu era muito pequena. Você é meu avô, a minha única família junto com a vovó, mas não sei se realmente posso dizer que somos uma família.

— Se eu não ligasse pra você, não estaria aqui. Não precisava dar meu consentimento para você se casar com Travis. Ele é um homem muito poderoso e consegue tudo o que quer, até mesmo se eu dissesse que não, ele iria ter você. Eu estou aqui porque me sinto na obrigação de como sua família, seu avô, estar do seu lado. Nós podemos não ter convivido muito tempo juntos e próximos, porém isso não significa que eu não ligo para você. Não fica pensando essas coisas e erga essa cabeça, entre nessa igreja e seja a senhora de toda a *Lawless*. Você sabe que tem muito poder agora também, não é? Agora precisa se comportar como tal.

— Sim, eu sei e já faço. — Sorrio agradecida. — Obrigada pelas suas palavras. Todo mundo pensa que eu sou muito forte e que tudo bem ter perdido meus pais do jeito que perdi. Que tudo bem eu nunca, na verdade, ter tido o amor deles. Mas... doeu a minha vida inteira e eu espero que agora, como essa nova vida, com esse novo lar e esse homem, eu encontre tudo aquilo que mereço.

Vovô sorri e bate nas costas da minha mão com carinho.

— Eu espero também e tenho certeza de que você vai conquistar muito além do que qualquer mulher no seu posto conquistaria. E não é porque você carrega meu sobrenome, não é porque você é filha da sua mãe ou do seu pai, você vai conquistar o mundo em sua própria força, porque veio para vencer. Nunca mais diga que não é forte, pois você está aqui agora e chegou muito mais longe do que qualquer menina já tentou em nosso mundo. E eu não estou falando desse casamento, é além de ser a esposa do *Capo*. Estou falando de tudo que já fez pelas suas convicções, pela força que tem dentro de você, que nasceu com você. Você é a Madeleine acima de Beluzzo ou Lozartan. Você é você, e eu sinto muito orgulho de ser minha neta.

Tento controlar minhas lágrimas o mais forte que consigo, mas uma delas escapa e rapidamente seguro para ela não manchar minha maquiagem.

— Obrigada por dizer isso. Foi muito importante e vou guardar para sempre essas palavras.

— Lembre-se de que você tem a mim e a sua avó. Longe ou perto, o que você precisar, nós estaremos dispostos para você. Nos desculpe por não ter feito nada antes.

Assinto e finalmente, sem mais delongas, deixo que ele me guie para dentro da igreja.

Respiro fundo e, quando ouço a marcha nupcial, logo toco com meus pés o tapete vermelho e mesmo com toda a coragem que acabei de ouvir que tenho, não consigo olhar para cima. De cabeça erguida, deixo meus olhos focados à frente, sem olhar para ninguém. Não posso olhar para Travis antes de chegar ao altar.

Dio mio! Eu vou ter um treco. Meu estômago está revirando. Acho que... Caramba! Estou quase vomitando. Ai, meu Deus! Eu não posso vomitar no meio da igreja, na frente dessas pessoas todas. As pessoas mais importantes do nosso círculo: mafiosos, políticos, milionários.

Eu sei que pareço uma mal-educada, mas as pessoas vão interpretar como nervosismo, que não deixa de ser.

Chegando ao altar, finalmente solto a respiração erguendo a cabeça e quase morro vendo Travis na minha frente. Dizem que o amor é cego, exagerado, um pouco louco, mas esse homem me tira o fôlego. Está perfeito de smoking e gravata borboleta.

Ele caminha até mim. Troca um aperto de mão com meu avô e então segura minha mão, e claro que sente que estou tremendo, principalmente quando coloca dois dedos sobre o meu pulso, sentindo as batidas

desenfreadas do meu coração.

— Oi — diz para mim, e com tanto carinho. Acho que não percebe, porém logo a máscara poderosa e inibidora está no lugar.

Balanço a cabeça sem conseguir falar nada.

— Está tudo bem? — pergunta parecendo muito preocupado.

Meus lábios tremem, meus olhos enchem d'água. Eu não acredito que vou me casar com esse homem.

— Ei! — ele chama minha atenção. — Está tudo bem. Se concentra em mim só um pouquinho.

Concordo com a cabeça e eu quero dizer o quanto o amo. Eu amo a cada dia, a cada noite mais e mais. Não sei nem mensurar o quanto. Minhas lágrimas deslizam por meu rosto e vejo o padre me olhar com simpatia. E fito o chão aceitando o lenço que Travis me dá para secar o rosto.

— Obrigada — agradeço baixinho para ele.

— Ao seu dispor — diz segurando minha mão de novo. — Podemos? Assinto e, enfim, a cerimônia começa.

E eu só saio do transe quando chega a hora dos votos, tão únicos e tradicionais da *Famiglia*.

Os vestidos de casamento da máfia deveriam ser vermelhos para não correr o risco de, na hora do juramento, estragar a cerimônia. Nos casamos pelos mesmos padrões dos juramentos dos homens quando se iniciam: cortando a mão. A verdadeira aliança de um homem e uma mulher em um matrimônio é o corte nas mãos. O sangue compartilhado.

O pingo vermelho escuro derramado na fogueira dos homens iniciados representa nosso sangue, nossa honra, aliança e juramento com as sombras dos ancestrais que criaram as organizações. Marca nosso pacto com o pecado. Sela um acordo de honra com o submundo.

Por isso, todos os homens são *Homens de Honra*. Eles entram sangrando. Entram dando uma parte de si, mesmo que ela sempre já pertencera a máfia desde o nosso nascimento. Nós nascemos jurados por nossas leis, jurados no sangue. Não há outra saída a não ser a morte. E como tal, não haveria outras palavras para jurarmos nossos votos do que:

“Entro com meu sangue, juro por meu nome, morro por minha honra. Entro servindo, morro pecando.”

A diferença dos votos no casamento é o final: *“Nós entramos vivos e saímos mortos”*. A única separação em nosso mundo é a morte. Como soldado, como marido ou mulher.

A morte é a única forma de sair desse mundo. Eu mais do que ninguém sei disso. Mesmo quando fui mandada para longe, sempre tive as sombras da máfia. Talvez não tão fortes, mas estavam presentes em cada passo que dei longe de casa. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, reencontraria a escuridão. Mas não esperava chegar aqui, no meu casamento com o *Capo del cape*. Com um homem que pensei em odiar para sempre sendo o amor da minha vida.

O padre nos oficializa, declarando-nos marido e mulher para todos os interessados no assunto: *Cosa Nostra*, *Camorra*, *'Ndrangheta* e nossos parentes, e finaliza:

— Pode beijar a noiva.

Fecho os olhos quando Travis pega meu rosto em suas mãos grandes e, com gentileza, dá um beijo rápido demais em meus lábios. Engulo em seco, respirando fundo e sorrio encarando-o.

— Se não fosse você, eu não sei o que seria de mim. Ainda não gosto da máfia, porém hoje me tornei ainda mais parte dela — falo baixo só para ele ouvir. — Sei que não gosta de ouvir isso, mas você me faz feliz e, embora não seja perfeito, e eu nunca disse que é ou precisava ser, eu prefiro mil vezes viver com você na minha vida. Eu te amo, Travis Lozartan. Essa é a verdade.

Ele inspira fortemente, soltando o ar pelo nariz e seus olhos ficam escuros, quase sombrios.

— Eu nunca sei o que dizer quando fala isso para mim. Mas sei, com toda certeza, que não sou digno desse amor, mas não abro mão, Madeleine Lozartan.

Sorrio sentindo-me febril e meneio a cabeça em concordância.

Ele me guia para fora da igreja. Nós paramos e cumprimentamos algumas pessoas antes de ir para uma parte bonita da igreja. É um casamento normal e quero muitas fotos.

— Fique atrás dela e a abraça — a fotógrafa pede e não perde tempo registrando a foto. — Agora vamos ali.

— Para que precisa disso tudo? — Travis resmunga.

Viro-me para ele, beijo seu rosto e peço para a mulher:

— Só mais algumas, não queremos nos demorar aqui.

— Sim, senhora.

E vamos até onde ela pede. Sorrimos, fazemos pose e, por algum motivo, sinto-me nostálgica. Eu sei que ele não entende o porquê de eu amá-lo. Acho que até eu fico assim às vezes, sem entender, mas não importa. Esse

homem com sangue e morte nas mãos é o amor e o pecado da minha vida.

Travis vira o rosto para mim e curva de leve o canto da boca encarando-me.

— O que houve?

Balanço a cabeça e olho para ver se tem alguém por perto, puxo-o para o canto, e nos sentamos em um banco. Com um pouco de dificuldade por conta da cauda do vestido, fico bem perto dele. Surpreso, ele segura minhas mãos e ergue as sobrancelhas.

— Fala — pede com o jeitinho mandão que é só dele.

— Apenas... Deixe-me te amar. Não vai arrancar pedaço. Vejo em seus olhos, todos os dias, o duelo em ceder as minhas palavras. Acreditar nelas.

— Eu não duvido — fala firme sem demonstrar reação, pois estamos expostos.

— Eu sei, mas... eu o sinto recuar, se afastar de mim as vezes quando fico muito perto do seu monstro. — Sugo uma respiração, pausando. — Eu poderia ter me apaixonado por qualquer um, mas foi justamente por quem não pode dar seu amor que escolhi. Eu não sonhei com proteção, Travis. Não só proteção. Isso não basta.

Ele parece nervoso ao cerrar a mandíbula.

— Madeleine...

— Mas — interrompo-o colocando as mãos sobre seu peito —, por enquanto, eu aceito. Eu recebo tudo que você quiser, e puder, me dar. Um dia, você vai entender. — Assinto repetidas vezes. — Você vai conseguir enxergar que os sentimentos não nos tornam fracos. Vai por mim. Eu sou muito mais forte agora que tenho você. — Sinto meus olhos faiscarem pela intensidade das minhas palavras. — Eu juro *para você* que meu amor me torna perigosa, Travis. Não fraca.

Ele concorda com um aceno sucinto, beija minha boca com força, com paixão, para logo se afastar, pegar minha mão e sairmos do local.

— Chega de fotos — sentencia para a fotógrafa e me leva para fora da igreja.

Nas escadas, entrelaça seus dedos nos meus e vira-se dizendo de repente:

— Eu... — Engole com força. — Você é importante pra mim. Está me entendendo? Você. É. Importante. Para. Mim. Você é... — ele pausa e solta uma lufada de ar com força.

Meus olhos aquecem com o prelúdio das lágrimas não derramadas e meu coração acelera.

— Eu sei. — E sei também que ele sente a emoção em minha voz.

Com um aceno, voltamos a descer as escadas. Sorrio para Marinne chegando perto de mim. Paolo, sua esposa, Colen e Dario vêm também. Enzo está por perto, mas atento.

— Foi um casamento lindo — comenta Marinne e eu a abraço.

Estou dando uma risada quando vejo um vulto correndo atrás de nós e na rua três carros se aproximando em alta velocidade. As portas se abrem e, quando vejo, todos em volta estão correndo. Travis me abraça e joga no chão.

— Saiam daqui! — Luca grita e o vejo atirando.

Minha cabeça dói. Fecho os olhos e sinto um líquido quente em meu peito e tento ver o que é, mas parece que perdi a capacidade de me mover.

— Madeleine — Travis me chama e com dificuldade me pega no colo. Corre para longe, escuto vozes, gritos e disparos.

Ah, não! De novo não!

DEZOITO

Travis

A fúria está misturada com a culpa. Como eu não presumi que eles fossem atacar hoje? Esses russos não ligam em se expor e causar um ataque durante o dia.

Respiro fundo e corro pelo corredor da igreja, seguindo para o local seguro que tem nos fundos. Meus olhos estão em Marinne, Colen e Dario à frente, Madeleine ainda está nos meus braços. Ela está desacordada e o vestido imaculado branco agora está banhado de sangue.

— Vem por aqui! — exclama Luigi abrindo uma pequena porta de madeira.

Entro e noto que chegamos ao esconderijo. A igreja e a *Famiglia* têm uma ótima harmonia. Eles são um dos associados mais rentáveis. A igreja católica faz de tudo para manter as aparências e sossego. Embora algumas não querem apenas isso.

Vendo um sofá, vou direto para ele e coloco Madeleine deitada.

— Esse sangue é dela? — Marinne pergunta atrás de mim.

Eu não respondo, pois não sei. E rasgando o vestido com minha faca no decote, procuro um ferido, mas nada encontro.

— Não é — esclareço sentindo o aperto no peito aliviar.

— Então é de quem?

Franzo a testa tentando me lembrar de quem estava tão perto dela na hora do ataque. Passo meus olhos por todos os presentes.

— Onde está Paolo?

— Ele ficou lá — responde Enzo na porta, a arma em riste. — Por quê?

Fico de pé e cerro a mandíbula. Toda minha fúria está chegando.

— Ele estava bem?

— Até o momento que me virei para correr para cá, sim. Acha que ele está ferido?

— Não sei — respondo secamente. Volto-me para Madeleine, sentando-me na beirada do sofá e toco seu rosto. — Acorda, vamos.

Demora mais alguns segundos antes de ela soltar um resmungo, as pálpebras tremerem e, enfim, abrir os olhos. Ela arfa como se estivesse tomando ar depois de se afogar e me encara.

— Travis — choraminga e me abraça. — Travis!

— Está a salvo, fique tranquila — digo no seu ouvido.

Ela balança a cabeça freneticamente que sim e se afasta.

— O que aconteceu?

O que aconteceu? Merda! Nós estávamos tirando fotos e, de repente, fomos atacados. Puta que pariu! Como é que eu permiti que isso acontecesse? E agora não sei onde foi parar os outros convidados, os que ainda estavam esperando a gente sair. Paolo e Luca não estão aqui também. Eles devem ter ficado para contra-atacar.

— Eu ainda não sei direito — respondo.

— Onde está Marinne? Você se machucou? — Madeleine pergunta sentando-se no sofá.

— Eu estou bem — Marinne responde e fica do lado da minha esposa.

Cazzo. Como ela vai conseguir sobreviver a tudo isso? Por que querer repetir tantas vezes que me ama, se a vida que eu a condenei sendo minha esposa traz como primeiro cenário seu vestido de noiva ensanguentado?

Relutante, levanto-me e vou até Enzo.

— Eu preciso que você cuide da minha esposa e dos meus irmãos. Preciso ver o que está acontecendo.

— Travis, você não vai sair e nos deixar aqui sozinhos. — Madeleine fica de pé e se aproxima de mim.

— Você não vai ficar sozinha. — Pego suas mãos. — Enzo e Colen vão ficar com vocês.

— Eu não quero que você vá. Por favor. — Madeleine é uma mulher forte e sempre perspicaz, mas nesse momento é apenas minha esposa assustada.

— Eu sou o *Capo* e preciso ver o que está acontecendo. Como estão meus homens. E você precisa ficar aqui e cuidar dos meus irmãos.

— Fala como se todos nós fôssemos crianças — comenta Colen, mesmo sabendo que eu não o inclui.

— Não força, Colen.

— Eu deveria estar com você.

— Não — rebato com firmeza. — Você tem que ficar aqui com Dario, Marinne e Madeleine. Você é um dos melhores e preciso disso agora.

Colen cerra a mandíbula e como previsto, embora insatisfeito, aceita minha ordem. Não porque deve obediência a mim, mas porque sabe que precisa estar aqui.

— Então vai logo e, quando for seguro, saímos daqui.

— Travis — Madeleine sussurra e a fito.

Ela não tenta me tocar, mas vejo a enorme vontade em seus olhos. Não esboço reação, pega sua mão como qualquer pessoa faria e digo:

— Fique aqui. Não vou demorar.

Seus olhos ficam cheios d'água e o que refletem é bem diferente da hora que subiu no altar. Há poucos minutos, ela estava sorrindo, celebrando que enfim estávamos casados, agora seu rosto tenta mascarar o medo e a tristeza.

Seus lábios tremem, porém ela engole o choro e assente.

— Vai ficar tudo bem. Estarei esperando.

— Okay. — Beijo seu rosto antes de virar-me.

Saio do esconderijo fechando a porta e mando Luigi vir junto. Enzo e Colen darão conta. Confio neles.

— O senhor está com colete?

— Estou com o colete certo. — Levanto o blazer para lhe mostrar o colete com as armas e pego uma.

Luigi vai na minha frente e seguimos para fora da igreja pelos fundos. Logo estamos na frente, onde aconteceu e está silencioso. Logo o Luca vem correndo em nossa direção.

— Onde estão todos?

— Seus avós já tinham ido para o Bellagio com seus seguranças e o *Consigliere* dele com sua família. Sarino e Rossi correram atrás dos carros com alguns soldados. Não conseguimos muita coisa.

Assinto e olho o sangue nos degraus.

— Quem se feriu?

— Além de Eterro... Mia.

Não sou de ficar sem fala, ou em choque, mas ouvir que Mia se

machucou causa algo dentro de mim. Porra!

— Cadê Paolo?

— Entrou na igreja com ela.

Cerro a mandíbula e ordeno que Luca e Luigi se certifiquem de tudo, e vou encontrar Paolo.

Eu sempre ouço meus instintos e acordei hoje com uma sensação estranha assim como no dia que Madeleine surgiu na minha vida. Pressenti que algo de ruim estava por vir, mas não esperava por isso. Meu *Consigliere* conquistou seu posto porque é um homem de fibra, forte como aço e brutal. Nevada é meu território e eu confio nele sem sombra de dúvidas depois de um ano ao meu lado. Eu não o vi ser derrotado ou fraco.

Fico em silêncio e espero que ele se mova. Então, sinto meu celular vibrar e pego-o no bolso de dentro do blazer.

“*Nós queremos você, Travis*”.

Torço minha boca, furioso, e reconheço o número. É como um código entre todos nós, saber ou não mudar de número e este é de Ivon Avilov.

Paolo

Vejo os carros, os movimentos e logo percebo que não sou capaz de evitar o ataque. Os tiros começam e tento proteger todos por perto. Sem garantia de nada, corro para tentar evitar mais danos do que acontecerá. É inevitável agora.

Porra! Eu deveria saber que eles iriam atacar quando nós menos esperássemos. Embora eu tenha falado para Travis que existia uma possibilidade de eles usarem um casamento, e à vista do público, para um escândalo. Eu não preciso saber quem são os carros. As roupas são dos malditos russos e reconheço um dos soldados de Ivon.

Ordeno que os homens ataquem rapidamente, e os soldados se colocam em movimento. Como já tinha presumido, falado com o *Capo*, existe um traidor entre nós e ele que entregou o casamento, e esperou um momento que só restou Travis e sua família. Ainda bem que os membros das outras *Famiglie* já tinham ido e seu avô com seu *Consigliere*. Algo martela minha cabeça agora e é pelo código de honra, que só vou poder fazer algum tipo de acusação quando tiver provas.

Dou graças a Deus que minha filha não está. Como se eu tivesse pressentido, pedi para que ficasse com os meus pais. Travis está bem e perto dos irmãos, agachados para não serem atingidos, mas Luigi logo fala para eles correrem para os fundos e os homens vão cada um para o seu canto, protegendo a família do *Capo* e Luca fica atrás de mim, porque vou direto para a minha esposa. Ela estava em frente à Madeleine, segurando o buquê.

— Querida — chamo-a nervoso. Ela não deveria estar de pé no meio dessa loucura.

Lentamente Mia se vira para mim e meu mundo desaba quando vejo uma mancha vermelha no meio do seu peito, que se alastra e mancha o seu

vestido rosa claro.

— Paolo. — Ela sorri e então cai no chão.

Vou até ela imediatamente na tentativa de deter que bata a cabeça.

— Mia! Olha para mim — peço e me sinto desesperado como nunca me senti na minha vida.

Ela abre os olhos claros que tanto adoro. Me fita e sinto profundamente que estou a perdendo. E como nunca senti na minha vida, sinto meus olhos queimarem e arderem com a presença da dor que me dilacera.

— Mia, olha para mim. Você vai ficar bem — minto porque eu mesmo não acredito.

— Paolo... está tudo bem? Se machucou? — Não respondo. Nada me interessa nesse momento.

Vejo minha esposa levantar a mão e tocar meu rosto tão gentilmente. Ela sempre foi gentil. A única luz de alegria e pureza na minha vida. As lágrimas escorrem pelos cantos do seu lindo rosto e, quando ela pronuncia outra palavra, tosse. Ela tosse a porra do sangue.

Merda!

— Eu sempre... — pausa pegando fôlego. — Eu sempre soube que você me amava.

Concordo com a cabeça, mas não digo nada. Ela derrama mais algumas lágrimas, mesmo com sorriso doce nos lábios.

— Eu também te amo — sussurra bem baixinho. — Eu sempre vou te amar.

— Mia, por favor. Fica quieta.

— Você precisa... — Faz outra pausa, tossindo. — Você precisa cuidar da Sophia. — Em seus olhos há apenas dor. — Ela precisa de você forte, cruel e protetor. Eu confio em você para cuidar da nossa menininha.

— Por favor — peço baixo.

Ela sorri um pouco gogue.

— Você precisa encontrar uma mãe para ela — os lábios tremem — e eu quero que você... seja feliz.

— Eu nunca mais vou ser. Sem você não.

Ela fecha os olhos, apertando-os com força e vejo em seu rosto um misto de tristeza e dor. Talvez saudades. E, quando ela volta a fazê-los encontrar com os meus, eu me preparo para a ruína da minha vida: a despedida.

— Obrigada... pela vida... que você me deu. Pela nossa filha. — Tenta sorrir. — Diz para ela.... — Tosse e engole em seco. — Diz para Soph que eu a amava. Que ela foi o presente mais incrível que eu ganhei. Eu... adoraria viver... até ela ficar mocinha... Linda com os lindos olhos do pai dela. Esses olhos chocolates que eu amo. Eu te amo! — Há um desespero no fim da sua frase.

— Eu também. Por favor... Mia, por favor. Fica comigo.

Ela abre um sorriso tão doce, que me joga direto no limbo. A minha doce redenção se foi.

Com um último suspiro, ela toca meu peito e descansa. Fecho os olhos controlando o grito que está no meio da minha garganta. E a sanidade mortal que sempre faz parte de mim, precisa estar viva.

Eu a abraço beijando sua testa. Ela foi a única que conseguiu, que tinha alguma parte boa de mim. Isso sempre pertencerá a ela. Sempre a ela.

Os passos atrás de mim me colocam em alerta e vejo Luca. Encontro seus olhos e vejo piedade. Sem falar nada, pego minha esposa nos braços e a levo para dentro da igreja.

Paro aos pés do altar, onde ela jurou sua lealdade, fidelidade e seu corpo. Eu não sabia na época que ela seria *tanto* para mim. Ajoelho-me, deitando seu corpo no chão frio do mármore e fecho os olhos.

— *Ciao, mia bella!*^[5] — E como não aguento mais, grito abafando minha voz no seu pescoço.

Só paro quando sinto a dor diminuir e minha voz falhar. Afasto o corpo de Mia dos meus braços e, quando respiro fundo, olhando para a frente percebo que o padre está me encarando. Em seus olhos há lamentação e pena.

Eu também sinto pena. Todos sempre falam e têm uma pressuposição de quem eu sou. Um homem frio, sem sentimentos, mas eles não sabem da verdade, que eu reservava a única parte humana que *tinha* para a *única* pessoa que merecia. E sinto pena do dono da mão que puxou o gatilho que matou a minha mulher.

— Os anjos têm lugar reservado no céu — o padre comenta.

Concordo com um aceno de cabeça e me coloco de pé. Ele sabe quem nós somos. O que fazemos e sabe que as mulheres geralmente são usadas, algumas uma válvula de escape para as horas *pesadas* do nosso mundo. Para ele, a morte da minha esposa foi um alívio. Foi a forma de Deus encontrar sua absolvição na vida de sombras que ela tinha ao meu lado. Mas Mia nunca sofreu.

Eu sempre a tratei com respeito, antes mesmo de me apaixonar por ela. Nunca abusei das mulheres. sempre cuidei e a protegi, até hoje. Dessa vez, eu falhei miseravelmente assim como lhe confessei que a amava antes de me despedir. Eu nunca tive coragem de dizer que ela era a única parte boa da minha vida. Que eu não consegui quebrá-la, porque sua luz era forte demais. Se for possível *um* ser como eu ter algo do tipo, ela que me curou.

— Talvez o senhor tem razão em suas palavras. Mas um homem como eu, não vai para o céu. Então, assim como no céu e na terra, anjos e demônios não deveriam conviver no mesmo lar.

— Às vezes, é necessário um pouco de bondade onde só há trevas. Não se sinta como se não merecesse a felicidade.

— Minha esposa não era minha felicidade, ela era minha redenção. Ela era tudo que me restava de bom. — Mordo o maxilar com ódio. — Eu tinha reservado para ela a única parte humana dentro de mim.

— E agora que ela morreu... — Ele deixa no ar o fim da frase.

Olho para o corpo dela e digo, com meu corpo todo trêmulo pelo furor:

— Quando eu me casei, ela foi o meu começo. O começo da minha redenção. Com a sua morte — encaro o padre — é o fim. Talvez eu me segure pela minha filha, mas de resto não tenho mais o porquê de lutar contra minha fúria brutal e cega, que sempre foi meu verdadeiro eu. Hoje marca o fim do jogo. Xequemate.

Travis

Nunca estive nessa posição. Não sei exatamente o que fazer, no entanto vou falar com ele. Já lhe dei o maior tempo possível e até o vi conversar com o padre. Os cinco minutos que esperei acabou. Minutos que vi um *grande* homem desabar, desabafar e gritar. Minutos que encarei suas costas enquanto contemplava o corpo da esposa no chão. Depois que ficou de pé, ele não tentou se aproximar de novo ou tocá-la.

Decidido, vou até ele guardando minha arma no coldre. Não precisa agora. Paro ao seu lado, fito seu perfil em silêncio e sei que ele quer me dizer muitas coisas. Não vai se segurar para sempre. Apenas tenho que esperar.

— Paolo? — chamo e seus olhos encontram os meus, vazios.

Homens como nós ter os olhos vazios é tão destrutivo quanto um lobo faminto perto de um servo. Um pedaço de carne suculento.

— Você precisa conversar?

— Não.

— Paolo?

— O que é, Travis... — Ele treme nitidamente raivoso. — Eu a perdi.
Fim da história.

— Eu sei e queria ter podido evitar.

Ele balança a cabeça parecendo exasperado.

— Todos nós falhamos para ela. — Me encara. — Não foi culpa sua. Estamos em guerra e não esperávamos que seríamos atingido dessa forma. Quer dizer, eu seria atingido.

— Você acha que eu não me importo? Eu gostava da sua esposa, a respeitava e todos da minha família sempre a trataram bem.

— Obrigado. — Ele fecha os olhos meio atordoado. — Não vamos falar disso, por favor.

— Tudo bem.

— Vamos focar na retaliação desses filhos da puta. E já adianta — vira o corpo para mim, com a postura intacta —, eu não vou jogar limpo. Vou atingi-los onde mais pode doer. Quero que sintam o mesmo que eu e peço a sua permissão para usar qualquer tipo de estratégia nessa guerra. Não vou me conter, Travis.

— Você acha que eu quero? Pode ordenar os homens da forma mais brutal. Pode fazer o que quiser nesse jogo. Queime esses malditos. Eu não queria essa guerra, mas já que eles pediram, iremos fazer com viremos lenda no sentido de vingança.

Estou dando autorização para que, com seu ódio, ele possa coordenar meus homens. Mesmo que custe a raiva da minha esposa, a ira da minha irmã e receba o desgosto dos meus avós. Mas não vou parar enquanto não matar todos os homens de Ivon, o próprio Ivon e seu filho. E no fim, dar o recado certo para o chefe da *Bratva*.

— Travis! — Escuto o grito e me viro.

Madeleine vem correndo das portas da igreja com seu lindo vestido de noiva. Mesmo manchado de sangue, ainda é lindo e ela pareceu um anjo caminhando até a mim no altar. E por focar na sua beleza, não estou preparado quando me abraça.

Ela está tremendo violentamente. Os olhos banhados em lágrimas e sofrimento. Os lábios entreabertos escapam sua respiração ofegante. Seguro seu rosto entre minhas mãos e dou tudo de mim para ficar calmo e poder cuidar das suas emoções agora.

— Vai ficar tudo bem.

Ela soluça e assente.

— Eu estou aqui e nada vai te atingir.

Madeleine suspira e se afasta, mas não é uma boa ideia, pois vê o corpo de Mia.

— Oh... não. — Chora e seu corpo sacode quando um soluço é muito forte e alto.

Fecho os olhos e tento encontrar algum vislumbre de sanidade ainda dentro de mim para poder manter a compostura, porque, no fundo, estou ficando distante. As sombras estão chegando e tenho até medo do que posso fazer para fazê-los pagarem por tanto sofrimento e desespero. Eles podem não tê-la atingido fisicamente, mas em sua pulsação sinto a dor interna e quero matar Ivon da forma mais brutal possível. Talvez eu desça ao seu nível.

DEZENOVE

Madelaine

— Sei que preciso fazer muita coisa, mas primeiro vou levar minha família para casa — Travis avisa Luca.

Seu *Consigliere* não parece estar “disponível” no momento. Saio do aperto forte dos braços do meu marido, que me dá um olhar neutro. Sorrio e indico Paolo afastado de nós.

— Tudo bem — Travis diz baixo.

Com um aceno, afasto-me dele, Luca, Colen e Enzo. Eles talvez até prefiram que eu não fique por perto nesse momento. Caminho até o braço direito do homem mais temido e respeitado de Las Vegas, que está em silêncio contemplando o corpo da sua esposa, que agora jaz no chão da igreja coberta por um lençol branco que o padre providenciou. É por respeito, pois os únicos que viram Mia dessa forma foram Travis, Paolo, eu e o próprio padre, mais ninguém. Marinne foi proibida de se aproximar. Dario está fazendo o trabalho de vigiá-la perto das portas.

E agora tudo está calmo. Como uma forte tempestade que vem para destruir e logo depois resta a garoa.

Minha nossa! Ainda não consigo acreditar. Sinto uma dor terrível no peito pela morte dela e um alívio na mesma proporção pela filha deles ter nascido há duas semanas, e não ter vindo.

Engolindo em seco, fico a dois passos de Paolo e baixo a cabeça.

— Oi.

Ele vira o rosto para mim. A testa franzida, os olhos ocos e nada parecido com o homem que é frio comigo. Ele está sim frio, mas como um todo.

— Eu... queria dizer que sinto muito — digo baixo e controlando-me

para não chorar na sua frente de novo. — Sinto muito mesmo. Ela... estava na minha frente e eu... — pauso segurando o soluço.

— Não se culpe. — Vira-se para mim por completo. — Não foi você que apertou o gatilho.

— Mas ela morreu no meu lugar.

— Ela morreu porque era uma boa pessoa. Tenho certeza de que, se acontecesse de novo, ela não mudaria o que fez. Mia era assim.

— Um anjo — murmuro e lágrimas sutis escorrem em meu rosto. — Eu não a conhecia há muito tempo, mas o pouco que estive em sua presença, me encantei e... não consigo me conformar. Não está certo — soluço como uma boba. Ah, foda-se. Estou um caco emocional.

— Madeleine — diz meu nome com vigor. — Eu sei que as mulheres são emotivas e agradeço seu carinho por Mia, porém você precisa ser forte. Essa guerra não está no fim.

Arfo com força e assinto, acalmando-me.

— Travis não pode lidar com seus sentimentos agora e, na verdade, ele vai precisar de você em algum momento. Está apenas no começo e vingança sempre leva algo de nós. Não quero que seja sua determinação, que, convenhamos, foi muito boa e irritante também.

— Pensei que você tinha apenas reclamações sobre mim.

— Não — responde seco. — Mas entenda — dá um passo intimidador —, é meu dever testar os limites. Ver as falhas, enxergar o perigoso e os inimigos. Não podia ficar sorrindo para você e não espere que eu faça agora. O que estou lhe dizendo é para o bem da *Famiglia*. Nenhum de nós pode ficar neutro *agora*. É preciso muita garra para saber lidar com uma vingança.

Concordo com um aceno silencioso. Serei forte, pois quero essa vingança tanto quanto ele e Travis.

E não sei se acontece frequentemente com outras pessoas, mas geralmente sou obrigada a lidar com o fato de um pensamento meu parecer ser realizado. Bom ou ruim.

Sinto-me arrasada por ter pensado, quando falava meus votos, sobre o risco de manchar meu vestido com sangue, porque agora meu vestido de noiva está manchado de vermelho. Vermelho sangue de uma mulher gentil e inocente.

Minha cabeça está fervilhando de tanta coisa. Estresse e raiva me sugando, e eu preciso aparentar equilíbrio para lidar com o que virá pela

frente, perto dos soldados, dos meus cunhados e de Travis, tudo porque é isso que esperam de mim.

Estou congelada no lugar, ainda digerindo o que Paolo falou. Ele está certo e antes de virar-me para ir até o meu marido, encaro-o e penso na ameaça silenciosa e imediata que jurou para quem está por trás dessa guerra.

— Seja cruel e continue cuidando do meu marido. Sei que não tenho direito de pedir nada, mas preciso que prometa que irá fazer de tudo e proteger a retaguarda de Travis.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance, Sra. Lozartan.

Assinto! *É* isso. Sou a Sra. Lozartan e acima de tudo, como meu avô disse, Madeleine.



Estou sentada na mesa de cabeceira do meu quarto lembrando-me das últimas quatro horas. Lembrando-me do meu casamento sangrento, que é óbvio que será uma memória eterna. Ainda estou com o vestido e eu queria muito poder guardá-lo. Olhar para ele e visitar o dia tão especial da minha vida. Só que com esse sangue não tem como. Não dá para tê-lo em um baú ensanguentado.

— Como não tem jeito — murmuro.

Levanto-me e de frente para o espelho de corpo inteiro, baixo o zíper com um pouco de dificuldade e retiro meus braços primeiro. Termino de tirar a peça e, por fim, fico apenas de cinta-liga. Meus olhos ardem porque eu *realmente* queria fazer algo especial para esta noite, e aqui estou. Pegando meu vestido e colocando em um saco preto de lixo. Foi o primeiro pedido que fiz ao chegar em casa; o segundo, um analgésico porque minha cabeça estava – ainda está para falar a verdade – doendo muito.

Nesse momento era para eu estar no salão de festa, tirando foto e sorrindo. Tentando me divertir ao lado Travis, pelo menos um pouco. Não foi só depois de Paolo dizer que estamos em guerra que fiquei ciente do fato. Eu sei disso desde que meu primo tentou me matar, e a ida de Travis para Denver apenas concretizou os fatos. O fato de não ouvir com todas as letras não me impediu de saber que estávamos.

Hoje era para ser um dia feliz e não eu precisando tomar um banho no intuito de limpar o sangue de alguém de mim, colocar uma roupa bonita e,

como primeira missão da esposa do *Capo*, acalmar da melhor forma tudo que eu puder.

Vou ligar para todos os convidados, para o buffet e as organizadoras do casamento e da festa de natal. Ficar perto de Marinne e Dario. Ele não é mais um garotinho e não precisa de mim para segurar sua mão. Ele estará por perto porque quis ficar conosco e eu só posso agradecer.

Eu sei que todos esperam uma falha minha. Existe mais gente torcendo contra ao meu casamento do que a favor, e a minha primeira missão é bem complicada e vou fazer muita gente calar a boca.

Não demoro muito no banho. O que mais gostaria de limpar, um banho não consegue. As lembranças ruins sempre ficarão. Mesmo assim esfreguei tanto minha pele que está vermelha, como se a água pudesse lavar todo o terror e essa vingança. Sou obrigada a escolher um vestido preto que tem mangas. Eu poderia não conhecer a Mia há muito tempo, quase nada para ser franca, mas ela era aquele tipo de pessoa que faz você se encantar, portanto estou de luto por sua morte, principalmente porque ela estava na minha frente. Ela morreu no meu lugar e não é culpa que estou sentindo remorso. Nada parecido com que eu deveria sentir. Dentro de mim só resta a vingança e a raiva.

Agora não sou apenas Madeleine, sou uma Lozartan. *Dio mio*. Sou a Sra. Lozartan, a esposa do *Capo* e preciso declarar isso ao mundo, as *Famiglie* e aos nossos inimigos. Para ser esposa de Travis, sei que preciso ser tão intensa e poderosa quanto ele. Preciso ser resistente e vestir a camisa da *Famiglia*.

Termino de me vestir, respiro fundo e encaro meu reflexo no espelho de corpo inteiro do closet tendo a certeza de que estou à altura do meu marido.

— Estou pronta — digo para mim.

Ergo a cabeça, a postura aprumada e segura. Ao sair do meu quarto, saio como uma mulher mais forte. Não apenas uma simples mulher, esposa ou mãe. Nunca mais poderei ser apenas uma mulher. Tenho que ser mais.

— Marinne. — Bato na porta do seu quarto.

— Pode entrar.

Abro a porta e vou até o banheiro, onde ela está penteando os cabelos. Já tirou o vestido de dama de honra e agora veste uma confortável calça jeans e uma camisa de manga longa preta também.

— Está tudo bem?

Ela dá de ombros e vira-se para mim. Sorrio vendo seu lindo rosto jovem e doce.

— Estou sim — responde abrindo um sorrisinho.

— Está mesmo? — Aproximo-me e coloco uma mecha de cabelo atrás da sua orelha.

— Estou bem sim.

— Meu amor — puxo-a para um abraço —, não precisa ficar assim. Estamos seguras agora.

— Estamos mesmo?

Afasto-a para ver seu rosto.

— Estamos sim e agora vamos descer para comer algo.

Ela aceita e finalmente descemos para a sala de jantar, onde Dario e Colen estão comendo. Rosália deve ter preparado a macarronada famosa dela porque eles estão devorando.

— Vamos, senhorita, senão não vai sobrar muito.

Fico contente com a brincadeira de Colen. O que ela precisa no momento é distração.

Sento-me na cadeira perto da cabeceira e olho com pesar para o espaço vazio que pertence a Travis. Faço uma prece mentalmente para que ele volte para casa logo e bem. Toda hora escuto que ele é ruim de matar, como se fosse me confortar. Meu coração continua pesado com medo dessa guerra me tirá-lo.

VINTE

Travis

A voz de Paolo ecoa em minha mente a mil por hora. Sei que dei permissão para ele agir como Ivon merece, sem pesar nossas tradições. Ele foi longe demais e deve pagar por isso da mesma forma, mesmo que ultrapassemos nossas regras.

E o que nós precisamos como contra-ataque é precisão e inteligência, não apenas atirar nos seus homens ou na sua casa. Preciso ser frio e calculista. Precisamos colocar fogo de dentro para fora.

— Se agirmos com imprudência e falta de tática, isso servirá de munição para Ivon. Precisamos dar a ele um gosto do que fez essa tarde.

Paolo revira os olhos e range os dentes.

— O que seria isso?

— Vamos atacar o balcão onde eles ficam ao mesmo tempo que outros homens vão até sua casa. Precisamos de informações e isca. Se tivermos seus passos, saberemos onde enfraquecê-lo.

— Se realmente quisesse isso não tinha matado todos os seus soldados que estavam trabalhando para ele.

— Você queria que eu os perdoasse? — Dou um riso sombrio e fico um passo mais perto de Luca. — Se foi isso que passou na sua cabeça, saiba que eu não sou Deus para perdoar, mas talvez o Diabo para punir. Matei e matarei todos que ousarem me trair.

Luca me dá um aceno afirmativo e se afasta. Paolo continua com a cara fechada.

— Deixe meu *Consigliere* a sós comigo — peço a Enzo e Luca.

Espero a porta fechar e encaro Paolo, que devolve meu olhar severamente.

— Diga.

— Como você não quer que nós matemos todos eles?

— Eu não disse isso.

— Você quer esperar não sei o quê.

— Não quero esperar, merda! Quero pegá-los de surpresa e agora não será. Quero devolver a eles em uma tocaia.

— Então, para isso você não pode deixar muitos saberem — ele diz cerrando os olhos e finalmente entendendo meu raciocínio.

— Agora você me entendeu.

Ele assente e não muda muito o humor. Se fosse Madeleine morta, eu também estaria fora de mim. Não o culpo por estar agindo dessa forma. E até mesmo eu estou com sede de sangue pela morte de Mia.

— Travis. — Enzo aparece de repente.

— O quê? — Viro-me para ele.

— Pegamos dois homens de Ivon.

Assinto e vou logo atrás dele para ver os homens. Eles parecem dispostos a morrer por seu chefe. Que bom, eu irei matar um deles, pois a primeira mensagem um único homem pode dar.

Com meu sinal de permissão, Luca começa a torturá-lo e puxa o mais alto pelos cabelos. Ele com certeza acabou de se arrepender por deixar os cabelos crescerem tanto. Solo distribui alguns socos e enfia a faca no abdômen do outro, mas não para matar ainda.

Solo, Vito e Luca sabem muito bem os melhores lugares para torturas duradouras. Eles foram alguns dos soldados que precisaram ter algum estudo, principalmente a anatomia humana. Eu também sei e uso agora quando cravo minha faca no homem cabeludo.

— Deve ser uma delícia acordar com uma faca no ombro — murmuro olhando-o nos olhos.

— Isso não me afeta.

— Veremos.



Depois de um bom tempo torturando o homem de cabelos curtos, o finalizamos e mandamos o de cabelo comprido *meio* vivo para a *Bratva*. O que eu quero é deixá-los com muita raiva. Eles perderão a lógica bem em

breve e serei o único a aproveitar dessa fraqueza.

Despeço-me de Luca e Enzo. Paolo se foi mais cedo. Precisava arrumar o funeral de Mia e ver sua filha recém-nascida.

Filhos, porra! Eu não penso em ter um tão cedo em uma situação que vivemos agora. Não sei quando terá tranquilidade entre a *Bratva* e nós. Depois do último recado que dei, os mexicanos pararam, mas ainda estão no meu radar. Enfim, ter um filho agora não está na lista e acredito que para Madeleine também. Nós acabamos de nos casar. Eu posso ter trinta e quatro anos, mas ela ainda tem vinte e cinco. Muito jovem para ser mãe. Não precisa de pressa.

Vou até um dos quartos, tomar um banho rápido e trocar de roupa. Como todos estão em casa não quero assustá-los, principalmente Madeleine e Marianne, com todo esse sangue em mim. Antes de ter uma mulher em casa, não ligava de chegar assim e tomar banho no meu quarto, a não ser que fosse os dias que minha irmã estivesse em casa.

Limpo, para os aspectos morais da civilização, saio do banho com uma toalha enrolada na cintura, bem a tempo de pegar o primeiro toque do meu celular.

— Lozartan — atendo de uma vez.

— *Colen chegou* — comunica Luca. — *Está esperando você.*

— Estou descendo — digo e desligo.

Sem demora, visto a roupa. Cueca, calça de linho, colete fino à prova de balas por baixo da camisa social, meias e sapatos, tudo preto e coloco meu coldre para vestir o paletó. Pondo meu aparelho celular no bolso de dentro do casaco, sigo em direção das portas do balcão.

— O que você quer de mim? — Meu irmão fala assim que me vê.

— Vou para casa e você será meus olhos, ouvidos e boca enquanto estiver longe. Paolo está ocupado e com isso você fica no meu lugar.

— Por que tanta orientação e diplomacia?

Respiro fundo e chego mais perto dele.

— Eu acabei de me casar e nem vi minha esposa direito, preciso ver como ela está.

Tocar nesse assunto traz minha preocupação inicial de volta, de como ela está lidando com os últimos acontecimentos. Fechando mais meu semblante, finjo para o meu irmão, e meus homens que estão por perto, que apenas quero ir para casa e ver minha mulher como um homem que precisa reivindicar sua esposa. Não deixa de ser. Eu sinto uma fome por Madeleine

desde o momento que se tornou minha esposa muito maior do que antes. E nunca foi pouco meu desejo por ela.

Durante todo o tempo da tortura dos homens de Ivon e até agora falando com meu irmão, meu cérebro não se desliga sobre como ela está.

— Eu simplesmente preciso ir para casa. Quero ver minha mulher, saber como ela está e só posso confiar em você para ficar aqui enquanto me ausento. Não vou demorar.

— Tudo bem, Travis. — Ele aceita com um aceno. — Não precisava dar explicações. Você pode ir e não precisa ter pressa. Vou ficar aqui o tempo que precisar e até depois. E também acho que você deve dormir um pouco.

— Não estou cansado.

— É porque não tem noção das horas. Sabe que dia é hoje?

— Que porra de pergunta idiota é essa?

Colen ri balançando a cabeça.

— Você já está aqui há mais de um dia. Lembra quando Paolo foi embora?

— Não tem muito tempo.

— Tem seis horas — responde Enzo de cabeça baixa.

— Porra! Eu perdi a noção do tempo.

— Sim, hoje é domingo e seu casamento foi sexta. Você tem que dormir, irmão.

— Certo — digo assumindo a postura decidida. — Estou indo e vou tentar dormir. E, antes que eu me esqueça, não arrume problemas com suas regras de moralidade.

Colen faz uma cara de nojo antes de fechar o rosto em sua máscara de frieza. Não somos diferentes quando estamos com ódio.

— Não se preocupe com isso. Nosso pai pode não ter ensinado sobre orgulho e vingança, mas você me ensinou. E Ivon fez um de nós sangrar e vai pagar por isso. Eu só fiz faculdade para aprender a lidar com os de fora melhor e ter contato com eles. Não podemos nos excluir como antes. O mundo está cada vez mais moderno e interligado.

— Eu sei, Colen, e fico satisfeito de saber que você pensa assim.

Trocamos um aceno de cumplicidade. Irmãos como nós geralmente se odeiam por lutarem pelo posto de *Capo*, porém Colen e eu somos leais e amigos. Mesmo não acreditando em sorte, não posso deixar de admitir que tive com meus irmãos.



Como esperava, não encontro ninguém acordado pela casa, afinal são três da manhã. Subo as escadas rápido e chego em meu quarto. Entro e noto as luzes do abajur acesas, a cama vazia. Volto a fechar a porta e ando para o banheiro, e me deparo com a visão de Madeleine de roupão em frente a pia. Assim que percebe minha presença, ela vira-se para mim e segura a respiração.

— Oi — cumprimento-a.

— Oi — ela murmura.

— Você ainda está acordada.

Em vez dela responder, corre para os meus braços e eu a envolvo com força beijando seus cabelos.

— Ei, está tudo bem.

— Não consegui dormir sem você.

Sua confissão me deixa surpreso e a aperto mais em meus braços. Então, sinto seu coração, que parece bater desesperadamente. Batimentos fortes e eufóricos.

— Madeleine, você está bem?

Ela dá de ombros e se afasta para poder me ver.

— Não sei o que é... — Dá de ombros. — Eu só sei que estou me sentindo sensível e fiquei pensando esse tempo que você ficou longe que acabei de me casar com você e que eu quase morri. Uma mulher morreu no meu lugar. Eu não quero te deixar. Não quero ficar sem você.

Seguro seu rosto em minhas mãos e falo:

— Você não vai ficar sem mim.

— Mas...

— Eu não quero que você fique se culpando pela morte da Mia. Não foi sua culpa e de ninguém, apenas daquele filho da puta e ele vai pagar por isso.

— Eu vou tentar, Travis, e... — Ela se afasta totalmente de mim e me surpreende abrindo o roupão e jogando-o no chão, fica nua. — Mata minha vontade de você. Tira essa sensação ruim de dentro de mim.

Respiro fundo e a pego, agarrando seu corpo. Minha boca encontra a dela molhada e sedenta. Ela geme enquanto a beijo, minhas mãos deslizam pela sua pele quente e macia. Suas mãos agarram meu corpo e eu sei que

precisamos desse contato mais do que qualquer outra coisa. Eu preciso não apenas porque a desejo, mas como também para expulsar um pouco de toda brutalidade que fica em mim depois de torturar aquele homem.

— Agora eu sou só sua — sussurra na minha boca.

Solto um rosnado, seguro-a pelas coxas, fazendo com que envolva meus quadris e levo para o quarto, minha boca na sua o tempo todo. Chupo sua língua e ela faz o mesmo com a minha.

Quando a pouso na cama, fito seus intensos olhos azuis.

— Você sempre foi só minha. — Essa merda é a única verdade. Nenhum homem nunca teve o que é só meu e me sinto ainda mais faminto para reivindicar essa mulher que sempre será apenas minha.

Levo um tempo beijando sua boca, saboreando seu gosto, roubando seus sons e depois me demorando nos mamilos, deixando duros. Depois baixo meu corpo até que abro suas pernas e chupo sua boceta bem devagar. Ela puxa meu cabelo chamando meu nome e levo um bom tempo saboreando essa mulher.



Estou além do tesão nesse momento e fechando os olhos com força, gozo forte dentro de Madeleine e solto a respiração. Meu coração demora para voltar ao normal e, quando abro os olhos e fito a mulher embaixo de mim contorcida em prazer e luxúria, algo perturbador estala dentro de mim. Algo que não sei nomear, mas incomoda como uma porra.

Paio em cima dela, dou um beijo de leve em seus lábios e me afasto de novo, para contemplar seu lindo rosto, que reflete apenas paixão pelo que acabamos de fazer. Sem pedir permissão, o pensamento estranho me ocorre. As lembranças da minha mãe.

Ela foi uma mulher que nunca soube o que é sentir prazer e ser desejada sem ter um pinga de raiva. Meu pai foi um psicopata que abusou dela durante muitos anos. Escutei-a gritar enquanto ele a estuprava diversas vezes. Eu escutava a tortura por meio do sexo, até que fugi para a casa dos meus avós.

Era verdade que eu queria estudar na escola, que era perto deles, mas também não suportava mais escutar minha mãe sofrer sem poder fazer nada. Na verdade, fazia sim. Recebi toda sua raiva, violência acumulada de quando

meu pai a maltratava toda vez que ela me via. Por alguma razão, eu o lembrava e assim sempre apanhei no seu lugar.

Eu não sou o filho mais parecido com meu pai. Dario é cuspidor e escarrado ele. Até para mim é difícil olhar para o meu irmão mais novo, mas eu não sou um ignorante como minha mãe a ponto de comparar Dario com o desgraçado do nosso pai. Agora ele está morto, não importa mais.

Eu queria que minha mãe tivesse a oportunidade de ser uma pessoa diferente, mas com meu pai sendo quem era, foi muito difícil ela não ser quebrada em todas as partes com a crueldade dele. Meu pai se sentia poderoso machucando quem deveria proteger. Ele se sentia mais homem quando batia na minha mãe e nos meus irmãos. Por sorte, Marinne nasceu quando eu já tinha vinte anos e ele nunca levantou a mão para ela. Tomei conta da minha irmã desde o primeiro momento que a vi e prometi que ela nunca seria tratada como um martírio. Ela seria adorada como deveria ser, uma princesa.

Sabia que o espírito protetor que guardava Marinne desde pequena, era quase paternal, embora eu não tivesse ainda maturidade para tal sentimento. Mas ela despertou em mim e até hoje cuido dela como se fosse um pai. Um pai decente, coisa que o nosso nunca foi.

Esses pensamentos estão explodindo na minha mente porque a mulher embaixo de mim nunca vai ter que se preocupar com o meu *monstro* dentro de casa, não na nossa cama. Eu sei do que sou capaz e sei que serei cuidadoso com ela, e com os seus sentimentos.

— Qual o problema? — Madeleine pergunta e sua mão toca meu rosto, acariciando devagar a maçã dele.

— Só estava me lembrando da minha mãe. Ela foi infeliz com meu pai. — Pauso, e beijo seu rosto. — Posso te garantir que você nunca passará pelo que ela passou. Nunca vai ter o mesmo fim que ela teve.

Sua mão move-se lentamente em uma carícia suave em meu rosto.

— Eu sei, Travis. Não me preocupo com isso. Sempre soube quem você é, mas nunca tive medo de você nesse aspecto.

— Mas deveria ter. Eu não fui criado capaz de ser gentil com ninguém, a não ser com Marinne.

— Você não foi gentil na nossa primeira noite não — comenta com um sorrisinho e sei que é só para me provocar.

— Eu dei o meu máximo e a culpa foi sua. Mas o importante é que deu certo.

— É, podemos dizer que deu certo. — Ela sorri de leve e ficamos em um silêncio confortável, até que pergunta: — Você sente falta da sua mãe? Você tentou ajudá-la?

Respiro fundo e resolvo sair de dentro de Madeleine e me deito na cama puxando-a para os meus braços. Deixando meu corpo um pouco de lado, digo:

— Eu só me lembro de uma vez que tentei consolar minha mãe depois que meu pai a estuprou. E ela pediu para eu tirar minha blusa, pegou o cinto de couro do papai e começou a me bater. Desde aquele dia, toda vez que o meu pai abusava dela, ela me chamava para me bater com toda sua raiva — paro de falar devido a raiva que me dá lembrar daqueles dias.

Madeleine escorrega sua mão nas minhas costas parando de vez em quando e me pergunto se ela sente as marcas do meu castigo, sem ser culpado.

— Ela não deveria ter feito isso com você. A culpa não era sua.

Fecho os olhos e brinco com seu cabelo.

— Tentei aceitar que tinha que apanhar, que a culpa era minha e que era o único jeito de ajudá-la. Durante muitos anos, eu a escutei gritando, implorando, para que meu pai parasse... até que fui para a casa dos meus avós, mas antes disso ela tentou se matar.

— Meu Deus!

— Ela cortou os pulsos, mas provavelmente não estava com tanta coragem assim, pois não deu certo. E meu pai, depois que ela melhorou, piorou as visitas e o jeito que abusava dela. Então, fui para a casa dos meus avós, estudar na escola que fica por lá, que é muito boa por sinal. Dois anos depois, minha mãe engravidou da Marinne e eu vim para casa no Natal, ela tentou se matar de novo e por pouco não abortou Marinne, com seis meses já. Meu pai resolveu então deixá-la em supervisão amarrada na cama até minha irmã nascer. Mas nenhum de nós sabíamos que era uma menina, porque, depois que ela nasceu e a minha mãe passou do resguardo, meu pai conseguiu superar o monstro. Minha irmã nunca teve chance.

Paro quando escuto um chiado e olho para baixo vendo Madeleine chorar. Limpo suas lágrimas e seguro sua mão. Eu sei que, para qualquer um, a história é triste, para mim foi meu pesadelo. Meu inferno é real.

— Quando sua mãe morreu?

— Antes de Marinne fazer um ano de idade. E como as duas últimas tentativas de cortar os pulsos não deram certo, minha mãe foi até o hotel que

temos no fim de Paradise. Subiu até o vigésimo andar e se jogou. Dessa vez, o azar não teve chance. Recebi a notícia quando estava no Bellagio vigiando o cassino.

— Caramba, eu sinto muito! — ela diz parecendo sofrer e soluça. Envolva seus braços no meu pescoço, apertando-me bem forte. — Eu sinto muito. Sinto tanto, Travis.

— Está tudo bem. Agora sou um homem crescido e, de qualquer forma, tudo que aconteceu me deixou forte.

Sinto quando ela concorda lentamente com um aceno e, depois que recupera o fôlego, se afasta e beija o meu rosto. Seus olhos encontram os meus com ternura.

— Eu sei que você é um homem grande, mau e seus inimigos temem você. Mas não estou falando sobre isso. Eu... quero viver ao seu lado e te amar, apenas isso. — Engole em seco e volta a falar: — Você não tem só o lado ruim. Hoje eu sei que não é verdade e prometo nunca contar para ninguém que você é um cara legal.

— Eu não sou legal.

— É sim. É para as pessoas que você tem que ser e é pior também. Você é terrível, cruel, tão bom em ser mau com quem merece sua ira. Eu já vi os seus dois lados e consigo amar ambos, ainda mais agora nesse momento, Travis.

— Espero que você não se esqueça dessas palavras.

— Prometo que não vou e que estou ao seu lado, não importa suas decisões e o quanto os nossos caminhos sejam escuros.

— Nossos caminhos?

— Sim, nossos. Eu sou sua esposa e vou com você não importa sua brutalidade. Não importa a escuridão. Estarei com você para sempre.

V I N T E & U M

Madeline

O tempo só serve para esclarecer quem nós somos e para conhecer as pessoas com quem convivemos. Mesmo que não tenha muito tempo com Travis, cada vez mais eu sei quem ele é. Toda oportunidade que ele me dá para conhecer de verdade o homem e sua história, deixa-me mais feliz e apaixonada.

O que me contou sobre sua mãe e o que passou com ela e o seu pai, foi terrível. Agora eu entendo cada vez mais sobre os cuidados como marido e o jeito protetor comigo. Ele pode não admitir que me ama, mas eu sei que sente algo além de dever me manter segura e feliz.

Agora nós estamos passando por algo delicado e perigoso, não é momento para nada além de foco, no entanto eu não posso ignorar meus sentimentos e acordar ao seu lado sem fingir que amo sentir seus braços me envolverem desse jeito, sua respiração no meu pescoço e sua ereção matinal perto da minha bunda. Amo esse poder silencioso sobre mim.

— Bom dia — ele murmura com sua voz rouca e sonolento.

Solto um gemido quando puxa meu corpo para a prisão que são seus braços e me dá um beijo no pescoço me fazendo gemer.

— Bom dia — replico e me viro para ver o seu rosto. — Pensei que ia dormir mais um pouco. — Estico meu pescoço para que ele consiga beijar meus lábios.

— Eu adoraria dormir mais um pouco com você, mas já tenho que ir.

— Mm... amor. — Faço minha voz dengosa e esfrego meus peitos nele.

Travis ri e desliza as mãos pelo meu corpo até apertar minha bunda. Fecho os olhos apreciando seu contato e admirando seu lindo rosto. Ele me

deixa maravilhada quando beija meu rosto e afaga minhas costas.

— Vamos ficar mais um pouquinho aqui, por favor.

— Eu adoraria ficar, mas não posso. — Se afasta e senta-se de costas para mim. — Já estou tempo demais longe e mesmo que Colen possa dar conta, *eu* não quero perder tempo com isso. Mesmo que estejamos no início dessa merda, não quero que dure tanto tempo. — Olha para mim segurando minha mão.

Assinto em silêncio e recebo o carinho no meu rosto com um sorriso.

— Não dá pra ficar e esperar. Não posso deixar você nessa guerra por muito tempo. Isso tem que acabar e logo.

— Eu sei, querido. — Sento-me também e o abraço bem forte. — Está tudo bem.

Travis segura meu rosto e beija minha boca.

— Eu vou fazer tudo ser seguro de novo.

— Confio em você — afirmo e vou ficar no seu colo. Pego seu rosto em minhas mãos e toco sua boca com a minha de leve.

— E, quando tudo estiver bem, podemos ter nossa lua de mel.

— Não es quente com isso agora. Só pega eles, amor.

Como resposta ganho um beijo que deixaria qualquer um mole. Caralho! Eu amo meu marido malvado.



Depois daquele dia que nós dois conversamos, fizemos amor e ele me prometeu que as coisas melhorariam, sinto que na verdade nada mudou para melhor. *Bene*, eu sabia que ele ficaria muito tempo fora. Todos só sabem dizer que Travis é o melhor chefe que a *Lawless* já teve e, nesse momento, é preciso dar tudo de si para que seus homens continuem fortes, cruéis e focados. Contudo, não sabia que ia ficar tanto tempo sem ver meu marido em casa.

Suspiro e continuo andando pela casa vazia. É o que vivo fazendo e, às vezes, Marinne está por aqui, mas geralmente está enfurnada no seu quarto como eu, porém procuro ter mais o que fazer enquanto não posso sair.

Esse isolamento total está me deixando estressada e além de preocupada comigo. A coisa não parece ter melhorado, tanto que Travis e Colen não permitem que Dario saia se não for com eles. O que é bom. Ele me

dá um pouco mais de segurança e mesmo que Travis não vá aprovar, ele me ensinou a atirar e alguns golpes de MMA.

Então, quando não estou vendo filme, dormindo – o que ando fazendo demais –, cozinhando e comendo, lendo livro ou curtindo um tempo com os cachorros, aprendo a lutar e a atirar. Eu já tinha alguma noção e agora estou mais ágil e esperta. Não fico mais tremendo com uma arma na mão. Sinto uma estranha necessidade de defesa dentro de mim. Uma superproteção.

Entro na cozinha, vejo as meninas e sorrio para elas.

— Boa noite.

— Boa noite, senhora. O jantar já estará pronto.

— Okay — digo e saio em direção das escadas. Cumprimento os seguranças na porta e passando por eles, corro os degraus.

É, tudo mudou drasticamente de um mês para cá. Já estamos em fevereiro e se eu dormi quatro vezes com meu marido foi muito. Sou a senhora dessa casa, vivemos em uma tensão e, apesar da falta que sinto de Travis em casa, o que fiquei sabendo sobre suas táticas, sei que está dando certo.

Bato na porta de Marinne e entro quando ela autoriza. Vejo-a sentada com um chinês no meio da sua cama rosa de casal cheia de almofadas, mexendo no seu *iPad* e a tevê ligada em um filme com tiros e gritaria. E eu pensando que ela gostava de coisas fofas de meninas descobri que, na verdade, ela adora filmes de violência como 007. Minha menina sempre me surpreende.

— Oi, querida — cumprimento-a com carinho, cantarolando. — Não quer jantar? Pedi para a Rosália fazer o macarrão que você gosta.

— Eu não estou com fome — responde baixo.

Acho estranho o comportamento dela, que geralmente está sorrindo e de bom humor. Com calma, vou até ela e sento-me na beira da sua cama e espero que largar o *iPad*.

— Está jogando?

— Não. Lendo — responde em automático.

— Hum... — balbucio e toco no seu joelho. — O que está acontecendo? Fala comigo.

Ela fica um bom tempo me ignorando, essa é a melhor forma para interromper o que está fazendo, até que suspira e murmura:

— Meu aniversário está chegando.

— Eu sei, querida — digo feliz demais, eu acho. — E... isso é bom,

não é?

— Não, isso significa também que... Você sabe.

O noivado dela. É claro que eu sei.

— Eu fico me perguntando se está tudo bem com o *evento*... diante dessa guerra toda. Não sei. — Dá de ombros. — Travis está tão ocupado. Ele quase não vem para cá.

— Sim, eu sei, mas acredito que seu irmão vai manter essa aliança e no tempo dela. É muito importante até mesmo nesse momento.

— Você acha?

— Sim, eu acho que é importante.

Ela assente devagar, desanimada.

— Olha para mim, Marinne. — Espero ela fazer e continuo: — Eu sei que não é a melhor coisa do mundo um casamento arranjado, mas, nesse momento, é a melhor coisa para fortalecer Las Vegas, os D'Ângelo selar logo esse compromisso. Acredito que eles irão trazer homens para nos ajudar.

— Meu irmão não gosta dessas conversas perto de mim ou comigo.

Dio mio! Acabei de ficar sem reação.

— Me desculpa. Eu não deveria estar falando mesmo sobre o assunto. Eu nem era para saber. Me desculpe.

— Está tudo bem, Madeleine.

— Okay, mas não vou mais falar sobre isso. — Sorrio e balanço a cabeça para espremer. — Enfim, vamos falar sobre outra coisa. O que você quer de aniversário?

— É sério que você está me fazendo uma pergunta dessas? — Solta o *iPad* e pula para fora da cama. — O que eu quero de aniversário é paz, mesmo que paz seja uma coisa que nunca tivemos. — Mexe nos livros, na estante que fica no canto, inquieta. — Eu só... quero a minha vida de antes. Não dá para ficar para sempre assim.

Um pouco desanimada, levanto-me e vou até ela.

— *Mia cara*. — Afago seu rosto e coloco seu cabelo atrás da sua orelhinha com um brinco fofo de borboleta. — Vamos fazer o seguinte.

Ela concorda.

— Vamos confiar no seu irmão.

— Eu confio nele.

— Então tudo bem. — Abro um sorriso. — Agora vamos descer para me fazer companhia no jantar.

Embora eu não esteja com fome, não quero que ela não coma. Eu

gosto de cuidar dela.

Indico minha mão e ela aceita. Nós duas descemos e vamos para a sala de jantar.

— Onde está Dario? — pergunto a Rosália quando estou me sentando e ela aparece.

— Ele saiu tem alguns minutos, senhora.

— O quê? — Ai, meu Deus! Coloco minha mão no coração porque ele acaba de acelerar como se quisesse sair de dentro de mim. — Como é que o deixaram sair? Por acaso, ele saiu com segurança? — Assim que pergunto, me levanto e vou até a saída. Vendo Luigi indago: — Dario saiu sozinho?

— Dario saiu? — ele repete parecendo muito surpreso.

— Merda! — deixo escapar. Foda-se!

Vejo Luigi e outros dois soldados o seguirem para as portas dos fundos da casa, da garagem, e vou atrás.

— Isso não era pra ter acontecido — falo meus pensamentos em voz alta. — Como você permitiu?

— Senhora, eu não saí do meu posto. Aí está! — ele exclama e eu olho a garagem sem entender. — Ele saiu com a moto do Travis.

— O que isso quer dizer?

Luigi me encara.

— Que conseguiremos rastreá-lo, mas que provavelmente o Sr. Lozartan vai ficar uma fera. Ele não podia sair em nenhum momento e agora menos ainda.

— Por quê?

Ele baixa os olhos, desviando-os.

— Anda, fala! — obrigo-o, teimosa.

— Acabamos de pegar o filho de Ivon como moeda de chantagem. Reze para que Dario seja esperto e volte para casa logo.

— Você acha...

— Não quero falar o que penso. — Ele ergue a cabeça e pega o celular no bolso da jaqueta de couro que sempre usa. — Nesse momento preciso falar com o *Capo*.

— Não pode esperar um pouco?

— Antes tarde do que nunca.

Assinto e fico parada sozinha na garagem quando ele vai embora. Fecho os olhos e me sinto franca. Tanto que me sento nos degraus que tem na entrada. Puxo o tecido do meu vestido com raiva e peço mentalmente para

que Dario volte são e salvo para casa. *Merda!* Falhar de novo com ele não dá.

VINTE & DOIS

Travis

Eu gostaria de ter cumprido com a minha palavra. Sempre fui determinado a não quebrar além do possível as regras que impus ao me tornar um *Homem de Honra*, mas quando se apanha tão forte, você se esquece dos limites que um dia colocou, mesmo o mundo não sendo moral ou ético. Todavia, que, por algum tipo de civilidade, *eu* não queria ultrapassar. Agora já era. Uma guerra sempre tem resultado colateral.

Mas eu prometi. Jurei que iria até as últimas consequências para poder me vingar de Ivon. Ele me atacou primeiro. Foi ele que começou com a caçada cega à Madeleine sem medir as consequências. Ele poderia ter aberto uma negociação comigo pelo acordo nojento de Edgar e resolver da melhor maneira. Eu nunca iria entregá-la, nem mesmo quando ela era apenas a garota que meu pai prometeu proteger.

Mas o filho da puta não quis e atacou, fez meu irmão sangrar, fez meu *Consigliere* – um homem que conheço basicamente a vida toda – se redimir naquela igreja ao arrependimento e, por breves segundos, a sua fraqueza, mesmo que agora nutra a mesma vingança que eu pela morte de Mia. Tudo isso me fez raptar Yuri Avilov.

Pegar seu filho era a melhor tática para vencer a primeira jogada de contra-ataque. Ivon precisa saber que não estou brincando ou blefando quando disse que o faria pagar.

Meus olhos ficam distantes, desviando do copo de uísque na mesa e meu dedo na boca quase serve como apoio. Eu confesso. Internamente, estou cansado, com raiva e louco para ter o sangue de Ivon como se fosse um animal. Só eu sei o quanto estou cansado, como queria ficar com Madeleine, principalmente agora que acabamos de nos casar. Merda! Eu queria ir para

casa ver como minha irmã está. É quase aniversário dela e eu sei o que isso implica: no seu noivado.

Tem uma semana que falei com Amândio e seu pai. Acredito que eles estão ansiosos para finalmente essa aliança ser concreta, mesmo que seja apenas um noivado é muito mais do que a promessa do noivado e casamento. Depois que ele der a aliança a Marinne, nada pode ser feito para romper nosso acordo.

Escuto a voz de Colen se aproximando e esfrego meu rosto espantando o cansaço quando meu irmão adentra o que uso como escritório no balcão.

Vou ao Bellagio resolver algumas coisas. Passo nos outros cassinos, hotéis, boates e inspeciono o laboratório de drogas e também passo em dois bordéis subterrâneos, mas é coisa de momento.

O que mais fiz no último mês foram movimentos táticos contra Ivon. Fiquei gritando ordens para os meus homens atacarem, fazerem tocaia e uma das vezes eu fui junto, porém estou evitando me arriscar no momento. Sou mais valioso aonde estou no momento e nosso confronto final tem prazo, disso eu tenho certeza.

E agora com Yuri capturado há três dias, eu só torturo esse filho da puta mimado. Seu casamento com Tamara, filha do chefe da *Bratva*, lhe deu bastante poder e ele ficou mais insuportável do que o normal.

— Que cara é essa?

Devolvo a meu irmão um olhar retorcido e solto a respiração pelo nariz.

— Cara nenhuma.

— Você não pode parecer tão entediado para os soldados.

— Não estou entediado — respondo e, por fim, o encaro. — Estou pensando...

— Em quê?

— Que eu poderia arrebentar você em um ringue de boxe só por diversão.

Ele ri alto e senta na outra cadeira, acomodando-se, apoia os pés em cima da minha mesa.

— Você é muito chato quando está puto. Podia ir pra casa.

— Não — respondo rápido.

É verdade que ir para casa seria bom. Ter um tempo com Madeleine, foder sempre me trouxe alívio quando estava em missão ou depois de

algumas horas de torturas, e ter o conforto da minha casa é ótimo, eu sei. Porém, ir para casa também pode me tirar a determinação de que preciso para ser frio. O que fui treinado para ser.

Sempre fui um homem prático, que não se deixa levar ou é impulsivo, muito menos por fraquezas na hora de agir. Infelizmente desde que Madeleine pediu aquele tempo, sei que ela é uma fraqueza minha. Uma que não posso ter agora. Não posso arriscar qualquer chance de perceberem que ela é uma fraqueza, além de ser minha esposa, que a transforma em alvo.

Merda! Eu fiz o que fiz em Denver porque estava tão longe dela, longe da sua energia, que parece ser mágica, que não pode me impedir de ser quem sou, mesmo assim me faz pensar. Naquele dia, quando acabei com Costa, fui para o quarto e, com a ausência dela, minhas ações foram analisadas, coisa que ninguém foi capaz de alcançar dentro de mim dessa forma, nem mesmo minha irmã, que parecia ser a voz da minha razão. Se é que eu tenho algum tipo de razão ou coração.

— O que eu preciso agora é de *sangue* — digo e me levanto pegando meu celular da mesa.

— Porra, Travis! — Colen vem atrás reclamando. — Lembre-se de que não é para acabar com ele ainda. Precisamos dele.

Caminho pelo corredor a passos largos e chegando na sala onde Yuri está, eu me viro e dou uma olhada atravessada para o meu irmão.

— Eu dei a ordem. Acha que me esqueceria?

Ele nega com um aceno e em silêncio. Ótimo. Não sou impulsivo. Sei o que estou fazendo.

— Ora, ora... finalmente o ar da graça do chefinho — comenta Yuri com a voz fraca.

Esse filho da puta está todo arrebetado e ainda arruma energia para me provocar. Russo nojento. Mantenho minha máscara raivosa para ele e dou mais dois passos, conseguindo ver melhor seu rosto e o lábio arrebetado do lado de esquerdo.

— Acho que você ainda não sofreu o suficiente. — Olho para Luca, que faz uma careta de repulsa. Eu não duvido das suas habilidades, estou entrando na onda desse babaca para arrancar informações e poder atingi-lo aonde dói.

— Me solta logo. Eu não posso fazer nada por você.

Chuto-o no meio do estômago e me agacho, apoiando os cotovelos nos joelhos para ver bem seu maldito rosto.

— Eu vou te soltar quando o seu pai se render. Ele fez meus homens sangrarem e eu vou fazê-lo sangrar... — pego minha faca e enfio a lâmina no braço lentamente enquanto falo: — só um pouquinho.

— Seu italiano filho da puta! — grita.

— Pelo insulto — aviso antes de pegá-lo pelos cabelos e arrastar até a parede, onde impulsiono seu corpo com raiva.

E a tortura se prolonga por algumas horas. Meu autocontrole precisa ser alertado a cada minuto porque não posso perder a “*mão*” e matá-lo antes do tempo. *Cazzo*. Eu me cobro essa regra a cada chute, soco, facada e, quando arranco seu dedo mindinho e quebro a primeira costela, é só o começo.



— Está melhor agora? — Solo pergunta irônico sentado ao lado de Luca bebendo sua bebida açucarada que ele gosta depois de uma sessão de tortura.

De fato, são todos loucos com uma faca na mão.

— Não sei por que vocês sempre acham que estou estressado quando torturo alguém. — Jogo longe o cigarro. Só fumo quando estou ansioso. — Eu também gosto de me divertir. — Solto uma risada macabra, que faz Pietro tossir, rindo. Sempre quieto e ouvindo. Por isso o apelido de *Espião*.

— Mas você não é um psicopata como Solo e eu somos.

— Não fode. Eu sou um assassino. — Tiro minha luva de couro, não gosto do sangue entre minhas unhas. — Não fiquem abobalhados porque gosto de sangue também. Parece que é a primeira vez que faço isso, então parem com essas merdas.

A única coisa que me deixa frustrado no momento é não poder matar Yuri e o silêncio do seu pai. Eu sei que ele vai ligar e, enquanto torturamos seu filho arrancando sangue, Ivon tortura do outro lado ficando calado.

— Não acredito que o pai não liga para a existência dele. O filho da puta não ligou uma única vez e já tem um bom tempo — Solo fala parecendo que leu meus pensamentos.

— Talvez nós precisamos de uma caçada rápida — comento e me levanto dando um soco na mesa de metal, fazendo um estrondo alto. — Luca, venha comigo.

Pego o casaco de couro que uso quando ando de moto e as chaves.

Nós seguimos para onde as motos estão estacionadas e eu subo na minha *Kawasaki*, e Luca na sua *Harley*. Posso me garantir saindo sozinho, mas preciso de algum sinal, alguma inspiração e fico aéreo quando estou assim. Eu não vou para casa, como já decidi.

Saímos do balcão e damos a volta pela rua para pegarmos a estrada. O *balcão* fica longe da cidade movimentada. Dos hotéis, cassinos e todo o glamour de Las Vegas. Fica em um local deserto, em uma antiga fábrica que foi comprada por mim após sofrer uma grande explosão e ninguém querer mais saber do terreno. Não tem risco tóxico ou radioativo, mas todos negaram o local.

O *balcão*, como costumamos chamar, é onde fica a maioria das armas que chegam para nós usarmos e revendermos. Onde fica a maior quantia de dinheiro enterrado no subsolo da antiga fábrica. Usamos aqui também para separar e transportar as drogas para os estados de Nevada, Califórnia e Oregon.

E, claro, aqui é o local para manter os cativos, e tem muito espaço. Eu posso sequestrar todos os soldados de Ivon até ele decidir se render.

Porra! Não consigo acreditar que ele não vai fazer nada pelo seu filho. Nem meu pai seria assim. Ele ia querer arrancar os ossos por baixo da pele de quem tentasse pegar eu ou um dos meus irmãos. Não porque nos amava, mas por honra e vingança.

E agora são quase sete horas da noite e posso imaginar Madeleine e Marinne jantando com Dario e Luigi. Eu falei para aquele imbecil ser a sombra deles e espero que esteja fazendo um bom trabalho.

Meus olhos estão focados na estrada e, assim que avistamos as luzes de Las Vegas, acelero e sigo para a *Pandora* pela parte de trás da boate, onde tem um beco cheio de lixo e a porta de aço que geralmente eu não uso. Estaciono e saio de cima da moto.

— Eu vou lá dentro rapidinho. Se você quiser pode ficar aqui fora. Não vou demorar.

— Tudo bem, pode ir — diz desligando o motor da Harley e se acomodando nela. — Eu vou ficar aqui.

Com um aceno, entro na boate e sigo direto para o bar onde vejo Paolo. Ele tinha me passado uma mensagem dizendo que estaria aqui pela noite. Comigo focado em torturar Yuri e pegar outros comparsas de Ivon, ele precisa ficar de olho nos cassinos e nas boates. Estou sendo um ditador em guerra nesses tempos.

— Finalmente você chegou — meu *Consigliere* comenta me olhando atravessado. — Pensei que não viria mais.

Ele parece com a sua autoconfiança e violência restaurada. É assim que tem que ser e manter. Não posso me comparar a ele e nem o que ele sofreu. Na verdade, não sei como me comportaria se alguém matasse Madeleine. Acho que é mais perigoso alguém fazer algo com ela do que comigo.

— Eu estava me divertindo um pouco com aquele imbecil e esperando algum sinal de Ivon, mas ele não parece ligar para a vida do filho.

— Ele está te provocando — diz sem ânimo. — Você sabe que não existe amor. É algo imaginário em nosso mundo pais terem algum tipo de sentimento, principalmente vindo da *Bratva*. — Bebe um pouco seu uísque. — E precisamos levar em conta que Ivon sempre foi interesseiro. Ele tentou barganhar a filha de alguém em uma negociação para nos ferrar.

— Nossa, você sabe como melhorar meu humor me lembrando do que aquele verme fez! — resmungo ainda mais irritado e batendo no bar, rosno para o garçom: — Traz a porra de uma bebida forte para mim.

— Travis, eu não sabia que você viria hoje — Antonela vem falando alto como uma verdadeira italiana que é.

— Deve ser porque eu não viria.

— Que bom que você apareceu, então — ela diz dando uma olhada para Paolo.

Eu não tenho tempo para ficar tentando decifrar os olhares de Antonela e Paolo. Eles sempre faziam isso como se estivessem compartilhando algum segredo sobre mim. E é nesse momento que meu telefone toca e tenho que agradecer por ser um número que conheço muito bem.

— Eu pensei que você não dava a mínima para o seu filho.

— *Talvez você vá se importar mais ainda com o que eu tenho.*

— Do que você está falando? — Levanto-me da banqueta e sinto meus músculos contraírem de ódio. — Que porra você está falando?!

— *Eu tenho uma surpresa para você e é bom você olhar o visor do seu celular, Travis.* — Dá um riso que me causa repulsa. — *Espero que seu aparelho esteja intacto para enxergar muito bem.*

Meu coração acelera. Eu não gosto de sentir esse tipo de sensação. Meu estômago está apertado de ansiedade e assim que vejo a foto, por pouco não esmago o aparelho na minha mão. É uma foto do meu irmão ajoelhado e

amarrado em um canto escuro de algum lugar que esse filho da puta o colocou preso.

Fecho os olhos com força, enxergando tudo vermelho e consigo me recompor *violentamente* rápido, para rosnar para ele:

— O que é isso?

— *Isso é o que nós chamamos de “Dente por dente” ou “Olho por olho”.* Você escolhe.

— Seu...

— *Você pegou o meu filho* — interrompe-me. — *Eu peguei o seu irmão.*

— Você vai se arrepender por ter feito isso. E não me venha dizer que é olho por olho. Você começou essa guerra!

Ele ri como se estivesse em vantagem.

— *Pelo visto, eu vou terminar.*

— Eu vou matar o seu filho — murmuro entredentes — bem lentamente e ainda vou te mandar alguns pedacinhos.

— *Como se eu não pudesse matar seu irmão. A pena que é eu só tenho um filho e você pelo menos tem mais um irmão e aquela sua doce irmã fofinha. Ela ainda está indo para a escola interna?*

Desligo o telefone porque tenho medo das minhas próximas palavras.

— O que que houve, Travis? — Paolo pergunta ao meu lado. — O que esse imbecil falou?

Não respondo, apenas pego meu aparelho e ligo para Madeleine. Fico satisfeito que ela atende rápido.

— Você está segura?

— *O quê?*

— Responde! Você está segura? Você está em casa?

— *Sim, estou em casa, Travis. O que houve?*

— Eu só quero saber se você e Marinne estão em casa com Luigi.

— *Sim, estamos, ma-mas...*

— Eu já sei que Dario não está.

— *Como assim?* — Percebo o nervosismo em sua voz.

— Eu vou chegar em casa daqui a pouco e a gente se fala. Mas não saia de jeito nenhum daí. Eu juro que você vai se arrepender.

— *Não vou sair daqui. Eu prometo. Ninguém vai.*

— Ótimo!

— O que houve com Dario? — Antonela pergunta parando na minha

frente assim que desligo o telefone.

— Ivon capturou ele.

— Ah, não!

— Merda! — Só escuto o barulho do copo estilhaçando atrás de mim quando Paolo o joga longe. — Ele está passando dos limites! — brada enraivecido.

— E eu também vou — digo.

Não consigo focar em nada na minha frente. Eu vou até as últimas consequências para capturar o meu irmão e matar todos esses filhos da puta!

VINTE & TRÊS

Madeline

Se antes eu já estava nervosa com o sumiço de Dario, porque não era para ele ter saído sem dizer nada e sem segurança, me vem esse telefonema estranho de Travis no momento que Luigi me fala que ia esperar mais um pouco. Pedi para ele fazer uma busca rápida e não preocupar ninguém, mas... *Dio mio*. A situação só piora!

Olho para os cantos da casa, estou parada no meio do corredor entre a cozinha e as salas, e por instinto e o sentimento bom que sempre me traz, entro na sala de piano.

Preciso me sentar porque não estou sentindo as minhas pernas de novo. Engulo em seco e vou para o sofá de dois lugares no canto. Solto a respiração e tento parar de tremer assim que Marinne chega perto olhando-me ansiosamente.

— O que que houve? Que cara é essa?

— Seu irmão ligou.

— Qual irmão, Made? — Toca no meu ombro. — Respira e se explique, por favor.

Sorrio grata por sua preocupação e assinto sugando uma respiração profunda, falo:

— Travis ligou e pediu para a gente não sair de casa. O que já estamos fazendo. — Dou de ombros meio abobalhada.

Dio mio. Que tortura fingir neutralidade em um momento desses.

— Travis não pediria para a gente não sair de casa se não tivesse motivo — conclui o óbvio. Sempre astuta com tudo. — Aconteceu alguma coisa. Ou você não sabe ou não quer me contar.

— Eu não sei — respondo rápido e escolho dizer a verdade.

Marinne fica com os olhos perdidos e se senta ao meu lado.

— Se ele não quis dizer...

Olho para o seu perfil, vejo-a soltar a respiração e então me encarar com seus olhos idênticos aos do meu marido, mas esses estão marejados. Por instinto, puxo-a para mim e a abraço, ninando-a.

— Vai ficar tudo bem, meu amor. Ele já está chegando e vai falar o que houve. Vai ficar tudo bem.

— Você não sabe — sussurra.

— Não pensa assim, por favor. — Afasto-a para ver seu rosto. — Marinne... eu já estou nervosa por mim mesma, seja minha amiga também agora, está bom. Fica calma e confiante — peço baixinho afagando seus cabelos.

Ela assente e se levanta olhando com tanta franqueza que fico sem ar.

— Vou tentar, mas... estou com medo.

Merda! Suas palavras me deixam mais perturbada agora.

Levanto-me e a pego nos braços mais uma vez.

— Então nós duas vamos ser fortes e esperar o seu irmão.

Marinne concorda com alguns acenos e me deixa levá-la para a cozinha e pegar um pouco de água. Depois vamos para a sala de estar esperar, o que não é muito, pois uns cinco minutos após sua ligação, Travis adentra a mansão pelas portas duplas sendo abertas por seus soldados e Luca atrás dele.

Levanto-me rápido do sofá, dou a volta e encontro eles no meio do caminho, um pouco surpresa pelas roupas de Travis. Nunca o vi de casaco de couro e ele parecendo tão... rebelde, malvado. Talvez não são as roupas, totalmente pretas e um pouco informais, mas os olhos e o rosto... mascarado por sua face violenta.

Distante, absolutamente distante é o que ele está agora. Sei que há algumas semanas anda assim, mas, porra, agora é um pouco insuportável ver. Amedrontador.

Ele não esboça tranquilidade ou tenta se aproximar de nós como faz as vezes. Nada de cumprimento ou afeto, simplesmente fala:

— Primeiro a regra é uma só, não quero que vocês saiam para nada, nunca e de jeito nenhum, a não ser que estejam comigo e, mesmo assim, sairemos escoltados.

— Nós já não estamos saindo, Travis — Marinne murmura.

— Não sei quando você vai poder voltar à escola, Marinne — diz

friamente para a irmã e ela acata com um aceno.

— Tudo bem... Agora fala o que houve. Cadê o Colen e o Dario?

Se a expressão dele já não estava boa antes dessa pergunta, prefiro nem nomear como ele aparenta. Estou vendo o famoso Travis Lozartan, O cruel. Frio, impetuoso e raivoso. O senhor de todos os estados do ocidente dos Estados Unidos. O *Capo del capi*.

— Pegaram Dario, porque aquele idiota saiu de casa quando não era para ter feito. Ele foi capturado por sua teimosia.

Não temos tempo, apenas olhamos Marinne cair no chão, sentando-se e começando a chorar. Travis com movimentos engessados, pega-a nos braços e a leva para o sofá. De pé assisto-o tentando consolar a irmã afagando suas costas e falando baixo só para ela:

— Eu vou recuperar ele, não fica assim.

— Você sabe... — Ela soluça e tenta de novo. — Você sabe o que acontece...

— Eu sei. Eu sei — interrompe-a. — Mas o nosso irmão é forte. Não fica com medo por algo que posso dar um jeito.

Ela se afasta dele, saindo do seu colo, e se levanta ficando ao meu lado. Passo a mão nas suas costas tentando confortá-la e ouço sua voz chorosa quando fala:

— Travis, você pode. Eu sei que pode, mas... não é uma certeza.

— Eu sei. — Ele se põe de pé também. — Porém, eu dou minha palavra de que vou trazê-lo de volta para casa. — E de novo dá sua certeza.

Qualquer pessoa que promete algo para mim ou alguém, eu posso duvidar, mas ele não. Realmente acredito que pode resgatar Dario vivo. Se ele prometer que vai fazer, pode confiar apenas no dia do resultado.

Travis troca um olhar comigo quando abraça a irmã. Suspiro encarando-o e, nesse momento, eu sei que tenho que ficar quieta e vou me sentar na poltrona.

— Agora — diz afastando-a e fitando seus olhos —, eu quero que você vá para o seu quarto. Preciso falar com Madeleine rápido antes de sair para retornar as *tarefas*.

“*Tarefa é um jeito um tanto delicado demais para chamar o que anda fazendo contra a Bratva*”, penso com ironia.

— Eu vou rezar — Marinne diz antes de ir. — Não custa nada, não é. — Ela é tão meiga como sempre.

Travis fica em silêncio por tempo demais encarando-a e eu me

levanto para salvar o momento. Dou um abraço rápido nela e digo:

— Não, *mia cara*. Não custa nada.

Ela assente, beija meu rosto rápido e sai correndo para as escadas, para o seu quarto.

Eu me viro e fito Travis, que fica um bom tempo parecendo longe, distraído. Ele está diferente e toda a verdade da sua crueldade, que eu sei que ele tem dentro de si, está agora sob a superfície como nunca esteve. Não tem como ser diferente nesse momento.

Ele arfa, pisca os olhos rápido e vira-se para mim. Surpreendendo-me, pega minha mão e voltamos a nos sentar. Aliso sua roupa, o casaco de couro preto, que para mim é uma novidade doída demais. E quando ele parece que relaxa, eu fico próxima o suficiente para tocar seu rosto.

Porém, ele é mais decidido e passo o polegar sobre meus lábios antes de deslizar sua mão até minha nuca e aproximar nossos rostos, fazendo seus lábios tocarem nos meus quase como um beijo. Eu sei que tremo por medo, nervoso e angústia, mas ele... não faço ideia do porquê parece pulsar.

— Eu sei que você vai conseguir. — Acredito que ele precisa ouvir eu dizer isso. — Só respira agora, amor.

Solta a respiração com força pelo nariz e encosta a testa na minha. Fecha os olhos e põe minhas mãos no seu peitoral. *Uau!* Seu coração bate como um motor de Fórmula 1.

— Você vai conseguir.

— Ele pegou o meu irmão. — Tem tanta raiva nessa frase.

— Eu sei — digo em um misto de raiva e medo. Meus olhos ficam marejados. — Você vai trazê-lo de volta. Custe o que custar.

Ficamos mais um tempo na posição. Ele ergue meu rosto, beija minha boca de leve e me encara fixamente.

— Eu preciso que você cuide da Marinne. Ela parece estar forte, mas foi um baque do caralho.

— Eu sei, amor. Tudo bem, vou cuidar dela. Não se preocupe com isso e desculpa por não ter visto quando Dario saiu. Fiquei muito preocupada na hora.

— A culpa não foi sua. — Então reforça dizendo como se lesse meus pensamentos e sabendo que eu relembrei o tiro que Dario levou por mim e a morte de Mia. — De novo, a culpa não foi sua.

Solução chorando e assinto freneticamente.

— Eu sei, mas... eu tinha que cuidar dele.

Travis esfrega meus braços como se meus tremores fossem de frio e não de medo.

— Você já tinha que cuidar de você mesma e ele tinha que ter me obedecido. Eu não vou ficar remoendo o leite que já foi derramado. Agora preciso pegar o meu irmão antes que seja tarde demais.

— O que você vai fazer?

— Tudo que for preciso.

Assinto e me acalmo para conseguir falar:

— Ficaré em casa agora?

— Não posso.

— É, eu sei. — Dou de ombros me desculpando por fazer uma pergunta idiota dessas.

— Eu tenho que coordenar os soldados e dar as ordens aos capitães pessoalmente e *agora* para que Dario seja capturado o quanto antes. Não podemos perder tempo, deixá-lo passar muito tempo nas mãos da *Bratva*. Não posso permitir. E sem contar que irei falar com Orazio antes de ele partir.

— Partir? — Franzo a testa, confusa.

— Orazio vai para a Califórnia na segunda ou terça-feira.

— Pensei que você fosse repensar sobre a ida dele. Pelo menos, por enquanto, com tudo isso acontecendo.

— Não — afirma convicto. — Agora mesmo que preciso que ele vá. Não tem como deixar mais minha cidade sozinha sem um *Underboss*. Los Angeles precisa de supervisão. Os *Burn Roads* dão muito trabalho.

Eu já tinha ouvido falar do clube de motoqueiros de Los Angeles quando morava lá. Minha mãe era uma desnaturada e etc., porém me avisava dos perigos da Califórnia e esses motoqueiros eram umas pestes para a máfia italiana.

— Sim, eu entendi e queria saber... Você pensou sobre a proposta da Bárbara? Falou com o pai dela?

— Falei e Orazio aceitou a ideia — responde sem a mínima emoção.

— Provavelmente teremos um pedido o quanto antes. Mas não vai ser nada glamouroso e o casamento deve acontecer bem rápido. Orazio não irá adiar sua partida e Bárbara terá que ir com ele, pois ainda é solteira e responsabilidade dele.

— Mas...

— Madeleine, você sabe de todas as regras e essa funcionalidade em

qualquer círculo familiar é comum. Ela não pode ficar sozinha. — Afaga meus ombros. — Não se preocupe. Assim que o casamento acontecer, ela volta para Las Vegas, eu garanto.

— Sim, tudo bem. — Concordo com um aceno e sorriso, sem muita vontade. — Eu a quero por perto porque é minha única amiga e não quero ficar sozinha aqui. Tenho Marinne para cuidar e tudo mais, mas ter uma amiga é algo diferente.

Sem contar que fico muito feliz de ela se casar com alguém que goste, mesmo que até então o que se prova é que ele não gosta dela. Bem, só que, se ele aceitou, indica que tem algum interesse. Isso já é um bom caminho para o relacionamento deles darem certo.

— Não precisa se explicar e não se preocupe. Ela logo estará de volta. Assinto e o abraço agradecida.

Pareço desanimada, só que, na verdade, estou muito feliz. Minha amiga se casar com alguém de Las Vegas me dá a oportunidade perfeita de tê-la por perto. Eu estava bastante triste por pensar que ela ia embora. Los Angeles não é tão longe. Eu sei, não é o fim do mundo, mas eu quero sua companhia por perto quando eu precisar. Quero que tenhamos filhos e eles sejam amigos.



Estou deitada na cama olhando para a frente sem focar em nada há tanto tempo que já perdi a noção. Só sei que o colchão já ganhou o formato do meu corpo, o que significa que tem muito tempo. Não estou me sentindo bem e o aperto no meu coração só aumenta.

Marinne não saiu do quarto desde que subiu. Eu vim para o meu assim que Travis se foi. Eu pedi, quase implorei, para ele se cuidar. Não sei como vou lidar se algo acontecer com ele.

Eu queria de verdade poder ajudar. Sentir-me inútil nunca foi algo que experimentei na vida. Cuidar da Marinne é uma tarefa fácil. Ela não é mais uma criança indefesa que precisa de total atenção. Ela é uma adolescente muito bem resolvida, esperta e madura, até demais para a sua idade.

É como esperado, mente vazia só serve para pânico e pensar merda. E como eu não tenho muita informação, a única coisa que eu tenho que fazer

são sugestões do tipo: *Será que, se Travis não tivesse pego o Yuri, Ivon não raptaria Dario?* Nunca saberemos porque já está feito e talvez os planos de Ivon sempre foi pegar um de nós.

— Ah... estou muito entediada — resmungo virando na cama e, como uma descarga elétrica para o meu corpo, resolvo sair dela.

No banheiro, tiro minha camisola e tomo um banho quente. Estou sentindo um calor anormal e um frio, ao mesmo tempo, e estou com tesão. Talvez eu tenha que me virar sozinha. Quer dizer, já tem três noites que me viro sozinha e hoje provavelmente não será diferente. Travis não virá para casa. Ele não pode me dar atenção agora e eu sinto uma necessidade dele *loucamente* dentro de mim.

Terminando o banho, vejo o que posso fazer para saciar minha vontade. Volto para o quarto e certifico-me de que a porta está fechada, mas sem necessidade de trancar. Ninguém aqui entra em nenhum quarto ou no escritório, sem antes bater e ter permissão. As trancas são figurativas. O respeito é levado muito a sério, e a única pessoa que entraria neste quarto seria meu marido.

Indo em direção da cama, solto a toalha no *recamier*, e subo na mesma ficando no meio dela. Como a meta única é sentir prazer, abro minhas pernas e massajeio o meu clitóris.

Não faço muito esforço para me sentir sensível. Meu desejo está aflorado e meus dedos não são o suficiente, mas é gostoso. Sinto um gemido se propagar no meio da minha garganta quando a porta do quarto é escancarada de repente.

“*O quê?*”, penso rápido e tento controlar minha respiração e em uma tentativa falha me cubro com o travesseiro olhando para a figura alta, musculosa e grande na porta.

— Estava me esperando? — pergunta Travis encarando-me ainda no lugar, com a mão na maçaneta.

Sua voz, seus olhos e toda sua energia magnética e possessiva, abraça-me e eu jogo o travesseiro para o lado, mostrando-me para ele enquanto sussurro:

— Sempre.

E a porta se fecha com uma pancada, e eu sei que, dessa vez, ela estará trancada. Talvez meu inconsciente queira isso e pelo menos algumas preces são atendidas nesses tempos sombrios.

Sinto meus seios mais pesados, quentes e meus músculos retesarem.

Meu coração acelera e o calor e o vazio no meio das minhas pernas chega a ser doloroso.

Parada e ansiosa, admiro-o tirar o casaco, o coldre, a blusa, o cinto, abrir a calça e abaixar junto com a cueca, já tirando os sapatos com a ajuda dos próprios pés, as meias no final, ficando deliciosamente nu na minha frente. Seus olhos nunca deixando os meus.

Ele nem precisa me tocar para me deixar mais excitada. *Putá que pariu!*

— Eu quero você dentro de mim... agora!

Mesmo com a expressão séria, noto o canto da sua boca curvar-se no sorriso mais sombrio e erótico que já vi na minha vida. Ele não vai parar de me surpreender, disso tenho total certeza.

Sem esperar, ele me puxa pelos tornozelos, me coloca no meio da cama, e abre minhas pernas. Sem aviso, sua boca está na minha boceta e ele começa a me chupar. Abocanha como se eu fosse um sorvete derretendo, circula com a ponta da língua o meu clitóris e deixa a língua ali, deixando-me mais úmida e eu vou sentindo o meu corpo se preparando para ele.

Ele me chupa como se estivesse beijando minha boca, devorando-me, abrindo-me. Meus músculos chegam a doer conforme faço força para não me mexer demais. Sinto-o abrir mais minhas pernas e apertar minhas coxas. Meu corpo parece que incendeia e abafa um grito, prendendo no meio da garganta. Eu não quero que ninguém escute, mas ele está fazendo essa tarefa ser bem difícil.

— *Dio mio...* Travis! Amor... ah... — Solto um grito abafado. — Caralho! — grito de novo, só que dessa vez gozando.

Mal tenho tempo de curtir esse orgasmo porque ele me puxa, aperta minha cintura e desliza a mão até o meio das minhas costas, levanta meu corpo e segura meu rosto. Beija-me com a mesma fome que me chupou. Nós fazemos barulhos nos beijando e eu seguro o seu pau, apertando e *punhetando*.

— Eu não vou ser gentil — avisa passando a língua na minha boca aberta, à procura de ar e da sua língua.

— Não tem problema. Eu também quero.

Seus olhos, que tanto amo, estão negros, frios, intensos e cruéis. Eu quero que a sua sombra me cubra. Eu também me apaixonei por ela. Eu sei o quanto ele precisa de mim agora para se libertar, se soltar. Me possuir na cama é muito mais do que apenas por prazer agora.

— Me devore! Eu sou — balbucio na sua boca — sua.

Ele me dá outro beijo forte, chegando a machucar meus lábios antes de empurrar o meu corpo para a cama.

— Me dá as suas mãos — pede com sua voz rouca.

Respiro fundo, engulo em seco e estico meus braços, oferecendo o que pede. Vejo-o pegar um lenço na gaveta da mesa de cabeceira do lado que dorme e sou obrigada a respirar fundo, ansiosa. Ele já me amarrou uma vez, só que eu acho que, dessa vez, será um pouco mais intenso. Meu corpo pede isso. Clama por ele.

Quando tem minhas mãos amarradas, me segura e gira meu corpo sem nenhuma dificuldade. Faz eu deitar a parte da frente, encostando minha bochecha no colchão e as mãos amarradas ficando para trás das costas, ajudando a apoiar-me. Ele abre bastante minhas pernas e sinto quando passa a ponta da sua ereção dura e quente nas minhas nádegas. Parece que... vai acontecer, mas...

— Hoje eu não vou ter a sua bunda, mas muito em breve, *mi angele*.

Apenas sua promessa me faz gemer e ansiar por isso. Eu nunca pensei que o sexo pudesse propor tanto prazer na vida. Que fosse tão maravilhoso assim. Que eu fosse querer coisas como anal, mas com ele tudo se torna incrível e gostoso. Talvez seja porque eu sou louca por ele.

— Merda! — exclamo sendo preenchida de uma vez.

Ele puxa meu corpo para trás e empurra o dele para a frente. Estoca com força e eu grito dentro do colchão para Marinne não ouvir.

Ai, caramba. Isso não...

— Porra!

Meus olhos enchem d'água quando ele força de novo para dentro, e sai devagar e mete de novo com toda sua força. Então um tapa atinge minha bunda. Ele pega uma velocidade certa, entrando e saindo, fodendo-me com toda a expressão da palavra.

Eu não poder me mexer, não poder fazer nada, apenas me abrir, aguentá-lo me possuir da forma mais deliciosa e possessiva que já fez sexo comigo é surreal.

Gentileza nunca foi o seu forte, mas dessa vez... *Santo Deus*. Acho que eu vou...

Eu gozo gostoso sentindo meu corpo quase desfalecer. Meus músculos doem, fico até tonta, mas ele continua e bate de novo na minha bunda e segura minhas coxas. Puxa-me, empurra de volta e puxa, na cama,

penetrando fundo a minha boceta.

Agora não tem palavra de carinho, conversa ou sua voz, só há sua força, poder... dentro, fora, do lado, do outro. Em cima e em baixo nesse quarto inteiro, dele sob mim.

— Travis... Ai, meu Deus! — choramingo e não estou reclamando. É *demais*.

— Está gostando de ser fodida desse jeito? — pergunta pela primeira vez, enquanto estoca para dentro de mim ferozmente.

Sinceramente, não tenho como responder, estou sem fôlego.

Honestamente... acho que vou desmaiar.

Então... gozo a terceira vez em um tempo recorde.

Estou dolorida, sem ar e sinto-o deslizar uma das mãos em meu corpo, apertar minha barriga; e segura minha garganta com os dedos da outra, segurando meu pescoço, não para machucar e estou de joelhos no meio da cama enquanto ele está de pé ainda, empurrando para dentro de mim e somos sensação e gemidos. Recebo seu beijo luxurioso quando guia minha boca para a sua e fico mole em suas mãos.

— De quem você é? — sussurra no meu ouvido antes de dar uma mordida no meu pescoço.

— Eu sou sua, Travis. Sua! Completamente sua. — Ai, meu Deus! Acho que dá para morrer de excitação.

Travis me dá um beijo seco e rápido na boca, sai de dentro de mim, me afasta e vira meu corpo no meio da cama, jogando-me no colchão. Então me abre, sobe até cobrir meu corpo com o seu e, quando mete em mim, me fode ainda com mais força.

— Ai... amor — reclamo, mas na verdade não reclamo. Eu gosto.

Fecho os olhos, deixo a boca aberta e enfio as unhas nos seus ombros enquanto ele aperta minha coxa e me preenche até o fundo. Arfo e fito seus olhos, que estão famintos como nunca.

— Quero que goze de novo — ele insiste e desce sua mão até o meu clitóris e seu polegar massageia a ponta, que está muito sensível.

— Não sei... se eu consigo.

— Consegue sim! — Empurra e continua até que eu grito jogando a cabeça para trás gozando de novo e ele vem junto comigo, liberando-se dentro de mim.

Ele não está imune a essa foda, porque o corpo todo treme como se estivesse tendo hipotermia e então desaba em cima de mim, passando a

língua no meu pescoço até a orelha, sentindo meu suor. Eu o rodeio com meus braços e pernas – porque em algum momento deixo de ficar imobilizada – e relaxo. Ou, melhor dizendo, desmaio.



Acordo com um beijo terno deixado no meu ombro, nas minhas costas, no meu braço e então sinto *um cheiro* no meu ouvido.

— Bom dia — Travis murmura com sua voz deliciosa de barítono.

Sorrio engolindo em seco porque minha garganta está absolutamente seca. Estou acabada. Meu corpo dói, meus músculos parecem gelatina e quando viro meu rosto para poder vê-lo, quase não consigo abrir os olhos.

— *Tô* com dor de cabeça — falo um pouco grogue. — Com certeza, não vou me levantar agora.

— Tudo bem. — Afaga meu braço. — Desculpa por ontem. Acho que me excedi.

— Tudo bem, amor — digo girando meu corpo até ficar de frente para ele e afago seu rosto. — Eu gostei e você não sabe o quanto eu queria.

— Mas eu fui bruto. Você está toda cheia de marcas.

Rio baixinho, sacudindo os ombros.

— Mas foi uma delícia, te garanto. — Abro um sorriso fraco fechando os olhos.

Ganho um beijinho no nariz.

— Eu não *tô*... dormindo, só cansada. Você acabou... comigo.

Escuto seu riso, que acho que só eu conheço, e ganho um beijo onde estou precisando, na mordida que ele me deu no ombro também. *Céus! Foi tão bom.*

— Tudo bem, se realmente gostou.

— Sim, amei, só que... vamos esperar pelo menos um mês para repetir.

Isso faz ele rir alto e me dá outro beijo. Beijos, beijos e beijos. Adoro o modo *beijoqueiro* de Travis.

— Tudo bem, daqui a um mês a gente faz de novo.

— Por mim tudo bem — sussurro cinicamente e abro os olhos.

Ele assente e recebo um carinho gostoso nas costas e seu polegar passa lentamente no meu pescoço.

— Deixei uma marca em você.

— Há muito tempo.

Ele fica em silêncio e franzo a testa, fitando seu rosto, com o olhar estranho.

— O que foi?

— Nada — responde rápido. — Você me surpreende às vezes falando essas coisas.

Dou um sorrisinho para ele e me aconchego no seu calor. Beijo seu peito, em cima de uma das milhares de cicatrizes que possuí.

— É porque eu sou sua, apenas isso.

— E sempre será — ele afirma.



Faz uma semana que levaram Dario e, se as coisas já estavam difíceis antes, agora piorou tudo para mim e Marinne. Para todos, pelo que sei, pois Travis e Colen estão impossíveis caçando o irmão.

Para nós mulheres, a segurança redobrou, mesmo que não saímos de casa para nada. Travis faz questão que os seus soldados tragam tudo que nós pedimos, mas não podemos colocar o pé para fora de jeito nenhum. Por sorte é inverno e não dá aquela vontade de pular na piscina.

E hoje para completar é o aniversário de Marinne e, pela promessa feita aos D'Ângelo, seria o noivado, quando Amândio daria finalmente a aliança de compromisso.

Todavia, devido as circunstâncias, a guerra e a captura de Dario, não terá festa. Não tinha como a gente fazer algum tipo de comemoração para celebrar o dia dela, e Marinne não quer.

Sobre o noivado, tivemos que adiar a entrega da aliança sob um banquete. Com certeza era para ter uma festa ou uma recepção para alguns soldados, capitães, *Underboss* e os *Capos* das duas *Famiglie*. Porém, não tinha como fazer isso. O foco de Travis é recuperar o irmão e sua vingança contra Ivon. Ele não deixaria de fazer um fazendo outro.

— Está tudo pronto? — pergunto para Marie Rose levando uma bandeja para a sala de jantar.

— Sim, senhora.

— Ótimo. — Assinto e um vulto do lado de fora no terraço me chama

atenção. — Querida? — chamo Marinne, sentada em silêncio no banco no canto.

Bene, eu queria que pudéssemos fazer uma festa grande, como ela merece. Eu precisava fazer algo, mesmo que simples, para não passar o seu dia em branco, então planejei um jantar para nós, e como Travis me disse que Amândio não liga para a nossa guerra, ele vinha.

Ela não me responde deixando-me ainda mais preocupada.

— Senhora, o convidado chegou — Luigi fala aparecendo nas portas francesas.

Seguro a respiração e lhe dou um aceno. Ele volta para dentro e eu vou até Marinne. Sento-me ao seu lado e espero pacientemente olhar para mim, mas não faz.

— Escute, eu sei como você deve estar se sentindo, mas estou aqui, do seu lado, e nada e nem ninguém irá fazer algo de ruim para você.

Ela acena que sim, de cabeça baixa. Estico minha mão e coloco em cima das suas.

— Você está ouvindo o que estou falando? Eu estou ao seu lado e ninguém vai te fazer nada de ruim ou sequer pensar.

— Eu sei... só estou pensativa.

— Está pensando em quê? Conta para mim.

Ela continua não olhando nos meus olhos e parece filtrar o que dizer para mim. Qual dos pensamentos ela pode compartilhar.

— Eu sempre soube que teria que me casar com alguém que fosse escolhido para mim, ou melhor, eu escolhida para ele e, quando Travis falou comigo, eu já sabia. — Faz uma pausa e dá de ombros. — Eu o ouvi conversando com a vovó e com o vovô, só não quis que ele soubesse que eu já sabia. — Levanta os olhos finalmente para mim. — Você sabe como ele detesta que escutem a conversa atrás da porta.

— Sim, eu sei, mas você não obedece muito — brinco batendo no seu nariz. — Você é a pessoa que mais tem informação nessa casa.

Marinne acha graça e dá de ombros, mas logo fica séria.

— Aquela conversa foi a única que detestei ouvir, mas está tudo bem. Eu... já aceitei e... estou ansiosa.

— Por que, meu amor?

— Hoje vai começar a nossa interação, de verdade. Travis quer que nos conheçamos e... daqui a algum tempo... eu vou embora — ela chora e cai nos meus braços.

Eu a aperto bem forte.

— Eu vou sentir falta do meu irmão e de você... Vou ter que ir para Nova York. É tão longe.

— Você sempre vai estar perto do meu coração — digo baixinho, afagando seus cabelos. — Eu vou ligar para você todo dia, *mia cara*. Nunca vou te deixar e tenho certeza de que o Travis também não vai. É normal se sentir nervosa com o *novo*, mas algo dentro de mim diz que vai ficar tudo bem. E sabe por quê?

— Não — responde em um murmúrio.

Afasto-a para ver os olhos azuis que eu adoro e digo com confiança:

— Porque você é uma menina muito inteligente, esperta e doce. Tão generosa e altruísta. Eu amo tudo em você e sempre estarei ao seu lado. Está me ouvindo?

Ela concorda balançando a cabeça que sim e abre um sorriso lindo.

— Obrigada por ser assim comigo. Obrigada por ser a... minha *mãe*. — Dá de ombros fazendo um biquinho emocionado. — Eu tive Travis a minha vida toda e Colen também cuidou de mim. O Dario... — sorri com pesar. — Ele realmente foi um irmão, sabe.

Assinto e limpo suas lágrimas.

— Mas uma mamãe... eu não tive. Que dizer, só agora com você e... terei por mais alguns anos.

— Não! — corrijo-a. — Eu vou ser a mãe que você precisa para sempre, não até você fazer dezoito anos e se casar. Eu serei sua mãe até o meu último suspiro, se é isso que você quer. — Fico emocionada também e engulo em seco. — Cuidar de você me trouxe uma maturidade incrível. Você é um presente lindo que o seu irmão me deu, de verdade.

— Eu amo você, Madeleine.

— *Mia cara*... — sussurro. — Também amo muito você e agora, vamos limpar esses olhinhos — passo os polegares embaixo dos seus olhos — e abrir um sorriso e entrar para cumprimentar Amândio. Confie em mim, ele sabe que Travis é perigoso como também já percebeu quem eu sou, e que vou protegê-la com unhas e dentes. Ele não é louco de fazer nada contra você.

— Obrigada — replica baixinho.

— E você me prometa, que sempre vai ser forte. Vai se colocar no lugar, se dar valor e mostrar para ele que tem que ser tratada com respeito acima de tudo. Então a união de vocês vai ser boa. Está bom?

— Está bom. Eu prometo.

— Então, vamos.

De mãos dadas, nós entramos e seguimos para o lobby da casa aonde ele está esperando com um buquê de flores, tulipas rosas claras, e um presente com um embrulho da mesma cor das flores, e uma fita branca de cetim.

Ele dá um passo à frente e Marinne se aproxima, os ombros se encolhem, acanhada.

— Feliz aniversário, Marinne. — Ele entrega para ela o presente e as flores.

Escuto, mesmo não tão perto, seu suspiro baixinho quando ela aceita e murmura:

— Obrigada e-e-e... obrigada por vir hoje também.

— Eu não perderia por nada — diz e tem muita confiança na sua voz.

Posso me enganar, entretanto acredito que não, que ele vai ser um excelente marido para ela. Seus olhos refletem uma profundidade impressionante. Sua beleza misturada com sua frieza o torna quase inacessível, só que eu acredito que Marinne tem um peso de quebrar barreiras. Eu vejo isso com seu irmão, que, ao pensar nele, o próprio adentra a casa.

Seguro a respiração e vou recebê-lo.

— Pensei que não viria — comento apenas para ele.

E minha resposta é o seu olhar marcante e predatório.

Ele não veio porque se importa com o aniversário, não que ele não faça tudo para Marinne, só que não é sentimental. Ele veio porque tem um estranho, um inimigo – todos os *Homens de Honra* tratam outros homens como inimigos. Confiança é um fio de cabelo em nosso mundo. Travis está aqui para cuidar da casa e impor seu domínio dentro de seu lar e do seu território.

Assinto e me afasto, aproveitando para cumprimentar Paolo.

— Oi. Como está?

— Bem e você?

— Bem também. — Abro um sorriso idiota, igual essa interação engessada. — Como está sua filha?

— Bem.

Movo meus ombros sem jeito e peço licença com um gesto. Ele não quer conversar e será bom eu ver como está tudo. Passando por todos vou

direto para a cozinha, olho as meninas e volto para a sala de jantar assim que ouço as vozes de todos. Travis se aproxima de mim e coloca a mão gentilmente em meu braço, porém possessiva.

— Qual o problema?

— Nenhum — respondo balançando a cabeça. — E você?

Ele me encara em silêncio, nitidamente tentando ler meus pensamentos e responde sem emoção:

— Não posso demorar, você sabe.

Assinto e sorrio.

— É uma mera formalidade, eu sei, mas não seja tão insensível com Marinne. Fale com ela, abrace-a e... você comprou um presente?

— Ah... eu...

— Tudo bem — interrompo-o. — Comprei para você. Está lá no nosso quarto. Depois você pega e lhe entrega.

Ele aperta um pouco sua mão no meu braço e *quase* sorri.

— Obrigado.

— Não há de que. Agora, vamos nos sentar e comer.

Ele concorda e vamos para os nossos lugares.



O jantar é tranquilo, monossilábico e gélido como o reino de *Frozen* depois que a Elsa congela tudo. *Dio mio*. Nunca me senti tão desconfortável na vida e respiro aliviada quando as visitas vão embora.

Eu entendo todos os motivos de ter sido assim, mesmo assim não deixo de lamentar por Marinne. Calada a maior parte do tempo. Nossa verdadeira alegria seria Dario voltar logo e por isso não tem o que lamentar do jantar. Formalidade, foi apenas isso.

VINTE & QUATRO

Travis

Cerro a mandíbula e ignoro Paolo. Ele não está satisfeito com minhas últimas ordens e mesmo não sendo a melhor, não temos outra escolha. Ivon não está facilitando e não posso demonstrar fraqueza a esses russos filhos da puta.

— Vai ter consequências, Travis.

— Sempre tem. Qual o espanto? — indago e me levanto da cadeira.

Estou no Bellagio depois de tanto tempo. Não posso mais ignorar que ele, sendo meu maior cassino, precisa de um pouco da minha atenção. Não vou demorar, não tem a mínima possibilidade disto. Passo aqui para ajeitar tudo para o plano que estou colocando em prática dar certo.

— Você me chamou? — Vito aparece na porta com Enzo e Pietro atrás dele.

— Na verdade, eram os três e que bom que vieram. Vocês vão sair comigo para uma missão.

— Onde?

— Vamos atacar a casa de Ivon. Ele não está indo para casa, mas sua família sim.

Vito fica lívido e, apesar de acenar que sim, parece em dúvida.

— Enquanto isso, Marinne e Madeleine estarão em segurança em Carson City com os meus avós.

— Você confia nos homens do seu avô? — Vito pergunta.

— Como?

— Desculpe, senhor. Mas não confio em nenhum deles por estarem a serviço de Lucian.

Franzo a testa e me aproximo dele.

— Ainda não entendi.

— O que ele está querendo dizer é o que eu falei e você não deu ouvidos — Paolo se pronuncia ficando ao meu lado e encarando-me. — O ataque não é minha reivindicação, Travis, mas você confiar sua esposa e sua irmã tão perto de Lucian. Você tinha dito que só iria confiar nos seus homens mais próximos. — Seus olhos querem dizer muito mais. Sabemos que existe um traidor entre nós e não podemos nos descuidar.

— Eu não posso atacar a casa de Ivon e deixar minha esposa e minha irmã na casa que todos sabem que existe. Preciso escondê-las.

— Você confia em mim?

A porra do meu irmão mais novo foi levado e eu nunca fui um homem de sentimentos, principalmente culpa. E essa merda agora está me consumindo como lava em minhas veias. Talvez eu não esteja pensando com clareza, mas preciso cuidar de Madeleine, Marinne e ficar de olho em Colen. Não tem como deixar acontecer mais nada com nenhum deles. O rapto de Dario sempre será um lembrete da minha falha, e mais. É o combustível para querer matar todos esses russos.

Não lhe dou uma resposta com palavras. Meneio a cabeça que sim e Paolo apruma a postura falando:

— Pode ir e deixe elas comigo.

Assinto e viro-me para os meus soldados e meu capitão. Nós estamos sozinhos nessa guerra. Nenhuma das outras *Famiglie* querem se envolver nessa guerra contra a *Bratva*.

Ontem Amândio selou definitivamente os laços entre a *Lawless* e a *Darkness*, mas, como Giovanni caiu doente, ele não pôde ajudar muito no momento, fora que completou seus vinte anos e assumiu o lugar do pai. Porém, ele jurou sob seu sangue, que, se precisasse de algo para Marinne, ele faria. Eu podia usar sua oferta para o meu plano, enviando as duas para Nova York ontem e garantindo suas seguranças. Não fiz porque não confio fácil. Agora tenho que lidar com essa escolha e deixar nas mãos do meu *Consigliere*. Sei que ele fará o que for necessário para cuidar delas.

Colen entra no escritório, passando pelos homens e para na minha frente.

— Vamos ou não?

— Agora — afirmo.



O plano é meu e sei que preciso ser certo no ataque, por isso deixo que Luca e Vito vão na frente e invadam a casa. Os dois são executores e mais habilidosos em ações como esta. A noite está gelada e úmida, a chuva da tarde deixou tudo ainda mais sombrio.

Luca mata dois dos soldados da Bratva enquanto Vito empurra a porta da casa com o pé. Era óbvio que teríamos companhia e todas elas vão morrendo pelas mãos dos meus homens. Geralmente, esses soldados que cuidam da casa são uns merdas. Pegar Yuri foi fácil demais e invadir a casa de Ivon parece seguir o mesmo caminho.

Pietro, Osmar e Enzo entram na casa atirando. Espero mais alguns minutos e os sigo com Colen atrás de mim. Vejo dois russos no chão mortos, um deles com um buraco na cabeça. Fico distraído por alguns segundos, que não escuto a tempo Pietro gritar e levo um tiro no ombro.

— Caralho! — reclamo e me escoro na parede de um corredor estreito. A casa é moderna e cheia de espelhos. Deve ser estratégico, porque dá para ver todos os cantos e as escadas.

— Como está? — Colen indaga agachado ao meu lado, protegendo-se também.

— Foi de raspão.

Ele faz um aceno e, de repente, levanta-se e dispara alguns tiros.

Escuto Enzo dar ordens para subir, e vejo Vito correr escada acima com Pietro atrás dele. Mais tiros, vidros estilhaçando e eu me desencosto para ir atrás deles para os fundos da casa. E tem mais dois corpos e Luca surge do nada com uma arma apontada para mim.

— Foi mal — desculpa-se.

Passo por ele e tudo está calmo, até demais. Voltamos para a sala e sigo para o andar de cima. Encontro um corpo de uma mulher segurando uma arma. Levanto a cabeça quando uma sombra se aproxima.

— Você? — pergunto a Vito.

— Claro. Ela ia me matar.

Engulo com força e sentindo uma presença, giro meu corpo para ver quem vem atrás de mim: meu irmão com uma menina nos braços.

— Que merda é essa?

— É a filha de Ivon — responde Colen.

- Está morta também?
— Não. Ela desmaiou quando a mãe levou um tiro.
— Que maravilha! — ironizo. — Vamos embora.
— E ela?
— Traga — respondo dando as costas.



Nunca pensei em entrar em uma guerra como essa e muito menos ter uma mulher presa nos meus domínios. Há uma semana eu estava determinado a manter a compostura, pelo menos a regra de não tocar em mulheres e crianças, e essa noite tudo foi por água abaixo assim que Vito matou a esposa de Ivon, e logo Colen pegar a filha dele.

Não sei o que se passou na cabeça do meu irmão em *resgatar* a garota. Ele tem algumas regras que não consegue mudar, e apenas por isso deixei trazê-la como também porque vai ser bom. Ivon me ameaçou com Dario, bem, agora ele tem os dois filhos nas minhas mãos e vai precisar ceder pelo menos para a nossa conversa.

Eu quero muito ir para casa, descansar e ver minha esposa e minha irmã. Quase não dei atenção para ela ontem no seu aniversário. Entreguei o presente às pressas, sem me prolongar e houve brevemente o contato com ela depois do seu noivado, mas não sei mais nada além disso. Merda! Não posso me culpar por meu foco ser o resgate de Dario.

O noivado, o aniversário ou qualquer acontecimento nessa proporção são coisas bobas, fáceis de resolver. Agora meu irmão não e, para ela, minha energia estar em recuperá-lo é fundamental. Marinne sempre foi compreensível e inteligente. Não indaga, não questiona, mas sempre é astuta.

Se dependesse de mim, eu estaria no lugar de Dario. Eu fui torturado tanto tempo pelo nosso pai quanto pela nossa mãe, desde muito cedo. Já passei por tanta coisa, muito além do que Dario já tenha passado, que eu aguento. Aguento mais do que ele e me sinto terrível em não poder fazer nada. Na verdade, eu posso e estou quase botando em prática o plano que está martelando na minha cabeça. Preciso pensar mais um pouco sobre falar com Colen e Paolo. Se eu me decidir, será feito.

— Eu ainda não sei por que está com essa cara fechada? Queria que eu tivesse matado a garota também? Sabe que eu não faço isso — Colen fala

surgindo na minha frente no quarto que estou no *balcão*.

Precisei tomar ponto no meu ombro, o médico já estava me esperando assim que entrei no carro em frente à casa de Ivon. E tomei um banho e troquei de roupa antes de ir ver Yuri e sua irmã. Não posso demonstrar fraqueza.

— Eu não falei nada.

— A sua cara já diz muito — Colen murmura e deixa eu passar na sua frente. — Como está o ombro?

— Bem. Foi de raspão como disse — respondo descendo as escadas.

Mesmo que não tenha sido profundo, não consegui dar um tiro sequer para devolver.

Vejo Pietro sentado no fim do corredor onde estão os dois cativos. O quarto de Yuri está escuro, sujo do seu próprio sangue e, diferente da irmã, está algemado. Eu aceitei a garota, mas não para torturar.

— Como eles estão?

— Se comportando — responde Pietro. — Yuri está desmaiado. O doutor deu morfina para ele depois da *última* e a menina estava encolhida no colchão chorando.

Respiro fundo e assinto. Eu não gostaria que minha esposa, irmã ou filha passasse pelo que ela está passando, de jeito nenhum.

Adentrando o quarto onde a menina está a fito como Pietro descreveu.

Descobrimos poucas coisas sobre ela. A mais importante é que a mulher que morreu não era a sua mãe, e sim sua madrasta: a terceira esposa de Ivon. A mãe morreu muitos anos atrás nas mãos de Ivon. Ela tem dezoito anos e seu nome é Kira. Não poderia ser mais russo.

Dou um toque na porta para chamar sua atenção. Vejo seu corpo tremer em um sobressalto e, quando toma coragem, vira-se para onde estou e fica sentada. Ainda encolhida e de cabeça baixa, os cabelos loiros claros ajudam a esconder seu rosto, mas então a luz do corredor a atinge, mostrando a pele pálida e os olhos, verdes vivos e expressivos, que refletem um pavor incomum. Geralmente vejo esse tipo de sentimento em meus inimigos, no seu irmão, e gosto, nela me sinto mal. Eu gosto que me temam, almejo os maiores medos dos meus inimigos ou traidores quando estão em minhas mãos. Jamais pensei em ver *isto* nos olhos de uma mulher, até então inocente.

— Olá — falo baixo e dou mais um passo. — Eu não vou machucar você.

— Você já me machucou — diz cuspiendo as palavras.

— Você quer dizer que eu te machuquei. — Aproximo-me dela, agachando-me para ficar à sua altura, colocando um dos meus joelhos no chão e vejo-a engolir com dificuldade. — Você quer falar pra mim... que eu te machuquei quando tem o rosto cheio de hematomas, quando está óbvio que seu pai espanca você.

A menina engole em seco de novo. Eu não preciso de uma réplica das minhas palavras.

— Saiba que eu não vou machucar você. Não vou te bater e nenhum dos meus homens. A única coisa que eu quero é que você fique aqui e quieta. — Não bato, mas não deixo de disciplinar. — Eu dou minha palavra, minha palavra de honra, que eu não irei machucar você. — Espero que ela saiba que o que eu acabei de jurar é lei no meu território.

Enxergo em seus olhos que sabe o significado de *Homem de honra* ou algo que não sei descrever, antes de baixar a cabeça em um consentimento silencioso. Eu posso estar enganado, mas terá mais de um lado danificado nessa guerra e não é para ele que estou encarando. Espero que ela não me cause problemas.

Sinto uma presença no quarto e me viro. Encaro Solo fitando a menina com sua expressão pensativa e, ao mesmo tempo, neutra. Ele é um dos homens mais cruéis que tenho, mas na hora de executar a ordem de nunca machucar uma mulher, ele atende sem reivindicar. E é por este motivo que vai cuidar dela enquanto estiver nas minhas mãos.

Levanto-me e saio do quarto. Solo me acompanha e encosta a porta. Alguns homens são inteligentes e sabem o que quero sem precisar pedir.

— Não permita que ninguém se aproxime dela — falo quando estamos distantes dela e dos outros, menos Colen ao meu lado, apoiado na parede. — Ela é apenas um pião no meu jogo, não quero que ninguém machuque ou a aterrorize, além do necessário.

Jogos mentais são necessários. Não vamos tratá-la mal, todavia, não como uma convidada amigável. Isso é mostrar cordialidade e Ivon não merece isso de mim.

— Sim, senhor. Já entendi — pronuncia baixo.

— Os únicos que estão autorizados a entrar aqui sou eu e Colen, mais ninguém. Se certifique de que ela coma e beba água. Não é para tratá-la como uma princesa, mas também não como um verme igual ao seu irmão.

Solo meneia a cabeça em afirmação. Finalizando a conversa, passo por ele, saindo do corredor do cativeiro sem olhar para trás.

Algumas táticas da *Famiglia* são realmente necessárias em um jogo de poder e quando estamos em guerra, mas nem por isso eu concordo com tudo. Aceitei a menina porque preciso que Ivon devolva o meu irmão.

Ontem Madeleine falou algo que tem razão, já estamos passando dos limites e eu não quero que ela se aborreça ou saiba sobre Kira. Eu preciso ir para casa com boas notícias, principalmente com meu irmão de volta. Ela e Marinne esperam por isso.

A única forma de eu ganhar essa guerra é que todos permaneçam vivos, disso tenho plena consciência. Qualquer um que eu perca vou me sentir derrotado. E aquele russo já me fez perder quando matou Mia. Ela pode não pertencer a *minha família* de sangue.

Mesmo assim, ela era a esposa do meu braço direito e Paolo está aguentando firme, em silêncio, é o que ele quer mostrar para todos. Mas não sou bobo, às vezes, quando olha para mim, vejo o ressentimento, o ódio e a tristeza. E fico me perguntando qual será a emoção que ganhará no final. Estou torcendo para que seja o ódio, e que não seja de mim. Preciso dele com as armas em punho. Precisamos vencer.

Saio da fábrica e vou até a garagem onde estão alguns soldados de prontidão. Assisto-os jogando cartas e paro de frente para o meu *Cinistro*.

— Paolo ligou — Luca informa e ergue um papel para mim, que pego e leio:

*Está feito e
esperando você*

Paolo tinha prometido que iria me dar o sinal de que Marinne e Madeleine estavam seguras e a forma que escreve mostraria onde elas estariam. E agora eu sei.

— Volto mais tarde — informa aos soldados e dou um olhar para Enzo. — São seus soldados e você já sabe. Qualquer imprevisto, me ligue.

— Pode ir.

Dado o recado, eu me viro e vou para o meu carro com Colen e Vito.

Eu preciso que ele venha para cobrir a retaguarda junto com os outros três soldados que vão no carro com ele, o Escalade. Precisa ser grande para comportar as armas, qualquer ataque, estamos preparados. Eu entro no meu *Porsche Cayenne*, que tem lugar para quatro pessoas, rápido, espaçoso e à prova de balas.

— Vamos buscar as meninas? — Colen pergunta presumindo a escolha do carro quando se senta no carona.

— Sim.

— Okay — murmura e coloca-se em alerta logo que passamos pelos portões enferrujados da antiga fábrica.

Tudo ficou como estava, abandonado, para não levantar suspeita do nosso uso e, por sorte, o prédio bom fica mais no fundo do terreno, na frente do que estava quase terminando, que não será finalizado porque dá o aspecto que preciso.



Por longos trinta minutos, em uma estrada cercada pelo deserto que é Nevada, pensei nas últimas escolhas e como contar para Madeleine. Eu poderia optar em não contar. Ela não tem que saber de tudo que faço, não mesmo. E isso funcionaria se ela não fosse esperta e a mulher que é.

Colen vai na minha frente e, quando pensa em tocar a campainha, a porta é aberta pelo meu *Consigliere*.

— Pelo visto foi rápido.

— Tem quanto tempo que mandou o recado? — questiono parando na sua frente.

— Uma hora mais ou menos. Não foi quando elas chegaram e sim quando achei o melhor momento.

— Ótimo, foi uma boa tática.

Ele concorda e deixa que eu entre na sua casa. Não lembro de ter vindo aqui no último ano, mas percebo que muitas coisas mudaram na sala de estar. O sofá, que era vermelho, agora é branco e a tevê aumentou. Novas cortinas e um aparador com fotos e um vaso de flores – vazio no momento. Em um dos porta-retratos, a imagem martela meu peito: Mia vestida de branco com as mãos na barriga de grávida.

Merda! Baixo a cabeça e foco nos seus passos que me levam para os

fundos, onde escuto vozes e sei que fica na outra sala. Entrando no cômodo tenho uma surpresa. Sentada no sofá com a bebê de Paolo e Mia nos braços, minha linda esposa é uma linda visão. Está com um vestido azul-claro com as mangas $\frac{3}{4}$ e os cabelos soltos jogados para trás, que a bebê de três meses tenta agarrar com as pequenas mãozinhas.

— Não, Soph. Machuca a titia — Madeleine murmura e afaga as costas da criança.

Porra! Eu não estou muito à vontade com essa visão.

— Irmão! — Marinne exclama quando me vê e vem me abraçar.

Envolvo-a, beijo seus cabelos e afasto assistindo Madeleine se levantar e caminhar para mim, com a bebê ainda nos seus braços parecendo tão confortável. Não nos tocamos, mesmo que eu esteja louco para beijá-la nesse momento e seus olhos digam o mesmo.

— Tudo bem?

— Está sim.

— Já podemos ir? — indaga curiosa e não ansiosa. Acho que gostou de ficar aqui.

— Sim — respondo assentindo.

— Ah, não! Eu quero ficar mais um tempo com a Sophia. — Marinne faz beicinho.

— Vocês são bem-vindas quando quiserem visitá-la.

Paolo dá um sinal para uma jovem de cabelos negros, que pede licença e pega a criança dos braços de Madeleine, que entrega dando um beijinho na sua testa e depois vem ficar ao meu lado. Passo o braço atrás dela, puxando-a e sinto seu calor.

— Obrigada por nos acolher, Paolo, e se precisar de mim, é só chamar — Madeleine fala e abre um sorriso.

Meu *Consigliere* lhe dá um aceno e calmamente nós vamos para a porta da casa. Ele faz questão de nos acompanhar até o carro, e eu espero que elas e Colen entrem, para falar com Paolo.

— Obrigado mesmo.

— Não foi nada. Eu disse que poderia confiar em mim.

— É.

— Uhum — murmura. — E agora vai me dizer o que ganhou com o ataque à casa de Ivon.

— A filha dele.

— O quê? Por que você fez isso?

Sacudo a cabeça soltando a respiração.

— Não foi de propósito. — Dou uma olhada para dentro do carro e vejo que Marinne está prestando atenção em nós, então olho para Paolo, que já percebeu também, e digo: — Conversamos depois. Vou levá-las para casa e pôr em segurança para poder ir para o *balcão*. Vão conseguir ir para lá?

— Já estarei lá quando chegar.

Isso eu posso apostar. Ele não descansa nunca. Sempre foi assim, agora não tem para quem voltar, o que o torna impassível nas transações e sob essa vingança.

VINTE & CINCO

Madeline

Eu estou sentindo que algo está errado, que alguma coisa está acontecendo de muito grave (o quê, eu não sei) há muito tempo e desde que Travis e seu *Consigliere* vieram mais cedo, e Paolo me informou que teria que ir com ele para um lugar mais seguro junto com Marinne, soube que estava certa. Tem algo de muito ruim acontecendo.

E como assim, a casa onde eu moro não é segura?! A casa do homem mais temido da Costa Leste. Do Capo de uma das organizações mais fortes e maiores. Não é segura?!

Essas dúvidas e perguntas rondaram minha mente, preocupando-me e fazendo-me questionar o que Travis anda fazendo para trazer seu irmão de volta e ter sucesso contra Ivon.

Travis tinha dito – *eu tinha pedido* – que ele fosse até as últimas consequências. Mas será que eu vou aguentar se elas nos levarem para uma espiral de medo e perigo. Se elas forem como as escolhas do meu pai no fim, com muitos fragmentos de erros e nos causando uma crise jamais vista. Eu tinha salvado Las Vegas uma vez, e sei que farei de novo, se restar algo que eu possa fazer. Para ser salvo e eu sobreviver.

Entramos em casa e Marinne sai correndo para a cozinha comer seu bolo. Eu passei o dia inteiro também me questionando como ela está lidando com tudo, como sua cabecinha está aceitando nossa nova rotina. Ela anda calada demais e, embora tenha ficado preocupada de que nós precisávamos ir para um refúgio, foi bom vê-la sorrir e se distrair com a bebê de Paolo.

E pensar em Sophia faz meu coração se apertar. Ela está tão sozinha, assim como seu pai. No entanto, ela é apenas um bebê e é normal ser dependente de alguém, esperar que alguém cuide dela. Paolo é um homem

adulto, um homem temido. Um *Madman* e no momento um soldado em plena guerra, cheio de vingança e remorso. Eu vi em seus olhos quando peguei sua filha a primeira vez em meus braços o quanto ele gostaria que Mia estivesse entre eles. Que fosse ela a ninar sua pequenina. Segurar minhas lágrimas na sua presença foi complicado.

— Precisamos conversar — digo a Travis quando dispensa Luigi (meu fiel cão de guarda) e Colen vai atrás da irmã.

Travis me encara com a testa franzida antes de assentir e falar:

— Vamos no escritório.

A contragosto, sigo-o e espero que feche a porta para falar:

— Você vai me explicar agora o porquê de eu ter me escondido na casa do Paolo. — Cruzo os braços. — Acho que você nos mandaria até para o Brasil, do outro lado da América, se quisesse e só depois me contaria o motivo.

Ele inspira com força, chegando a fechar os olhos, e solta o ar com calma. Parece a quilômetros de distância, e mesmo assim presta atenção em mim.

— Eu sei como você se sente e sei que sabe que eu não sou um homem de pedir desculpas, mas peço.

Sinto meus olhos se arregalarem. Estou estupefata.

— E?

— E que eu fiz o melhor para vocês. — Com altivez fita dentro dos meus olhos. — Faria de novo. Você tem que entender que algumas ações que escolho tem consequências.

— Eu sei! — Dou dois passos e franzo a testa, colocando as mãos na cintura. — Não disse ao contrário em momento algum, só quero saber o que está acontecendo e por que precisamos nos esconder.

Apoiando-se na beira da sua mesa, me conta sobre os motivos de Ivon, um acordo do meu pai com a *Bratva* e que hoje atacou a casa de Avilov. Agora a sua filha está com ele também.

— O quê?! — exclamo irritada. — Chega! Isso não. Para de sequestrar essas pessoas, Travis. Agora uma menina? Não!

— Não fale assim comigo. Eu não pude evitar isso.

— Como não? É difícil não fazer algo. Foi difícil simplesmente deixar a menina na sua casa?

— Com todos mortos, inclusive a madrasta?

— O quê? — Ponho as mãos no coração e sinto os olhos arderem. —

Você matou uma mulher? Por essa guerra. Você me jurou que não era assim.

— Eu não sou — afirma e pega minhas mãos, colocando sobre seu peito. — Eu jamais fiz ou farei mal a uma mulher ou criança. O que aconteceu com Kira foi mais para um resgate do que sequestro.

— Então por que ela precisa ficar onde está Yuri?

— Embora eu não vá machucá-la, não vou tratá-la como visita, Madeleine.

Suspiro assentindo.

— Tudo bem, mas... me prometa que não vai mais acontecer. Traga Dario sem ferir ninguém no caminho. Já temos a morte de Mia, uma mulher inocente, nesse meio e agora eu posso afirmar que foi minha culpa.

— Culpa do seu pai.

— É... — murmuro. — Culpa dele por ter me trocado por poder e não entregado. — Baixo a cabeça, dou outro suspiro e fito meu marido nos olhos. — Eu vou me deitar agora, está bem — tento me controlar. — Não aguento isso.

— Madeleine, não fica pensando nisso.

— Não dá para ignorar. — Dou outro suspiro e me afasto. — Eu preciso... de espaço agora.

Ele assente e eu saio do escritório. É muita coisa ao mesmo tempo. Meu coração está pesado por tudo. Preciso pensar e descansar.



Estou com aquela sensação de que muitas pessoas, às vezes, preferem sentir do que serem pegadas de surpresa, mas no meu caso estar certa de que tudo tem uma parcela de culpa minha, não ajuda em nada.

Passei o dia tentando achar pistas, indagando ou prestando atenção nas conversas de Paolo em sua casa, dos motivos dessa raiva *agora* da *Bratva* contra a *Lawless*. E de fato eu teorizei que poderia ter a ver com o meu pai. Eu já sabia que ele tinha feito algo só que nenhuma das minhas teorias era o fato dele ter me vendido em troca de reforço. Em troca da sua aliança com os russos para tentar derrubar Travis.

Eu sei que ele nunca me deu valor, nunca me amou ou fez questão, mas me trocar, me vender como se eu fosse uma mercadoria barata, não deixa de magoar. Mesmo que eu já nutrisse um ódio por ele desde a minha infância,

saber a verdade me deixa além de exausta e irritada. Às vezes, pego-me tendo pensamentos raivosos sobre meu pai, e até mesmo minha mãe. Eles foram pessoas terríveis.

Tudo está tão confuso e ruim. Eu me sinto na beira de um colapso nervoso, principalmente sem poder fazer nada e depois de saber dos prisioneiros da *Lawless*.

Saber de Yuri não me afetou nem um pouco. Aquele imundo queria me pegar na *Pandora* aquela vez, quando Travis me salvou. Nosso reencontro. Porém, saber da sua irmã me abalou, me machucou e eu nunca tinha brigado com Travis como hoje. Não depois de nos entender e eu me declarar. Não depois de nos casar.

Sinto-me péssima com tudo e *por* tudo. Nós quase não nos vemos depois que ele voltou de Denver, de eu quase levar um tiro e depois que pegaram Dario nem se fala. Sua presença nessa casa é rápida ou ausente. Eu entendo os motivos e peço a Deus que o traga bem e vivo quando tudo isso terminar. Que ele cumpra sua promessa de voltar para mim *sempre*.

Agora com essa discussão, tenho até medo do seu aroma sumir entre os lençóis, o jeito que encontrei para dormir sem ele. Sentir seu cheiro entre os travesseiros ou sua camisa de dormir. Estou sendo ridícula, eu sei, às vezes esborrifo seu perfume no ar, pelo quarto, para senti-lo por aqui.

Suspiro de olhos fechados e abraço com força o travesseiro. Eu preciso descansar, dormir por longas horas e entrar no limbo dos sonhos. Esquecer dos medos, dos prisioneiros, da saudade e da dor. No momento, não tenho sentimentos bons em meu coração e todos estão pesando-o como se fossem chumbos.



Acordo com um sobressalto e abro os olhos no breu. Fico quieta e, de repente, sinto a cama afundar. Um alívio me conforta por ele estar aqui, principalmente depois da nossa briga, talvez é por causa dela que está aqui, para falar a verdade.

Travis se deita na cama e me abraça bem forte, aconchegando-me no seu corpo. Ele sabe que estou desperta. Sua percepção das coisas chega a me assustar. Parece que ele tem superpoderes como um vampiro.

Estou sonolenta e mole, nem um pouco disposta a acordar. Fecho os

olhos virando-me na cama e suspiro quando seus braços me circulam. E não entendo porque fico tonta. Só eu estou deitada.

Ele faz carinho no meu corpo e relaxo mais um pouco. Ficamos um bom tempo assim: abraçados, em silêncio e fazendo carícias um no outro.

— Está com raiva de mim? — murmura em meu ouvido.

— Não — respondo baixo e inclino minha cabeça para poder enxergá-lo, mesmo que a pouca luz do banheiro não ilumine nada. — Por que eu estaria?

Travis respira fundo pelo nariz, daquele jeito exasperado.

— Porque decepcionei você.

— Isso não é verdade, Travis. — Nego com a cabeça. — Só fiquei surpresa e se há alguém que merece a minha raiva é o meu pai. E não você.

Concorda com um aceno e me puxa para os seus braços, escondendo-me neles.

— Estou com tanto sono — comento aleatória.

— Então dorme, querida. Está tarde mesmo.

— Eu sei, mas... também queria ter um tempinho com você. — Afasto-me um pouco para ficarmos cara a cara, espero seus olhos encontrarem os meus antes de falar: — Tem mais de um mês que a gente se casou e teve tantos problemas desde então. Quase um pesadelo. Você anda tão ocupado. Eu sinto sua falta, por isso queria que a gente curtisse o momento. Não quero desperdiçar um minuto quando estou com você.

— Eu sei, mas se você está com sono — beija minha testa e coloca o cabelo atrás da minha orelha — pode dormir. Quando a gente acordar, nos encontramos aqui.

Sorrio achando meigo o que ele diz e meus olhos se fecham lentamente, mais uma vez.

— Por que você está tão cansada?

— Hum?

— O que você fez hoje para estar tão cansada? Será que cuidar da bebê do Paolo te cansou? — Tem humor na sua voz, mas eu não me sinto *alegre*.

— Eu... Eu não fiz nada. — E uma coisa vem na minha cabeça e sento-me na cama. Arregalo os olhos, sem enxergar nada e paraliso, pensativa. — Ah, *Dio Mio!*

— O que foi, Madeleine?

Sacudo a cabeça e jogando as cobertas para longe, pulo para fora da

cama e corro para o banheiro. Procuro desesperadamente a minha cartela de anticoncepcional na minha nécessaire e a encontro cheia, assim como o pacote de absorventes completo...

— *Porque eu não usei* — murmuro para mim mesma.

— Qual o problema? — Travis surge atrás de mim.

Engulo com dificuldade e me viro. Levo um choque e tenho meus pensamentos distraídos por alguns segundos vendo-o só de calça de flanela preta e lindo de morrer, mas não me aproximo.

— Eu...

— O quê? — indaga ríspido, aparentemente nervoso.

— Eu acho que... estou grávida.

Travis abre a boca e nenhum som escapa dela. É a primeira vez que o vejo sem fala. Seus olhos se arregalam e ele engole em seco. Respira, se aproxima, segura meus ombros e pergunta baixo:

— Você tem certeza?

— Na verdade eu não tenho certeza não — respondo me sentindo inerte. — Não fiz o teste... mas pelas minhas contas e o fato de eu não usar o pacote de absorvente desde... — Abro a boca e a tampo com a mão.

Eu nem lembro a última vez que menstruei.

— Porra! O que foi, Madeleine?

Pisco e o encaro.

— Não lembro quando menstruei a última vez.

Ele assente e libera sua respiração com força.

— *Tá. Okay!* — Meneia a cabeça e pega minha mão, apertando-a. — Você está bem?

Franzo a testa confusa. Absurdamente confusa.

— Você está dizendo que... está tudo bem... se eu... — Meus olhos se enchem d'água e eu nem sei o porquê.

— Claro — ele replica simplesmente e segura meu rosto entre suas mãos. — A gente é casado. Você é minha esposa. Não tem por que eu ficar nervoso ou não... gostar. A não ser que você não queira, que não se sinta preparada agora.

Pisco balançando a cabeça e arfo.

— A questão não é essa. Eu já tenho vinte e cinco, quase vinte e seis anos. E é verdade! Somos casados e... eu te amo e... — minha voz fica tremida e meus olhos úmidos. — Acho que só estou surpresa e com medo. — Derramo algumas lágrimas.

— Por quê? — indaga afagando meu rosto.

— Por tudo que está acontecendo. Com essa guerra.

Ele concorda, fica perdido em pensamentos e, quando seus olhos me fitam, me desmonta totalmente. Sinto meu coração ser apertado pela emoção.

— Eu entendo e, se pudesse escolher, não colocaria um filho no mundo nesse momento, não estava esperando por isso, mas se você estiver grávida, tudo bem. — Faz uma pausa. Uma longa pausa olhando-me nos olhos. — Posso te contar um segredo.

Aceito com um aceno e fungo.

— Claro que pode.

Travis afaga meus cabelos e eu choro ansiosa para ouvir o que ele tem a dizer:

— Eu penso em você o dia inteiro. Todos os dias. O tempo todo e, às vezes, eu posso fechar os olhos e ver você sorrindo.

Isso faz eu chorar tão forte. Estou tremendo.

— Às vezes, é irritante ter você o tempo todo nos meus pensamentos. — Passa o polegar nos meus lábios. — Eu também sinto sua falta e escolho não vir para casa, às vezes, porque me sinto sujo demais. O monstro que você já me chamou várias vezes e que é real. Eu sou um monstro, Madeleine.

— Não! — balbucio e toco seu peito, seu coração. — Não é para mim.

— É, não para você e nem para os nossos filhos. — Nega com a cabeça. — Nunca conseguirei ser, dou a minha palavra. Não consigo ser o monstro para você, só *por você*. — Ele faz uma pausa de novo, com os olhos fixos nos meus. — Eu não posso morrer agora — afirma.

— Não pode mesmo! — digo com minha voz fanha de choro e sentindo a pressão no meio do peito ainda mais dolorosa.

— Não — me corrige. — Você não entende.

— Então explica o que você quer dizer.

Travis respira fundo e beija meus lábios de leve antes de se afastar e murmurar:

— Se o céu e o inferno existem e nós vamos para eles pelo que a gente faz aqui na Terra, nas nossas vidas. Bem, eu não posso morrer agora.

Não tenho voz para falar, apenas choro e o escuto.

— Porque eu nunca mais vou te ver — continua. — Você é um anjo, é pura e boa. Eu não sou nada disso. Você vai para o céu e eu para o inferno. Lá é o meu lugar. Se eu morrer agora... — Ele me olha de um jeito... — Eu

vou para lá e nunca mais vou te ver e não estou pronto para me despedir ainda.

Choro copiosamente, agarrada a ele e sentindo meu coração dilacerado.

— Eu te amo tanto — declaro em seus braços. — Fica vivo para mim. Seja forte para mim. Sempre volte para mim.

— Eu vou! Eu prometo que vou voltar para você sempre. — Pega meu rosto e beija minha boca, com a presença do gosto salgado das minhas lágrimas. — Eu preciso morrer velhinho ao seu lado.

Assinto, concordando, e descarrego todo o medo, toda a angústia em minhas lágrimas, nos seus braços.

A gente não precisa mesmo ouvir aquelas palavras para saber que alguém nos ama. Não precisa-se das palavras iguais que todo mundo usa. Travis acaba de me dizer da forma mais forte e única que me ama. De confirmar minha suspeita.

No fundo, ele é aquele garotinho que apanhava de cinto da mãe e era torturado pelo pai. Ele nunca teve amor. Eu sou o *amor* dele, o único e primeiro amor dele. Mesmo que ele ame os irmãos há muito tempo, não é a mesma coisa. E me sinto grata por ser o amor dele. Ele também é o meu amor. O mais profundo e verdadeiro e único amor da minha vida.

Me acalmo, parando de chorar e limpo meus olhos. Travis pega um pouco de papel higiênico e me entrega.

— Estou chorona — comento secando meu rosto e rio sem graça.

Ele mexe as sobrancelhas como se não soubesse o que falar. É fofo ele perdido. Jogo o papel na lixeira e fico perto dele de novo.

— Sobre o bebê, tudo bem mesmo?

— Sim, está.

— Jura? — Sorrio e mordo o lábio tentando esconder.

— Se confirmar, estou bem com isso e se você estiver pronta melhor ainda.

Solto um riso achando graça e pergunto:

— Acha que não está preparado para ser pai?

— Não sei.

— Posso dar minha opinião?

— Claro que pode, querida.

Pego suas mãos, e sou eu que o conforto.

— Você está mais do que pronto. Foi um pai incrível para Marinne.

Mesmo que seja o irmão dela, nunca foi apenas isso.

Ele fica pensativo, desvia o olhar e acaba concordando com a cabeça.

— Eu sei, mas é um filho meu — diz me encarando. — Não é o mesmo que ajudar a criar os meus irmãos.

— Você sabe que foi uma presença importante para eles, não sabe? Que foi de extrema importância sua influência sobre eles enquanto cresciam.

— Sim, eu sei, porém é mais complicado.

— É, eu sei, mas acredito que você será um pai muito bom, disciplinador e forte.

— E ninguém nunca tocará neles — ele diz e depois me abraça apertando seus braços bem forte em mim.

Deixo o ar escapar bem devagar pela minha boca, apreciando o seu contato e sorriso de olhos fechados pensando o quanto amo esse homem.

— Tem algum teste de gravidez em mãos? — pergunta.

Dou uma gargalhada me afastando, fico na ponta dos pés para beijar sua boca, ele ajuda quando se inclina e respondo:

— Então... pode parecer estranho, mas eu tenho.

— Sério? — Arregala os olhos e depois franze a testa. — Sério mesmo? Eu estava brincando com você.

Sinto minhas bochechas queimarem.

— A Bárbara me deu de presente de casamento. Foi também de brincadeira. Eu ia jogar fora, mas então pensei melhor e... guardei. — Dou de ombros. — Eu sabia que uma hora ia ter que te dar um filho...

— Você não *tem* que me dar um filho — me interrompe.

— É... eu sei. É... tipo. Você já tem trinta e quatro anos e acredito que todos esperam um herdeiro seu.

— É, mas nunca quis que se sentisse obrigada.

— Eu não me sinto obrigada a engravidar. O que estou querendo dizer é que em algum momento ia acontecer e... talvez já aconteceu.

— Okay.

— Okay — repito e reprimo a vontade de rir. — Espera um pouco.

Volto para o quarto e procuro no armário a caixa onde deixei o teste. Meu coração está uma pilha de nervos quando entro no banheiro. Vejo Travis no mesmo lugar, agora de braços cruzados e parecendo ansioso.

No lavabo, abro a caixinha e pego o teste, encaro por longos minutos até que me sento no vaso e me preparo para essa verdade. Eu nem acredito que estou fazendo isso. É tudo tão surreal.

Eu não olho para Travis enquanto faço xixi no palitinho. Terminando, pego com o papel higiênico, deixo no canto e me limpo. Depois me levanto e coloco o teste em cima da pia. Prendo a respiração, pego o manual e falo:

— Tem que esperar quinze minutinhos.

Travis assente e o vejo sair do banheiro e logo voltar com o celular na mão.

Enquanto os minutos passam, eu rezo para que tudo dê certo. Eu posso estar carregando o herdeiro de Las Vegas dentro de mim. Se for um menino... *Dio mio*. Posso estar grávida do *Capo* da próxima geração da *Lawless*.

E quando vejo os dois pauzinhos que significa *sim*, meu coração acelera.

— Eu preciso me sentar. — E faço.

Desabo no chão, pois perdi a resistência das pernas. Travis corre até a mim e segura meu rosto se ajoelhando na minha frente.

— Ei, você está bem? O que houve? Está se sentindo mal?

— Não. — Balanço a cabeça e procuro o ar para conseguir falar. — Eu.... Nós... — Pego suas mãos, aperto e beijo cada uma delas. — É sim, Travis. Eu estou grávida sim. Eu estou grávida — repito soltando o ar.

Espero o surto ou ele falar algo. Porém, ele fica congelado, olhando para mim, mas logo me surpreende – como todas as vezes – passando os braços embaixo das minhas pernas e depois atrás do meu corpo. Erguendo-me do chão e levando para o nosso quarto, ele me deposita na cama. Vai apagar as luzes e vem se juntar a mim.

— Relaxa agora. Vai dar tudo certo — murmura no meu ouvido. — Depois o médico vem aqui e vê como você está.

— Sério? Você está sendo tão robótico — comento no breu.

— Eu não estou.

Viro-me para ele e seus olhos me aprisionam.

— Está tudo bem, Travis?

— Está tudo bem — responde e não me garante nada. Ainda está perdido. — Vocês vão ficar bem.

Não sei se eu quero rir ou chorar por ele estar assim. Mas quando eu sinto seu coração batendo tão forte em minhas mãos, meus olhos ficam cheios d'água mais uma vez e me agarro a ele.

— Eu amo você e estou um pouco nervosa, mas tudo bem. — Afasto-me e contemplo seus olhos azuis. — Meu Deus! Nós vamos ter um bebê! —

Sorrio emocionada. — Nós vamos ter um filho.

— Madeleine — sussurra meu nome e eu não preciso ouvir mais nada. — *Mi angede*.

Sou uma boba chorona agora e faço biquinho vendo-o reprimir seu sentimento. Acaricio seu rosto e abro um sorriso comovida por ele.

— Eu não mereço isso — comenta. — Não mereço ser feliz. Não mereço ter você ao meu lado.

Fico tão triste por ele achar isso. Eu odeio profundamente que ele pense isso.

— Você merece sim.

— Não mereço e eu estou esperando o dia que vai acabar.

— Acha que vai acabar?

— Eu não sei — responde conciso e quase pesaroso.

Agora é a minha vez de apertar meus braços bem fortes em volta dele. E aqui está o garotinho perdido e machucado dentro de um homem grande e cruel. Tão mau, tão violento, mas tão leal a mim e seus irmãos.

Não digo nada, apenas o abraço forte. Ficamos um bom tempo *bem* agarrados um no outro. Travis beija meu ombro e não para de repetir meu nome baixinho no meu ouvido. Seus batimentos se confundem com os meus, desenfreados. Ele me afasta, dá um beijo na minha boca, que termina de tirar o meu fôlego e promete:

— Eu vou cuidar de vocês.

— Eu sei que vai.

Ganho um beijo na testa e fecho os olhos aconchegando-me no seu calor e carinho.

— Vamos dormir agora. A gente conversa depois — murmura.

Suspiro, concordando e, como um passe de mágica, vou caindo no sono e posso jurar que o escuto falar algo, porém o meu cansaço não permite entender.

VINTE & SEIS

Travis

— Durma bem, *mi angele* — murmuro para ela quando fecha os olhos e adormece. — Estarei aqui cuidando de você.

Fico segundos, minutos e horas sem conseguir pregar os olhos. O cérebro trabalhando a mil, mas acho que tento dormir. *Não sei*. Não paro de pensar. Porra, eu vou ser pai. Madeleine está grávida de um filho meu e, mesmo que eu ainda a enxergue do mesmo jeito – linda, atrevida, sexy e corajosa –, agora não dá para ignorar que é frágil, doce e que precisa de proteção e cuidado. Eu não sei nomear o que sinto agora. É uma confusão perturbadora.

Abro os olhos e encaro o teto do quarto por um tempo antes virar a cabeça e olhar para Madeleine deitada. Está aconchegada entre as cobertas e meu corpo. A mão no meu peito e a cabeça em cima do meu braço, que serve de travesseiro. Sua respiração faz cócegas às vezes, mas não me afasto. É delicioso senti-la assim e, com a ausência, quero aproveitar o contato dessa noite.

Ela suspira profundamente e parece tranquila. Tão bonita dormindo. Com certeza consegue ter bons sonhos mesmo com todo o caos acontecendo e o nosso mundo sombrio. Ela é uma mulher boa e com certeza, se existe um Deus, Ele concede sonhos que lhe dão esperanças quando fecha os olhos.

Quando eu fecho os olhos ou está tudo em branco ou tenho lembranças da minha infância, algum ataque ou sendo torturado pelo meu pai. Algumas vezes são flashes dos últimos dias, mas eu mal tenho dormido.

Só penso em resgatar Dario e proteger o resto da minha família, e no plano que não para de martelar a minha cabeça. É tanta coisa e agora com a gravidez de Madeleine, não sei se vou manter apenas como ideia alguns pensamentos.

Tenho pressa para que tudo fique no seu devido lugar. Tenho pressa em resgatar Dario e fazer a *Bratva* entender que nenhum deles pode comigo. Ivon vai pagar tudo que está fazendo contra nós.

Viro o meu corpo para Madeleine, abraçando-a por trás e estico minha mão até pousá-la em cima da sua barriga, e percebo que ela está com a mão também na barriga, mas por baixo da coberta. Seu instinto protetor está em modo turbo.

Afago sua barriga devagar e a imagem de uma garotinha de cabelos castanho-escuros e olhos tão azuis quanto o mar do Mediterrâneo vem em minha mente. Com certeza, se for uma menina vai se parecer com Marinne e ser linda. Eu não tenho dúvidas como também de que vou protegê-la de todo mal e de todo olhar indireto para ela.

Se for um menino deve se parecer comigo quando criança ou Colen. Vou precisar discipliná-lo a ser um *Homem de Honra* forte, cruel com seus inimigos e traidores, porém justo. Quero que ele seja minha extensão quando me suceder.

Cazzo. Apenas em ter esses pensamentos fico nervoso.

Ter um filho agora não estava nos meus planos, mas aconteceu e tenho que aceitar e esperar que seja forte, saudável. Menina ou não. *Merda. Não sei.*

Não sei se estou preparado para uma menina tanto quanto para um menino, pois uma menina não quer dizer que vai ser mais fácil. Porém, é mais suave e ela vai precisar demais dos cuidados da mãe do que de mim. Não vai precisar tanto de mim. Isso me deixa nervoso.

Madeleine se mexe na cama, aconchegando-se. Admiro-a em silêncio e não adianta. Não vou conseguir dormir hoje.

Inclino-me para dar um beijo no seu rosto e devagar saio da cama. Antes de me afastar, puxo as cobertas até esconder os seus ombros e vejo-a resmungar e esfregar o rosto no travesseiro virando-se na cama para o meu lado. Sua meiguice desperta em mim uma superproteção feroz por ela e nosso bebê.

Respiro fundo, jogando os cabelos para trás com os dedos. Eu preciso ficar longe para organizar minha cabeça. Depois que troco minha calça de flanela por um short, no *closet*, desço e saio em direção à academia que tem na casa adjacente.

Ligo as luzes e vou para a esteira correr. Estou tentando deixar minha mente em branco para achar uma solução.



Quase duas horas depois, a porta da academia se abre e tenho a visão de Madeleine com um vestido branco, solto, até a altura dos joelhos e um casaco vinho por cima. Os cabelos soltos e nos pés uma pantufa de cachorrinho. Não sei como, mas ela conseguiu ser sexy e fofa ao mesmo tempo.

Encara-me, nitidamente tentando me enxergar através dos meus olhos e se aproxima lentamente.

— Perdeu o sono, é? — murmura.

— Não — respondo o que é uma quase verdade. Eu teria perdido se tivesse tentado pelo menos.

Desligo a esteira e saio de cima. Caminho até o armário que fica no canto e pego uma toalha para secar meu rosto e peito, abandonando depois em cima do banco ao lado do bebedouro. Essa academia foi feita logo que comprei a casa. Pensei nela para distrair minha mente quando estivesse estressado, entediado em casa, ou não quisesse sair. Meus irmãos usam quando estão aqui. Mesmo que geralmente eles optem em ir à academia da *Famiglia*. Aqui não tem o ringue de luta para se divertir e, mesmo que tivesse, eles não gostam de lutar comigo.

Pelos olhos curiosos de Madeleine, ela nunca pisou aqui. Mas tem algo a mais em seu olhar que não consigo identificar.

— Tudo bem? — pergunto chegando perto dela.

— Sim. Por que está perguntando?

— Por nada. Você nunca veio aqui.

— Também nunca vi você por aqui nesse tempo que moro nessa casa.

— Eu precisava pensar.

Ela fica pensativa e abraça a si mesma.

— Sobre o bebê?

— Sobre você. — Coloco uma das mãos no seu ombro e a outra no seu rosto. — Sobre a sua segurança e o que eu preciso fazer por Dario.

— E?

— Já tomei minha decisão. Quando sair pelas portas de casa, nada e ninguém me fará mudar de ideia.

— Eu preciso ficar com medo? — Ela apoia as duas mãos em meu peito.

— Não se preocupe comigo.

— É impossível não me preocupar com você — solta a respiração e vai se sentar no banco.

— Madeleine... — Fico ao seu lado e pego seu rosto entre as mãos. — Não fica assim.

— Não dá, Travis. Eu estou preocupada com Dario, mas também muito preocupada com você. Com todos nós. — Surpreendendo-me, vem se sentar no meu colo e eu a envolvo com meus braços. — Jure para mim que eu não vou ter que salvar você e Las Vegas como fiz anos atrás.

— Nunca mais repita isso — falo rigorosamente. — Eu quero que você me prometa, que vai colocar você e esse bebê em primeiro lugar.

— Acha que vou ignorar se você estiver correndo risco de morte?

Respiro e a beijo com força.

— Não é bem isso que eu quero dizer.

— Mas...

— Você precisa entender que tem que cuidar de você e desse bebê. Eu sou capaz de cuidar de mim. Confia nisso.

— Eu confio e na sua promessa. Você confia?

Fecho os olhos, a droga da minha ideia novamente explode na minha cabeça.

— Quero você a salvo.

— E eu quero você de volta para mim — diz com tanta braveza, que fico excitado.

Cazzo!

— Você terá — prometo, mesmo com meu plano correndo o risco de quebrar, não quero pensar nisso. Seguro o seu rosto e beijo sua boca fazendo questão de sugar sua língua provocante e macia. — Vamos esquecer isso agora e focar em algo mais importante.

— O que é mais importante que isso?

Em um movimento rápido, faço com que ela abrace meu corpo com as pernas e os braços e me levanto.

— É que eu vou te comer lentamente na nossa cama.

Madeleine inspira pelo nariz com força e faz questão de se esfregar em mim.

— Acho que, se eu não estivesse tão excitada o tempo todo, eu recusaria, mas... não consigo.

Rio pelo que ela fala para mim. Sinto-me além de excitado agora e a sensação no meio do meu peito é avassaladora. Dolorida como estivessem

cravando uma faca em mim.

Tenho vontade de dizer para ela o que significa. O que eu sei é o que ela é para mim. O que eu *realmente* sinto por ela. E as palavras se estrangulam em minha garganta. Se perdem quando foco apenas no seu corpo embaixo de mim, quente, macio e apertado. Sua boca gemendo e clamando por mim. Seu desejo todo meu. No entanto, sobra força para dizer que ela é *minha* e repito de forma contínua enquanto a fodo lentamente.



Seguro a mão de Madeleine enquanto o médico se prepara para fazer o exame nela. Estamos em um dos quartos que fica na casa do lado de fora, por coincidência onde fiquei depois do *encontro* com os mexicanos. Não gosto de estranhos no meu quarto e aqui está preparado para esses procedimentos.

Se fosse outras circunstâncias, nós poderíamos ir em uma clínica fazer o exame para confirmar a gravidez. No momento essa possibilidade é correr um risco de ela sair e sofrer um ataque. Não sei o que Ivon está tramando contra mim. Feliz com certeza ele não está após eu matar seus homens, a esposa e pegar sua filha.

— Estou nervosa — comenta Madeleine e volto para o momento presente.

— Por quê?

Ela respira fundo e desvia o olhar.

— É... eu já amo esse bebê e nem foi confirmado.

Franzo a testa e sento-me na beira da cama para segurar sua mão enquanto fito seu rosto.

— Acha que pode ter sido falso o resultado?

Balançando a cabeça, seus lábios tremem.

Dizem que as mulheres grávidas ficam sensíveis e emotivas. Pelo que conheço dessa mulher aqui, ela não fica chorando à toa. Acho que ela está esperando nosso filho sim.

— Não vamos nos preocupar antes do tempo — digo apertando sua mão.

Ela sorri com gratidão, porém logo fica séria quando o médico volta para o quarto. Eu me afasto, ficando ao lado dela e observo Leonel mexer em algo na mesinha de ferro ao lado da cama.

O Dr. Leonel Donati é clínico geral e da *Famiglia*. Foi liberado anos atrás para cursar medicina, assim como outros soldados que se formaram em medicina, contabilidade, Direito e enfermagem. Temos uma única dentista, filha de um *General* em Carson City. O pai garantiu a obediência dela e sua proteção para o meu avô. Tudo deu certo no final.

Vincenzo Lozartan tem uma visão de mundo moderno e sendo cauteloso, optou para, em caso de emergência, nós termos nossos próprios profissionais de prontidão. Em tempos de guerra é sempre útil e muitas vezes não podemos recorrer aos hospitais para cuidar dos nossos ferimentos. Eles fazem muitas perguntas e não temos todos os policiais na folha de pagamento.

— Como o protocolo pede, irei fazer um ultrassom transvaginal, pois, se estiver grávida, é de pouco tempo e apenas assim para ver.

— Uhum... — Madeleine assente e morde o lábio inferior.

— Então, peço que a senhora fique preparada adequadamente.

— Como?

— Trouxe uma roupa hospitalar para colocar e precisa retirar a calcinha.

Madeleine engole em seco e eu tento não dar um tiro em Leonel.

— Oh, sim. — Ela pula para fora da cama. — Vou me trocar, espere um pouco.

Entrando no banheiro do quarto, fecha a porta e eu encaro firme o doutor, mas não digo nada. Não sou um babaca nesse nível.

Logo, minha esposa volta vestida apropriadamente e deita-se na cama. Ela parece adorável e eu não tenho dúvidas. E não sei por que, vê-la assim: pernas abertas, sabendo que está sem calcinha e um simples lençol esconde o que não é para ninguém ver a não ser eu, na posição para fazer o exame, me dá a impressão certa de que sim.

Leonel coloca as luvas e senta-se na cadeira de rodinhas baixa, puxando junto o monitor pequeno para a frente das pernas da minha esposa.

— Deve ser um pouco incômodo — ele avisa antes de colocar uma camisinha no instrumento que parece um pau estranho e branco para enfiar na boceta de Madeleine.

Incômodo? Deve ser terrível.

Meu lado violento retrai dentro de mim e foco em Madeleine para não pular em cima de Leonel e estrangulá-lo. Limpo a garganta e viro-me para ela. Seus olhos estão sem foco e queria poder beijar sua testa ou dizer que

ficará tudo bem, mas não dá. Não estamos a sós. Mas parece que ela sente e seus olhos encontram os meus.

— Sra. Lozartan.

Viramos para Leonel e esperamos.

— Bem, pelo que posso ver, você está grávida sim.

— Você tem certeza?

— Sim, olhe aqui. — Ele aponta para a pequena tela do aparelho de ultrassom. — Eu posso dizer que de umas dez semanas. Daqui a pouco, já poderá saber o sexo e a consulta pode ser pelo ultrassom abdominal.

Isso quer dizer que ela engravidou na semana anterior do nosso casamento. Não importa. Ninguém vai pensar sobre isso porque eu não ligo e quando firo o seu rosto, virado para a imagem capturada do nosso bebê, ela sente e seus olhos encontram os meus, molhados e suaves. Ela abre um sorriso de um jeito tão doce e sonhador que me faz sentir emoções estranhas.

O médico tira o *negócio* dela, mas congela a tela e se afasta. Quando volta a se aproximar, sorri com simpatia para nós.

— A senhora precisará fazer uma consulta com um obstetra e de preferência em uma clínica para começar o acompanhamento do pré-natal.

— Sim, eu sei — Madeleine responde se recompondo ainda na cama, agora mais levantada porque Leonel ajuda erguendo a cama.

Ele olha para mim e fala:

— O ideal era o senhor levá-la a um hospital, mas eu não me incomodo por ora.

— Pode ficar tranquilo, Leonel. Nós iremos procurar um médico especialista e uma clínica.

— Se não quiserem um parto em casa, uma maternidade também.

— Parto em casa?! — Madeleine arregala os olhos para o doutor.

— É só uma ideia.

— Ah... okay. — Ela ri sem jeito e mordo o canto da boca. — Acho que vou preferir uma maternidade mesmo, a não ser que aconteça algum imprevisto.

Lhe dou um olhar de que vou manter tudo sob controle e ela dá um sorrisinho rápido para mim.

— Claro, senhora. — Ele pega sua maleta e vira-se para nós antes de sair. — Parabéns aos dois! — E pede licença.

Viro-me para Madeleine quando a porta se fecha. Encontro-a de olhos fechados, o rosto suave e as mãos afagando a barriga. Fico bem perto dela e

lhe dou um beijo na testa. Ela pisca os olhos lentamente e os abre junto com um sorriso.

— É real. Nosso bebê é real.

— Sim, é real — assinto concordando com ela.

Ficando sentada na cama, ela me abraça e me dá um beijo na boca.

— Fiquei grávida antes de nos casar — sussurra com seu sorrisinho.

— Ninguém precisa saber. — Balanço a cabeça. — E é só uma semana.

— Que sorte a nossa.

Um riso lhe escapa parecendo tranquila.

— Pode ser, mas ninguém iria falar nada, foi alguns dias antes.

— Uhum — murmura com o sorriso que some quando morde o lábio inferior. — Já vamos contar para todo mundo? — Vira-se para mim, colocando as pernas para fora da cama e toca meu peito.

— Eu não sei. Estava pensando em esperar um pouco.

— Esperar você terminar com Ivon e seus homens?

— De preferência sim — afirmo secamente. Sem abertura a discussões sobre isso.

— E quando você terminar com eles, nós vamos ter um pouquinho de sossego?

— Garanto que a gente vai viver melhor. Não gosto de viver em guerra. Brigar e vigiar meu território, reivindicar os meus poderes e corrigir os traidores, é algo que eu sempre vou ter no meu caminho, mas não entrar em guerras e viver sob ataque o tempo todo. Assim que eu mostrar o meu poder e o meu domínio como *Capo* da *Lawless* sobre Las Vegas, acabando com o grupo de Ivon, com certeza vou parar com os ataques.

— Torço por isso.

Acaricio seu rosto.

— Confia em mim. Tenho certeza de que Nikolai não vai querer estar no meu radar. Se ele for um bom chefe para a *Bratva*, eles deveriam focar em estender os seus negócios, que não tem nada a ver com os nossos. Fora que a briga dele é muito maior com os mexicanos no Texas. — Pauso e tiro o cabelo da frente do seu rosto. — Esse conflito agora com Ivon é pessoal, não é entre a *Famiglia* e a *Bratva*. Foi um problema que o seu pai arrumou e porque Ivon sempre esperou uma oportunidade de enfraquecer meu pai.

— Eu sei — comenta sarcástica e eu assinto.

— Sim, e mesmo que meu pai já esteja morto, Ivon não se sente

satisfeito.

— Porque não foi ele que matou.

— Sim e sem contar que espera o seu prêmio — sinto gosto de ferro ao dizer essas palavras.

Madeleine brevemente fecha com os olhos, escondendo a mágoa pelo que o seu pai fez, mas deixa que eu veja o ódio quando levanta o rosto para mim de novo.

— Eu queria poder eu mesma dar um corretivo nele, enfiar uma estaca no seu coração por ele ousar imaginar que poderia me comprar. Por ter feito esse acordo com meu pai, mas agora com o nosso bebê... — Suspira alto. — Eu só vou cuidar de mim, de você – porque eu não posso te perder –, da Marinne, é claro, e do nosso reino. — Sorri e toca meu rosto com reverência. — Você é o meu rei, sabia?

Seguro seu rosto, dou um beijo na sua boca de leve e também venerando-a digo olhando em seus olhos:

— Você não sabe o quanto é minha rainha.

Madeleine respira fundo e abre mais o sorriso.

— Eu sei sim e sei que você vai cuidar de mim e do nosso príncipe ou da nossa princesa.

— Eu vou com certeza — garanto.

Ela me beija de novo e passa o seu nariz no meu como uma carícia antes de me abraçar bem forte.



Depois de nos despedir formalmente de Leonel, voltamos para o nosso quarto. Tomo um banho e visto minha roupa para ir. Terminando de colocar meu relógio, saio do closet e vejo que Madeleine pegou no sono. Agacho-me, afago seu rosto e dou um beijinho na sua boca.

— Até mais, *meu anjo lindo*. — Quando estou me levantando para ir, sinto-a esticar o braço e segurar-me pelos dedos. Franzo a testa virando para a cama e ela se senta.

— Eu não quero que vá.

Balanço a cabeça e me sento na cama.

— Queria poder não ir.

Ela assente e me abraça bem forte.

— Não fica assim — falo baixo afagando suas costas. — Eu já prometi que vou me cuidar, que vou voltar para vocês.

— Mesmo assim, não deixo de ficar apreensiva. — Afasta-se e fito meus olhos. — Tem algo que você não quer me contar.

— É impressão sua. Não tenho nada para te contar.

— Mesmo?

— Sobre minha ida, não e nem tudo eu posso contar para você. Você sabe disso.

— Sim, eu sei disso, mas é só um pressentimento.

Balanço a cabeça e fixo nosso olhar.

— Escuta, não quero que você fique pensando essas coisas. Você sabe que eu preciso agir extremamente violentos, às vezes, e não quero que você saiba.

— Acha que não vou conseguir lidar com isso?

— Não, não é essa a questão. — Respiro fundo, foco em suas mãos mexendo na ponta da minha gravata antes de prosseguir olhando em seus olhos. — Quando eu olho para você, quando eu te beijo e, quando estou com você, não quero lembrar de como eu sou mau e posso ser tão violento e cruel. Quero que toda essa parte de mim fique distante de você, pois é boa demais para ficar tão perto dessa sujeira toda.

— Mas eu sei que ela existe e mesmo assim te amo. Eu sou forte, Travis.

— Nunca disse ao contrário.

— Não sou uma menininha boba. Já matei um homem para sobreviver. Não sou tão pura quanto você fica falando.

— *Mi angele*, eu sei disso — concordo com um aceno. — Você é uma fortaleza e, quando disse que você é uma rainha, é mesmo e agora eu preciso que a minha rainha fique em casa e me espere, tudo bem?

— Hum... — resmungo, mas assente que sim.

— Nesse momento, eu quero que você cuide de tudo, está me ouvindo?

— Tudo?

— Enquanto eu for nessa missão para resgatar o Dario, você é dona de tudo.

— E o Colen?

— Ele vai junto comigo e o Paolo também. Então, eu só confio em você para cuidar de tudo.

— Você não está se despedindo? — Sua voz ganha um tom desesperado e choroso.

— Não mesmo, querida. — E beijo sua boca vigorosamente. — Eu apenas estou lhe dizendo que é a dona da *porra* toda e que precisa estar firme. Eu vou voltar para você e, enquanto isso, seja uma rainha sábia.

— Eu prometo que vou.

E nós nos agarramos em um beijo eufórico e alucinante. Não era para levar mais tempo aqui, contudo, quando ela me derruba na cama, não tem jeito. Nós transamos com um toque de desespero e promessas. Beijo cada centímetro do seu corpo, principalmente sua barriguinha ainda reta. Deixo minha marca no seu ombro de novo e quando gozo quase lhe digo as palavras que sei que ela precisa ouvir de mim.

Eu *com certeza* irei sempre voltar para ela. Se monstros recebem redenção em alguma altura da vida, Madeleine Lozartan é a minha.

V I N T E & S E T E

Madeline

Acho que em um primeiro momento descobrir sobre a gravidez foi um susto e logo depois veio o medo. E nem é a questão do mundo que vivo e da guerra que estamos. Sei que ela está por um fio.

O medo é de ser mãe de primeira viagem. De não saber como criar e cuidar de um bebê. De toda a preocupação da maternidade. Tenho medo das coisas normais e que qualquer mulher sente. Receio da saúde do bebê, de ele nascer com alguma doença. Medo de não ser capaz.

Depois de toda essa fusão de sentimentos, tem minha preocupação de ser um menino. Eu sei que ele vai passar por tortura, ter a carga da responsabilidade que é ser o sucessor do seu pai. *Dio mio*. Embora, se for uma menina, ela terá força e poder de qualquer forma. Ela será a filha de Travis Lozartan. *Capo del capi* da *Lawless*.

O meu coração fica pequenininho em pensar em todos os meus filhos. Coloco a mão em cima da minha barriga, ainda plana e sem nenhuma prova de que tem alguém aqui crescendo, alguém que eu já amo.

— Não importa, bebê. A mamãe vai cuidar de você enquanto eu puder — murmuro fazendo carinho na minha barriga.

Erga a cabeça, respiro fundo e me viro para dentro de casa. Luigi me olha de cima a baixo de um jeito estranho.

— O que houve? — FRANZO a testa.

— Nada, senhora.

— Você mente muito mal para um soldado. Fala logo o que é — digo, senão ele ficará remoendo olhando para mim de um jeito estranho e... — Ah... já sei. Travis falou com você.

— Sobre?

— Sobre eu estar grávida. Para de dar voltas. Não me trate como

imbecil porque eu não gosto.

— Eu jamais farei isso com a senhora. — Engole em seco. — Me desculpe.

— Tudo bem. Me ignora. — Rio sem jeito e dou de ombros. — Eu não sou de falar assim. Ando um pouco estressada.

— Imagina, senhora. Sem problemas, e parabéns.

— Uhum. — Cruzo os braços. — Agora me diz o que o Travis falou com você.

Luigi tenta fugir de mim, tentando disfarçar.

— Que preciso ficar de olho em você. Na senhora — ele se corrige rápido.

Respiro fundo e abro um sorriso condescendente.

— E por acaso você já não faz isso?

— É, mas agora eu vou ficar de olho em dobro.

— Então na hora de eu tomar banho e dormir também?

— Jamais, senhora.

— Ai, por favor, para de me chamar assim. — Dou quase um grito no final. — E desculpa de eu ser grossa, mas é que estou estressada e você vai ficar me chamando de senhora a cada cinco sílabas. Qual o seu problema hoje, Luigi?

— Me desculpa. Não queria aborrecê-la.

— Para que essa formalidade toda? Me sinta a rainha da Inglaterra. — Faço careta.

Ele tenta não rir, mas não consegue e acabo voltando a gargalhar.

— Desculpa, senhora. Não foi minha intenção.

— Tudo bem, Luigi. Você é sempre muito educado. Sou que estou nervosa.

— Está assim por causa do senhor Travis? Ele vai ficar bem.

— Sei disso, mesmo assim só vou ficar feliz quando ele estiver em casa e Dario. Quando essa guerra toda acabar e ele matar o Ivon e todos os homens dele. E não estou nem aí se isso me põe como um potencial candidata ao inferno.

Ele dá um riso irônico e ergue as sobrancelhas.

— Acho meio difícil alguém no nosso mundo não ir para o inferno. Com todo respeito.

— Não precisa falar assim e você tem razão. Eu sempre pensei isso. Todos nós, por mais que não façamos parte diretamente, estamos envolvidos

e somos cúmplices. Você faz parte, mesmo que necessariamente não aperte o gatilho.

— Preciso concordar.

— Enfim, vou na cozinha agora. Se você quiser pode vir — brinco.

— Vou tentar fazer rosquinhas coloridas.

Não conto para ele que estou com *muita* vontade de comer rosquinhas e acho que é o meu primeiro desejo de grávida.

— Marinne já está acordada? — pergunto quando entro na cozinha.

— Sim, senhora, mas ela preferiu ficar no quarto.

Esse não é o seu normal. Para os meus passos e viro-me para ele.

— Eu vou lá ver como ela está. Enquanto isso, você pede para Marie Rose pegar os ingredientes para o bolo. Ela está no jardim.

— Sim, senhora.

Abro um sorriso e troco meu caminho. Subindo as escadas vou para o quarto Marinne. Dou dois toques na sua porta antes de abrir.

— Olá... — Tento ser engraçada para animá-la.

— Oi — responde e ela está de um jeito tão tristonho, que fico chateada.

— Ei, meu amor. O que houve, Marinne? — pergunto chegando perto e sentando-me na sua cama. Tiro o cabelo dos seus olhos. — Você precisa cortar essa franjinha, hein. Já está batendo nos seus olhos.

— Eu sei — murmura.

— Por que está desanimada?

— Porque Travis precisou ir de novo.

Dou um suspiro e preciso concordar. Ter que vê-lo partindo de novo doeu profundamente e ouvir Marinne falar agora, aperta meu coração.

— Eu realmente entendo, querida, mas ele precisava ir. Você não quer que o Dario volte?

Seus olhos se arregalam.

— É claro que quero! — responde de cara feia olhando para mim e eu acho graça. Ela é muito fofa para fazer cara feia.

— Então a gente precisa aceitar que Travis teve que ir para poder trazer o Dario de volta. Eu também não queria que ele fosse.

— Não?

— Vai por mim, eu preciso muito de seu irmão por perto agora.

— Por quê? — Ela se mexe na cama, projetando o corpo todo para mim, dando total atenção. — Aconteceu alguma coisa?

— Eu tenho uma coisa para te contar.

— O que é? — Seus olhos se arregalam.

— Eu estou grávida.

— É sério?! — Instantaneamente o humor dela muda para felicidade.

— Sim, é verdade.

— Oh... que legal! — exclama ajoelhando-se na cama. — Quando vocês souberam? Foi hoje? Por isso que o médico veio aqui?

— Sim, foi hoje e por isso que o médico veio. — Quando eu digo que ela é a pessoa que tem mais informação nessa casa, não estou brincando. Minha monstrinha.

— Já sabe quanto tempo e o sexo?

— Só sei que são dez semanas. Não dá para saber ainda.

— Dez semanas? Você é casada com meu irmão quase isso. É normal?

— Eu sei, querida. — Prendo a vontade de rir. Ainda não é o momento de explicar a ela como os bebês são feitos e, por incrível que pareça, eu lembro perfeitamente a noite que fizemos esse bebê.

— O bebê foi feito antes do casamento?

Agora eu me arrependo. Com certeza deveria ter mentido para ela o período.

— Eu acho que a conta está errada. Eu nem me senti mal antes disso e falta apenas quatro dias para completar dez semanas de casamento. Acho que a conta do médico está errada.

— Talvez seja isso.

— É — afirmo pondo fim nessa conversa.

— Estou muito feliz! — Me abraça bem forte. — Eu vou ser titia.

— Você está mais para irmã, mas tudo bem.

— Você acha? — pergunta com a vozinha tão doce.

— Eu sei que no papel de parentesco, no sangue, você é tia dele ou dela... — Suspiro. — Mas o jeito que Travis criou você e até mesmo o jeito que eu cuido de você, é muito mais para irmã do que qualquer outra coisa. Então... você pode ser uma tia-irmã postiça.

— Eu vou. — Ela me abraça de novo e parece que está se aconchegando em meus braços.

Faço carinho nela e fecho os olhos.

Travis vir para casa, fazer uma sessão de sexo comigo foi bom e até terapêutico, mas sua irmã continua sentindo saudade, aflita e carente. Eu

preciso ser muito atenciosa com ela e, nesse momento, percebo que preciso fazer mais carinho nela. Minha doce menina.

Acho que não estou tão nervosa para ser mãe por causa dela e sei que Travis vai se sair muito bem. Ele conseguiu criar uma menininha incrível que eu amo tanto. Eu não tenho como ter medo se ele estiver ao meu lado.

Afastando-me, beijo seu rosto e digo toda animada:

— Estou pensando em fazer rosquinhas coloridas iguais as da padaria.

— Ainda tem bolo do meu aniversário.

Eu rio assentindo.

— Menina esperta.

— Não fala comigo como se eu tivesse cinco anos! — reclama me olhando nos olhos e franzindo a testa. Tão parecida com Travis de cara feia. — Eu não tenho mais cinco anos.

— Não, não tem. Já é uma mocinha de quinze anos, que é muito mimada, às vezes.

— Não sou não.

— É sim, senhorita.

Ela respira exasperada, mas é brincadeira. Levantamo-nos da cama e saímos do quarto, fechando a porta falo:

— Eu quero fazer rosquinhas para a gente tomar café. O seu bolo está cheio de recheio e glacê. Não dá para tomar café com aquilo.

De repente vira-se para mim na escada.

— Será que você está com desejo?

Dou uma risada feliz e assinto.

— Provavelmente.

— Ah! É o seu primeiro desejo. — Ela sorri.

— Provavelmente.

— Então vamos correr, senão o neném vai nascer com cara de rosquinha.

Dou uma gargalhada e me sinto leve, feliz e acho que vou aguentar dois ou três dias, talvez uma semana sem Travis de novo.



— Você já falou com a Bárbara? — Marinne pergunta quando a gente

está comendo nosso café da manhã: as rosquinhas que acaba de sair do forno com o café que a Marie Rose fez.

— Eu ainda não tive tempo de ligar para ela.

— Eu acho que ela vai ficar muito feliz.

Concordo e bebo um pouco do café com leite e gelo. Luigi mandou trazerem da cafeteria esse. Estava morrendo de vontade de beber isso. Estou intercalando entre o café preto da casa.

— Sabe quando ela vai voltar?

— Não tem previsão ainda de quando vai voltar, mas acredito que em breve, pois terá o casamento dela.

— Ela vai se casar com o Enzo?

— Como é que você sabe disso?

Fica envergonhada e baixa os olhos, não querendo se entregar.

— Ouviu atrás da porta de novo?

— Dessa vez, eu juro que foi sem querer. Eu ouvi você falando com ela e, sendo bem sincera, o jeito que ela olha para Enzo não dá para disfarçar. Ela gosta dele.

— Como sabe disso?

— Ela olha para ele igual você olha para o meu irmão.

Rio balançando a cabeça.

— É verdade. Ela gosta do Enzo.

— Ele gosta dela também?

— Acredito que.... pode haver um interesse, senão ele não teria aceitado a proposta.

— Como assim?

Respiro fundo porque sempre falo além do que deveria com ela.

— Foi Travis que convenceu o pai da Bárbara a fazer a sugestão de Enzo pedi-la em casamento. E como seu irmão acabou de dar o posto de *General* para Enzo, e talvez ele se torne um *subchefe*, é quase que esperado ele casar e ter sua família.

— Travis que deu a ideia?

— Não, eu fui a pessoa que ajudou. Dei um empurrãozinho para o seu irmão falar com Orazio e assim eles falarem com Enzo para propor o pedido.

— Foi como o meu noivado? Estratégico?

— Sim e não. Eu fiz isso porque sei que a minha amiga gosta muito dele e que Enzo é um bom rapaz. Foi uma coisa boa para os dois. Assim eu espero.

— Tomara que no final ele goste dela também.

— Com certeza.

— Assim como meu irmão gosta de você — seu comentário causa borbulhas no meu estômago, como se eu fosse uma adolescente boba.

— Você não acha que Travis está apaixonado por você?

— Não é isso.

— Eu sei que ele não é de falar de sentimentos, mas o conheço a vida toda e sei que ele gosta de verdade de você.

— Acho que você está certa, mas vamos esperar que ele fale. Não quero colocar essa pressão nele. *Homens feitos* geralmente não são nem um pouco sentimentais. Então, eu só vou continuar amando o seu irmão e procurar fazê-lo feliz como ele me faz.

Isso não há problema em falar com ela, principalmente porque sinto que ela almeja afeição de todos e não sei se Amândio será capaz de se apaixonar por ela. Mesmo que Marinne seja maravilhosa, não é garantia de absolutamente nada.

Ela sorri de um jeito fofo e assente.

— Fico feliz que ele encontrou alguém como você. Não consigo imaginar outra pessoa ao lado de Travis — comenta como uma jovem adulta.

Ah... eu não gosto de vê-la adulta demais.

— Muito menos eu. — Recupero o humor entre nós.

Soltamos uma gargalhada juntas e voltamos a comer. Escutando alguém limpar a garganta, viro-me para ver Luigi.

— Senhora, seu telefone.

Levanto-me, pego o aparelho das suas mãos ouvindo-o comunicar:

— É a senhorita Bárbara.

— Obrigada, Luigi. Vou falar com ela e, enquanto isso, faça companhia a Marinne.

— Vem comer bolo.

Ele faz um aceno cordial com a cabeça e passa por mim, entrando na cozinha enquanto saio.

— Sim, senhorita.

Afastando-me escuto Marie Rose soltar uma risadinha. Dando de ombros sigo para cima.

— Oi. Como você está?

— *Morrendo de saudade do calor insuportável de Las Vegas* — responde Bárbara e fecho a porta do quarto.

— Você sempre reclamou do calor abafado daqui — debocho porque é divertido zoar com a cara dela.

— *Eu não estou reclamando.*

— Se ficar falando essas coisas, vou desligar.

— *Você não tem coragem de desistir de mim.*

— Eu acho impossível desistir de você. É bonita demais com esses cabelos de fogo rebeldes e o sorriso sacana. Você vai enlouquecer Enzo. — Em todos os sentidos.

Sento-me na ponta da cama.

— *Madeleine Lozartan. Por que essa felicidade toda?*

Respiro fundo e respondo sorrindo mesmo que ela não possa ver:

— Eu tenho uma coisa para te contar.

— *Você está grávida?*

— O quê? Como? — murmuro espantada. — Como é que você sabe?

— *É porque sou vidente. Vi mais cedo na minha bola de cristal.*

Dou uma risada alta, balançando a cabeça e me levanto indo até a varanda do quarto.

— Você não tem jeito, sabia. — Sinto-me leve em conversar com minha amiga. — Sim, eu estou grávida e muito feliz.

— *Ah, eu não acredito! Parabéns, amiga!*

— Obrigada.

— *Com certeza vai ser o bebê mais bonito de Las Vegas. Eu já disse que vocês têm genes parecidos? Vocês poderiam ser irmãos. Mesmo tom de pele, da mesma cor dos cabelos e os olhos são azuis penetrantes e intensos. Os de Travis são mais escuros. Esse bebê vai ser lindo.*

— O seu também. Principalmente se puxar a cor dos seus olhos e a cor do pai. Será difícil resistir.

— *Ah! Se eu tiver uma filha e você um menino, ou vice-versa, eles podem namorar e se casar.*

— Eu não irei me opor. — Rio com essa ideia.

— *Isso se não tiver planos para ela igual ao noivado da Marinne.*

— Ah... — Suspiro alto. — Eu não quero pensar sobre isso agora. Ainda nem tive esse filho, que não sei se é uma menina, e você já quer casar minha filha e criar um compromisso com outra *Famiglia*? Sinceramente, eu não quero pensar sobre isso tão cedo. Mal estou preparada para o casamento de Marinne.

— *Eu sei. Foi mal. Enfim, parabéns pelo bebê. Posso ser a*

madrinha?

— É claro e o Enzo, o padrinho.

— *Nossa! Ele vai se casar comigo, em um quase pedido de Travis e agora será o padrinho do bebê do Capo dele. Eu acho que ele vai enfartar.*

Preciso concordar com ela e completo:

— Já sabe que Travis o promoveu a *General*?

— *Ai, meu Deus! É sério?*

— É sério e eu acho que, em breve, ele vai ser um *subchefe*.

Escuto-a suspirar parecendo feliz e ansiosa.

— *Isso seria bom, não é?!*

— Seria formidável.

— *Eu não irei mais me casar com um simples soldado. Sim, com um homem com um cargo importante na Lawless.* — Faz uma longa pausa. — *Isso quer dizer que eu também serei importante...* — Suspira alto. — *Você sabe o que isso significa?*

— Que você vai ter que ficar mais sofisticada e com certeza policiar as coisas que pensa em voz alta. Não vai poder fazer tudo que dá vontade.

Ela fica alguns minutos em total silêncio e eu em uma espera ansiosa.

— Escuta, você vai se sair bem, Bárbara. Sem contar que já deveria ter pensado assim.

— *Eu sei* — diz muxoxa.

— Enzo é muito importante para Travis. Sempre foi e eu quero que você entenda. Ele, seu futuro marido, tem que gostar de você do jeito que é e te respeitar, mas, às vezes, não há mal algum em ser uma boa garota.

— *Tudo bem. Eu já estava pensando em ser mais comedida... de vez em quando.*

— Você tentou isso a vida toda e não conseguiu.

— *É, mas agora preciso me esforçar. Não sou mais criança também. Preciso crescer e ser uma mulher exemplar.*

— Que gosto tem essas palavras para você?

— *Amargo.*

Dou uma risada tão forte, que preciso me sentar na poltrona que tem no canto do quarto e respiro fundo para me acalmar.

— Você é demais, sabia.

— *É... eu sei. Eu sei.* — Ela ri e eu também. — *Okay, agora me fala sobre o bebê. Como você está se sentindo?*

— Feliz, animada e... muito nervosa também.

— *Acho que você vai ser uma mãe maravilhosa.*

E a conversa segue por aí além de coisas simples. Precisamos distrair a mente nessa guerra e Bárbara de estar enlouquecendo em um lugar que não queria ir. *Dio mio*. Lembrei-me do que Marinne falou sobre minha amiga em Los Angeles e o casamento e Enzo. Essa menina é a caixa preta dessa casa.

VINTE & OITO

Travis

— Acha que meu objetivo é FALHAR?! — grito com Colen.

— O seu plano é uma merda!

Jogo longe o copo que eu bebia uísque. Puta que pariu! Eu não suporto mais. Não posso mais aguentar essa pressão de Colen.

Eu precisava mesmo do tempo que passei com Madeleine, mesmo com o resultado da gravidez me pegando completamente de surpresa e toda a preocupação, foi bom. Eu já não estava me aguentando de tanto tempo longe dela e ver esse *balcão* infeliz.

— É o único jeito de trazer Dario.

— E se você morrer? — Ele ri alto. — Acha que estou pronto para suceder você?

— É uma merda você apenas pensar que irei fracassar.

— Não consigo fingir que seu plano é formidável. Desculpe, irmão — ele ironiza e sai do recinto.

— Sabe que ele não está totalmente errado, não é? — Paolo diz.

Cansado do assunto, levanto-me e encaro meu *Consigliere* antes de sair também.

— Me dê soluções.

Sigo para o andar de cima e entro no quarto que usei nos outros dias. Minhas coisas ainda estão aqui. Fechando a porta, pego meu celular e percebo que já está chegando o momento, e decido ligar para Madeleine. E mal toca duas vezes e ela atende:

— Oi, amor — ela fala toda animada.

— Oi. O que você está fazendo?

— *Agora estou falando com você, mas dois minutos atrás com a*

Bárbara.

— Claro que você já contou para ela.

— *Sim, ela é minha melhor amiga e contei também para a sua irmã, que é a minha outra melhor amiga. Minha pequena melhor amiga.*

— E o que ela disse?

— *Ela ficou muito feliz e já faz planos com o sobrinho.*

Concordo com um aceno de cabeça mesmo que ela não possa ver.

— *E com você. Está tudo bem por aí?*

— Está sim e com você?

— *Está tudo bem. Normal, amor.* — Solta uma risada. — *Não faz nem quatro horas que você saiu.*

— Sim, eu sei.

— *Uhum... — pausa. — Você me ligou por algum motivo específico?*

— Só queria ver como é que você está.

— *Bem... estou bem e acho o cérebro humano incrível, porque agora que eu sei que estou grávida, sinto uma fome desenfreada e acho que a preguiça veio para ficar.* — Ela solta uma gargalhada.

— Você precisa descansar.

— *Eu sei e vou daqui a pouco, depois que desligar o telefone. Vou tomar um banho e dormir.*

— Isso é bom.

— *Uhum... é.* — Pausa suspirando e pergunta: — *Quando é que você vai voltar?*

— Eu não sei. Daqui a dois dias ou três — respondo não querendo pensar no que pode dar de errado, porque nada vai dar errado.

— *Tudo bem. Eu vou esperar você* — assim que a ouço falar isso, alguém bate na porta e entra.

Paolo me encara bem sério. Merda!

— Não espera acordada não.

— *Pode deixar, amor.*

— Cuida de tudo, está bom. Você é a senhora deles todos.

— *Uhum.*

— Okay, tenho que desligar.

— *Tudo bem. Eu te amo, está bem. Lembre-se disso.*

Eu nunca esqueço, ela não tem ideia. Eu sinto vontade de dizer para ela aquelas palavras, mas como sempre elas se estrangulam em minha garganta.

— Se cuida. Tchau.

Tentando não destruir o aparelho, largo em cima da cabeceira e sento-me na cama colocando as mãos na cabeça, apoiando os cotovelos nos joelhos

— Por que você não diz para ela o que sente? — Escuto a voz de Paolo e levanta a cabeça. Tinha até esquecido dele aqui.

— O quê?

Ele ri com sarcasmo sombrio.

— Você me entendeu — responde e fica mais perto, colocando as mãos nos bolsos e me encara. — Por experiência própria, se eu fosse você, diria para ela que a ama. Se algo acontecer com você nessa sua missão impossível... e você não disser para Madeleine o que sente vai se arrepender.

— Que papo mais meloso é esse?

— Não vem com essa não. Não faz o *bad boy* revoltado porque eu falei isso. Não faz seu estilo.

Arfo com força e me levanto, indo até as janelas. Observo a chuva torrencial que está caindo ouvindo Paolo atrás de mim.

— Você sempre assumiu tudo que faz e sente. Você assumiu seus irmãos quando era muito novo e sem ter motivos para isso. Ninguém te obrigou a cuidar deles — fala calmo. — Foi simplesmente o seu instinto de querer cuidar deles. E você sabe que ama seus irmãos, mesmo que talvez nunca tenha dito para nenhum deles. E eles sabem a mesma coisa e sentem o mesmo.

— O que é todo esse sentimentalismo? — pergunto virando-me para ele.

— Eu perdi a minha esposa sem nunca dizer para ela o que ela era na minha vida e agora eu vou ver você fazer algo que é além da sua vingança pela sua esposa.

— Agora você está falando baboseira. Eu vou encontrar Ivon porque quero meu irmão de volta.

— Não é apenas isso. Sei que está fazendo de tudo para resgatar Dario, mas você está fazendo isso tudo pela Madeleine, só não enxerga isso porque não quer. Acho que você sente algo por ela desde o início.

Fecho a cara e passo por ele, ignorando-o.

— Não sei por que, mas desde o início você quis resgatá-la, insistiu em mantê-la a salvo e levar para dentro da sua casa. Se fosse com outra pessoa, você colocaria em qualquer lugar. Talvez em um hotel, em outra cidade e bem longe. Você poderia ter feito isso ou mandado ela para a Sicília

sem pensar duas vezes. Porém, sua primeira opção foi levar para dentro da sua casa e perto da sua irmã, que você tem um cuidado redobrado. Por algum motivo, desde o início vocês estavam entrelaçados. Você lutou por ela, para ficar e se casar com ela. Brigou comigo e matou dez homens sozinho em uma noite porque estava deprimido. Eu nunca soube o que houve naquele período, mas sei que teve alguma coisa a ver com ela.

— Para de falar.

— Não vou, Travis. Se eu tenho uma coisa da qual me arrependo profundamente nessa vida, é de não ter dito para a Mia que eu a amava. Eu a vi morrer de um jeito brutal nessa guerra, que não tinha nada a ver com ela. Esse é o nosso mundo e estou te falando isso como um amigo e te aconselhando. Eu te conheço desde pequeno. Sou quase dez anos mais velho que você e tenho muita experiência, então fala para ela o que você sente antes de entrar naquele carro e colocar tudo a perder.

— Eu não vou morrer, merda! Não posso. Não agora.

Paolo ergue a sobrancelha, questionando-me. Solto a respiração e cerro a mandíbula.

— Madeleine está grávida.

Os olhos dele se arregalam.

— Essa é uma informação que você já deveria ter falado para mim.

— Soubemos ontem. — Não o encaro. — Ela está de dez semanas e, se eu contar tudo o que você está dizendo que sinto para ela agora, com certeza vai deixá-la ainda mais apreensiva. Madeleine vai achar que tem algo errado. Tive muitas chances para conversar sobre sentimentos e não fiz.

— Tem certeza de que prefere ignorar e ir nessa missão sem falar com ela?

— Sim, eu tenho. — Sento-me na beira da cama e foco no chão. — A situação já é complicada e vai por mim — o encaro —, uma hora ela vai saber o que estou fazendo e não quero que corra nenhum risco. Nem meu filho. Deixa do jeito que está.

Ele fica um bom tempo me olhando em silêncio e eu perco a paciência. Levanto-me e saio do quarto deixando-o para trás.

— Você acha que ela não vai sentir nada quando souber? — Ele vem atrás de mim no corredor. — Acha que ela vai pensar que é da boca pra fora se falar agora?

Paro meus passos e me viro.

— Paolo, chega.

— Você sabe que é mentira. É inteligente demais para acreditar até mesmo na sua teoria. — Chega mais perto. — *Aquela mulher* é muito inteligente para pensar isso, assim como você. Madeleine já deve ter percebido e por educação, e pelo amor que nutre por você, visivelmente, é que ela não fala nada.

— Está bem, já chega. — Volto a andar no corredor. — Para com esse assunto.

— E você trate de não se arrepender depois. — Quando ele fala isso, paro os meus movimentos e o encaro. — Eu me arrependo todo dia de nunca ter dito para a Mia que eu me apaixonei por ela e não quero isso para você. Eu estou te dizendo uma coisa que nunca contei para ninguém, nem para a pessoa que merecia isso. Será que você não entende?

— Paolo, eu...

— Travis, você é capaz de amar. Você ama seus irmãos e você tem compaixão quando é preciso. Você é quase um ser humano, muitas vezes, e eu sou mais frio e calculista, e mesmo assim abri mão de muitas coisas pela Mia. É apenas um conselho. Se não quiser segui-lo, é o seu critério.

— Não me coloque nessa posição, Paolo. Eu sinto muito pela sua perda. Talvez eu não tenha falado o quanto eu sinto muito, mas essa história toda, essa conversa, é desnecessária. Não estou dizendo que não sinto nada pela Madeleine e que ela é insignificante. Na verdade, é muito importante e eu quero que todos a respeitem. Mas essa coisa de sentimentos, se um dia eu ousar cobiçar, pode ter certeza de que a única pessoa que saberá vai ser ela. Eu não sou desumano e nem uma casca oca. Essa coisa de sentimentalismo, francamente, eu não preciso disso agora. Mas eu te agradeço por se abrir comigo.

— Confio no seu caráter de julgar as coisas e estou ao seu lado, como um apoio, muito mais do que para te aconselhar. Você sempre sabe o que fazer e geralmente acerta. Se você quer assim, tudo bem. Mas saiba se conhecer por dentro e ver as oportunidades. E essa conversa nunca existiu — afirma com vigor.

— Com certeza nunca existiu — repito e o vejo pegar o caminho oposto, entrando no seu quarto e eu viro seguindo para baixo.

Ele está certo. Eu deveria ter falado para Madeleine há muito tempo o que sinto, mas no momento não posso pensar nisso. Não dá. Eu sei o que ela é para mim e como me transforma, e preciso ser brutal agora. Ela é minha fraqueza e nesse momento tenho que ser o Travis *Capo* e cruel. Garantir que

eu volte para ela como prometi.



Antes de ir, eu preciso fazer duas coisas. Uma delas é falar com a filha de Ivon. Entro no quarto onde ela está e a vejo de cabeça baixa puxando um fio solto do lençol que cobre suas pernas.

A menina levanta a cabeça e seus olhos me encaram, frios e temerosos. Por mais destemida que ela tenta parecer, existe o medo mortal em suas íris verdes. Aproximo-me dela, agachando e ficando na altura do seu rosto. Ela recua e se encosta na parede.

— Não precisa ter medo de mim. Já lhe disse isso.

Ela assente, mas não diz nada.

— Estou indo me encontrar com seu pai.

— Para quê? Vai me soltar? — O jeito que pergunta isso não parece ansiosa para reencontrá-lo. Com certeza, ela quer sua liberdade de volta, mas não cobiça voltar para o vínculo do seu pai.

— Hoje vou trocar seu irmão pelo meu.

— Acredita mesmo que ele vai fazer isso?

— Se ele não cooperar matamos seu irmão e não soltamos você nunca mais. — Solto as palavras duramente. *Para que mentir?*

Kira encara-me com desdém. Como se não desse a mínima.

— A morte do seu maldito e desprezível pai está por vir, criança.

— Foda-se! — ela solta.

Eu engulo em seco, reprimindo minha surpresa.

— Foda-se a sua vida também?

— Que vida? — cospe fazendo uma expressão de puro nojo.

— Então eu posso te matar agora? — Puxo seu braço e minha faca dentro da bota, os movimentos sincronizados e rápidos.

Ela prende a respiração e os olhos nos meus, criando um duelo. Coitadinha. Pensa que é capaz de fazer eu voltar atrás. Se eu realmente quisesse matá-la, se fosse benéfico, faria.

— Posso? — Toco sua pele com a lâmina. O ódio percorre meu corpo como oxigênio e preciso me controlar.

— Acha que dou a mínima? — Ela respira fundo. — Acha que *ele* dá a mínima para mim? Não valho nada para ele.

— Se é assim — digo e levemente cravo a lâmina em seu pulso e, quando o vermelho sangue mancha a cor alva, paro e me afasto em uma velocidade sobre-humana. Inspiro e expiro com força pelo nariz.

A compreensão reflete em seus olhos verdes, que ficam marejados rapidamente.

— Conversaremos depois — falo e me viro para sair.

Não antes de ouvi-la dizer em russo: *Se puder corte a cabeça*. Que graças ao meu avô entendo muito bem.

— Yesli mozhno golovu otrubit'.

Apenas dou-lhe um aceno e saio fechando a porta.

— Não permita que mais ninguém a veja antes de eu voltar.

— Se voltar — Colen murmura e eu perco a paciência total.

Avanço no meu irmão até arrastá-lo para dentro do quarto ao lado, que tinha a porta aberta, e lhe acerto um soco no estômago. Apenas uma punição.

— Porra! — ele tosse se desvencilhando de mim.

— Não fode, Colen!

— Não fode você, Travis! — Dá um empurrão no meu peito. — Está fazendo isso por nada.

— Acha que eu não tenho necessidade de fazer de tudo para trazer nosso irmão de volta?

— Você sabe que não é só por causa disso que está colocando a sua vida em risco.

Encaro-o em silêncio.

— Está fazendo isso porque o Ivon disse que Madeleine era uma puta e que seria de todos, que ela é dele. Está fazendo isso por vingança, por Edgar. Porque não conseguiu matar aquele filho da puta. Você está colocando tudo a perder. Será que vale a pena?

— Eu te respondo depois.

Meu irmão solta a respiração balançando a cabeça, colocando a mão na testa, parece exasperado com a minha decisão. Eu o entendo e, se tivesse outra opção, com certeza eu faria; e, no fundo, o que ele disse é verdade. Eu não pude matar Edgar por essa guerra, pelas atrocidades que ele cometeu, pelo que ele iria fazer com Madeleine. E, quando eu estiver lá, vou cortar a cabeça de Ivon pensando que é Edgar e todos os homens que me traíram por causa de alguma aposta que ele fez.

— Eu sou o *rei* dessa porra, Colen, e alguns momentos é preciso se

colocar em xeque, para vencer esse jogo.

— Isso não é apenas um jogo de tabuleiro! É a sua vida! Eu não estou pronto para ficar no seu lugar.

— Você não ficará no meu lugar — nego com um aceno. — O meu filho vai ficar.

Ele franze a testa sem entender. A expressão no seu rosto muda de raivosa para conflitante.

— Madeleine está grávida. E o meu sucessor está dentro dela e você vai cuidar para que, enquanto eu estiver longe, tudo fique bem. Você ficará no meu lugar sim, talvez alguns dias ou horas.

— Você está sendo muito otimista.

— Eu confio na minha raiva. Você deveria também.

— Nunca duvidei de você — diz entredentes e chegando até a mim, ficando cara a cara. — Jamais ouse dizer que eu não confio em você. Sou o que sou por sua causa. Talvez é por isso que eu temo te perder para essa guerra. Las Vegas não vai ser mais o que é se você morrer. Até mesmo quando o pai estava vivo, você já fazia parte da grandeza que é o nosso território.

— E vai continuar sendo assim. Eu vou voltar. Eu *preciso* voltar.

Algo parece restabelecer dentro de Colen e ele assente e estende a mão para mim, que eu aperto firme.

— Você nunca quebrou uma promessa.

— Essa não vai ser a primeira.

— Tudo bem — murmura. — Vamos acabar com esses desgraçados.



O esperto do Ivon acha que está armando uma tocaia para mim. Eu conheço Nevada como a palma da minha mão.

Ele marcou o encontro no lugar mais deserto possível. Não existem fábricas ou nenhum posto de gasolina. Não conseguimos nem ver o potinho de luz de Las Vegas. Estamos muito longe de casa e mesmo assim eu sei onde estamos. Como um forasteiro que conhece o mapa pelas estrelas, eu reconheço minha cidade de qualquer lugar.

O carro para nas areias do deserto de Nevada e eu sou o primeiro a sair, seguido de Paolo, Solo, Luca e o outro soldado. Colen não veio. Minha

carta na manga não podia vir. Ivon não queria muitos homens, mas eu não viria sozinho. Muito menos ia aturar Yuri dentro do carro. Não ia dar certo.

Vindo em alta velocidade, dois carros grandes param fazendo bastante poeira a uns dez metros de distância de nós. Ele podia estar em Seattle que eu iria acertar uma bala na testa dele. O pensamento brota quando o vejo sair do carro de trás.

Dou os primeiros passos, ficando mais perto e ele também. Não o suficiente para que eu possa estrangulá-lo.

— Pensei que você ia desistir do trato.

— Diferente de você, sou um homem de palavra.

— Está parecendo essas mulherzinhas que falam algumas coisas para ver se a gente fica sensível. Estou pouco me fodendo se você acha ou não que eu tenho palavra.

Apenas ergo a sobrancelha, não querendo assunto.

— Cadê o meu irmão?

— Cadê o meu filho?

Olho para trás dele e vejo três dos seus homens com armas apontadas para mim e meus soldados. *Bene*, eu não queria botar em prova quem é melhor agora. O plano não é esse.

Levanto a mão e faço o sinal para Paolo e mantenho a expressão raivosa e os olhos compenetrados quando escuto a porta do carro abrir e uma reclamação. Ivon muda a postura vendo o filho e eu espero que seus homens tragam o meu irmão.

— Cadê o meu irmão?!

— Calma, Travis — diz com seu sorriso debochado de ouro.

Queria poder arrancar a pele das mãos desse filho da puta.

Escutando o barulho ao meu lado, eu vejo, pela visão periférica, Solo e outro soldado arrastarem Yuri. Eu os acompanho levarem o *verme* até os pés do pai. Ivon espera meus soldados se afastarem para ordenar que seus capangas peguem o filho do chão e leve para dentro do carro. Solo não dá as costas e, passando por mim, toca meu ombro e balbucia baixo:

— Ele não está com Dario. Plano B.

Faço um mínimo movimento com a cabeça e espero Ivon se concentrar em mim para falar:

— Meu irmão. Onde está? A parte que eu prometi do trato está feito. Cadê o meu irmão?

Ele dá uma gargalhada forte e enfia as mãos nos bolsos.

— Mudei de planos.

Se eu pudesse me encarar agora, tenho certeza de que meus olhos estão flamejantes.

— Eu quero a minha filha — ele solta rapidamente.

— Você não dá a mínima para aquela menina.

— Ela é minha filha! Eu quero minha filha — ele insiste. — E eu também quero a minha recompensa.

— Você quer o quê? — Dou um passo à frente e paro só porque me lembro de que preciso voltar para Madeleine e para o meu filho. Se eu entrar em duelo com ele agora, todos morrem por aqui mesmo.

— Se você não me der a minha filha e Madeleine, eu quero você. Hoje, no caso. — Abre um sorriso. — Então, quando eu tiver os dois, solto seu irmão e você.

Ele é muito ruim mentindo. Era mais fácil falar que depois ele me mata. *Está querendo isso há tanto tempo.*

O plano B era justamente se não conseguíssemos pegar Dario, era me deixar ser levado. Ir para dentro do seu *tabuleiro* e então eu descobriria todas as suas peças e o destruiria de dentro para fora. O bispo, a torre, o cavalo e o rei.

Ponho a minha mão para trás e faço o sinal que combinei com Paolo caso o plano fosse o que eles acham que é o meu suicídio. Posso sentir a decepção e revolta de Paolo, mas ele acata imediatamente entrando nos carros. Observo Ivon apurar a postura, principalmente quando dou alguns passos e chego até ele.

— Tudo bem, você me queria, você me tem, mas não se arrependa depois. Eu não sou um cara muito fácil.

— Não preciso que você seja fácil. Às vezes, a gente captura um tigre não para ser de estimação, mas porque a gente adora comer a carne.

Ah, seu desgraçado!

Colen

Escuto o barulho dos portões se abrindo, já que fiz questão de ficar na parte da frente do *balcão*, e saio apressado. Espero que pare para eu me aproximar. Solo e Luca saem primeiro. Eles passam por mim e os ignoro, meu foco é meu irmão. Porém, Paolo sai e nada do idiota.

— Cadê Travis?

Ele nega com a cabeça.

— E Dario?

— Plano B, Colen.

— Porra! — exclamo jogando as mãos para cima e depois colocando na nuca. Me agacho, sentando nos calcanhares e sinto minha pulsação acelerar. — Merda! Merda! Merda!

Está tudo errado, desde o momento que Travis me falou desse plano ridículo. É suicídio e espero que dê certo. Tem que dar certo. Eu não estou pronto para assumir seu lugar. Puta que pariu! Eu vou matá-lo, se já não estiver morto.

— Colen, presta atenção. Eu estou falando com você! — Paolo grita e eu me levanto, virando-me para ele.

— Diga, então, caralho! — Cerro a mandíbula. Estou por um fio.

— Você precisa liderar. Você é o segundo na linha de frente dessa *Famiglia*. Você tem que ser focado.

— Você acha que eu estou fazendo o quê?

— No momento surtando.

— Vai à merda! — Bato no seu ombro enquanto passo por ele e sigo para o salão principal do prédio onde ficamos. Essa fábrica falida e fedorenta. Olho para os caras jogando cartas e Solo pegando uma bebida e grito: — Saem. Vão matar algum filho da puta da *Bratva* ou aqueles mexicanos.

Eles se levantam e saem imediatamente. Paolo aparece e o vejo

fazendo um sinal para Luca quando pensa em entrar também. Esperto, ele desiste e o idiota do *Consigliere* vem até a mim.

— Esse é a melhor postura? Surtar?

— Não! Eu não estou surtando.

— Tudo bem, se você não está surtando, me escute. Tem algo que precisa saber, uma única coisa antes de você pensar em agir na ausência do seu irmão.

— Okay, você pode falar. Não tem problema, mas não fale do Travis como ele *foi* alguma coisa porque ele é. — Dou meu olhar penetrante a Paolo. — Ele é o *Capo* de todos nós. O chefe, o mestre, o Manda-Chuva de Las Vegas.

— Colen...

— Travis é meu irmão, mas eu o respeito como o meu chefe, meu superior e, para mim, ele está apenas – como ele mesmo gosta de falar em enigmas – sendo o cavalo de Tróia dentro no casulo de Ivon. A gente não pode dizer que aquele filho de uma puta tem algum tipo de território. Ele não tem nada e morrer com as mãos vazias. Como a Bíblia diz: “Do pó viemos, do pó voltaremos.” — Contraio a mandíbula, concentrando-me no ódio.

— Eu entendi, Colen. Na ausência de Travis é você que fica no lugar, por enquanto e preciso te dar uma informação muito importante.

— E qual é?

— A sua cunhada está grávida.

— Madeleine está grávida? — Ajo com surpresa, porque *caralho*.

— Sim, e eu pude confirmar depois que seu irmão me contou com o médico. Ela está com três meses. Umas dez semanas, o que é um pouco avançado e precisamos ter um cuidado redobrado com ela.

Dez semanas?! Faço mentalmente um cálculo rápido e isso quer dizer que ela engravidou um pouco antes do casamento. Tudo bem que eu já sabia que ela e Travis estavam juntos. Conhecendo meu irmão como eu conheço, ele não ia perder tempo e fazer todo o protocolo de noivo bonzinho e esperar certo dia para consumir o casamento. Pensando bem, ele é um sortudo, pois ainda bem que a gravidez não é tão longa para ninguém suspeitar.

— Tudo bem — respondo Paolo. — E por que que eu tenho que saber disso em primeiro lugar?

— Porque você será o responsável a contar para ela o plano mirabolante do seu irmão — diz. — E ele me pediu para que cuidasse dela e do filho dele, ou filha. Então seria bom você ser gentil.

— Você quer que eu conte para Madeleine? — Enfio as mãos nos bolsos.

— Sim. Você é o cunhado e o sucessor de Travis nesse momento. Não sou eu que tenho que falar.

— Por acaso, você tem medo da Madeleine?

— De forma alguma — ele fala com superioridade. O que me irrita.

Eu não suporto isso em Paolo, mesmo ele sendo incrível sem precisar de uma arma na mão e um ótimo conselheiro e matador. E entendo o porquê em seus olhos agora reflete uma fúria violenta e sede de vingança.

Com certeza, se eu tivesse uma mulher que acaba de me dar uma filha morta sendo inocente, eu estaria muito puto e iria matar todos os responsáveis. Por isso que ele não se opôs ao plano de Travis. É o plano perfeito para ele colocar as mãos no cara que atirou em sua mulher.

— Está bom, eu falo com ela. Não tem problema e não se preocupe. Eu sei ser gentil quando é necessário.

— Você quer dizer que sabe ser gentil quando fala com a sua irmã — corrige e senta-se na cadeira, pegando um cigarro e acendendo.

— Você entendeu e eu sei lidar com o mundo de *fora*. As pessoas que não fazem parte do nosso círculo, então sou obrigado a ser humano. Sei esconder minha brutalidade numa máscara firme.

— Eu sei que sim. Você é capaz de muita coisa, Colen. — Traga um fumo forte e me encara sem piscar. — Eu não quero que você substitua Travis, mas quero que saiba que seria um ótimo *Capo*, se precisássemos.

— Obrigado, Paolo, e eu me contento se meu irmão me deixar uma das cidades para cuidar. Eu realmente não quero ser *Capo*. Tenho outros planos para mim.

— Eu entendo.

Trocamos um aceno de entendimento e vou me sentar também.

— Agora que falamos sobre o assunto do bebê, acho que podemos começar a rever o plano.

— De imediato, porque sabemos que Ivon não vai poupar Travis, quando ele pegou Yuri.

— Não esqueça a *garota*.

Ainda não acredito que a trouxe para ficar aqui. Foi uma das piores escolhas que fiz, mas quando a vi jogada no chão com tanto medo, não sei o que me deu. Eu quis tirá-la de lá. Só não pensei aonde colocar. A *garota* tem sorte do meu irmão ter ainda decência dentro dele.

Pode não estar num hotel cinco estrelas, mas ninguém tocou em fio de cabelo dela. As torturas psicológicas de nada serviram. Acho que o pai já fazia seu trabalho antes e a *garota* não tem muito o que ser ferido. Merda! Não gosto de ficar perto dela. Seu olhar me incomoda.

— Sim, Kira. A filha dele.

Dou um aceno. Eu sempre ignoro o nome dela. Não quero saber nada sobre ela além do óbvio. Que precisa ir embora o quanto antes.

VINTE & NOVE

Madeline

Meu coração está pesado de preocupação. Não consigo dormir de jeito nenhum. Tem algo acontecendo ou aconteceu algo de ruim. Eu nunca falho quando sinto essas coisas e, no momento que estamos, não quero estar certa.

Escuto um movimento na porta e me levanto com a xícara que está meu chá frio e sem graça, do sofá onde cochilei. Não consegui dormir na minha cama. Tinha algo faltando e eu sei muito bem o que é.

Indo para o lobby da casa, paro vendo Colen chegando com dois homens atrás dele.

— Ainda está acordada? — ele me pergunta chegando perto e dispensa os soldados com um sinal. Sua postura está diferente, na verdade sua aura.

É estranho dizer, mas conviver com todos esses homens, tão de perto, me fez aprender a observar melhor as pessoas, os gestos e até o andar. Um *homem feito* é bastante treinado para saber cada movimento no corpo do seu oponente, ou de qualquer um. O corpo sempre fala o que a boca não quer deixar passar. A gente sempre demonstra se tem algo de errado ou certo.

Espero os soldados saírem da casa para responder:

— Eu não consegui dormir. Estou com insônia.

— Tudo bem. — Ele para na minha frente e me olha dos pés à cabeça.

Hum...

— Você já sabe, não é. — Abro um sorriso de lado.

— Que você está grávida, sim, eu sei. Paolo me contou.

— Paolo? — Franzo a testa e dou um passo sentindo meu coração

querer pular para fora de mim. — Por que foi o Paolo que te contou e não Travis?

Colen não responde e seu silêncio me incomoda profundamente.

— Me responde porque que não foi o Travis que te contou? Porque na minha cabeça, vocês são irmãos e muito unidos e ele que devia te contar.

— Eu sei, mas não foi. Ele não pôde.

— Por quê? E me fala a verdade, não gosto que fiquem me enrolando.

Colen me dá um aceno de cabeça quase imperceptível e estende a mão.

— Você pode me acompanhar até a sala. Vem, sente-se comigo rapidinho. Estou com as pernas cansadas.

Ele deve estar cansado mesmo. São uma e meia da madrugada e é nítido que não dormiu. Esse condicionamento que os homens aprendem para não dormir, aguentar até dois ou três dias sem pregar os olhos, é uma doença. Uma loucura e pensar que meu filho vai ter que fazer isso dá uma dor no coração, mas é isso.

Nós vamos para a sala e eu volto a me sentar onde estava e Colen reluta em ficar ao meu lado, mas é vencido por meu olhar paciente. Não sou convincente como um *Madman*, só que sou teimosa como uma italiana.

— Pode falar agora.

Ele sorri de lado balançando a cabeça.

— É por isso que meu irmão gosta de você. Seu temperamento é forte como de um *Homem de honra*.

Sorrio agradecida e dou um suspiro forte para ele falar logo, e parece que entende, pois começa:

— O que eu vou te falar, vai deixar você um pouco apreensiva, mas eu tenho tudo sob controle.

— Tem?

— Tenho — afirma com vigor. — E eu vim aqui conversar com você antes de prosseguir com o plano.

— Que plano?

Com parcimônia, Colen me conta todo o plano de resgatar Dario e destruir Ivon. Não vou dizer que é ruim, pois é péssimo para o meu coração saber que tem Travis nas mãos. Levanto-me rápido e deixo a xícara cair, por sorte vazia.

— Madeleine? — Colen segura meus ombros.

Estou fraca, não fisicamente. Eu me sinto inerte por não poder fazer

nada. Não sei se choro ou grito ou bato em Colen por deixar o meu marido fazer uma *merda* tão grande.

— Ele está correndo perigo de morte — murmuro com as vistas sem foco. — Não posso acreditar nisso. Meu Deus! Eu não acredito que ele fez isso sabendo que carrego em minha barriga o nosso bebê a caminho. — Encaro Colen. — Ele não pode ter feito isso. É uma loucura.

— Eu *realmente* entendo, Madeleine, mas está tudo sob controle. Estou indo pegá-lo. Juro que vou trazê-lo ainda hoje de volta para casa.

— Está de brincadeira, não é? — indago sentindo como se tivesse uma bola de demolição atingindo meu coração a cada respiração.

— Por quê?

— Porque vocês demoraram esse tempo todo para encontrar Dario e agora você está me dizendo que “simplesmente” vai encontrar Travis e trazê-lo ainda hoje para casa. Porra! É uma piada!

— Madeleine — ele tenta argumentar.

— Não! — interrompo-o. — Eu ainda não cheguei na parte que parece que você acha que nada vai acontecer com ele. — Engulo com dificuldade, respiro fundo e preciso de força para terminar: — Que não vão arrancar um dedo, esfolar, queimar, enfiar uma faca e arrebentar com a cara dele. — Meus lábios tremem e sento-me para não desmaiar. — *Dio mio*. Parece que... não existe a possibilidade de mataram o meu marido.

Colen senta-se ao meu lado e coloca a mão sobre as minhas.

— Eu sei que está nervosa, mas vai ficar tudo bem.

Ergo a cabeça e fito seus olhos. Esses malditos olhos dos Lozartan.

— Se você não correr a tempo, não vai sobrar nada. — Choro baixo. — Você sabe o que eles fizeram com meu pai.

Fecho os olhos e relaxo meu corpo no sofá. Toco minha barriga.

— Entendo você, Madeleine, mas preciso que se cuide por causa do bebê. Não quero que o Travis brigue comigo se algo acontecer com você.

Viro o rosto para ele e o encaro.

— Você realmente acha que consegue resgatar ele?

— Eu não tenho outra opção, pois não é apenas você que não consegue viver nesse mundo sem Travis. Ele é meu irmão, o meu *Capo* e eu morreria por ele, e o fato de ele estar lá sangrando por nós, com certeza o torna uma pessoa que preciso resgatar porque, quando um de nós sangra, todos nós também sangramos. O problema é que Ivon é um mal que precisa ser cortado pela raiz. O plano de Travis é arriscado, eu sei, mas é o único que

nos dá a garantia de acabar com aqueles vermes.

Balanço a cabeça freneticamente em afirmação.

— Tudo bem. Tudo bem, então, só para reformular, você disse que Travis tem um chip de rastreamento e não tem como saber?

— O chip está implantado na pele, não tem como descobrir e tem tanto tempo que está lá, que já está cicatrizado. Porra! Travis tem milhares de marcas e mesmo que tivesse a do chip, eles iriam achar que foi só uma marca de luta.

— Okay. Certo. — Pisco com força. — Você já sabe onde ele está e já vão atrás dele?

— Se o queremos vivo, vamos o mais rápido possível.

Abraço a mim mesma e começo a chorar, e me surpreendo com Colen me envolvendo em seus braços.

— Sei que você deve estar com medo, mas tudo vai passar e depois só teremos lembranças e ensinamentos, fora uma bela vingança. Não é sempre assim que nós vivemos, em guerra.

— Eu sei, o Travis falou para mim.

Ele ergue as sobrancelhas como se estivesse surpreendido.

— Você quer saber quando? — Levanto a sobrancelha, sentindo-me mais relaxada e confiante. E retomo, dizendo: — Eu sei tanta coisa, ele sempre conversa comigo e me ouve. E... — Sorrio com a lembrança dele zangado. — Eu acho que sou o diário do seu irmão. — Respiro fundo e fecho os olhos. — E não posso perdê-lo. Eu o amo tanto. — Toco minha barriga. — Eu quero ter uma família com ele e sei que ele será um pai incrível só pela maneira como criou você e seus irmãos. Por favor, não demore muito.

Colen assente, com o rosto neutro, porém os olhos intensos.

— Eu não vou e só vim aqui falar com você mesmo.

Assinto, sorrindo e toco seu peito.

— Obrigada por me contar, por me preparar pelo que eu posso ver... quando ele chegar. — Fungo chorando. — Você me disse que ele é ruim de morrer, espero que esteja absolutamente certo disso.

— Eu estou e, se quiser, espere acordada — diz e dá uma piscadela.

Solto um soluço, sorrio e concordo com a cabeça. Nos levantamos e eu o sigo até a porta, pedindo ao universo que tudo ocorra bem.

— Traga meu rei de volta — sussurro apenas para mim vendo o carro passar os portões de ferro enormes.



Caralho! É o meu pesadelo do momento porque estou cansada de ouvir que preciso ficar calma e cuidar de mim por causa do meu bebê. MAS, MEU DEUS, não tem como eu ficar tranquila e tentar dormir com meu marido nas mãos do inimigo!

— Você podia tentar dormir um pouco — Rosália fala enquanto coloca uma bandeja com chá e biscoitinhos para mim.

Agora são quase três da manhã e com isso faz algumas horas que Colen se foi e eu não tive notícias. Isso está literalmente me levando ao surto total e vou enlouquecer se não receber nada nas próximas horas.

— Não consigo dormir. Não consigo fazer nada, mas, com certeza, se tivesse oportunidade correria por aí procurando em cada centímetro na escuridão dessa cidade... o meu marido.

Talvez eu *realmente* tivesse medo de pertencer a esse mundo pelo medo, pelos inimigos, a nutrição pelo ódio cego e sede de vingança, que não tem justificativa muitas vezes.

— Não se preocupe com Travis, Madeleine — escuto Luigi.

— Como você pode ter tanta certeza?

Ele arfa pelo nariz e fica impassível.

— Nós não estamos mais na era medieval e o carro que foi atrás dele tem um rastreador implantado. Eles irão resgatá-lo e aniquilar todos aqueles russos.

Concordo e não me importo de chorar na frente deles. De repente, Marinne vem correndo das escadas e me abraça com força, eu a aconchego me meus braços e cochicho baixinho que vai ficar tudo bem. Ser forte não apenas para mim é o mais difícil agora.

— Meus irmãos...

— Eu sei, minha querida, e confia em mim. Vai ficar tudo bem.

Uma sombra surge do lado direito e vejo Paolo entrar. Franzo a testa sem entender ele aqui e levanto.

— Espere aqui. Vou falar com Paolo rápido e já volto. — Coloco o cabelo atrás de sua orelha.

— Tudo bem — ela sussurra, com os olhos molhados.

Controlando meu nervosismo vou até Paolo.

— Por que você não está com Colen?

— Ele preferiu que eu fosse quando tivesse que atacar.

— Quer dizer que não... — Engulo o choro e fico bem perto dele, ousando colocar as mãos no seu peito. — Por favor, Paolo! Eu não sei o que é perder alguém que... eu realmente amo. Já perdi muito na minha vida e depois que me permiti estar onde estou, e amar esse homem, eu me encontrei. Eu não quero perdê-lo. Você precisa me trazer Travis de volta, senhor. Eu... aguentei tanto seu ódio e agora preciso que você os dê a quem mereça.

— Madeleine — tenta falar.

— Eu sinto muito — digo engasgada e derramando meu choro. — Eu nunca vou ser capaz de pôr em palavras o que a sua perda fez comigo e eu mal a conhecia, mas eu senti a sua morte. Então, por favor, não me deixa sentir o que você sentiu.

Ele me surpreende limpando meu rosto do choro.

— Por favor, me devolva ele. Eu... queria poder ajudar, mas não posso agora. Não posso colocar a vida do nosso bebê em risco, então, por favor, faça tudo o que puder. Tudo que estiver ao seu alcance e até o que não estiver. Traz o meu marido de volta. Traz o seu *Capo* de volta. Traz o pai do meu... bebê de volta para casa.

Paolo fica em silêncio, olhando-me e é um muro em branco, não consigo enxergar nada em sua expressão. Então, ele coloca as mãos sobre as minhas, aperta e faz uma expressão que não sei distinguir antes de falar:

— Travis é ruim de matar e violento, cruel e feroz quando está em campo. Embora as circunstâncias tenham mudado um pouco, eu sei disso. Ele ainda é o mesmo homem, no entanto agora está mais forte por sua causa.

Minhas lágrimas escapam em ouvir isso.

— Ele está mais motivado. Tem por quem lutar, não só pelo que lutar. Eu sei que você sabe que ele a adora e vai lutar bravamente para voltar para você e para o filho dele.

— Uhum... — resmungo chorando.

— Ele estava muito feliz e orgulhoso. Saiba que você é o grande motivo de ele lutar. Homens como nós, no fundo, precisamos de um objetivo maior do que a *Famiglia*, porque por *ela* nós morremos, mas por nossas esposas e nossos filhos escolhemos lutar e sairmos vivos, mesmo que em pedaços. — Aperto minha mão de novo. — Eu vou trazer ele para nós, para você. Dou a minha palavra.

Como estou tão emocionada e emotiva, choro copiosamente e ele me envolve em seus braços. Sinto uma dor no meu peito tão grande. Eu queria o

meu malvado favorito em casa comigo agora.

Paolo se afasta, calmamente, para não ferir meus sentimentos. E solto a respiração encarando-o.

— Ele vai voltar, mas até lá você precisa ser forte. Esteja aqui para ser forte, para comandar o exército dele enquanto Travis estiver longe. É isso que ele quer de você.

— Não sei fazer isso.

— Não estou falando do exército dos nossos homens, é de todos nós, Madeleine.

Franzo a testa.

— Você é a Sra. Lozartan. A nossa *senhora* e carrega o futuro chefe da *Famiglia*. Você precisa ser forte para isso, para nós, para Travis e para o seu filho. Eu não ligo que chore, mas me importo que você enfraqueça, entendeu?

— Entendi e vou me recompor.

— Isso! Se recompõe, ergue essa cabeça e ande com uma arma para onde quer que vá. Não confie em ninguém. Sei que você andou treinando e não foi para brincar.

Assinto, concordando e aprumo minha postura. Enquanto ele não estiver, eu estou. Foi isso que ele pediu e que Paolo reforçou agora. Apenas preciso esperar Travis chegar, porque ele vai. Ele prometeu voltar para mim *para sempre*. Ele é meu marido, meu *Capo* e desejo que sua força e crueldade o devolva para mim. Se o amor não for grande demais, que sua ira seja.

TRINTA

Travis

Aqueles desgraçados me colocaram em um cubículo fedorento e apertado demais, sem contar que não consigo enxergar absolutamente nada. E, desde que me jogaram aqui, não tive o desprazer de ver mais nenhum deles.

Ivon deve estar cuidando do imundo do filho antes de querer fazer algo comigo. Isso é bom, tenho tempo para analisar o território, mesmo apenas ouvindo. Meus treinamentos táticos foram muito além e, nesse momento, tento desvendar os ruídos fora do cubículo.

Passos ficam mais fortes e próximos até que uma sombra some com a luz que invade por baixo da porta, que se abre.

— Vamos dar um passeio, *mocinha*.

Quando o idiota chega perto demais de mim, dou um golpe com a cabeça nele, que o faz cambalear; e o outro capanga não pensa duas vezes para me acertar meu queixo.

— Você ainda vai se arrepender de fazer isso! — rosna o que golpeei.

Abro um sorriso de lado e rio baixo. Aposto que eles vão morrer ainda em minhas mãos.

— Não fala o que você não pode dar como garantia.

— Foda-se! — Ele me soca no estômago. — Nem mais um *pio*, seu italiano de merda!

Sim, eu me curvo para eles e os deixo me arrastarem até onde querem. Finjo estar muito mal pelos primeiros golpes dados no carro, quando fui colocado naquele lugar e agora, mas no fundo precisa de muito mais para me nocautear. Meu pai me levou muito mais ao limite do que isso.

Chegando no espaço amplo, que deve ter sido uma área de serviço, eles me jogam no meio de uma poça de água suja e riem. É necessário tão

pouco para eles pensarem que estão me torturando.

— Acho que nosso amigo está sujo. Vamos lhe dar um banho.

Três homens me pegam do chão e levam até um tanque enorme cheio d'água gelada. Fecho os olhos e espero o choque, o frio e prendo a respiração enquanto eles empurram minha cabeça.

A imagem de Madeleine e seu sorriso é tudo que vêm em minha mente enquanto controlo meu ódio e a agonia dentro de mim.

Eles não terão um grito meu. Uma súplica. Um pedido de misericórdia de mim. Eles serão os únicos a me pedirem piedade e para parar.

A imagem dela é nítida. Seus cabelos castanho-claros, os olhos azuis e o sorriso sempre aparente, nunca escondido assim como sua coragem e ousadia. Poderia ser algo que eu supostamente odiaria, mas amo isso nela. Sua coragem, inteligência e astúcia. Encontrei sem querer a mulher ideal para ficar ao meu lado.

Cazzo. Eu não sei como ela está lidando comigo aqui preso e sendo torturado. Porra! Sei as consequências que esse plano pode me levar, porém não tem uma forma melhor para conseguir pegar Dario de volta e cortar a cabeça de Ivon. Assim como sua filha mesmo disse.

Eu estou aqui agora por Madeleine e o nosso filho. Não quis admitir antes, mesmo sabendo que é a verdade.

Desperto quando puxam minha cabeça pelo cabelo e derrubam-me no chão. Ganho um chute na altura do rosto e depois mais um na boca do estômago. Sou içado pelos cabelos para longe e acabo batendo forte a cabeça na parede.

Merda!

— Não trate nosso amigo assim.

Rosno ao escutar a voz irônica de Ivon. Cerrando a mandíbula, ergo apenas os olhos para ele, pois, francamente, no momento não tenho muitas forças.

Espero que Colen esteja vindo. Que meta o pé na porta!

Ivon se aproxima de mim, agacha-se apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Acho que está na hora de você pagar por tudo que fez.

— Eu fiz? — debocho e cuspo sangue em cima dele.

Com meus reflexos falhos, não prevejo quando ele me golpeia em cima do olho. Essa merda dói pra caralho! Aperto os olhos para voltar a enxergar quando os abro e encaro com extremo ódio o desgraçado russo.

— Isso fez você lembrar?

— Que eu quebrei seu filho — cuspo *literalmente* as palavras junto com o sangue do corte da minha boca. — Que eu torturei com a minha faca, com meus punhos e ele agora tem membros faltando.

Ivon se ergue, puxa-me pelos cabelos e distribui socos no meu rosto disparadamente, sem nem respirar. Eu aguento calado e quieto, contraindo todos os meus músculos para não doer tanto e, sendo honesto, sobrar energia para quando eu *me erguer* arrebentar com a cara dele. Não vai sobrar nem sua sombra para reconhecer quem foi esse bastardo.

Por fim ele me solta e caio no chão, na poça da porra do meu sangue. Puxo uma respiração profunda e aperto os olhos antes de abri-los. Encaro os sapatos polidos dele, agora manchados de lama e sangue, se afastar antes de receber uma única pancada forte na cabeça e a escuridão é tudo o que me sobra antes de desmaiar.



Um balde de água fria me desperta de um sonho turvo e confuso. Piscando, foco em meus pés e mãos, que foram amarrados para trás na cadeira que me colocaram. Minha boca dói tanto quanto todos os ossos do meu corpo. O gosto de metal é forte e sinto uma dor filha da puta nas costelas. Com certeza, ele deve ter quebrado.

Escuto a porta ranger quando é aberta e levanto o rosto para ver o babaca entrar e parar na minha frente.

— Trouxe uma coisinha para você — diz e uma foto cai em minhas pernas.

Forço minhas vistas para a imagem e a figura de Madeleine na porta da igreja quando estávamos nos casando. Ela estava linda de noiva e sorrindo ao sair do carro antes de entrar na igreja. *Porra!* E pensar que ela já estava grávida nesse momento toma todas as fibras de proteção dentro de mim.

— Você pegou o que era meu — Ivon solta as palavras e pega a foto de volta e rasga dando um riso sombrio para mim.

— Eu peguei? — Minha voz sai terrivelmente cansada e rouca, e odeio esse sinal de fraqueza. Caralho! — Que porra você está falando, seu bastardo?

Ivon aperta os olhos me olhando com escrutínio.

— Você matou um dos seus homens por isso. Não se faça de idiota! — cospe as palavras. — Você ficou com o que é meu. Tem que pagar agora. Ou devolver, mesmo que já está usada.

Ergo a cabeça e fito seus olhos tremendo de ódio, e ele ri.

— Sim, estou falando da sua esposa. Aquela italiana usada que deita na sua cama. Eu paguei por ela! O que você vai me dar em troca por já ter fodido sua boceta? Esse prêmio era meu.

Cuspo sangue, com minha boca arrebitada e cerro a mandíbula, olhando-o com toda a minha raiva.

— Eu vou arrebitar a sua cara.

— Acho um pouco difícil — declara ironicamente e não estou esperando quando um choque atinge meu corpo.

— MERDA! — reclamo em voz alta.

— Gostou do choquinho?

Fecho a cara para ele e murmuro entredentes:

— Você vai precisar correr muito quando eu me soltar daqui.

Ivon ri alto e chega perto.

— Você não está nem se aguentando sentado, *italiano*.

— Garanto que você não vai aguentar metade do que seu filho suportou.

Recebo uma facada no ombro, que ele faz questão de puxar lentamente e saindo do ângulo para me cortar mais um pouco. Ele limpa o sangue no meu pescoço, tirando mais sangue de mim. Penso que posso respirar um pouco, no entanto, não estou preparado para ser atingido com socos disparadamente pelo corpo todo.

Eu não consigo mais travar meu corpo, meus músculos e consciência da dor para os socos e chutes, então as aceito em silêncio. Tudo se resume a dor, sangue e minha iminente morte se ninguém chegar logo. O gosto de ferro está muito forte agora, os golpes durando cerca de dez minutos e o líquido quente que faz cócegas conforme escorre por meu rosto, me dá a ideia certa de que estou ferido na cabeça.

Inesperadamente ouço um estrondoso barulho de explosão e o clarão vem em seguida com destroços fragmentando-se pelo ar. Sou derrubado no chão, minha cabeça batendo no concreto com força. O zumbido da bomba aguça em meus ouvidos e por longos segundos fico aturdido e sem equilíbrio.

Engulo com dificuldade a merda do meu sangue misturado com minha saliva e tento erguer pelo menos a cabeça quando aperto os olhos antes

de abri-los. Vejo os filhos da puta que estavam me batendo caídos no chão e Ivon ao longe, que cambaleia para fora, tentando ficar de pé. Escuto-o falarem russo com braveza com alguém antes de cair de joelhos e ser arrastado de volta para onde estou. E entrando correndo, empurrando Enzo – que finalmente reconheço puxando Ivon pelo colarinho – Colen vem em minha direção.

— Travis!

Sendo honesto, não tenho forças para replicá-lo.

— Vamos, seu idiota. Levante-se! — Colen insiste. — Lute! Você não quer ver seu filho nascer, não?!

— Porra! — reclamo por suas palavras e porque ele puxa minha cadeira até que ela está normal em pé.

— Aquela mulher linda está te esperando em casa. Vamos! Levante-se.

— Colen — digo entredentes sentindo dor e o vejo pegar uma seringa, enquanto isso ouço os tiros ao longe.

— É adrenalina.

Meneio a cabeça e vejo-o injetar a adrenalina, e tão logo meu corpo reage acordando como se eu tivesse recebido um choque. Abro os olhos com força e os estímulos do antídoto correm em minhas veias fazendo meu corpo queimar e parecer se acender. Respiro fundo e encaro meu irmão.

— E aí, o quanto machucado você está?

— Aceitável para levantar e acabar com a raça de Ivon com minhas mãos.

Colen sorri sombriamente e me ajuda a levantar. Não tinha percebido que tinha me desamarrado da cadeira. Ele segura com firmeza meu braço.

— O que você está fazendo? — Franzo a testa para ele.

— Garantindo que você não caia, porra.

Puxo meu braço da sua mão e caminho até Enzo, que tem Ivon preso com algemas. Colen quer me ajudar e cuidar para que eu chegue em casa vivo ainda, mas ele sabe quem sou e que preciso – com minhas mãos – fazer a luz abandonar os olhos desse russo filho da puta. Ele vai engolir tudo que falou de mim e de Madeleine. Vai morrer chamando a minha esposa de rainha, pois é o que ela nasceu para ser e é.

Quando paro na sua frente, seus olhos registram minha presença e o vejo como engole em seco. O medo é tudo que lhe resta. E as lembranças do meu passado, minha infância e tudo que passei nas mãos da minha mãe

quando me batia e eu chorava. Aquilo me tornou o que sou hoje e quem bate agora sou eu.

Embora a dor reverberando em minhas costelas – que já não estavam tão bem depois do ataque que fiz aos mexicanos há quatro meses –, no meu quadril e ombro dos golpes atuais, eu faço questão de baixar o corpo o suficiente para fixar meus olhos nos seus, apertar seu colarinho até deixá-lo sem ar e digo:

— Agora é o momento que vou te fazer pagar todos os insultos, tortura e, acima de tudo, pagar por sua língua miserável em ter feito uma negociação contra mim, por ter pensado em tocar na minha esposa, pois te garanto, isso nunca iria acontecer.

— Se você gosta de restos.

E o primeiro soco eu lhe dou com o braço curvado, um *jab* perfeito de *Muay Thai*, que o derruba de volta no chão. O segundo é mais forte e não paro até vê-lo cuspir sangue. Não vou parar até saber que está morto por minhas mãos.

— Vai.

— Travis?

— VAI! — berro com Colen e Enzo. — Vão acabar com todos esses russos. Não quero informação de nenhum deles. — Paro de socar a cara de Ivon para encará-los. — Eu quero os seus corpos.

— É um péssimo líder — Ivon murmura.

Chuto-o com toda a força que ainda tenho e curtindo o feito da adrenalina.

— Bem menos que você que os levou à morte por algo que nunca teria. Você morrerá e seus homens também e o líder da *Bratva* ainda irá me agradecer por eliminar um verme como você. — Para finalizar minha ira, dou dois chutes em suas costelas.

— Eu tentarei terminar rápido tudo, irmão. Enquanto isso se divirta e deixa que eu cuido de Dario.

Olho de relance Colen e ele assente me dando a informação que preciso. Dario está bem. Ótimo. Ivon não morrerá pela morte de um irmão meu, mas com certeza pela tortura feita com ele. No fim, ele só irá perecer sobre sua ambição e o erro de tentar derrubar a *Lawless*.

Sem olhar para eles, aceno com a cabeça para que vão fazer o que ordenei e pego Ivon, arrasto-o até a cadeira que ele mandou me amarrar e olhando em seus olhos lhe dou o que merece.

— Eu apenas quero saber quem.

— O quê? — Cospe sangue, pendendo a cabeça caída para a frente.

— Quem passava as informações. Quem está me traindo.

Ivon solta uma gargalhada fraca e rouca.

— Não brinque, *Capo*.

— Não me chame assim! — Acerto-o com três golpes no queixo, mas sei que ele conseguirá falar o que quero. — O nome do traidor. Se falar rápido, morre rápido. Se não colaborar, eu vou te picar em pedacinhos e fazê-lo sentir absolutamente tudo.

A forma como ele me encara diz muito mais do que palavras e sei que irei saber quem é o traidor da *Famiglia*. Melhor, vou confirmar quem é e... vou fazê-lo pagar da forma mais cruel.



O terror está marcado em seus olhos. Não lhe resta muito para aguentar sequer mais um deslizar da minha lâmina. Sei que está por um fio e nesse momento apenas curto o prazer de ver a vida lhe abandonar. Ele não merece estar no mundo que Madeleine está. Nunca deveria ter cogitado a ideia de tocar em meu irmão.

Estou limpando minha faca quando Luca aparece. Ele para, me encara e cerra os olhos, questionáveis.

— Você está bem, senhor?

— Sim. E Dario?

— Ele está no carro. Estamos esperando por você.

Franzo a testa e espero que continue:

— Já terminamos e até conseguimos algumas informações por barganha, mas agora estamos esperando você acabar *aqui*.

— Já terminou, irmão? — Colen surge atrás de Luca.

— Acredito que sim — respondo secamente e viro-me para Ivon.

Seus olhos abrem-se esbugalhados e consigo enxergar com nitidez o corpo tremer, só não sei se é por causa dos ferimentos ou do banho de água gelada que fiz questão de retribuir. Vingança é para poucos, pois sabemos que iremos carregar uma dosagem do que fazemos a outra pessoa para sempre. Nesse caso estarei livre, é apenas retribuição e não já tenho meu pé no inferno, porra. Não é agora que irei questionar o que faço e muito menos

por Ivon Avilov.

Eu estico meu braço e, sem precisar questionar, Luca coloca uma arma na palma da minha mão e com uma calma proposital, estico o cano da pistola na testa de Ivon.

— Sua filha falou para eu cortar sua cabeça, acho que vou fazer quase isso. — Destravo a arma. — Tenha uma boa morte, bastardo — falo em russo e aperto o gatilho.

Fecho os olhos quando o sangue se espalha e abro para registrar a cabeça furada de Ivon pender para a frente *para nunca mais se erguer*. Perco a noção do tempo encarando esse porco sangrando. Como se fosse para ser, vejo Paolo entrar e chegar até a mim. Seus olhos fixam nos meus e nossa escuridão é uma só. Sentimos o mesmo agora, no entanto não posso ser hipócrita. Eu não perdi nenhum membro da minha família e ele perdeu sua esposa da forma mais brutal. E eu deixo que ele passe por mim, pegue sua arma e dispare no russo.

Minha respiração falha quando dou um passo, indo até Luca. Ele me segura e Colen também.

— Está na hora de ir para casa.

— Eu vou desmaiar e já vou te ordenar, não deixe Madeleine me ver antes de fazer alguns curativos. — Ponho a mão no ombro de Colen. — Caralho. Eu não estou bem e não quero impressioná-la com isso.

— Seu pedido é uma ordem.

TRINTA & UM

Madeline

Caralho! Daqui a pouco, eu vou conseguir tatuar meus passos no tapete da sala. Paolo falou para eu ficar tranquila e descansar enquanto foi pegar meu marido. Mas não deu! O sono não veio e meu coração bate na velocidade da minha preocupação.

Agora são quase cinco da manhã e já se passou tanto tempo desde que eles se foram.

Dio mio. Onde está Travis?

Mais uma vez caminho até a cozinha e bebo um copo d'água. Vou no banheiro fazer xixi, porque, mesmo que não tenha tanto tempo de gravidez, minha bexiga não resiste muito tudo que bebo, e depois que termino vou direto para o quintal. O céu está tão lindo e estrelado. Fecho os olhos suspirando.

— Só o traga de volta — peço baixinho. — Por favor, o traga para mim.

Abro os olhos, aprumo a postura e afago minha barriga. Sinto um frescor gostoso do vento que passa pelo jardim. Tenho vontade de correr pelo gramado e talvez mergulhar na piscina. Arfo com força porque meu coração parece que vai explodir e viro-me para voltar para dentro bem a tempo de flagrar uma movimentação pela estradinha da garagem dos fundos, que geralmente os soldados usam para entrar na casa adjacente. Onde alguns homens *literalmente* moram, Travis faz reunião e... tem a enfermagem.

— Meu Deus!

Saio correndo para os carros e vejo Luca sair com Colen logo atrás, então vejo que Pietro ajuda a segurar Travis.

— Travis! — digo e corro até ele.

Eles me olham alarmados e Paolo chega até a mim o mais rápido que pode.

— Madeleine, devagar.

— Não! Preciso vê-lo — digo e paro na frente do meu marido, ele está tão fraco e apenas de pé porque o seguram. — Travis! — O abraço bem forte.

— Devagar — ele reclama.

— Desculpa. — Solto-o e choro olhando em seus olhos. — Nossa. Olha o que fizeram com seu rosto.

Travis contorce o rosto com desgosto e dor. É tão grande que não liga em demonstrar para mim e para Luca e Pietro, que estão ainda o segurando.

— Me leve para dentro.

Engulo minha emoção para não chorar tanto na frente dele e olho para Colen.

— Vamos colocá-lo numa cama agora! Vamos, seus idiotas.

Assinto e me afasto para eles fazerem seu trabalho de levar meu marido. Meu coração não se acalmou em vê-lo. Deixo-os passarem com ele, viro-me para Paolo e sigo para a casa.

— Como está Dario? — pergunto ao *Consigliere*.

— Parecido com Travis.

— Está vivo? — Toco no meu peito como se pudesse tranquilizar a pressão dos batimentos. É consolo e sofreguidão.

— Sim — responde Paolo com tom de exclamação.

— Onde está?

— Você estava concentrada demais em Travis quando passaram com Dario para dentro.

— Uhum... — murmuro e dou de ombros. Não posso sentir culpa por estar preocupada e tocando no assunto. — Como Travis está?

— Pior do que parece, mas Colen lhe deu uma dose de adrenalina. Por isso resistiu até aqui.

— Então... — Paro virando-me para ele.

— Sim, ele morreria se não tivéssemos chegado naquele momento.

Meus olhos enchem-se de lágrimas mais uma vez e Paolo segura meus ombros.

— Mas agora vamos cuidar dele. Não se preocupe.

— Acho que não consigo não me preocupar.

— Então seja forte e útil.

— Com o quê?

— Seja a mulher forte que é. Travis está em boas mãos e vão cuidar dele e de Dario.

Engulo em seco assentindo e entro na casa adjacente. Paro perto de Colen, que está na frente da porta de um dos quartos.

— É Dario?

— Sim.

— E como ele está?

— Mal e... — Colen baixa a cabeça parecendo contar antes de completar: — tatuaram uma *Temhota*.

Arregalo os olhos e olho para dentro do quarto quando pergunto:

— O símbolo dos prisioneiros da *Bratva*?

— Sim — Colen responde com repulsa e raiva.

Seguro a respiração voltando a encará-lo.

— Não tem como tirar?

— Eles queimaram a pele dele como se fosse um porco marcado. Poderíamos fazer uma plástica, mas não aqui. O *médico* não tem recursos para isso aqui, apenas para tratamento.

— Mas... En-Então... — gaguejo e sinto muito ódio nesse momento.

— Sim, ele terá que conviver com ela até poder fazer uma tatuagem em cima da marca, que não garantirá que suma. Está bem carimbada na pele dele.

Assinto e volto a olhar Dario na cama recebendo os tratamentos. *Dio mio*. Ele já é tão complicado, avesso as leis e a ser um *Homem de Honra*. Tão turrão e fechado, imagina quando souber disso. Quando ver que está marcado pela *Bratva*.

Colen se vira e com os passos brutos, pega o caminho de fora, deve ir para casa ver Marinne. Queria impedi-lo, pois está sujo e coberto de sangue, porém ele precisa ver a pureza dela para aliviar seu monstro, aliviar seu ódio contra a *Bratva*.

Olho para Paolo e ele cerra a mandíbula sem focar em mim ao falar:

— Sei o que está pensando sobre Dario. — Meneia a cabeça em concordância consigo mesmo. — Ele precisará de tempo para saber o que essa marca o tornará. Temos que apenas esperar.

— Travis viu a marca?

— Não teve tempo.

— *Dio mio* — balbucio baixinho e vou para o quarto onde meu

marido está sendo cuidado. Sinto Paolo atrás de mim e digo em alto e bom som para ele: — O controle quando sentir que for demais.

— Não posso prometer e você não viu o que ele fez hoje.

Franzo a testa e encaro-o.

— Ele estava com dor e mesmo assim fez Ivon pagar. O machucou na mesma moeda e deixou que eu tivesse um gostinho. O que posso lhe prometer é que, dessa vez, quando eu pegar o traidor da *Famiglia*, eu vá primeiro.

Meus olhos faíscam e concordo com um aceno.

— Não acha que eu não mereço um pouco também?

— Quer fazer isso *agora*? — Ele olha para a minha barriga.

— Muito mais agora.

Paolo meneia a cabeça de acordo e sem mais delongas, vira-se e vai embora.

Respiro fundo e entro no quarto, paro ao lado de Travis e aproveito quando o médico se afasta para afagar os cabelos castanhos do meu rei negro. Meu *Capo*, meu cavaleiro das trevas.

— *Erga-se, meu amor. Ainda temos um para visitar* — sussurro em italiano, quase inaudível, no seu ouvido. — *Te amo.*



Quando Travis está estável e quase recuperado, passo para ver Dario. Fico horrorizada com a marca que fizeram nele. É quase do tamanho da palma da minha mão, bem na parte da frente do seu antebraço. Sinto calafrios e um ódio mortal. Meus pensamentos são abomináveis. Ivon merecia uma marca da *Famiglia* na sua cara a ferro quente também.

Converso um pouco com o médico para saber como eles estão e fico satisfeita por estarem bem e recebendo tratamento com doses agressivas, pois é o jeito que precisa se lidar com *tudo*, principalmente feridas. Rápido e eficaz. Não dá para perder tempo. Eu volto para a casa principal.

— Como estão meus irmãos?! — Assusto-me com a abordagem afoita de Marinne correndo em minha direção vindo das escadas. — Me fala. Eu não posso ir lá.

Olho para ela vestida ainda com seu pijama rosa com margaridas e descalça, os cabelos lisos soltos e bagunçados. Coitadinha. Ela tem olheiras e

está abatida.

— Eu sei, querida. — Acaricio seu rosto. — Fique calma.

— Diga.

— Eles estão bem. Travis e Dario estão recebendo o tratamento e logo...

— E Colen?

Franzo a testa sem entender.

— Colen? O quê? Eu pensei que ele estivesse aqui.

— Eu não o vejo desde ontem. — Ela parece em choque. — Onde ele está? Cadê ele?

— Está seguro.

Giro meu corpo e encaro Luigi.

— Não se preocupe com Colen. Ele está seguro. Pediu para falar para não se preocuparem com ele.

Assinto e viro-me para Marinne de volta. Toco seus ombros com carinho.

— Não fique nervosa. Todos estão bem agora.

— Não acredito. Nós nunca estamos *bem*.

— Garanto que estamos agora.

Seus lábios tremem com o prelúdio de seu choro e seus braços me rodeiam com força. Ela deita a cabeça no meu colo e eu a acalmo afagando suas costas e beijando seus cabelos.

— Fique calma, *mia cara*.

Ela concorda baixinho e com toda paciência eu a levo para cima. Entramos no seu quarto e a deito.

— Fica comigo.

— Tudo bem, mas depois preciso ir lá ver seus irmãos.

— Não te impediria nunca de fazer isso.

Sorrio com gratidão e deito-me do seu lado. Ela é apenas uma doce menina assustada que precisa de colo e carinho. Parece ser tão esperta e forte às vezes, que se esquecem de que é uma garotinha de quinze anos ainda. A minha *cara* menina dos olhos de oceano. Não consigo não ser para ela o que gostaria de ter recebido e que ela merecia ter em toda sua vida. Dane-se! Eu estou aqui agora para isso: lhe dar amor e carinho.



Acordo com um sobressalto e arregalo os olhos. Fito o teto do quarto, viro o rosto e vejo Marinne em seu sono tranquilo. Suspirando, mexo-me com leveza e saio da cama.

— Uau! — Coloco a mão na boca sentindo um forte enjoo. — Minha nossa! — Saio correndo do quarto dela e entro no meu indo direto para o banheiro vomitar.

Os enjoos estão me deixando esgotada. É a pior coisa de ficar grávida.

Engulo em seco, me levanto e lavo a boca antes de escovar os dentes. Passo uma água no rosto, seco e finalmente dou descarga antes de sair do banheiro. No quarto vou até o *closet* e me troco de roupa; coloco algo mais confortável e escolho um vestido solto e uma caxemira. A calça jeans e a camisa estavam bem ruins.

Pronta, saio e desço as escadas com cuidado, mas com pressa. Vou direto para as portas do quintal. Na porta da casa adjacente, respiro fundo. Vejo os dois médicos da *Famiglia* e a enfermeira conversando, e vou falar com eles.

— Tudo bem?

— Oi, senhora. Como está?

— Não importa. Como estão Travis e Dario?

— Eles estão bem e o senhor Travis acordou.

Meu coração acelera de alegria e deixo-os para trás e corro para o quarto do meu marido. Fecho a porta e, sem querer, isso o desperta. Ele abre os olhos e me encara.

— Oi — sussurro e fico ao lado da sua cama.

— Oi — diz rouco e cansado.

— Como está se sentindo?

— Não conta para ninguém.

Sorrio e pego sua mão ouvindo-o.

— Muito dolorido e cansado.

— Oh, amor. — Afago seu rosto e, quando penso em me afastar, ele agarra minha mão.

— Não. Fique mais perto.

— Travis...

— Vamos! Suba na cama.

Mordo o lábio inferior para prender o sorriso e mesmo achando errado, deito-me ao seu lado tomado cuidado para não tocar suas feridas e

machucá-lo mais ainda. E solto o sorriso quando seu braço atrás de mim me puxa para ficar colada ao seu corpo e deito minha cabeça no seu ombro sem curativo, o outro o ferimento deve ter sido grande. Passo de leve os dedos no seu peito e suspiro.

— Nunca mais faça isso — murmuro e fecho os olhos.

— O quê?

— Se fazer de isca. Quase cometer um suicídio.

— O objetivo não era morrer.

Inclino a cabeça e abro os olhos para fitar seu rosto.

— Você não podia ter tanta garantia assim, Travis. Foi um risco do caralho o seu plano. Poderia ter morrido sim.

Ele engole com dificuldade e seus olhos encontram os meus.

— Eu sei e... me desculpe.

— Está falando de coração ou são só apenas palavras?

— O fato de eu não querer fazer de novo é de coração ou da boca pra fora?

Rio baixinho e me aconchego nele.

— De coração. — Volto a fechar os olhos.

— Ótimo — diz parecendo calmo.

Eu respiro seu cheiro, sinto seu calor, ouço os batimentos do seu coração e estou incrivelmente agradecida por ele estar aqui de volta. Solto um suspiro relaxante, porque é muito gostoso a mão dele subindo e descendo nas minhas costas, mesmo que muito devagar.

— Você parece em paz — falo com um sorriso.

— O que significa paz em um mundo de sombras?

— Eu não sei. — Dou de ombros. — Mas eu sei que me sinto diferente.

— Diferente?

— Não sei dizer o quê exatamente.

— Talvez seja porque você está ficando poderosa. Você é a esposa do *Capo*.

Isso me desperta uma gargalhada e lhe dou mil beijos no peito. Quando paro de rir, digo baixinho:

— Acho que tem mais a ver com o fato de eu amar demais um homem e estar prestes a ser mãe. Isso me mudou muito.

Travis faz que sim com a garganta e sinto-o balançar a cabeça. Ficamos em silêncio e aproveito seu carinho apenas. Sua pulsação está lenta e

suave igual seus dedos passando em minhas curvas. Estou com meus olhos fechados e curtindo ele.

— Sabe... — ele começa, murmurando — estava pensando que você sempre foi minha mulher.

— Em que sentido?

— No sentido de que, de algum jeito, eu sempre tivesse a noção de que você era minha toda. Minha só.

Sorrio, abro olhos e fito seu rosto, na verdade apenas o queixo. Ele parece distraído ao falar.

— Sim, eu sou só sua.

Travis assente e baixa os olhos para mim.

— Sim e quero que saiba que sinto muito pelo que fiz com você.

— O quê?

— Quando eu tirei sua virgindade, não fui muito delicado.

— Ah, Travis, já passou. Parece que tem muito tempo.

— Uns sete meses.

— É — digo rindo — e provavelmente a gente já fez tanto sexo que eu não tenho problema mais com isso. Esquece, e sabe, não doeu tanto. Acredite em mim, eu lembro perfeitamente e o pior foi me acostumar com seu tamanho todo.

— Assim você me deixa muito orgulhoso.

Solto uma gargalhada e... *minha nossa*, eu gosto tanto da gente assim: descontraídos, aconchegados e parecendo apaixonados. Eu sei que *eu estou*!

Ergo meu corpo com a ajuda dos cotovelos e dou um beijo na sua boca de leve.

— Eu te amo muito e... sei lá essa conversa, você fazendo carinho, a gente nessa cama aqui aliviados... é maravilhoso. Quase um Paraíso.

Travis fita-me no fundo dos olhos, afaga minhas costas e a forma que seus olhos brilham faz meu peito inflar de pura ternura.

— Madeleine, eu tenho uma coisa para te falar. Na verdade, algumas coisas...

— Tudo bem — falo me sentindo ansiosa e infelizmente sonolenta também.

— Dorme, a gente conversa depois.

— Tudo bem, amor.

— Tudo bem — ele repete e faz carinho em mim.

— Meu Deus, eu amo tanto ficar aqui nos seus braços.

— Eu também aprecio demais estar aqui de volta, *com você* nos meus braços.

Rio baixinho e abro os olhos para ver o seu rosto. Ele parece distante em seus pensamentos.

— Teve um momento, quando eu estava lá, que — começa do nada a falar — eles estavam demorando muito, então pensei que tinha errado no meu plano. Meu corpo não estava mais aguentando, eu não conseguia mais suprir as pancadas.

Engulo em seco e acaricio seu peito protetoramente.

— Eu sentia a morte chegando. Estava muito ruim e sabia disso.

Meus olhos se enchem de lágrimas escutando-o.

— Num momento eu fechei os olhos, pensei em você e lembrei que não disse o quanto é importante para mim. Não com as palavras certas. Que fui lá porque não posso suportar a ideia de alguém pôr as mãos em você, que alguém tenha pensamentos de que pode comprar e fazer coisas ruins contra a minha mulher. — A força que faz para dizer isso faz seu corpo tremer. — Fui lá para defender a mulher que você é. — Respira fundo. — Mas então eu estava quase morrendo e me lembrei de que nunca disse que te amava. Foi uma merda.

Mexo-me na cama e fico sentada de um jeito que posso encará-lo e finalmente meus olhos derramam as lágrimas. Travis segura minhas mãos.

— Está falando sério isso? — pergunto trêmula de emoção.

— Que eu te amo?

Assinto engolindo as lágrimas.

— Sim. É a mais pura verdade e acho que desde o momento que você disse que não queria mais nada comigo. Que tudo tinha acabado. — Respira fazendo um esforço hercúleo. — E quando matei aqueles mexicanos... estava com raiva de admitir que alguém tinha domínio sobre mim, tanto que meu poder não significava nada. Eu não podia admitir que você tinha domínio sobre mim, não quando nunca aconteceu em toda a minha vida. Nem meu pai teve qualquer influência sobre mim.

— Travis...

Ele se senta, mas eu ajudo porque vejo como está fraco e sentindo dores. Então, ele pega meu rosto entre suas mãos e recebo um beijo suave nos lábios.

— E agora eu precisava voltar para você e dizer o que realmente significa para mim. Precisava voltar para a minha família. Pra você e para ele

ou ela. — Toca a minha barriga e, como um milagre, nosso bebê se mexe dentro de mim pela primeira vez, Travis sorri com os olhos brilhando. — Você é minha maior e mais arriscada aposta nessa vida. Eu fui para salvá-la e, no fim, fui salvo também. Salvo de viver uma vida apenas nas trevas, Madeleine. Porque, com você, eu tenho um pouco de luz.

Engulo em seco e estou sem palavras. A única coisa que faço é abraçá-lo com tudo de mim e chorar, desabafar a angústia de quase ter perdido o amor da minha vida. O primeiro e único amor da minha vida. O homem que me ensinou a ser forte, responsável, a crescer como mulher, como mãe e ser sua esposa. Travis não me subjugou apenas como uma mulher, como a esposa de um homem poderoso, ele me deu poderes também e por tudo isso, eu o idolatro com todo meu coração.

— Eu vou te amar por toda a minha vida, Travis Lozartan — digo no seu ouvido e afasto-me para fitar seus olhos, esses olhos azuis que me capturam todas as vezes. — Vou ser fiel, leal e sua fortaleza. Obrigada por lutar por mim. — Meus lábios tremem. — Por ser meu, por me escolher e me proteger. E eu não te domino... e hoje vejo que você também não me domina. Nós nos completamos e somos dominadores de tudo e de todos que nos pertencem, até o nosso amor.

Ele suga a respiração com força e cerra a mandíbula. Vejo toda sua vitalidade refletir em seu rosto.

— Você nasceu pra ser minha, Madeleine Lozartan. Nasceu para ser uma Lozartan e sim, nós dominamos tudo e todos através do ódio e do amor. Hoje, eu sei que os sentimentos não me deixaram fraco, mas ainda mais perigoso. Eu vou queimar, quebrar, destruir e torturar qualquer um que tentar chegar perto de você e do nosso filho.

Concordo com um aceno e selo nosso compromisso e devoção com um beijo profundo. Eu sei que estou protegida entre as sombras dos pecados da *Famiglia*, mas também pela força de um homem que cresceu sem aprender a amar e, mesmo assim, se dedicou aos irmãos e agora aprendeu a se abrir e me amar. Eu tenho *tudo* que preciso para estar e viver onde estou. Entre eles e ser a rainha de Las Vegas ao lado do meu rei cruel.

O nosso beijo fica mais cruel e eufórico, quase animalesco. E preciso me afastar para não perder a cabeça.

— Não podemos — digo recuando da sua mão forte que me puxa para ele.

— Você não quer?

— É claro que sim, mas você não está se aguentando nem deitado, amor. Imagina transar?

Travis me presenteia com seu sorriso de lado.

— Pode apostar que estou imaginando.

Rio e faço carinho no seu rosto.

— Não seja teimoso. Deita, se recupere e depois nós podemos fazer quanto sexo puder.

— Eu sou um homem que gosto de cobrar, e com juro.

Mordo a boca sorrindo e lhe dou um beijo rápido.

— Pode cobrar que eu lembro também das minhas dívidas.

Como se fosse um bom ouvinte, ele volta a se acomodar deitado na cama, mas me pega de surpresa puxando de encontro ao seu corpo e enfiando a mão dentro do meu vestido, assim que o levanta.

— Travis... — advirto-o.

— Calma. Eu só estou sentindo seu corpo. — Olha nos meus olhos e ergue a sobrancelha. — Não vou avançar o sinal, mas os pneus estão na faixa.

Solto uma gargalhada alta, pego sua mão e beijo todos os seus dedos.

— Amo o seu jeito de falar por enigmas.

— É bom para despistar os bisbilhoteiros que escutam a conversa dos outros ou não pode entender o que falo.

— Uma boa tática.

Ele assente antes de dizer:

— Eu sei um ou dois truques básicos de pôquer.

— E ainda não me ensinou.

— Não quero que fique mais malandra do que é, *mi angele*. Você já sabe muita coisa.

— Eu gosto de saber de tudo.

— E eu adoro que seja assim. Se pudesse seria minha conselheira.

— Mas eu sou — afirmo veementemente.

Travis assente em silêncio e fecha os olhos.

— Certo. Agora vamos descansar. A minha *Consigliere* mandou eu me curar rápido para eu transar com minha esposa.

Rio alto e, caramba, eu amo tanto ele assim, assim como a minha vida. É tudo bom demais.

TRINTA & DOIS

Travis

— Você tem certeza de que já está recuperado? Que consegue fazer isso?

Respiro fundo e dou uma olhada atravessada ao meu *Consigliere*. Eu sei que Paolo está apenas fazendo seu trabalho de cuidar da minha retaguarda. E depois de quase dois anos fazendo o papel de meu braço direito, hoje eu confio nele. Não absolutamente. Nunca se deve confiar em ninguém inteiramente.

O ser humano é falho no quesito honestidade e confiança. Por pouco ou por muito, se vendem, se corrompem. Quem não faz – sinceramente – são pessoas que nunca cruzaram meu caminho, até Madeleine é claro. Minha esposa é uma raridade e eu sei disso. As pessoas falham, erram, mas poucas reconhecem e se absolvem.

— Todos já estão avisados e meu avô sabe que meu prazo nunca é longo. — Levanto-me da minha cadeira no escritório de casa e ando até a janela. Olho para Madeleine brincando com os cachorros e pegando sol. — Não posso deixar que ele pense que pode escapar ou até mesmo fugir. — Viro-me para Paolo. — Sabemos que sempre há lugares de refúgio na Sicília e eu não quero dar a mínima noção de que ele possa fazer. Senão eu vou entrar em guerra diretamente com o *Boss da Cosa Nostra*, e não vou vencer. Sabemos disso.

— Sei disso tudo, porém também sei que você ficou muito machucado. Não finja que, quando se levantou agora, não sentiu dor.

— A dor física pode ser alterada e relaxada com remédios. Se algo acontecer a minha esposa, meu filho e meus irmãos, nada irá fazer melhorar.

— Faço uma pausa. — Você sabe disso como eu.

— E por isso que estou pedindo permissão para ir até ele, não você.

— Ele levanta e se aproxima com a postura ríspida. — Você pode acompanhar, mas não quero que faça esforço. Ainda não está cem por cento.

— Não estou o caralho! — esbravejo perdendo a paciência. — Você e Madeleine me deixaram de molho naquela cama por mais de dois meses e dentro desse escritório há um mês. Que porra! Já se passaram quase quatro meses desde que matei Ivon. O que acha que aquele filho da puta está pensando? Que eu não sei? Que eu o perdoei?

— Claro que não.

— Pois bem. Com certeza ele está armando uma para mim e, *merda*, eu não posso deixar nada acontecer a nenhum de nós agora. Nunca com a minha família.

— E eu não posso deixar que nada aconteça com todos nós e exclusivamente com você.

— Paolo — fico cara a cara com ele —, quer me ajudar?

— Claro que sim.

— Então me prepare os melhores homens, arme a melhor estratégia e continue de olho no desgraçado. Eu não vou mudar de planos sobre ir até ele nesse fim de semana.

— Eu nem ousaria em lhe dar esse conselho.

Coloco a mão no seu ombro.

— Não se preocupe. Eu vou deixar você apertar o gatilho. Você dar fim a ele, mas não deixar de ir. De fazê-lo ver a minha cara como a última coisa que viu antes de ir para o inferno. Iremos comemorar o *4 de Julho* com sangue ao invés de fogos.

Nos olhos do meu *Consigliere* vejo a mesma mancha de sangue. Do pecado. Da vingança. Ele me dá um aceno, se vira e sai do escritório deixando-me com meus pensamentos.

Não estou apenas preocupado em aniquilar a última cabeça dessa armadilha. Também estou tentando ver os danos do que aconteceu com Dario. Meu irmão está quebrado de alguma forma e jamais pensei que iria dizer isso, ver *isto*. Sempre tive que ter mais paciência e cuidado com ele, até mais do que Marinne. Ela tem a força Lozartan em todo o seu ser, mas Dario nasceu com falhas que não sei reconhecer. Piedade em nosso mundo é uma rachadura em nossa brutalidade. Agora, além dela, preciso lidar com uma marca.

Preciso lidar também com as escolhas de Luca e Solo. Suas ações assustam algumas famílias entre nós. Nem todos entendem que precisamos de

executores.

Paolo tem a sede de vingança em suas entranhas e permitir que ele finalize tudo não é apenas para ele tentar exorcizar essa sede como também ganhar por completo sua lealdade e honra. Eu preciso que ele entenda que podemos trabalhar um com o outro para fazer da *Lawless* colossal como nunca.

Para completar tem Colen, que libertou a filha de Ivon (que descobri que está perambulando pela cidade sem paradeiro ainda e trabalhando como dá), e em seguida foi para Nova York sem dizer nada para ninguém. Não que ele não saiba que eu sempre sei onde todos estão.

Pegando a bengala que me dá apoio para andar, saio do escritório e vou na direção das portas francesas que dão para o jardim. Indo pelo caminho de pedras vejo Madeleine afagando a barriga de grávida, sorrindo e distraída, olhando para o nada. Algo dentro de mim se acalma, meu monstro se contém em ver sua beleza pura. Ela suspira e, quando estou a alguns passos dela, se vira e abre um sorriso para mim.

— Oi — murmura ficando do meu lado, enlaçando nossos braços. — Como está se sentindo?

— Eu que sempre pergunto isso — digo olhando em seus olhos.

Ela ri e deita a cabeça no meu ombro. Começamos a caminhar para o gramado enquanto conversamos.

— Me responde primeiro que eu respondo depois.

— Certo — falo vencido por sua tenacidade. — Eu estou bem e você?

— Nós estamos ótimos.

Sinto o riso e a alegria em sua voz. Olho para ela ao meu lado, tão calma e delicada, e paro de andar. Viro-me para ela e coloco a mão na sua barriga.

— Já está tão grande.

— É — diz cheia de amor pondo a mão sobre a minha, e nosso bebê se mexe. — Uau! — Arregala os olhos para mim toda feliz.

— Se mexe tanto.

— Mais quando estou perto de você.

Fico surpreso em ouvir isso, levanto sua mão e dou um beijo.

Não tenho certezas sobre nosso filho. Como será, se vai ser forte e impiedoso, se irá me respeitar ou temer. Sei que precisarei como meu herdeiro. Mas minha única certeza é de que será muito bem criado por sua mãe que o amará muito e com certeza ele a ela. Mas se irá sentir o mesmo por

mim... duvido.

— Ele vai gostar de você — Madeleine comenta e ergo meus olhos para os seus. — Vai amá-lo e idolatrá-lo como eu e seus irmãos.

— Como sabe que estou pensando isso?

— Eu te conheço, Travis. Mais do que você possa imaginar e sei que duvida que será um bom pai e que nosso filho tenha além de temor e respeito por você. — Pega minha mão e deixa no seu rosto, deitando a cabeça de leve.

— Ele irá amá-lo, pois saberá que a mãe dele é bem cuidada, adorada e respeitada por um homem que todos temem. Que dentro de casa nós somos uma família comum.

— Não temos nada de comum.

Ela sorri e assente.

— Seremos o mais normal possível diante do que somos. Eu quero que dentro de casa sejamos uma família unida e que tenhamos amor e respeito. Todos os nossos filhos aprenderão a *sentir* e que emoções não nos tornam fracos e sim mais sensíveis uns aos outros. Não quero que nossos meninos tenham misericórdia com nossos inimigos, mas com os inocentes. Que respeite a hierarquia e as mulheres. Que dê valor e honra à família e ao sangue.

— Não poderia pensar palavras diferentes.

Ela balança a cabeça com um sorriso tranquilo e beijo sua testa. Afastando-me, franzo a testa e pergunto:

— Filhos? Meninos? Tem mais de um aí e eu não estou sabendo?

Madeleine dá uma gargalhada.

— Não. aqui só tem um, mas eu não quero apenas ele ou ela.

— Tudo bem — digo assentindo. — Mas eu acho que é um menino.

— Veremos... — cantarola.

Voltamos a caminhar pelo gramado indo até a quadra de tênis, paramos para ver o pôr do sol porque minha esposa é toda sentimental e depois vamos para dentro de casa.

— Estou com fome.

Rio e a levo para a sala de jantar.

— Fique aqui. Vou pedir algo para nós comermos.

Ela assente e eu vou rápido na cozinha pedir a Rosália que prepare um lanche para nós, que prefere servir logo o jantar. Com uma bandeja com suco de limão e dois copos com gelo, volto para a minha esposa faminta. Ela está extremamente linda grávida e mesmo sendo difícil caminhar sem a

bengala, gosto de mimá-la.

— Travis! Você não pode andar sem apoio, amor. — Ela se levanta e corre para tirar a bandeja da minha mão e deixar na mesa. — Senta. Vou pegar sua bengala.

— Não precisa, senhora. Eu trouxe — diz Marie Rose.

— Obrigada.

— Não há de que. — E logo ela volta para a cozinha. Volto minha atenção para minha esposa e é a minha vez de repreender. — Você não pode correr assim.

— Não me estressa com isso.

Tenho vontade de rir porque ela falou isso nos meses que estou de repouso em casa. Acredito que dei uns cabelos brancos para ela e Paolo. Rosália também ficou no meu pé.

Colocando as mãos nas costas, Madeleine senta-se na cadeira ao meu lado. Ela já está de sete meses e mesmo assim são poucas vezes que a vejo tão desconfortável. Ela parece ter nascido para ser mãe. Digo isso também pela forma que trata Marinne. *Pensando nela...*

— Onde está Marinne?

— Está no quarto dela.

— Ela está bem?

— Sim — responde de cabeça baixa e bebe um pouco do suco.

— Tem certeza?

— Sim, Travis. sua irmã está ótima, porém com cólica e quer ficar deitada.

— Ah... — murmuro. Às vezes, me esqueço de que minha pequena não é mais tão pequena.

— Quando você pretende visitar seu avô? — Madeleine pergunta do nada.

Franzo a testa.

— Podemos falar disso depois?

— O *depois* é *agora*, porque quando acordamos hoje e ontem no jantar, você disse que falaria *depois*. Resolvi que o *depois* é *agora*.

Arfo com força e conto o que falei com Paolo para ela.

— E você não pretendia me falar que vai viajar esse fim de semana com sua esposa grávida e você recém-saído de um quase coma?!

— Não exagere.

— Eu não estou exagerando! — Levanta-se da cadeira e bate no vidro

da mesa. — No terceiro dia, você acabou piorando e precisou ser sedado e eu tive que velar sua cama por quinze dias com você desacordado. Não fala que estou exagerando, Travis! Só eu sei o que passei.

Embora eu não seja assim, puxo-a para o meu colo e tento acalmá-la. Afago suas costas e seguro sua mão.

— Eu sei disso, me desculpe, mas já me sinto bem e preciso ir até Carson City.

— Sei disso, Travis — fala mais calma. — Mas queria que você tivesse me falado antes, conversado comigo, porque eu preciso me preparar.

— O quê? — Franzo a testa e depois fico bem sério. — O que você está dizendo?

— Que eu vou junto.

— Nem por cima do meu cadáver.

— Não precisa tanto e eu jamais iria querer que fosse assim. — Sua resposta afiada vem cheia de ironia.

Dou um aperto na sua bunda e cerro os olhos fingindo estar puto, mas ela apenas ri.

— Eu nunca reclamei por você ser essa força da natureza bruta e determinada. Eu nunca fiz nada que fosse ao contrário do que apoiar esse seu lado, mas dessa vez eu tenho preocupações sobre você ir junto.

— Por que eu estou grávida?

— Porque nós iremos entrar na casa dele com armas até os dentes. Porque ele tem bons soldados e a filha dele é uma atiradora nata. Ele a treinou para ser sua *Frango Atirador* e proteger sua retaguarda como um cão feroz.

— Não deveria ser ao contrário?

Respiro fundo e penso na melhor forma de dizer o que preciso.

— Seus pais foram negligentes, os meus carrascos, mas existe o terceiro tipo de pais filhos da puta na *Famiglia*. O que usa sua “criação” como benfeitoria. Como algo a ser usado para ele, já que foi feito por ele. Um filho como prêmio a ser usado. Posso dizer que meu pai e muitos *Capos* pensam nos filhos como apenas sangue e linhagem. Um poder a ser possuído para sempre.

Madeleine fica lívida e desvia o olhar, e no reflexo acaricia sua barriga.

— Eu preciso ir, Travis — diz baixinho e me encara. — Deixa o caminho limpo para mim e só me coloque onde eu quero ir quando for seguro para nós — afaga a barriga indicando nosso filho também. — Mas não me

faça ficar aqui e esperar a cabeça dele numa bandeja. Eu não pude fazer nada contra Ivon e Yuri. Tive que ficar em casa e ainda por cima esperar que você não morresse. — Engole em seco e sai de cima do meu colo. Respira profundamente e vira o corpo para mim, o rosto marcado pela preocupação, proteção e raiva. — Me leve. Apenas me leve.

Me levanto, ando até ela e ponho os dedos em seu queixo, erguendo sua cabeça. Fixo meus olhos nos dela e que merda, não consigo negar esse pedido a ela. Eu ficaria muito puto se fizessem comigo.

— Me prometa que irá obedecer e esperar minha ordem...

Nem consigo terminar, ela se agarra a mim e dá vários beijos no meu rosto.

— Você é o melhor marido do mundo.

Deslizo minhas mãos por sua cintura, agora larga, e lhe dou um beijo na boca. Quando foi que eu pensei que iria ceder a alguém. Que *alguém* teria a capacidade de me persuadir a fazer algo, mesmo eu não querendo.



Meus olhos estão vidrados na cabeça de Luca, que dirige. Depois do último plano que quase deu errado, fica difícil não estar nervoso principalmente quando trouxe minha mulher junto.

A chuva caí sobre Carson City torrencial e deixa o clima mais pesado, e as atenções redobradas. O céu está muito escuro para as dez da noite e num bairro de classe alta, não deveria ter um aspecto tão tenebroso.

Os três carros param em frente aos portões da casa e checo meu celular. Meu avô já está informado do meu paradeiro (desde a hora que pisei na cidade) e espero que seguro, pois aquele *filho da puta* não irá medir suas ações. Provavelmente ele espera minha visita mais do que as crianças o papai Noel na noite de Natal.

Saio do carro em seguida de Luca e Paolo. Deixei em Las Vegas Enzo tomando conta. Sabia que não podia deixar meu Consigliere, pois ele precisa *estar* aqui, assim como Madeleine. Olho para dentro do carro e a vejo ajeitando o sobretudo com a gola parecendo que tem um urso de pelúcia. Ela parece confortável e tranquila, não detecto medo em seus olhos azuis agora tão acesos me encarando.

— Me espere aqui com Pietro. Não saia sem que eu possa garantir sua

segurança.

Ela assente antes de dizer:

— Libere o caminho para mim que eu entro.

Aceno com a cabeça, dou um olhar penetrante para Pietro, agora no banco do motorista, e fecho a porta. Já começando a ficar encharcado, viro-me para onde está Paolo e Luca conversando com os soldados. Somos treze, quatorze com Madeleine.

— Paolo irá na frente e depois eu. Vocês seguem — digo quando paro entre eles. — As regras são minhas. Traição não há perdão, nem saída. Faço-os implorar. Faço-os sangrar.

Todos acenam que sim e espero meu braço direito passar por mim e vou atrás. A água da chuva atrapalha a visão um pouco e fico totalmente ligado aos lados da casa. Luca como sempre passa a frente e abre os portões. Paolo entra e golpeia um soldado de prontidão, vejo mais um e faço o mesmo.

— Não façam barulho — advirto.

Paolo vira a guarita de vigília e corre para a varanda da casa. Meus olhos seguem para onde estão indo dois dos meus soldados e observo-os pegando dois do inimigo. Eles os matam a facada e repousam no chão. Deixá-los cair não seria uma boa estratégica.

Volto minha tenção para a porta principal quando ela se abre. Uma morena de cabelos compridos e vestido preto até os pés com uma fenda na perna aparece. Ela encara todo o cenário, torço a feição para Paolo e sorri para mim nitidamente furiosa.

— Sabia que não ia demorar você aparecer aqui.

Baixo minha arma, apenas figurativamente pois eu não irei dar mole para ela.

— Luciana, que prazer em vê-la — falo sarcasticamente.

— Para mim é nenhum — responde com a voz rouca. — Embora eu vá divertir com certeza.

Como esperado de uma traidora, ela ergue suas pistolas e dispara sem alvo certo. Me abaixo, escorando na parede e dou alguns disparos revessando com Álvaro.

— Ela é muito boa.

— Uma *Frango* — comento.

— O que vamos fazer?

— Deixar que ela acabe com suas balas.

— E depois?

Sorrio de lado e olho nos olhos dele ao falar:

— Luca ataca.

— Hm... é claro.

Luca é sempre minha carta na manga quando duelamos com calibre como Luciana. Ele é ótimo com armas, uma ferra com as facas, mas com os punhos um monstro indomável. Com certeza ela vai ser enterrada desfigurada e ao lado do pai.

Álvaro levanta e avança no homem que vem correndo em nossa direção. Eu levanto e dou dois tiros no outro e como estou ocupado assim, dou um golpe de *Jiu-jitsu*, dando uma chave de perna nele e quatro balas na cabeça quando caímos no chão. Me esquivo na pilastra e corro até a porta da casa. Luciana está atirando em Paolo quando suas balas acabam. Ela faz um som de braveza jogando as armas no chão e vem pra me atacar.

O plano muda completamente sobre Luca lutar com ela, pois no momento que atinge meu rosto e depois minhas costelas, ainda doloridas, a raiva é tudo que resta e avanço nela. Mesmo sendo uma mulher e eu não sou de atacar mulheres, ela é um soldado e por isso não meço meus socos.

Luciana é forte e foi bem treina em artes márcias, sei todo seu histórico. Ela era uma lenda entre as meninas da *Famiglia*, mesmo assim ela não é pareô para mim. Eu sou muito mais forte, maior e pesado. Segurando-a pelo vestido, arrasto para a parede e começo a dar socos no estômago, rosto e braços. Ela me chuta, nem sempre com eficácia, e me arranha.

Duelamos por alguns minutos. Vamos parar no chão e partimos para o MMA. Dou uma tesoura, prendendo seus braços e pernas, enquanto soco sua cara. Vejo o sangue explodir em seu nariz e o olho arroxeadado. Suas forças estão acabando e eu tenho mais um pouco para finalizar enforcando-a com uma chave de braço.

— O papai já vai te ver no inferno — falo minhas últimas palavras antes dela suspirar e ficar mole sob meu domínio.

Respiro fundo, olho em volta e levanto chutando seu corpo morto para longe dos meus pés.

— Paolo? — Indago para Evandro.

— Lá dentro, senhor.

Dou um aceno e entro na casa, que está silenciosa demais. Sigo as pisadas manchadas de lama e sangue. Encontro Paolo com a arma na mão apontada para a testa de Lucian Cardozo. O Consigliere do meu avô. Esse era

o alto comando que nos traia e sabia de tudo. *Bene*, não de tudo.

Ele pode sim ter nos manipulados por anos, tentando vender a cabeça do meu avô, encomendado a morte do meu pai com a *Diabolos*, se aliado a *Bratva* e acobertado Edgar, mas ele não esperava por mim e meus homens. Sua ganância pelo lugar de *Boss* o velou para esta noite. Uma morte lenta e dolorosa.

— Olá, Lucian.

— Travis — diz e cospe o sangue.

Os lábios dele estão arrebitados e sangrando, mas o sangue deve ser uma hemorragia interna de tanto soco. Os olhos de Luca me dizem que enquanto eu acabava com Luciana, ele estava aqui se *divertindo* com o papai dela.

— Parece que estava esperando minha visita.

— Na verdade, eu estava esperando o comunicado do velório, mas não tem como confiar nesses russos idiotas.

— E por acaso você está em vantagem agora? Parece que você também é um idiota.

Lucian solta uma gargalhada alta, no entanto fraca e tosse parando.

— Eu consegui muita coisa antes de você descobrir que fui eu.

Tirando uma faca de trás do coldre preso em meu peito, pego sua mão e enfio a lâmina em seus dedos. Vejo o indicador e o anelar caírem no chão. Ele solta um grito estridente e sacode os pés.

— Seu filho da puta lunático.

Rio e cerro os olhos.

— É apenas a prova da sua morte. — Recuo, me afastando, e viro-me para Paolo.

Meu conselheiro, um verdadeiro braço direito, vai até o merda do *ex* conselheiro do meu avô e com as mãos enfaixadas com fita vermelha de box para acomodar o soco inglês de aço entre os dedos. Paolo acerta um golpe duro e seco no queixo de Lucian, que faz a cabeça dele ir para trás e Luca segura a cadeira para ele não cair.

Paolo é muito bom em bloquear seu lado civilizado quando está em combate. Ele sabe como achar os lugares mais dolorosos e saciar sua sede de gritos, sofrimentos e sangue. Sabe levar o torturado até as últimas antes do golpe final. E ele *sabe* que essa tarefa está entregue para Madeleine. Dessa vez ela será a faca vagarosa que levará um traidor ao inferno.

Espero que nunca mais seja ela. Não por achar que não deve, que não

pode, ou é fraca ou é menos digna desse poder, mas porque ela apenas está fazendo isso porque é pessoal. Eu não quero ela entre minhas lutas e sendo alvo. Minha obrigação é cuidar e defender ela das trevas do submundo da *Famiglia*. Dar a ela noites de sono tranquilas e sonhos quando fecha os olhos. Não quero que ela se torne oca como eu preciso ser.



Desligo a ligação e enfio o aparelho no bolso do casaco. Precisava falar com Enzo para saber como tudo está em Las Vegas.

Saindo da casa, ando até os carros e vou até o que está minha mulher. Pietro sai, dá a volta no veículo e para na minha frente.

— Ela está muito ansiosa, mas chegou a dormir.

Meu peito incha de preocupação. Ela está de sete meses e se queixa muito com desconforto para andar, dormir e sentar. Eu vou furar meus olhos se acontecer algo com ela, porra.

— Ela está acordada?

— Não.

Respiro fundo, exasperado, e abro a porta do carro. Ela nem se mexe quando sento no banco e tiro o cabelo da frente do seu rosto.

— *Mi angele* — sussurro.

Madeleine suspira, o peito subir e descer, e encolhe-se abrindo os olhos lentamente.

— Ah... você já acabou — reclama.

Sem conseguir controlar, rio e nego com a cabeça. Dou um beijo na sua boca.

— Não, eu vim de buscar, minha rainha.

Ela abre um sorriso satisfeito e ajeita minha gola sem necessidade.

— Por isso que eu te amo.

— Por eu deixar você matar alguém?

— Não, seu bobo — diz me beijando. — Por você me respeitar dessa forma. Por fazer minhas vontades.

— Que seja a primeira.

Ela inspira com força e concorda.

— Eu prometo não te pedir mais para fazer algo assim. Dessa vez é porque ele mexeu diretamente comigo e quase matou o amor da minha vida.

Ele tem que pagar.

Seguro seu rosto e beijo-a de língua, saboreando seu gosto e sons. Merda. Ela me tem aprisionado em seus olhos. *Maledetta*.

— Vamos lá.

Eu saio do carro e a ajudo a sair. Meu corpo se arrepia vendo-a de cima abaixo e a barriga enorme. Tento esconder com o sobretudo e faço-a ir na frente, entre eu e Pietro. Ergo minha arma e caminho em alerta total. Chegamos no pátio e vejo Álvaro parado na porta. Ele chega até nós e ajuda a proteger Madeleine.

Finalmente entramos na casa e posso ficar mais tranquilo. Deixo que ela passe na frente.

— Onde eles estão? — pergunto quando vejo a cadeira vazia e nada de Paolo.

— Estão na piscina.

Franzo a testa, mas sigo o caminho das portas duplas de vidro. Ergo a sobancelha com a imagem de Paolo de pé e Lucian amarrado com uma corrente de ferro, chegando mais perto que vejo a bola de aço no final da corrente.

Madeleine para perto de Paolo e encara o traidor. Lucian está todo ensanguentado, quase irreconhecível. As mãos e pés amarrados para trás juntos. Ele geme baixo em completa agonia. Poderíamos prolongar mais essa noite, eu adoraria, e não farei porque preciso colocar minha esposa em segurança dentro da nossa casa. Ou do avião que é para onde vamos quando sair daqui.

Viro-me para Madeleine, que respira fundo vendo todo o conjunto de detalhes da ação de Paolo. Nem precisa explicar o que tem que fazer como golpe final.

— Quer ajuda? — pergunto ficando ao lado dela.

— Não — responde sem desviar o foco de Lucian, que ergue a cabeça e sorri para ela.

— Ele vai mesmo deixar você fazer o serviço sujo?

Sem esperar vejo-a chutá-lo nas bolas e mais um na boca do estômago.

Ele tosse sangue e fala com muita dificuldade.

— Sua vadia.

Com a fúria percorrendo, vou para cima, mas sua mão voa para o meu peito me detendo ao mesmo tempo que fala raivosa:

— Deve estar me confundindo com as suas putas.

— Você é abusada.

— E você é um homem morte. — Assim que a sentença saem da sua boca, ela ajeita o salto da sua bota vermelha na bola de ferro e com maestria chuta para a piscina funda.

A bola afunda imediatamente, livre e pesada. A corrente que tem Lucian aprisionado corre solta até que o puxa com um movimento único. Vejo-o afundar e começar a se afogar.

Viro-me para minha esposa e seu rosto está neutro, sem expressão. Não está pesarosa ou arrependida. Não parece ter um pensamento de estar fazendo algo extremamente errado.

Orgulhoso e aliviado por não precisa cuidar do seu sono também, entrelaço meus dedos com os seus e encaro nosso inimigo tomar seu último fôlego.

Eu não esperava encontrar uma esposa tão a minha altura. Não contava que a garota que anos atrás salvou a minha *Famiglia* fosse se tornar parte da minha família, que me daria uma família. Não estava nos planos me apaixonar por minha esposa e muito menos fazer dela minha aliada. E eu sei com toda certeza que Las Vegas enquanto nós vivermos será temida não apenas por mim.

Quero que todos saibam que minha esposa pode ser a *Capo*, pode sentar onde sento e tomar a decisão que precisar se for necessário. Ela é; *meus braços, olhos e boca*. Não porque eu sou um cego apaixonado, mas porque eu conheço Madeleine Lozartan.

EPÍLOGO

Madeline

Posso dizer que depois de tudo que aconteceu. Todo o drama, preocupação e vingança, os dias se acalmaram como se fosse uma forte tempestade. Eu mesma não sinto como tivesse feito algo *pessoalmente*. Na verdade, não ligo pelo que fiz. Agora o céu está aberto e com um lindo arco-íris.

Hoje faz um mês desde que visitamos Carson City e eliminamos o *Consigliere* de Vincenzo. Faz trinta dias que a *Lawless* tem dias de tranquilidade e o seu *Capo*, meu marido, tem como a maior preocupação quando vou dar à luz. Ele não consegue relaxar.

Bene, ele tem outras preocupações, mas colocou as cartas na mesa ontem numa reunião com todos os soldados, capitães, *Underboss* e seu *Consigliere*. Todos estão cientes de que agora Travis detém o seu poder na altura do seu avô. Após tamanha traição, Vincenzo pediu para o neto cuidar de tudo e só tê-lo como conselheiro. Ele ainda é o *Boss* mas não manda mais em nada.

Os mexicanos deram trégua depois que a *Bratva* se envolveu com os motoqueiros do sul e pegaram seu território em Nevada. O chefe dos russos entrou em trégua (uma farsa, eu sei) com a morte de Ivon e seus homens. Fora que eles tomaram domínio do Texas e a briga agora se concentra com os mexicanos e a *Diablos*. Nós nunca seremos amigos, mas de vez em quando rola um conflito de interesses que a melhor estratégia é não cruzar a linha dos limites. Eles sabem que Travis pode ser tão maquiavélico e cruel quanto eles.

Em casa, nós temos a ausência de Colen que não está falando com ninguém. Sei que está envolvido com umas transações em Nova York. Dario

está mais calado e pediu ao irmão que desse algum dever para ele fazer na Família. Todos estão de olho nele e Travis anda preocupado com seu novo temperamento introvertido. Mora conosco desde que teve alta do médico, após a tortura, mesmo seja uma sombra em casa. Marinne voltou para escola e vive como nada tivesse acontecido. Eu sinto que ela precisa desabafar e talvez esbravejar sobre tudo que aconteceu, e fico apenas esperando o dia.

E eu estou no penúltimo mês de gestação do nosso pequeno e ainda não consigo acreditar que é terrei um bebê nos braços em pouco menos de um mês. Ainda é surpresa se é menina ou menino. Mesmo eu sabendo que não fará diferença. Ele será o primogênito de Travis Lozartan e tem tanto poder e inimigos quanto o pai.

Ah... falando no meu marido. Ele é o meu sonho acordado e nosso acordo de que dentro de casa seríamos apenas uma família comum, está funcionando. Não falamos de trabalho em casa, talvez no escritório ele faça e quando rola eu estou lá me metendo na conversa com Paolo. Ele está mais próximo, mais carinhoso. Toda noite eu sinto ele me abraçar por trás e acariciar minha barriga. E eu amo quando ele faz isso, chego a revirar os olhos de prazer.

Sorrindo para o espelho, ajeito meu vestido azul de seda que é bem justo ao meu corpo de grávida. *Ah, eu amo estar grávida!* Sem ser esnobe, eu fiquei linda e essa barriga é meu orgulho. Faço carinho no meu bebê e acabo rindo alto quando o sinto chutar.

— Qual é o motivo da risada? — Travis fala atrás de mim.

Eu me viro para poder encará-lo vindo em minha direção no nosso closet e respondo:

— É o seu filho que está chutando.

— Ele é muito pequeno e impossível.

— Acho que puxou a você — cochicho brincando com ele.

Travis me dá um beijo de leve na boca.

— Está querendo dizer que eu sou pequeno? — diz chegando perto e colocando as mãos na minha barriga e eu coloco a mão no seu rosto.

— Não. Estou querendo dizer que ele é impossível e pequeno você não é em nada, meu amor.

Travis dá uma gargalhada e um beijo na boca fazendo questão de inspirar meu cheiro.

— A mãe dele também não tem nada de tranquila.

Sorriso, e suspiro me viram para o espelho de novo, agora para ver

uma imagem da minha barriga grande sendo acariciada por ele.

— É uma imagem linda — ele comenta olhando-me nos olhos pelo reflexo do espelho.

— Uma imagem perfeita que eu nunca imaginei que iria ter.

Ele me abraça e beija minha bochecha. E me sinto tranquila.



Alguns dias depois!

Meu Deus eu nunca fiz tanta força assim e cada vez que empurro sinto como minhas entranhas fossem sair junto, mas não posso parar. A médica pede mais uma vez para eu fazer força. Eu estou suando, cansada, meu coração está batendo tão forte que chega a doer.

Olho para o lado e vejo Travis todo concentrado e nos seus olhos um pouquinho de preocupação, mas também sua determinação e ela que me ajuda empurrar mais uma vez.

— Vamos, querida! Faz força. Vai! Mais uma vez.

Eu empurro com tudo de mim soltando um grito bem alto agarrada os mesa da cadeira de parto, onde estou com minhas pernas arreganhadas há uns quinze minutos já. Fora as oito horas de contração.

— Vamos, Madeleine, continua. Ele está vindo!

A médica avisa e isso me dá mais energia! Com mais um empurrão escuto o choro estridente de bebê. Solto a respiração e deixo meu corpo cair na cadeira totalmente esgotada. Ao mesmo tempo que a médica informa:

— É um menino. Um lindo menino.

Eu achei que teria vontade de chorar, mas a realização de ter dado a luz cai sobre mim eufórica. Que o meu filho nasceu! Estranhamente me sinto poderosa por ter dado à luz a ele. Por ele já ter Nevada toda para comandar.

Olho para Travis e ele está com os olhos concentrados nas enfermeiras que limpa o nosso bebê e apenas relaxa quando uma delas se aproxima de nós e bem devagar passa ele para os meus braços.

Engulo em seco fitando seu rostinho. Ele é um bebê grande e lindo. Tem muito cabelos e são pretos. A pele pálida como a minha e de Travis. Ele é como imaginei. Sabia que o nosso filho seria uma versão miniatura de nós dois e só mais para frente que vamos ver as feições se serão mais para a mim ou do pai.

— Ele é lindo — comento apaixonada e com uma vontade louca de apertar o meu bebê nos meus braços. Suspiro e me controlo porque senão eu posso machucá-lo. — Ele é uma versão de nós dois só que miniatura.

Isso arranca um riso rouco de Travis e ele estica a mão para tocar no narizinho do nosso filho.

— Será aquele nome mesmo?

Nós conversamos muito sobre nomes e como seria o quarto do bebê, mesmo com a decisão de não descobrir o sexo antes do tempo.

Assinto para ele e viro-me para nosso filho.

— Dante Lozartan. — Quando falo seu nome, ele abre os olhos e me fita de uma forma que parece que entende quem ele é, que nasceu para ser importante. Ser o príncipe da *Lawless*.

Estico meu indicador para ele, que aperta e não desvia seus olhos dos meus. Ele não chora, não mais desde que está nos meus braços e eu amo o pai dele, mas ele revirou meu mundo completamente.

— Oi. Eu sou a mamãe — sussurro para ele.

Dante pisca seus imensos olhos azuis para mim e desvia sua atenção para o pai quando Travis toca nele. Eu faço o mesmo e pergunto:

— Quer pegar ele?

— Não, ele está bem onde está — diz isso de uma forma doce e delicada.

Entendo perfeitamente o que ele quer dizer. Ele está certo. Dante está bem onde *está* e todos os nossos filhos sempre ficarão muito bem nos meus braços, sobre os meus cuidados até crescerem e se tornarem ferozes e dominadores como precisam ser. Como está em seu sangue.

Dou um beijinho na testa do meu filho e o encaixo no meu pescoço, que parece que foi perfeito para ele deitar a cabecinha.

Dio mio. Percebo agora que em dois anos a minha vida se transformou. Eu me transformei e nunca estive tão feliz. A garota que foi silenciado uma vez agora está ao lado de um dos homens mais poderosos da máfia italiana e que também tem sua força, pois com Travis eu não me tornei dominada ou frágil, me tornei feroz e determinada. Deixei claro para todos que também posso tanto quanto ele pode e esse é um dos maiores presentes que ele já me deu. O respeito como mulher, mãe e sua parceira. Eu sei que somos dominados por nossa paixão e ela que protejo nosso território. Pode vir quem quiser, nós iremos dar conta de todos.

OUTRAS OBRAS DA AUTORA



CONTOS

EU ACEITO. ACEITO? (Alice & Jeremy) <https://amzn.to/33RbUBr>

BELO PECADO (Antologia 7 Pecados do Sexo + 3) <https://amzn.to/2X2kFYe>

SÉRIE OS CARIOCAS

VÍCIO SEM PUDOR (Amber & Jordan) <https://amzn.to/2Bipemi>

SÉRIE OS FRINSHEENS

ENSINA-ME O PRAZER (Henry & Cecillia) <https://amzn.to/2P3vvKV>

PEÇA-ME TUDO (Henry & Cecillia) <https://amzn.to/2FCoMUY>

MAIS QUE AMIGOS (Coletânea Especial) <https://amzn.to/37cGpoT>

AMA-ME A SEGUNDA CHANCE (Mandy & Max) <https://amzn.to/3blpNMs>

LIVROS ÚNICOS

EM RUÍNAS (Adam & Belinda) <https://amzn.to/2pYodhq>

SAGA PROFUNDAMENTE

PROFUNDAMENTE APAIXONADO (Victoria & Ethan) <https://amzn.to/31o3C2s>

PROFUNDAMENTE ENVOLVIDO (Victoria & Ethan) <https://amzn.to/2MOheip>

PROFUNDAMENTE MINHA (Victoria & Ethan) <https://amzn.to/33DdVBj>

PROFUNDAMENTE NÓS (Victoria & Ethan) <https://amzn.to/2MTBOxR>

SAGA PROFUNDAMENTE (Box dos 4 livros) <https://amzn.to/2TbNnnP>

SÉRIE MÁFIA LAWLESS

DOMINADA POR ELE (Madeleine & Travis) <https://amzn.to/2PIhf9l>

EM BREVE

SÉRIE MÁFIA LAWLESS

DOMINADOS (Travis & Madeleine)

JURADOS NO SANGUE (Livro do Colen)

ESCOLHIDA PARA ELE (Livro da Marinne)

SPIN-OFF DE PROFUNDAMENTE

AMOR ABSOLUTO (Clara & Lucca)

SÉRIE OS CARIOCAS

MEU VÍCIO (Amber & Jordan – Conto Bônus)

PAIXÃO PROIBIDA (Antônio & Raquel)

SÉRIE OS FRINSHEENS

FRAGMENTOS DE UM AMOR (Henry {pai} & Julia)

QUEIRA-ME DE VERDADE (Rebecca & Sean)

LIVROS ÚNICOS

CORAÇÕES PARTIDOS (Nina & Jesse)

QUANDO TIVERMOS DITO ADEUS (Sabrina & Eric)



Provavelmente essa lista será atualizada nos próximos lançamentos. Espero ver vocês por aí. E sempre, novidades têm de montão no meu *Instagram*. Você COM CERTEZA me encontra por lá TODOS OS DIAS!

SOBRE A AUTORA



Alessa Ablle já sabia o que queria desde criança: deixar um pedacinho dela no mundo. Sempre sonhadora pensou até em ser astronauta (risos), mas aprofundou-se na dramaturgia e suas infinitas possibilidades. O teatro foi sua primeira paixão e logo depois vieram os livros, que se tornaram seu escape da realidade após conseguir superar sua depressão. Escrever não é apenas sua terapia favorita como também a sua melhor forma de superar sua dislexia, dando exemplo para muitas pessoas de que não será uma deficiência que irá pará-la. É uma legítima geminiana, carioca, que vive ainda na Cidade Maravilhosa com sua família e seus amados cachorros. Falante, animada, adora fazer *LIVES* em suas redes sociais. Aberta ao público e humorada. Conhecida por sua sinceridade e palhaçadas.

Para conhecer mais dessa autora regada a humor, siga-a em suas redes sociais.

Instagram: **ALESSA ABLLE**

Página do Facebook: **AUTORA ALESSA ABLLE**

Grupo do Facebook: **ALESSA ABLLE ROMANCES**

Wattpad: **ALESSA ABLLE**

Minha Lojinha: www.alessaablle.tumblr.com



Se puder ou quiser, deixe sua avaliação aqui mesmo na *Amazon* ou no *Skoob*. O feedback é muito importante para eu continuar a amadurecer, melhorar ou saber o quanto vocês amaram (tenho que ser otimista, né?) o livro.

Fique à vontade também para falar comigo via *Facebook* ou *Instagram*. ;)

Ou se quiser, manda e-mail para alessaablle@gmail.com e até ganhe mimos se mandar a avaliação ou leitura ou compra do livro. Eu adoro agradar meus leitores.

KOKO



GLOSSÁRIO

BASEADO NA LICENÇA POÉTICA E EM PESQUISAS.

Esse glossário é tanto para vocês como para mim. Vamos ter essa base até o último livro. E Deus me proteja de toda essa LOUCURA! haha...

“

- **Boss:** é o CHEFÃO, que toma conta dos *Capos*. O supremo poder da máfia. Os *Capos* aposentados, mas muito perigosos. Sempre os mais antigos (muuuito velhos) que conquistaram o cargo a duras penas. Os postos são passados de pais para filhos, por isso eles dão tanta importância aos filhos homens. As mulheres não assumem cargos altos e nem de longe podem ser *Capo* e chefe menor.
- **CAPO:** O cabeça chefe de cada território, só deve respeito ao *Boss*, e que comanda as *Famiglie* compostas de : *Capo*, *Testa*, *Underboss*, *Cinistro*, *Consigliere*, *Soldados*, *Associados* (os que não tem ligação consanguínea ou italiana, porém atuam e “trabalham” para a máfia) e *Clãs* (as distintas famílias: pais, esposas e filhos).
- **TESTA:** Muito respeitado e temido. Homem de extrema confiança. Serão os irmãos dos *Capos*.
- **UNDERBOSS:** Chefe menor ou gerente do *Capo*, são incumbidos pelo *Capo*, a cuidar e zelar dos territórios dominantes. Aplicam as leis dos *Capos*, mas não podem fazer o que quer.

- **CONSIGLIERE:** Cada posto principal tem seu próprio conselheiro (*Boss, Capo, Testa e Underboss*) para orientar e muitas vezes frear decisões.
- **CINISTRO:** Quem é o braço esquerdo. Muitas vezes incumbido de fazer a “limpeza”. Mata ou acompanha as ações.
- **FAMIGLIA:** Nome dado aos grupos organizados. Eles se denominam assim e defendem a ferro e fogo seus homens e suas famílias (clãs). É a junção das várias organizações criminosas que formam A Máfia Organizada Italiana, que, com a americana, é a mais importante das organizações mafiosas do mundo.
- **MÁFIA ITALIANA:** As organizações originais da Máfia Italiana, que se expandiu pelo mundo e nos Estados Unidos, pelas regiões e ganharam nome, para defender a ordem, comandar o crime organizado e etc. São as 4 grandes *Famiglie. Cosa Nostra, Camorra, ‘Ndrangheta e a Sacra Corona Unita.*

Porém, há outros países com suas organizações criminosas; no país. Irei colocar as que serão presentes no livro.

- **MÁFIA MEXICANA:** Após uma longa pesquisa não encontrei nada, então vou usar minha licença poética: HECHOS.
- **MÁFIA SÉRVIA:** Opera em mais de dez países, incluindo Alemanha, Estados Unidos, Reino Unido e França. Eles estão envolvidos em diversas atividades, como o narcotráfico, o contrabando, assassinatos por encomenda, esquemas de proteção forçada, jogos de azar e roubos. Existem três grupos principais, chamados VOZDOVAC, SURCIN e ZEMUN.

- **MÁFIA YAKUZA:** Famosa por muitos filmes de Hollywood, é um grupo de crime organizado nativo que usa ameaças e extorsão para obter o que querem. Sua origem data do século XVII. Todos os membros são marcados com tatuagens, e exigem atos extremos de dedicação que envolvem a amputação do dedo mindinho quando algum membro comete um erro. Como uma forma de desculpas.
- **MÁFIA RUSSA:** é, talvez, a mais perigosa. Teve origem na extinta União Soviética e agora possui influência em todo o mundo. Estão envolvidos em crimes organizados em Israel, Hungria, Espanha, Canadá, Reino Unido, EUA e Rússia, entre outros. Denominada de BRATVA.
- **MADMAN:** Os homens que são iniciados na “máfia”. Homem feito.
- **GRAMA:** Codinome dado pela *Lawless* para chamar os territórios, principalmente os que estão com restrições.
- **TEMHOTA:** Tatuagens dos prisioneiros russos. Geralmente denotam o *ranking* em que está o criminoso.

[1] Muito obrigada por sua atenção. Foi o melhor almoço que já comi na vida.

[2] Ah, querida. O prazer foi todo meu e fico feliz que tenha gostado. Espero vê-la mais vezes por aqui. Traga o Sr. Lozartan.

[3] Eu vou dizer sim e muito obrigada.

[4] Até a próxima.

[5] Tchau, minha linda.